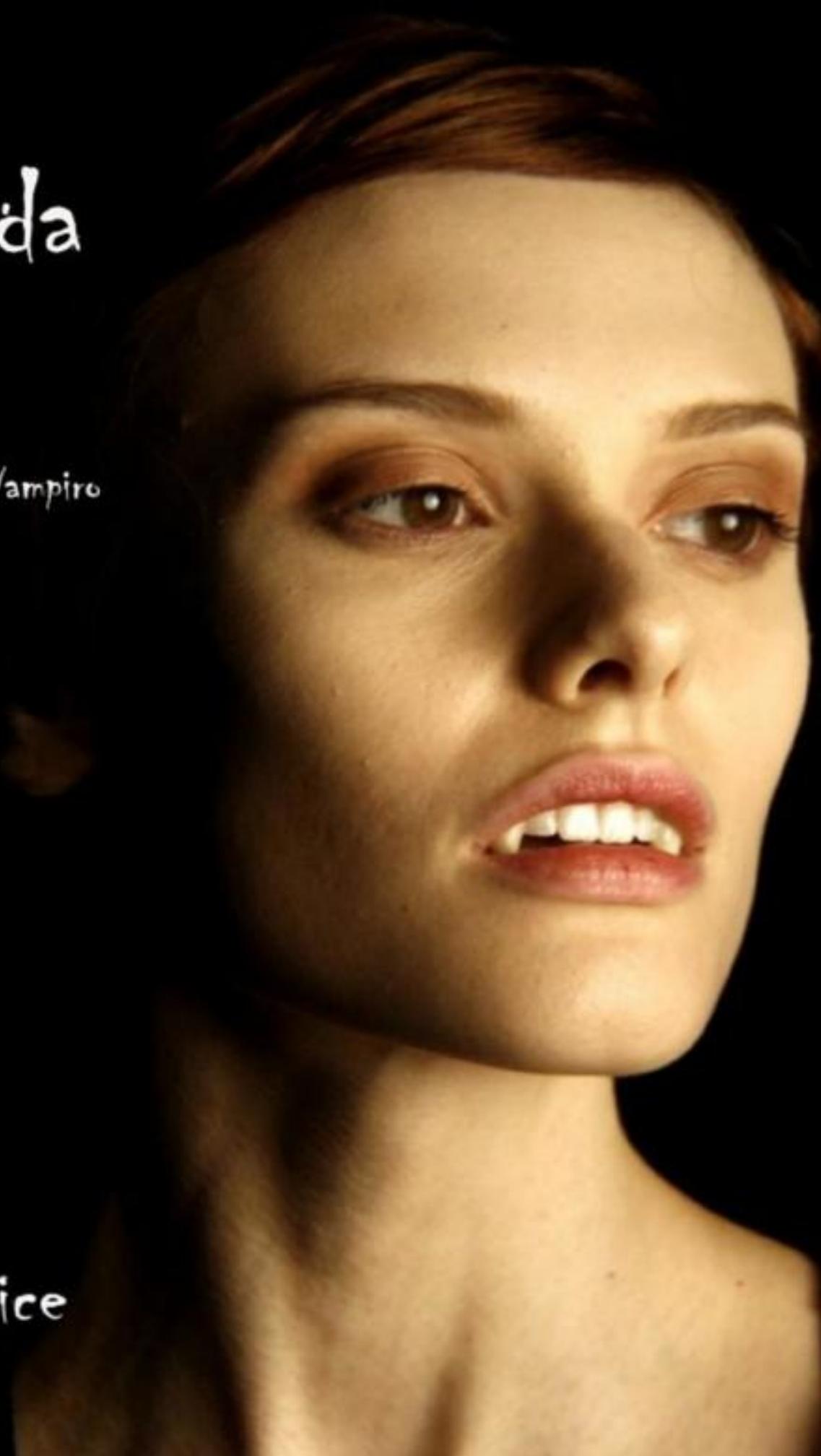


desejada

livro 5 de
Memórias De Um Vampiro

morgan rice



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Copyright © 2014 por Morgan Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia do autor. Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho do autor. Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência. Modelo da capa: Jennifer Onvie. Fotografia: Adam Luke Studios, New York.

Maquiagem: Ruthie Weems. Se tiver interesse em contatar qualquer um destes artistas, favor entrar em contato com Morgan Rice.

FATO:

Montmartre, Paris, é famosa por sua enorme igreja, a Basílica do Sagrado Coração, construída no século XIX. Mas ao lado dela, no topo de uma colina, fica a pequena e desconhecida Capela de São Pedro. Essa pequena e obscura igreja é muito mais antiga que sua vizinha, datando do século III, e possui ainda mais importância: é nesse local que votos foram feitos que levaram à criação da Companhia de Jesus.

FATO:

A Santa Capela, localizada em uma pequena ilha no centro de Paris (não muito longe da famosa Notre Dame), foi construída no século XIII, e por centenas de anos guardou uma das relíquias mais sagradas dos Cristianismo, incluindo a Coroa de Espinhos, a Sagrada Lança e pedaços da cruz em que Cristo foi crucificado. As relíquias eram guardadas em um grande baú de prata ornamentada...

“Por que és ainda tão formosa? Devo pensar
que a morte insubstancial se apaixonasse de ti,
E que esse monstro magro e horrível para amante
na escuridão te conserve?”

Por temer isso, ficarei contigo;

E nunca deste lugar sombrio

ei de partir..."

--William Shakespeare, ***Romeu e Julieta***

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

VINTO E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTO E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

CAPÍTULO UM

Paris, França (Julho, 1789)

Caitlin Paine acorda na escuridão.

O ar está pesado, e ela luta para respirar enquanto tenta se mover. Ela está deitada de costas, em uma superfície rígida. O lugar é frio e úmido e, ao olhar para cima, uma faixa de luz cai sobre ela.

O ombro dela está comprimido, mas com esforço ela consegue esticar o braço. Ela toca a superfície acima dela com a palma da mão. Pedra. Ela corre os dedos ao longo da superfície, tentando descobrir as dimensões do lugar e se dá conta que está presa. Em um caixão.

O coração de Caitlin começa a bater acelerado. Ela odeia lugares apertados, e começa a ficar ofegante. Ela se pergunta se estaria sonhando, presa em alguma espécie de limbo, ou se teria realmente acordado em alguma outra época, em outro lugar.

Ela estiva os dois braços desta vez, e com toda sua força, empurra. A tampa se move apenas um centímetro, o suficiente para que ele enfie um dedo pela fresta. Ela empurra de novo, com força, e a enorme tampa de pedra se mexe mais um pouco, produzindo o som de pedra raspando sobre pedra.

Ela consegue colocar mais dedos no espaço ampliado e, mais uma vez, ela tenta empurrar a tampa. Desta vez, ela consegue.

Caitlin senta, com a respiração ofegante, e olha a sua volta. Seus pulmões lutam para respirar o ar puro, e ela se retrai devido à luz, levando as mãos aos olhos. Quanto tempo ela tinha ficado naquele lugar escuro? Ela se pergunta.

Sentada ali, protegendo seus olhos, ela procura ouvir, se preparando para reagir a qualquer barulho. Ela se lembra de como tinha sido difícil despertar no cemitério na Itália e, desta vez, ela não quer correr riscos. Ela está preparada para qualquer imprevisto, pronta para se defender contra aldeões ou vampiros – ou qualquer outra coisa – que esteja por perto.

Mas desta vez, há apenas silêncio. Ela lentamente abre os olhos, e vê que está, de fato, sozinha.

Ao se acostumar com a claridade, ela vê que, na verdade, o lugar não está tão claro. Ela está em uma área cavernosa, de pedra, com tetos baixos e arqueados. O lugar parece ser parte de uma igreja, e está iluminado apenas por uma ou outra vela. Deve ser noite, ela pensa.

Com os olhos acostumados com a claridade, ela analisa o lugar cuidadosamente. Ela estava certa: ela tinha ficado dentro de um sarcófago de pedra, no que parecia ser a cripta de uma igreja. O lugar está vazio, exceto por algumas estátuas de pedra, e vários outros sarcófagos.

Caitlin sai do sarcófago e alonga seu corpo, testando todos os seus músculos. É bom ficar em pé novamente, e ela se sente grata por não ter acordado em meio a uma batalha desta vez. Ao menos ela teria alguns minutos para organizar seus pensamentos.

Mas ela ainda está muito confusa. Sua cabeça está pesada, como se tivesse despertado de um sono de mil anos. Imediatamente, ela também sente uma pontada de fome.

Onde estou? Ela se pergunta. Que ano é esse? E ainda mais importante, onde está Caleb?

Ela está decepcionada que ele não esteja ao seu lado.

Caitlin observa o quarto, procurando por um sinal dele em qualquer lugar, mas não há nada. Os outros sarcófagos estão abertos e vazios, e não há outro lugar onde ele poderia se esconder.

“Olá?” ela grita. “Caleb?”

Ela dá alguns passos até a outra sala, e vê uma pequena porta arqueada que parece ser a única saída. Ela vai até ela e tenta abrir a maçaneta. Destrancada, a porta abre com facilidade.

Antes de sair, ela se vira e analisa mais uma vez o local, certificando-se de não estar esquecendo nada. Ela leva a mão ao colo e toca seu colar, ainda ao redor de seu pescoço; colocando a mão no bolso, ela se sente confortada pela presença de seu diário e de uma chave grande. É tudo que ela possui, e tudo de que ela precisa.

Ao sair, Caitlin caminha por um longo corredor de pedra. Ela só consegue pensar em encontrar Caleb. Certamente, ele tinha voltado no tempo com ela desta vez, não tinha? E se ele tinha mesmo voltado, se lembraria dela dessa vez? Ela nem consegue imaginar ter que passar por tudo aquilo novamente, ter que procurar por ele e então ver que ele não se lembra dela.

Não. Ela torce para que desta vez as coisas sejam diferentes. Ele está vivo, ela pensa, e eles tinham voltado no tempo juntos. Eles têm que ter voltado juntos.

Mas enquanto caminha pelo corredor, e sobe um lance de escadas, ela começa se apressar o passo, sendo tomada pela avassaladora sensação de que ele não tinha voltado com ela. Afinal, ele não tinha despertado ao seu lado, segurando sua mão, ele não estava ali para oferecer-lhe consolo.

Isso significa que ele não estava ali? Um nó se forma em seu estômago. E o que teria acontecido com Sam? Ele estava lá, também. Por que não havia nenhum sinal dele ali?

Caitlin finalmente chega ao topo da escada, abre outra porta e fica parada no lugar, surpresa com o que vê. Ela se encontra na capela principal de uma igreja extraordinária. Ela nunca tinha visto nada parecido, tetos tão altos, tantos vitrais e um altar tão elaborado quanto aquele. As fileiras de bancos parecem intermináveis; o lugar parece ser capaz de acomodar milhares de pessoas.

Por sorte, ele está vazio. Há velas acesas por toda parte, mas, obviamente, está tarde. Ela se sente grata por isso: a última coisa que precisa é se deparar com uma multidão de pessoas a encarando.

Caitlin caminha devagar pela nave central, dirigindo-se para a saída. Ela está procurando Caleb, Sam, talvez até mesmo um padre. Alguém como aquele padre em Assis, que poderia ajudá-la. Alguém que pudesse contar-lhe onde ela está, quando e por quê.

Mas não há ninguém ali. Caitlin parece estar completamente, absolutamente sozinha.

Caitlin abre as enormes portas duplas, e se prepara para encarar o que estiver do lado de fora. Ao abri-las, ela se sobressalta. A noite está iluminada por tochas externas em todos os lugares e diante dela, há um grande grupo de pessoas. Eles não estão esperando para entrar na igreja, apenas caminham sem direção por uma ampla praça aberta. A cena é animada e festiva e, ao sentir o calor no ar, Caitlin percebe que é verão. Ela se surpreende ao ver aquelas pessoas, por suas roupas antiquadas e formalidade incomum. Por sorte, eles não percebem sua presença, mas ela não consegue parar de observá-los.

Há centenas de pessoas, a maior parte vestida formalmente, obviamente de outro século. Entre elas há cavalos, mascates,

artistas e cantores. A cena é festiva, animada e surpreendente. Ela se pergunta que ano seria aquele, e em que lugar ela teria ido parar. Acima de tudo, ela analisa todos os rostos estranhos, se perguntando se Caleb estaria entre eles.

Ela procura desesperadamente entre a multidão, esperando, tentando se convencer de que Caleb, ou talvez Sam, está entre eles. Ela procura por toda parte, mas após alguns minutos, ela se convence que eles simplesmente não estão ali.

Caitlin dá vários passos na direção da praça, e então se vira para olhar a igreja, na esperança de talvez reconhecer a fachada, que de alguma forma consiga ter uma ideia de onde se encontra. E ela consegue. Caitlin não é exatamente uma especialista em arquitetura, ou história, mas algumas coisas ela sabe. Alguns lugares são tão óbvios, tão gravados na memória coletiva, que até ela consegue reconhecê-los. E o lugar onde ela está é assim.

Ela está parada diante de Notre Dame.

Ela está em Paris.

É um lugar que ela não confundiria com qualquer outro. As três portas enormes na frente, detalhadamente entalhadas; as dezenas de pequenas estátuas acima delas, a fachada trabalhada com dezenas de metros de altura. É um dos lugares mais reconhecíveis do mundo. Ela mal pode acreditar: ela realmente está em Paris.

Caitlin sempre havia sonhado em visitar Paris, havia implorado diversas vezes para que sua mãe a levasse para conhecer a cidade. Quando começou a namorar, durante o ensino médio, ela havia torcido para que ele a convidasse para visitar Paris. Ela sempre havia sonhado em conhecer a cidade, e Caitlin mal pode acreditar que está realmente ali. E em outro século.

Caitlin se sente sendo empurrada pela crescente multidão, e de repente olha para baixo e percebe as roupas que está vestindo. Ela fica envergonhada ao perceber que ainda está vestindo o uniforme simples de prisioneira que Kyle havia lhe dado quando ela ainda estava no Coliseu em Roma. Ela está usando uma túnica de tecido, áspero contra sua pele, de corte simples e grande demais para o seu corpo, amarrado ao redor da cintura e pernas. Seu cabelo está embaraçado, suado e grudado em seu rosto. Ela parece uma prisioneira em fuga, ou uma mendiga.

Caitlin, se sentindo ainda mais ansiosa, procura mais uma vez por Caleb, Sam, qualquer pessoa que ela conheça - qualquer pessoa que possa ajudá-la. Ela nunca havia se sentido tão sozinha e não há nada que ela queira mais que encontrar todos eles, ter certeza de que não tinha voltado a este lugar sozinha, até ter certeza que tudo vai dar certo.

Mas ela não reconhece ninguém.

Talvez eu seja a única a chegar até aqui, ela pensa. Talvez eu esteja realmente sozinha de novo.

A simples ideia atravessa seu corpo como uma faca. Ela quer apenas se encolher, rastejar-se de volta até a igreja para se esconder, para ser enviada a alguma outra época, algum outro lugar – qualquer lugar onde pudesse acordar e encontrar alguém que ela conheça.

Mas ela resolve ser forte. Ela sabe que não como recuar, - nenhuma opção a não ser seguir em frente. Ela teria que ser corajosa, encontrar seu caminho nesta cidade e neste tempo. Ela simplesmente não tem outra escolha.

* * *

Caitlin tem que se afastar da multidão. Ela precisa ficar sozinha, para descansar, se alimentar, e pensar. Ela precisa descobrir onde deve ir, onde procurar por Caleb, descobrir se ele está ali. E não menos

importante, ela precisa entender por que está nessa cidade, nesse tempo. Ela nem sabe em que ano está.

Um homem passa por ele, e Caitlin estica o braço, segurando ele; ela é tomada por um desejo incontrollável de encontrar suas respostas.

Ele se vira e olha para ela, surpreso por ter seu passeio interrompido tão abruptamente.

“Eu sinto muito,” ela diz, percebendo o quanto sua garganta está seca, e o quanto sua aparência está desleixada, ao proferir suas primeiras palavras, “mas em que ano estamos?”

Ela se envergonha de ter que perguntar, sabendo que deve parecer uma louca.

“Em que ano?” o homem confuso lhe pergunta.

“Hmm... Sinto muito, mas eu não consigo... me lembrar.”

O homem a observa por uns instantes, e então balança a cabeça lentamente, parecendo decidir se há algo de errado com ela.

“Estamos em 1789, é claro. E não estamos nem perto do Ano Novo ainda, então você realmente não tem desculpa,” ele diz, balançando mais uma vez a cabeça à medida que se afasta.

1789. A significância daqueles números passa pela cabeça de Caitlin. Ela se recorda que antes estava no ano de 1791. Dois anos atrás; nem tanto tempo assim. Mesmo assim, ela agora está em Paris, um mundo completamente diferente de Veneza. Por que ali? Por que agora?

Ela força suas lembranças, tentando desesperadamente se recordar de suas aulas de história, tentando se lembrar do que havia acontecido na França em 1789. Ela se envergonha ao perceber

que não consegue se lembrar. Ela se culpa mais uma vez por não ter prestado mais atenção às aulas. Se soubesse, enquanto ainda estava no ensino médio, que um dia viajaria no tempo, ela teria virado a noite estudando história, e teria se esforçado para memorizar o máximo possível.

Mas isso não faria diferença agora, ela sabe. Agora, ela faz parte da história. Agora, ela teria a chance de mudar o rumo das coisas, e de se transformar. O passado, ela percebe, poderia ser alterado. Só por que determinados eventos faziam parte dos livros de história, não queria dizer que ela, ao viajar no tempo, não poderia alterá-los. De certa forma, ela já tinha feito isso: sua presença ali, naquele momento, afetaria tudo. Isso, por sua vez, poderia, de certa forma, alterar o rumo da história.

Isso a faz perceber ainda mais a importância de seus atos. O passado pertencia a ela para que fizesse o que quisesse.

Assimilando o ambiente ao redor dela, Caitlin começa a relaxar um pouco, e até sente-se até mesmo um pouco mais animada. Pelo menos ela tinha ido parar em um lugar bonito, em uma cidade linda e em uma época interessante. Aquilo era bem diferente da idade da pedra, e não é como se ela tivesse acordado no meio do nada. Tudo ao seu redor parece perfeito, todas as pessoas estão vestidas com elegância e as ruas de paralelepípedo brilham sob a luz das tochas. E a única coisa que ela de fato se recorda a respeito da Paris do século XVIII é que era uma época luxuosa para a França, um período de grande fortuna, quando reis e rainhas ainda reinavam.

Caitlin percebe que Notre Dame fica em uma pequena ilha, e sente a necessidade de sair dela. O lugar está muito cheio de gente, e ela quer um pouco de paz. Ela vê diversas pontes para pedestres e se dirige até uma delas. Caitlin se deixa acreditar que talvez a Caleb a estivesse guiando em determinada direção.

Ao caminhar sob o rio, ela se encanta com a vista da cidade de Paris, iluminada por tochas ao longo do rio, e também por uma lua cheia. Ela pensa em Caleb, e gostaria de tê-lo ao seu lado para apreciar a vista com ela.

Enquanto atravessa a ponte, olhando para a água embaixo dela, Caitlin é tomada por uma onda de lembranças. Ela pensa em Pollepel, no rio Hudson durante a noite, - a forma como a lua iluminava a superfície do rio. Ela sente uma vontade repentina de saltar daquela ponte, para testar suas asas e ver se ainda consegue voar.

Mas ela se sente fraca e faminta, e ao se encostar contra a proteção da ponte, ela não consegue sentir a presença de suas asas de maneira alguma. Ela se pergunta se a viagem no tempo teria afetado suas habilidades novamente. Ela não se sente tão forte quanto um dia havia se sentido. Na realidade ela se sente quase como uma humana: Frágil. Vulnerável. Ela não gosta desta sensação.

Após cruzar o rio Caitlin caminha a esmo por ruas laterais, vagando por horas, desesperadamente perdida. Ela anda por ruas sinuosas, cheias de curvas, cada vez mais longe de rio, indo em direção ao norte. Ela está maravilhada com a cidade. Em alguns aspectos, a cidade se assemelha muito à Veneza e Florença de 1791. Assim como essas cidades, Paris ainda é a mesma, com a mesma aparência que ela conhecia do século XXI. Ela nunca havia estado ali, mas já tinha visto fotos, e fica surpresa ao perceber ser capaz de identificar tantos prédios e monumentos.

As ruas ali também são feitas, sobretudo, de paralelepípedo, repletas de cavalos e carruagens, e um ou outro cavaleiro solitário. As pessoas se vestem com roupas elaboradas e caminham casualmente, como se tivessem todo tempo do mundo. Assim como Veneza e Florença, não há encanamentos, e Caitlin não consegue deixar de perceber os dejetos espalhados pela rua, ou de

se surpreender com o cheiro insuportável exacerbado pelo calor do verão. Ela queria ainda ter uma daquelas bolsinhas de pot-pourri que Polly tinha lhe dado em Veneza.

Mas, diferente daquelas cidades, Paris é um mundo único. As ruas ali são mais largas, os prédios mais baixos e com desenhos ainda mais belos. A cidade parece mais velha, mais importante e mais bonita. Ela também é menos lotada: quanto mais se afasta de Notre Dame, menos pessoas ela vê.

Talvez seja o fato de ser noite, mas as ruas estão praticamente vazias.

Ela caminha sem parar, e suas pernas ficam cada vez mais pesadas, enquanto ela continua procurando por qualquer sinal de Caleb, qualquer pista que a leve na direção certa. Não há nada.

A cada vinte quarteirões aproximadamente, ela chega a um novo bairro e tudo muda. Ao se dirigir cada vez mais ao Norte, ela se vê subindo uma pequena colina, até um novo distrito; este com ruas estreitas e vários bares. Ao passar em frente a um bar de esquina, ela vê um homem largado, bêbado, encostado contra a parede. A rua está completamente vazia e, por um momento, Caitlin é tomada por uma incontrolável sensação de fome; é como se ela estivesse sendo corroída por dentro.

Ela vê o homem deitado ali, se concentra em seu pescoço e pode ver o sangue pulsando em sua veia. Naquele instante, tudo o que ela gostaria de fazer é se aproximar dele, e se alimentar. A vontade vai além do desejo – é quase uma ordem. Seu corpo implora para que ela se alimente.

Caitlin precisa de todas as suas forças para conseguir ignorar seus anseios mais primitivos. Ela prefere morrer que ter que machucar outro ser humano.

Ela olha à sua volta, procurando descobrir se há alguma floresta por perto, algum lugar em que possa caçar. Embora tivesse visto algumas ruas de terra e parques pela cidade, ela não tinha visto nada parecido com uma floresta.

Naquele mesmo instante, a porta do bar se abre com violência, e um homem caminha para fora – é jogado para fora, na verdade – por um dos garçons do bar. Ele xinga e grita, - obviamente bêbado.

Então ele se vira e seus olhos recaem sobre Caitlin.

Ele é forte, e olha para ela com más intenções.

Ela sente seu corpo se enrijecer de tensão. Mais uma vez, ela se pergunta se ainda tem algum de seus poderes.

Ela se vira e caminha na outra direção, cada vez mais rápido, mas sente a presença do homem que a segue.

Antes que possa correr, em questão de segundos, ela a agarra por trás, em um abraço forçado. Ele é mais rápido e mais forte do que ela tinha imaginado, e ela pode sentir seu hálito horrível em seu pescoço.

Mas o homem também está bêbado. Ele cambaleia, mesmo enquanto a segura, e Caitlin se concentra, lembrando-se de seu treinamento e, dando um passo para o lado, lhe passa uma rasteira, usando uma das técnicas de combate que Aiden tinha lhe ensinado em Pollepel. O homem é derrubado, e cai de costas no chão.

Caitlin de repente tem uma lembrança de Roma, do Coliseu, de sua luta no estádio enquanto era atacada por diversos guerreiros. A cena é tão real que, por um momento, Caitlin se esquece de onde está.

Ela sai do transe bem à tempo. O bêbado se levanta, cambaleando, e a ataca mais uma vez. Caitlin espera até o último segundo, e mais

uma vez dá um passo ao lado, e ele passa reto, caindo de cara no chão.

Ele está atordoado, e antes que possa se levantar de novo, Caitlin se afasta. Ela está satisfeita por ter se saído melhor, mas o incidente a perturba. Ela se preocupa que ainda tenha lembranças vívidas de Roma. E também não sente sua força sobrenatural; ela ainda se sente frágil como uma humana. A simples ideia, mais que todas as outras coisas, lhe causa medo. Ela realmente está sozinha agora.

Caitlin olha ao seu redor, começando a se sentir desesperadamente preocupada sobre onde ir e o que fazer. Suas pernas estão cansadas pela caminhada, e ela começa a se sentir aflita.

É então que ela o vê. Ao olhar para cima, ela nota diante dela uma grande colina. No topo dela, há um grande mosteiro medieval. Por alguma razão que ela não consegue explicar, ela se sente atraída pelo lugar. A colina é assustadora, mas ela não consegue pensar em uma alternativa.

Caitlin escala a colina, mais cansada do que jamais havia estado, e desejando mais que nunca poder voar.

Ela finalmente chega até as portas da abadia, e olha para as grandes portas de madeira maciça. O lugar parece antigo. Ela nota que embora esteja em 1789, a igreja parece ter sido construída há milhares de anos.

Ela não sabe por que, mas se sente atraída pelo lugar. Sem ter onde ir, ela junta sua coragem e bate delicadamente na porta.

Não há resposta.

Caitlin tenta a maçaneta e fica surpresa ao ver que está aberta. Ela entra pela porta. A porta range ligeiramente, e Caitlin precisa de alguns segundos para que seus olhos se acostumem à escuridão da igreja. Ela analisa o lugar, impressionada pela dimensão e

sobriedade do lugar. Ainda é tarde da noite, e esta simples e austera igreja, feita completamente de pedra e decorada com vitrais, está iluminada pela chama fraca de velas em toda parte. Do lado oposto à entrada, há um altar simples, ao redor do qual há mais dezenas de velas.

Fora isso, o lugar parece vazio.

Caitlin se pergunta por um instante o que estaria fazendo ali. Havia algum motivo? Ou sua mente a tinha enganado?

Uma porta lateral de repente se abre, e Caitlin se vira.

Caminhando na direção dela, Caitlin fica surpresa ao ver uma freira – baixa, frágil, vestindo uma túnica branca com capuz. Ela caminha devagar até chegar onde Caitlin está. Ela remove o capuz, olha para Caitlin, e sorri. Ela tem olhos azuis grandes e penetrantes, e parece jovem demais para ser uma freira. Quando ela abre um grande sorriso, Caitlin pode sentir o calor emanando dela. E também pressente que a freira é como ela: uma vampira.

“Irmã Paine,” a freira diz suavemente. “É um prazer tê-la aqui.”

CAPÍTULO DOIS

Seu mundo parece surreal enquanto a freira guia Caitlin pelo mosteiro, atravessando um corredor comprido. O lugar é muito bonito, e está claro que pessoas vivem ali; freiras em túnicas brancas caminham pra lá e pra cá, preparando-se, aparentemente, para a missa matutina. Uma delas balança um receptáculo,

espalhando um incense delicado, enquanto as outras entoam suaves orações.

Após diversos minutos caminhando em silêncio, Caitlin começa a se perguntar onde a freira a estaria levando. Finalmente, elas param diante de uma única porta. A freira abre a porta, revelando um pequeno quarto simples, com uma vista para Paris. O quarto faz Caitlin se lembrar do quarto onde tinha ficado em Siena.

“Em cima da cama, você vai encontrar uma troca de roupa,” a freira diz. “Há um poço onde você pode tomar banho, em nosso pátio,” continua ela. A freira aponta, “e aquilo é pra você.”

Caitlin acompanha a direção do dedo e vê um pequeno pedestal de pedrano canto do quarto, sobre o qual há um cálice de prata, cheio de um líquido branco. A freira sorri para ela.

“Você tem tudo o que precisa para uma noite de sono tranquilo. Depois disso, a escolha é sua.”

“Escolha?” Caitlin pergunta.

“Fui informada que você já tem uma chave. Você terá que encontrar as outras três. A escolha, no entanto, sobre cumprir sua missão e continuar a sua jornada, é sempre sua. Isso é para você.”

Ela estica o braço e entrega uma caixa cilíndrica de prata, coberta por joias.

“É uma carta de seu pai, especialmente para você. Guardamos isso há séculos; ela nunca foi aberta.”

Caitlin a aceita com reverência, sentindo o peso em sua mão.

“Eu realmente espero que você continue em sua missão,” ela diz com voz suave. “Nós precisamos de você, Caitlin.”

A freira se vira para partir.

“Espere!” Caitlin grita para ela.

A freira para.

“Estou em Paris, certo? Em 1789?”

A mulher sorri para ela.

“Está correto.”

“Mas por quê? Por que estou aqui? Por que agora? Por que este lugar?”

“Receio que isso seja algo que você tenha que descobrir sozinha. Eu sou apenas uma serva.”

“Mas por que fui atraída para essa igreja?”

“Você está na Igreja de São Pedro. Em Montmartre,” a mulher responde. “Ela está aqui há milhares de anos. É um lugar muito sagrado.”

“Por quê?” Caitlin insiste.

“Era aqui que todas as pessoas se reuniam para os votos para a fundação da Sociedade de Jesus; foi aqui que nasceu o Cristianismo.”

Caitlin a encara, sem reação, e a freira finalmente sorri, dizendo:

“Seja bem vinda.”

E com isso, ela faz uma pequena reverência e parte, fechando a porta com cuidado.

Caitlin se vira e analisa o quarto. Ela se sente grata pela hospitalidade, pelas roupas, pela oportunidade de tomar um banho, e pela cama confortável que ela vê em um canto do quarto. Ela não acha que conseguiria dar mais um passo. Na verdade, ela está tão cansada, que sente que poderia dormir para sempre.

Segurando a caixa incrustada de joias, ela caminha até o canto do quarto e a coloca no pedestal. O pergaminho poderia esperar, mas sua fome não.

Ela ergue o cálice e o examina. Ela já pode sentir o que há dentro dele: sangue branco. Ela leva o cálice até seus lábios e bebe. O líquido é mais doce que o sangue vermelho e ela engole com mais facilidade – fazendo com que o sangue corra por suas veias mais rapidamente.

Dentro de instantes, ela se sente renovada, mais forte do que jamais havia sido. Ela poderia continuar bebendo para sempre..

Caitlin finalmente deixa o cálice e pega a caixa de prata, levando-a consigo para a cama. Ela se deita, percebendo o cansaço em suas pernas doloridas. A sensação de ficar apenas deitada lhe agrada.

Ela se encosta, apoiando a cabeça contra um pequeno e simples travesseiro e fecha os olhos, apenas por um segundo. Ela está decidida a abri-los em alguns instantes e ler a carta de seu pai.

Mas assim que seus olhos se fecham, o cansaço toma conta de seu corpo. Ela não conseguiria abri-los nem se tentasse. Dentro de segundos, Caitlin está profundamente adormecida.

* * *

Caitlin está no meio da arena do Coliseu de Roma, vestida em traje de batalha, com uma espada em punho. Ela está preparada para enfrentar qualquer pessoa que a desafie – na verdade, ela sente a necessidade de guerrear. Mas ao olhar para trás, e para todos os

lados, ela vê que o estádio está vazio. Ela olha para as arquibancadas e vê que todos os lugares estão vagos.

Caitlin pisca, e ao abrir os olhos, ela não está mais no Coliseu, e sim no Vaticano, na Capela Sistina. Ela ainda está segurando a espada, mas agora está vestindo um manto.

Ela olha ao redor da sala e vê centenas de vampiros, alinhados de maneira organizada, vestindo mantos brancos e observando-a com olhos azuis brilhantes.

Caitlin deixa a espada cair no chão da câmara vazia, e ao tocar no chão o barulho metálico ressoa pelas paredes. Ela anda lentamente até o padre e, esticando o braço, pega das mãos dele um grande cálice de prata, repleto de sangue branco. Ela bebe com vontade, deixando que o líquido escorra por seu rosto.

De repente, Caitlin se encontra sozinha no deserto. Ela está caminhando descalça pelo chão de terra batida, enquanto segura uma chave gigantesca nas mãos. A chave é tão grandetão absurdamente grande – que o peso dela atrapalha seu avanço.

Ela caminha sem parar, com a respiração ofegante pelo calor até que, finalmente, ela chega a uma enorme montanha. No topo daquela montanha, ela vê um homem parado, olhando para baixo com um sorriso nos lábios.

Ela sabe que aquele é seu pai.

Caitlin sai em disparada, correndo o máximo que consegue, tentando chegar até a montanha, cada vez mais perto dele. Enquanto ela corre, o sol atravessa o céu, ficando ainda mais quente, brilhando sobre ela, parecendo surgir de trás de seu pai. É como se ele fosse o sol, e ela estivesse indo na direção dele.

A temperatura aumenta à medida que ela ascende, e ela está quase sem ar ao se aproximar dele. Ele está parado de braços abertos,

esperando para abraçá-la.

Mas a montanha se torna mais íngreme a cada instante, e ela está cansada demais. Mas a colina tornou-se mais íngreme e ela estava muito cansada. ela não podia ir mais longe. Ela cai onde está.

Caitlin pisca e, ao abrir os olhos, vê seu pai parado acima dela, olhando-a com um sorriso nos lábios.

"Caitlin," ele diz. "Minha filha. Estou muito orgulhoso de você."

Ela tenta esticar o braço, abraçá-lo, mas a chave está em cima de seu corpo, e é muito pesada, impedindo-a de se mover.

Ela olha para ele, tentando falar, mas seus lábios estão rachados e sua garganta está seca.

"Caitlin?"

"Caitlin?"

Caitlin abre os olhos de repente, assustada.

Ela olha para cima, e vê um homem sentado ao seu lado na cama, observando-a sorridente.

Ele estica o braço, e gentilmente tira os cabelos da frente dos olhos dela.

Isso ainda é um sonho? Ela sente o suor frio em sua testa, sente o toque dele em seu pulso, e torce para que não seja.

Pois diante dela, sorrindo com carinho, está o amor de sua vida.

Caleb.

CAPÍTULO TRÊS

Sam repentinamente abre os olhos. Ele está olhando para o céu, para o tronco de um enorme carvalho. Ele pisca diversas vezes, tentando descobrir onde está.

Ele sente algo macio e bastante confortável em suas costas e, ao olhar, percebe que está deitado sobre musgos no chão de uma floresta. Ele olha para cima de novo, e vê dezenas de árvores acima dele, balançando com o vento. Ele ouve um barulho de água, e ao procurar a fonte, enxerga um pequeno riacho que corre por ali, a apenas alguns metros da cabeça dele.

Sentado, Sam observa o lugar a sua volta, olhando em todas as direções para absorver tudo. Ele está no meio de uma floresta, e a única luz disponível é a que consegue atravessar as copas das árvores. Ele olha para baixo e vê que está completamente vestido, com o mesmo traje de batalha que estava usando no Coliseu. O lugar onde ele está é calmo, o único som que ele ouve é o do riacho, dos pássaros e de alguns animais à distância.

Sam percebe, com alívio, que a viagem no tempo havia funcionado. Ele está obviamente em outro lugar e tempo- embora não faça a mínima ideia de quando e onde.

Sam verifica seu corpo atentamente, e percebe que não havia se ferido gravemente, e que se encontra ainda inteiro. Ele sente que a fome começa a incomodá-lo, mas sabe que ainda terá que esperar. Primeiro, ele precisa descobrir que lugar é aquele.

Ele apalpa o próprio corpo, procurando para ver se tinha alguma arma consigo.

Infelizmente, nenhuma delas havia sobrevivido à viagem no tempo. Ele está sozinho de novo, forçado a se defender apenas com as próprias mãos.

Ele se pergunta se ainda tem os poderes de um vampiro. Ele pode sentir uma força sobrenatural cursando suas veias, e pressente que sim. Mas por outro lado, ele não pode ter certeza até que experimente.

E a oportunidade se apresenta antes do que ele imaginava.

Sam ouve um galho se partindo, e ao virar vê um grande urso se aproximando dele lentamente e de forma agressiva. Ele fica paralisado. O urso ruga para ele, mostrando as presas. Um segundo depois, ele começa a correr, exatamente na direção de Sam.

Sam não tem tempo para correr, e lugar nenhum onde se esconder. Ele logo percebe que não tem escolha, a não ser enfrentar o animal.

Estranhamente, ao invés de ser tomado pelo medo, Sam sente o ódio tomar conta de seu corpo. Ele está furioso com o animal. Ele não gosta do fato de ter sido atacado, especialmente antes que tivesse a chance de se recuperar. Então, sem pensar muito, Sam ataca também, se preparando para lutar contra o urso da mesma forma que faria contra um humano.

Sam e o urso se encontram na metade do caminho. O urso parte para cima dele, e Sam revida.

Ele pode sentir o poder cursando suas veias, ele sente a força lhe dizendo que ele é invencível. Ao encontrar o urso em pleno ar, ele percebe que estava certo. Agarrando o urso pelo ombro, ele segura firme, gira o corpo e o arremessa. O urso é lançado no ar por vários metros, atravessando a floresta e batendo de encontro a uma árvore.

Sam fica parado no lugar e ruga para o urso, um rugido feroz, ainda mais alto que o do animal. Enquanto grita, ele sente seus músculos e veias se contraindo.

O urso se levanta devagar, cambaleando, e olha para Sam com o que parece ser um olhar de surpresa. Enquanto anda, o urso manca e, depois de alguns passos incertos, abaixa a cabeça, dá as costas para Sam, e foge.

Mas Sam não vai deixar com que ele escape tão facilmente. Ele está nervoso, e sente que nada no mundo conseguiria abater sua raiva. E ele está com fome. O urso terá que pagar.

Sam sai em disparada, e fica contente ao constatar que é mais rápido que o animal. Dentro de poucos instantes ele alcança o urso e, com um único salto, vai parar nas costas dele. Ele afasta um pouco o rosto e então perfura o pescoço do animal.

O urso grita de dor, contorcendo seu corpo descontroladamente, mas Sam se mantém firme. Ele enfia suas presas ainda mais fundo e, em poucos minutos, sente o urso cair de joelhos a seus pés. Finalmente, ele para de se mexer.

Sam deita sobre o corpo do animal, bebendo, e sente a força vital do urso cursar todo o seu corpo. Finalmente, Sam se afasta e passa a lamber nos lábios, coberto de sangue. Ele nunca havia se sentido tão revigorado. Essa é a refeição de que ele precisava.

Sam está prestes a se levantar quando ouve outro galho se partindo.

Ele olha para a direção do barulho e vê, parada em uma clareira da floresta, uma jovem garota, com aproximadamente 17 anos, completamente vestida com um tecido branco e fino. Ela permanece imóvel, segurando uma cesta, e o observa com espanto. Sua pele é quase transparente, e seus longos cabelos castanhos combinam bem com seus grandes olhos azuis. Ela é linda.

Ela encara Sam, igualmente petrificada.

Ele se dá conta de que ela deve estar com medo dele, com receio de que ele a ataque; ele percebe que sua aparência provavelmente lhe parece repulsiva, em cima de um urso e com sangue na boca.

Ele não quer assustá-la.

Então ele salta para longe do animal, dando vários passos na direção dela.

Para sua surpresa, ela não se mostra assustada, ou tenta escapar. Pelo contrário, ela apenas continua a encará-lo, sem medo.

“Não tenha medo,” ele fala. “Eu não vou machucar você.”

Ela sorri, o que o deixa surpreso. Ela não é apenas linda, é também muito corajosa. Como isso seria possível?

“Mas é claro que não vai,” ela responde. “Você é como eu.”

É a vez de Sam ficar espantado. No momento que ela diz isso, ele sabe que é verdade. Ele havia pressentido algo ao vê-la pela primeira vez, e agora ele tem certeza. Ela é como ele. Um vampiro. É por isso que ela não demonstra medo.

“Bom ataque,” ela diz, apontando para o urso. “Um pouco desajeitado, você não concorda? Por que não tentar um veado?”

Sam sorri. Ela não é apenas bonita – mas também tem senso de humor.

“Quem sabe da próxima vez,” ele responde.

Ela sorri.

“Você se incomoda em me dizer em que ano estamos?” ele pergunta. “Ou pelo menos em que século?”

Ela apenas sorri, balançando a cabeça.

“Eu acho que vou deixar você descobrir isso sozinho. Se eu lhe contar, estragarei toda a surpresa, não é mesmo?”

Sam gosta dela. Ela é corajosa. E ele se sente à vontade perto dela, como se a conhecesse há anos.

Ela dá um passo à frente, e estica o braço. Sam segura na mão dele, apreciando o toque suave de sua pele translúcida.

“Meu nome é Sam,” ele diz, apertando sua mão e segurando por mais tempo que o necessário.

Ela abre ainda mais seu sorriso.

“Eu sei,” ela diz.

Sam fica surpreso. Como ela poderia saber disso? Eles já haviam se conhecido? Ele não consegue se lembrar.

“Fui enviada para buscar você,” ela completa.

A garota de repente se vira e começa a caminhar por uma trilha na floresta.

Sam se apressa para alcançá-la, presumindo que ela queira que ele a siga. Sem prestar muita atenção para onde está indo, ele tropeça em um galho e pode ouvi-la rindo baixinho.

“Mas e aí?” ele insiste. “Você não vai me dizer qual o seu nome?”

Ela dá mais uma risadinha.

“Bem, eu tenho um nome formal, mas raramente sou chamada por ele,” ela informa.

E então, ela se vira e olha na direção dele, enquanto espera que ele a alcance.

“Se você insiste em saber, todos me chamam de Polly.”

CAPÍTULO QUATRO

Caleb abre a imensa porta medieval e, ao fazer isso, Caitlin sai do mosteiro e dá os primeiros passos sob o sol da manhã. Lado a lado, ela e Caleb assistem o amanhecer do sol. Dali, de cima da colina de Montmartre, ela pode ver toda a cidade de Paris diante de seus olhos. A cidade é muito bonita, uma mistura entre a arquitetura clássica e casas mais simples, entre ruas de paralelepípedo e de terra, e árvores e urbanidade. O céu cobre a cidade com um milhão de cores e nuances, dando-lhe vida. É uma cena mágica.

Ainda mais mágica é a mão que ela segura entre as dela. Ela olha para o lado e vê Caleb em pé ao seu lado, apreciando a vista com ela, e Caitlin mal consegue acreditar que aquilo tudo é real. Ela mal acredita que aquela pessoa ao seu lado é realmente Caleb, e que eles de fato estão ali. Juntos. Que ele sabe quem ela é, e que se lembra dela. Que a tinha encontrado.

Mais uma vez, ela se pergunta se teria mesmo acordado, se aquilo tudo não seria outro sonho. Mas enquanto fica parada ali, ela aperta a mão dele com mais força, e tem certeza que não está sonhando. Ela nunca havia se sentido tão feliz antes. Ela estava correndo há tanto tempo, e tinha voltado no tempo, todos esses séculos, apenas para estar com ele. Apenas para certificar-se que ele ainda estava

vivo. Quando ele não a tinha reconhecido, na Itália, foi como seu mundo tivesse desmoronado.

Mas agora que ele está ali, vivo, e sabendo quem ela é – agora que ele é só dela, solteiro, sem Sera por perto – seu coração se enche de emoção, com as esperanças renovadas. Ela nunca teria imaginado que as coisas acabariam acontecendo tão perfeitamente, que tudo que ela havia feito fosse realmente dar certo. Ela está tão confusa, que nem sabe por onde começar, ou o que dizer primeiro.

Antes que ela diga qualquer coisa, ele começa a falar.

“Paris,” ele diz, virando-se para ela com um sorriso. “Certamente há lugares piores onde poderíamos estar.”

Ela também sorri.

“Durante toda minha vida, sempre quis conhecer Paris,” ela responde.

Com alguém que eu amo, ela gostaria de dizer, mas não consegue. Ela tem a sensação de que há muito tempo não ficava ao lado de Caleb, e de repente se sente aflita de novo. Por um lado, é como se ela estivesse ao lado dele desde sempre – desde antes disso – mas por outro lado, é como se estivesse conhecendo Caleb pela primeira vez.

Ele estica a mão, com a palma virada para cima.

“Gostaria de conhecê-la comigo?” ele convida.

Ela estica o braço e coloca sua mão na dele.

“É uma longa caminhada até lá embaixo,” ela diz, olhando para a colina íngreme que se estende por milhas até chegar a Paris.

“Eu estava pensando em algo um pouco mais pitoresco,” ele responde. “Voando.”

Ela mexe os ombros, testando para ver se suas asas ainda funcionam. Ela se sente rejuvenescida, recuperada após ter bebido o sangue branco do cálice - mas ainda não tem certeza de que consegue voar. E ela não se sente pronto para pular de cima da montanha na esperança de que suas asas funcionem.

“Acho que ainda não estou preparada,” ela diz.

Ele olha para ela, e compreende tudo.

“Voe comigo,” ele diz, completando com um sorriso, “como nos velhos tempos.”

Ela sorri e se aproxima dele por trás, segurando firme em seu ombro. A proximidade com o corpo musculoso de Caleb lhe faz bem.

Ele salta de repente no ar, tão rápido que ela quase não consegue se segurar a tempo.

Antes que ela perceba, eles estão voando; Caitlin segura nas costas dele com força, descansando a cabeça em seus ombros. Ela sente uma sensação familiar no estômago, ao mergulharem até bem perto da cidade, rumo ao alvorecer. É de tirar o fôlego.

Mas nada daquilo é tão impressionante como estar nos braços dele novamente, de abraçá-lo e simplesmente ficar junto a ele. Eles estão reunidos há pouco mais de uma hora, e ela já reza para que nunca tenham que se separar novamente.

* * *

A Paris que sobrevoam, a Paris de 1789, é de muitas maneiras, semelhante à Paris que ela tinha visto no século XXI. Ela reconhece muitos dos prédios, igrejas, campanários e monumentos. Apesar de

ter centenas de anos, a cidade se parece quase exatamente igual ao século XXI. Assim como Veneza e Florença, muito pouco havia mudado em algumas centenas de anos.

Mas por outro lado, a cidade é bastante diferente. Ela não é tão desenvolvida. Embora algumas ruas sejam pavimentadas com paralelepípedos, muitas outras ainda são de terra. Ela não é tão apertada, e entre os prédios ainda há grupos de árvores, quase como se a cidade tivesse sido construída em meio a uma floresta. Ao invés de carros, há cavalos, carruagens, pessoas caminhando pela terra ou empurrando carroças. Tudo parece acontecer mais lentamente e de maneira mais relaxada.

Caleb mergulha mais baixo, e eles voam apenas alguns metros acima dos telhados dos prédios. Ao sobrevoarem o último deles, de repente, o céu se abre e diante deles surge o rio Sena, atravessando o meio da cidade. Ele tem um brilho amarelo sob a luz da manhã, e a cena encanta Caitlin.

Caleb mergulha ainda mais, sobrevoando o rio, e ela se maravilha com a beleza e romantismo da cidade. Eles voam sobre uma pequena ilha, a Ilha da Cidade, e ela reconhece Notre Dame logo abaixo, e seu enorme campanário erguendo-se acima de todos os outros prédios.

Caleb mergulha ainda mais, ficando bem próximo da água, e o ar úmido do rio ajuda a refrescá-los naquela manhã quente de Julho. Caitlin vira o rosto e vê Paris em ambos os lados do rio, à medida que voam por baixo e por cima das numerosas pontes ligando um lado ao outro do rio. Então Caleb sobe, e parte na direção do outro lado, pousando suavemente atrás de uma grande árvore, longe dos olhares dos pedestres.

Caitlin olha a sua volta e vê que ele os tinha levado ao jardim de um enorme parque, que parece se estender por milhas ao longo do rio.

“O Jardim das Tulherias,” Caleb diz. “Exatamente o mesmo jardim do século XXI. Nada mudou; ele ainda é o lugar mais romântico em Paris.”

Com um sorriso, ele estica o braço e pega sua mão. Eles começam a caminhar juntos por uma trilha que atravessa o jardim. Ela nunca havia se sentido tão feliz.

Há tantas perguntas que ela gostaria de lhe fazer, tantas coisas que gostaria de lhe dizer, mas ela não sabe exatamente por onde começar. Mas ela tem que começar de alguma forma, então decide que começaria com as coisas que haviam acontecido mais recentemente.

“Muito obrigada,” ela diz, “Por Roma. No Coliseu. Por ter me salvado,” ela diz. “Se você não tivesse chegado naquele momento, não sei o que teria acontecido.”

Ela se vira e olha para Caleb, de repente incerta.

“Você se lembra?” ela pergunta preocupada.

Ele olha para ela e assente, e ela vê que ele diz a verdade. Ela se sente aliviada; ao menos, afinal, eles estavam na mesma página. Suas lembranças havia retornado, e isso já significa muito para ela.

“Mas eu não salvei você,” ele diz. “Você se virou bem sem mim. Pelo contrário, foi você quem me salvou. Estar com você – não sei o que faria sem você,” ele completa.

Quando ele aperta sua mão, ela sente todo seu coração lentamente voltando ao normal.

Ao caminharem pelo jardim, ela observa com curiosidade todas as diferentes tipos de flores, fontes e estátuas... O jardim é um dos lugares mais românticos que ela já havia visitado.

“E eu sinto muito,” ela completa.

Ele olha para ela, e Caitlin quase desiste de continuar.

“Pelo seu filho.”

Seu rosto se transforma, e antes que ele consiga virar o rosto, Caitlin vislumbra a profunda tristeza em seu semblante.

Que idiota, ela pensa. Por que você sempre tem que abrir a boca e estragar o momento? Por que não esperou para falar sobre isso depois?

Caleb engole seco e concorda com a cabeça, emocionado demais para dizer qualquer coisa.

“E sinto muito por Sera,” Caitlin completa. “Eu nunca quis me intrometer entre vocês dois.”

“Não se lamente,” ele pede. “Aquilo não teve nada a ver com você. Era algo entre mim e ela, nunca deveríamos ter ficado juntos. Estava tudo errado desde o começo.”

“Bem, por último, eu gostaria de lhe dizer que sinto muito pelo que aconteceu em Nova Iorque,” ela emenda, sentindo-se aliviada por finalmente ter lhe dito isso. “Eu nunca teria lhe esfaqueado se soubesse que era mesmo você. Eu juro. Eu pensei que você fosse outra pessoa, transmutada. Eu nunca, nem por um segundo, pensei que pudesse ser mesmo você.”

Os olhos dela começam a ficar marejados com a simples lembrança. Ele para de andar e olha para ela, com a mão em seu ombro.

“Nada disso tem importância agora,” ele diz com sinceridade. “Você voltou para me salvar. E eu sei que você fez isso a um grande custo. Poderia ter dado tudo errado, e você arriscou sua própria vida por

mim. E abriu mão de nosso filho para isso,” ele diz, olhando para ela com um olhar triste. “Eu amo você mais do que posso dizer,” ele diz, ainda olhando para baixo.

Ele olha para ela com olhos cheios de lágrimas. Nesse momento, eles se beijam. Ela se sente derreter nos braços dele, à medida que todo o seu corpo se relaxa, e eles continuam se beijando pelo que parece uma eternidade. É o momento mais importante que ela já tinha vivido com ele e, de certa forma, ela sente como se o estivesse conhecendo pela primeira vez.

Finalmente, eles lentamente param de se beijar, e continuam olhando dentro dos olhos um do outro.

Então, ambos olham para o lado, recatados, e de mãos dadas continuam a caminhada pelo jardim, ao longo do rio. Caitlin continua apreciando a beleza e romantismo de Paris, e percebe que naquele exato instante, seus sonhos estavam se realizando. É com isso que ela sempre havia sonhado na vida; estar com alguém que realmente a amasse. Estar em um lugar bonito e romântico e sentir que ainda tem uma vida inteira pela frente.

Caitlin sente a presença da caixa incrustada de joias em seu bolso, e fica ressentida. Ela não quer ter que abri-la. Ela ama seu pai, mas não quer ler a carta que ele havia deixado para ela. Naquele momento, ela percebe que não quer mais continuar sua missão. Ela não quer se arriscar a ter que viajar no tempo de novo, ou ter que encontrar as outras chaves. Ela deseja apenas ficar aqui, neste lugar, neste tempo, com Caleb. Em paz. Ela não quer que nada mude. Caitlin está determinada a fazer o que for preciso para proteger o tempo que eles têm juntos, e realmente continuar junto a Caleb.

Uma parte dela acredita que isso só seja possível se ela desistir de sua missão.

Ela se vira e olha para ele. Ela está nervosa, mas sabe que é algo que precisa ser feito.

“Caleb,” ela diz, “Eu não quero continuar minha busca. Sei que tenho uma missão muito especial, que preciso ajudar os demais e que devo encontrar o Escudo. Posso parecer egoísta em dizer isso, sinto muito se é assim que você pensa. Mas eu só quero estar ao seu lado. Isso é a coisa mais importante para mim no momento. Ficar aqui neste lugar com você, agora. Sinto que se continuarmos nossa busca, acabaremos em outro lugar, em outra época. E podemos não estar juntos da próxima vez...” Caitlin para de falar, e percebe que está chorando.

Ela respire profundamente em silêncio, se perguntando o que ele pensaria dela, torcendo para que ele não discorde dela.

“Você me entende?” ela pergunta receosa.

Ela observa o horizonte, parecendo preocupado, e então finalmente se vira para ela. Caitlin fica ainda mais aflita.

“Eu não quero ler a carta que meu pai escreveu, ou procurar mais pistas. Quero apenas que fiquemos juntos. Eu gostaria que tudo permanecesse exatamente como está agora. Não quero mais mudanças. Espero que você não me odeie por isso.”

“Eu nunca odiaria você,” ele diz com voz suave.

“Mas você não concorda?” ela insiste. “Você acha que eu deveria continuar a missão?”

Ele desvia o olhar sem dizer nada.

“O que foi?” ela pergunta. “Você está preocupado com os outros?”

“Acho que deveria estar.” ele responde. “E de certa forma, estou. Mas eu também tenho motivos egoístas. Acho que... no fundo

esperava que se encontrássemos o Escudo, eu poderia de alguma forma trazer meu filho de volta. Jade.”

Caitlin se sente extremamente culpada ao perceber que ele pensa que ao desistir da missão, está também abrindo mão de rever seu filho para sempre.

“Mas não é assim que as coisas funcionam,” ela diz. “Não sabemos com certeza que ao encontrar o Escudo, se ele de fato existir, seremos capazes de trazê-lo de volta. Mas sabemos que senão continuarmos a busca podemos ficar juntos. Isso diz respeito a nós dois. É o mais importante para mim.” Ela pausa. “É isso o mais importante para você?”

Ele olha para o horizonte e concorda com cabeça; mas não olha para ela.

“Ou você só diz que me ama, pois eu posso ajudá-lo a encontrar o Escudo?” ela pergunta.

Ela se surpreende consigo mesma, por ter tido coragem de fazer a pergunta. É algo que ela já vinha considerando a algum tempo, desde que havia conhecido Caleb pela primeira vez. Ele havia se envolvido com ela por causa de tudo que ela poderia fazer por ele? Ou ele realmente a amava? Agora, ela finalmente saberia a verdade.

O coração dela bate acelerado enquanto ela espera pela resposta. Finalmente, ele se vira e olha dentro dos olhos dela. Ele ergue o braço, e lentamente acaricia seu rosto com a mão.

“Eu amo você pelo que você é” ele diz. “Eu sempre amei você. Se para ficar ao seu lado, devo desistir da busca pelo Escudo, então é isso que eu farei. Eu quero ficar ao seu lado, e também quero encontrar o Escudo. Mas no momento, você é muito mais importante para mim.”

Caitlin sorri, sentindo algo em seu coração que ela não sentia há muito tempo. Uma sensação de paz e estabilidade. Nada poderia detê-los agora. Ele remove o cabelo da frente do rosto dela, abrindo um sorriso.

“É engraçado,” ele diz, “Eu já vivi aqui antes. Há séculos, não em Paris, mas no interior do país. Eu morava em um pequeno castelo; não sei se ele ainda existe, mas podemos procurá-lo.”

Ela sorri, e ele de repente a coloca nas costas e salta no ar. Dentro de instantes, eles estão voando alto sobre Paris, em direção ao interior, à procura do castelo de Caleb.

A casa deles.

Caitlin não consegue conter sua própria felicidade.

CAPÍTULO CINCO

Sam tem dificuldade em acompanhar a conversa de Polly enquanto caminham. Ela fala rápido demais, e parece não parar nunca, partindo de um assunto ao outro sem pausa. Ele ainda está desconcertado devido à viagem no tempo, e a chegada a um novo lugar – e precisa de tempo para processar tudo aquilo.

Mas eles estavam caminhando há quase meia hora; ele constantemente tropeçando em galhos enquanto a segue em ritmo frenético pela cidade, e ela sem parar de falar. Ele mal havia conseguido dizer uma palavra. Ela continua falando sobre o “palácio” e a “corte” e sobre os membros de seu coven e um concerto que

aconteceria, e um homem chamado Aiden. Ele não faz a mínima ideia sobre o que ela está falando – ou onde o está levando. Ele está determinado a encontrar algumas respostas.

“... claro, não é bem um baile,” Polly está dizendo, “mas mesmo assim, será um evento maravilhoso – mas não sei ainda o que vou vestir. Há tantas opções, mas não o suficiente para um evento como esse...”

“*Por favor!*” Sam diz finalmente, enquanto ela continua saltitando pela floresta, “Sinto interrompê-la, mas tenho algumas perguntas para lhe fazer. Por favor. Eu preciso de respostas.”

Ela finalmente para de falar, e ele respira aliviado. Ela olha para ele com um olhar curiosa, como se não percebesse que havia falado durante todo o tempo.

“Tudo o que você precisa fazer é perguntar!” ela diz alegremente. E então, antes que ele possa responder ela completa impaciente, “E aí? O que você quer saber?”

“Você disse que foi enviada para me buscar,” Sam diz. “Por quem?”

“Essa é fácil,” ela responde. “Aiden.”

“E quem é ele?” Sam quer saber.

Ela dá uma risadinha.

“Gente, mas você tem muito que aprender, não é mesmo? Ele só é o mentor de nosso coven há milhares de anos. Não sei por que ele está interessado em você, ou por que ele me pediu que caminhasse tão longe para buscá-lo em um dia tão lindo como esse. Até onde eu sei você mesmo teria encontrado seu caminho até nós eventualmente. Sem falar, que eu tinha milhares de coisas para fazer hoje, inclusive achar um vestido novo e...”

“*Por favor,*” Sam diz, tentando se concentrar no que estava dizendo antes que perca o foco. “Eu realmente agradeço por você ter vindo me buscar e tudo mais, e não quero parecer mal agradecido,” ele diz, “mas onde quer que estejamos indo, eu realmente não tenho tempo para isso. Veja bem, eu vim até aqui, até este lugar e tempo, por uma razão. Eu preciso ajudar minha irmã; preciso encontrá-la – e não tenho tempo para visitas.”

“Bem, eu dificilmente chamaria isso de uma visita,” Polly diz. “Aiden é só o homem mais procurado na corte. Se ele se interessou por você, não é uma oportunidade para se jogar fora,” ela explica. “E seja lá quem você procura, se alguém pode ajudá-lo, essa pessoa é Aiden.”

“E onde é que estamos indo, exatamente? E quanto tempo falta para chegarmos lá?”

Ela dá mais alguns passos pela floresta e ele se apressa para alcançá-la, se perguntando se ela responderia sua pergunta, ou daria alguma resposta objetiva – quando, naquele momento, a floresta de repente se abre.

Ela para e ele para ao lado dela, espantado.

Diante deles há um campo imenso e, à distância, um lindo jardim, com a grama perfeitamente cortada em diferentes formas e variados tamanhos. O lugar é lindo, como uma obra de arte viva.

Ainda mais bonito é o que existe além do jardim. Há um palácio, maior que qualquer estrutura que Sam já tinha visto. O prédio todo é feito de mármore, e se estende em todas as direções até onde Sam pode enxergar. A arquitetura é clássica e formal, com dezenas de janelas imensas e uma ampla escadaria de mármore levando até a entrada. Ele sabe que já tinha fotos daquela construção em algum lugar, mas não consegue se lembrar de onde.

“Versalhes,” Polly diz, oferecendo uma resposta como se tivesse lido os pensamentos dele.

Ele olha para ela e sorri.

“É onde nós moramos. Você está na França, em 1789. Tenho certeza que Aiden deixará que se junte a nós, desde que Maria nos dê permissão.”

Sam olha para ela confuso.

“Maria?” ele pergunta.

Ela abre ainda mais o sorriso, balançando a cabeça. Ela lhe dá as costas e começa a saltitar pelo campo, na direção do palácio. Enquanto faz isso, ela responde a pergunta dele.

“A Maria Antonieta, é claro!”

* * *

Sam caminha ao lado de Polly, subindo os infindáveis degraus da escada de mármore, em direção às portas do palácio. Enquanto caminham, ele tenta absorver tudo o que vê pela frente. A magnitude e proporção daquele palácio é assustadora. À sua volta, pessoas que ele presume fazerem parte da realeza caminham pela propriedade, vestidas com roupas como ele nunca tinha visto antes. Ele não consegue parar de analisar o lugar. Se alguém tivesse lhe falado que ele estava sonhando, ele teria acreditado. Ele nunca havia estado na presença de pessoas da realeza.

Polly não tinha parado de falar, e ele se esforça para se concentrar no que ela diz. Ele gosta de estar perto dela, aprecia sua companhia, mesmo tendo dificuldades em prestar atenção ao que ela diz. Ele também a acha muito bonita, mas há algo sobre ele que o deixa em dúvida se ele realmente se sente atraído por ele, ou se gosta dela apenas como amiga. Com suas namoradas anteriores, ele

tinha sentido atração desde a primeira vista; com Polly, ele sente uma grande camaradagem.

“Sabe, a família real mora aqui,” Polly diz, “mas nós também vivemos aqui. Eles nos querem aqui, afinal somos a melhor proteção que eles podem ter. Vivemos juntos no que poderia ser chamado de harmonia amigável. Isso funciona para ambas as partes. Com essa floresta imensa, temos como caçar, um lugar agradável para viver e ótimas companhias. Em troca, ajudamos a proteger a família real - sem falar que alguns deles são como nós, também.”

Sam olha para ela ainda mais surpreso.

“A Maria Antonieta?” ele pergunta.

Polly assente discretamente com a cabeça, como se estivesse tentando guardar o segredo, sem sucesso.

“Mas não conte para ninguém,” ela pede. “Há alguns outros também, mas a maior parte da realeza é humana. Eles querem ser como nós, mas há regras bastante rígidas quanto a isso. Não é permitido; somos nós e eles, e não temos permissão para cruzar essa linha. Não queremos que certos membros da realeza tenham muito poder – e Maria também insiste nisso. De qualquer forma, esse lugar é simplesmente fabuloso. Não consigo imaginar que um dia isso chegue ao fim. Temos festas seguidas por mais festas, e bailes intermináveis, e concertos... Esta semana teremos um concerto maravilhoso; na verdade é uma ópera - já até escolhi meu vestido.”

Ao chegarem até as portas, vários serviçais se apressam para abri-las. As portas douradas são enormes e Sam as observa espantado ao entrar no palácio.

Polly atravessa um corredor comprido de mármore como se fosse a dona do lugar, e Sam precisa se apressar para acompanhá-la. Enquanto caminham, Sam olha tudo à sua volta, impressionado

pelo luxo do lugar. Eles passam por diversos corredores, também feitos de mármore e repletos de espelhos dourados que refletem a luz de diversos lustres de cristal. O sol invade o lugar, iluminando ainda mais o local.

Eles passam por diversas portas e finalmente chegam a um salão de mármore rodeado de colunas. Vários guardas estão a postos quando Polly entra na sala.

Polly dá uma risadinha, aparentemente imune a eles.

“Nós também podemos treinar aqui,” ela informa. “As instalações do palácio são as melhores que existem, e Aiden nos mantém sempre ocupados. Fico surpresa que ele tenha permitido que eu pausasse para ir buscar você. Você deve ser alguém muito importante.”

“Então onde está ele?” Sam pergunta. “Quando poderei conhecê-lo?”

“Nossa, você é bem impaciente, não é mesmo? Ele é um homem muito ocupado, e pode escolher não conhecer você por algum tempo, ou pode mandar alguém buscá-lo imediatamente. Não se preocupe, você saberá quando ele quiser vê-lo. Espere um pouco. Enquanto isso, pediram que eu lhe mostrasse seu quarto.”

“Meu quarto?” Sam pergunta, surpreso. “Espere só um minuto, eu nunca disse que ficaria aqui. Como eu disse, eu realmente preciso encontrar minha irmã,” Sam começa a protestar — mas naquele instante, grandes portas duplas se abrem diante deles.

Uma comitiva real de repente entra no salão, ao redor de uma mulher que fica no centro, sendo carregada em um trono real. Eles a colocam no chão e, ao fazerem isso, Polly faz uma saudação, inclinando-se para frente e gesticulando para que Sam faça o mesmo. Ele obedece.

A mulher, Maria Antonieta, lentamente se levanta do trono e dá vários passos na direção deles, parando diante de Sam e gesticulando para que ele se levante. Sam mais uma vez obedece. Ela olha Sam da cabeça aos pés, como se ele fosse um objeto de seu interesse.

“Então, você é o novo garoto,” ela diz, com o rosto sem expressão. Seus olhos verdes ardem com uma intensidade que Sam nunca tinha visto antes e ele sente, realmente, que ela é como eles. Finalmente, após segundos intermináveis, ela balança a cabeça afirmativamente. “Interessante.”

Com isso, ela passa por eles e sua comitiva rapidamente a segue para fora do salão. Apenas uma pessoa fica para trás, obviamente alguém da família real. Ela parece ter 17 anos, e está usando um vestido de veludo azul real, dos pés a cabeça. Ela tem a pele mais clara que Sam já havia visto, cabelos loiro encaracolados e olhos azuis bem claros. Ela fixa o olhar em Sam, encarando-o abertamente.

Ele fica hipnotizado pelo olhar dela, incapaz de olhar para qualquer outra coisa. Ela é a garota mais bonita que ele já havia conhecido. Após alguns segundos, ela dá um passo à frente e olha dentro dos olhos dele ainda mais de perto. Ela estica o braço, com a palma da mão virada para baixo, obviamente esperando que ele a beije. Ela se move devagar, com orgulho. Sam pega na mão dela, e sente a eletricidade ao tocar em sua pele. Ele leva os dedos dela até os lábios e os beija.

“Polly?” a garota diz. “Você não vai nos apresentar?”

Não é uma pergunta. É uma ordem.

Polly limpa a garganta, relutantemente.

“Kendra, Sam,” ela fala. “Sam, Kendra.”

Kendra, Sam pensa, olhando dentro dos olhos dela, surpreso pela maneira como ela o encara com agressividade, como se ele já fosse uma propriedade sua.

“Sam,” ela repete, sorrindo. “Um pouco simples, mas eu gosto.”

CAPÍTULO SEIS

Kyle arrebenta o sarcófago de pedra com apenas um golpe. Ele se parte em um milhão de pedaços, e ele caminha para fora do caixão vertical, inteiro e pronto para a ação.

Ele dá uma volta e avalia o lugar, pronto para atacar qualquer pessoa que se aproxime. Na verdade, ele espera que alguém se aproxime para uma luta. Esta viagem no tempo tinha sido particularmente irritante, e ele está pronto para descontar sua raiva em alguém.

Mas ao olhar a sua volta, para sua decepção, ele percebe que o local está vazio. Ele está sozinho.

Lentamente, sua raiva começa a se abater. Ao menos ele tinha ido parar no lugar certo e, já pode sentir, no tempo certo. Ele sabe que tem mais experiência em viagens no tempo do que Caitlin, e que consegue definir mais especificamente o seu destino ao viajar. Ele olha ao redor e, para sua satisfação, percebe que está exatamente onde queria estar: Les Invalides.

Ele sempre havia gostado da Les Invalides, o lugar tinha sido importante para os piores tipos de sua raça. Um mausoléu

subterrâneo, o lugar é feito de mármore, decorando com bom gosto e repleto de sarcófagos alinhados junto às paredes. O prédio tem o formato cilíndrico, com teto altíssimo terminando em um domo. É um local sóbrio, ideal para o último local de descanso para os soldados de elite da França. Kyle também sabe que é ali que Napoleão um dia seria enterrado.

Mas ainda não. Eles ainda estavam no ano de 1789, e Napoleão – aquele bastardo – ainda está vivo; é um dos vampiros prediletos de Kyle. Ele deve ter em torno de 20 anos agora, pensa Kyle, ainda em começo de carreira. Ele não seria enterrado ali por muitos anos. Obviamente, sendo da mesma raça que ele, o enterro de Napoleão seria apenas um engodo, apenas uma forma de fazer com que os humanos acreditassem que ele era um deles.

Kyle sorri ao considerar sua situação. Aqui está ele, no túmulo de Napoleão, antes mesmo que ele tenha “morrido.” Ele está ansioso para revê-lo, para relembrar os velhos tempos. Napoleão é, afinal, um dos poucos vampiros por quem Kyle sente algo parecido com respeito. Mas é também um arrogante de merda, e Kyle terá que lhe ensinar uma lição.

Kyle caminha devagar e enquanto ouve seus próprios passos, considerado seu estado físico. Ele certamente já tinha vivido dias melhores; havia perdido um olho contra aquela criança horrível, - filho de Caleb – seu rosto desfigurado pela luta contra Rexus ainda em Nova Iorque. Se isso não bastasse, ele agora também tem uma ferida no rosto, do golpe que Sam havia usado contra ele no Coliseu. Ele está um bagaço, e sabe disso. Mas estranhamente, ele também gosta disso. Ele é um sobrevivente. Está vivo, ninguém tinha sido capaz de detê-lo, e ele sente mais ódio do que nunca. Ele está determinado a impedir que Caitlin e Caleb encontrem o Escudo, e também quer fazer com que paguem. Ele vai fazê-los sofrer como ele tinha sofrido. Sam também está em sua lista agora- os três estão – e ele não vai desistir até que possa torturar cada um deles, bem devagar.

Com alguns saltos, ele sobe a escada de mármore, chegando ao nível superior do túmulo. Kyle circula a área, caminhando até o fim da capela sob o grande domo, e coloca o braço atrás do altar. Ele passa a mão na superfície da parede do altar, tateando, até que finalmente encontra o que está procurando. Ele empurra a manivela, e o compartimento secreto se abre. Colocando a mão dentro dele, Kyle remove uma longa espada de prata, com o punho incrustado de jóias. Ele segura a espada contra a luz, examinando-a com satisfação. Ela está exatamente como ele se lembrava.

Ele a pendura nas costas, se vira e caminha pelo corredor, chegando até a porta de entrada. Ele se inclina para trás e, com um chute forte, arranca a porta de madeira do batente, arremessando-a para longe. O barulho ecoa pelo prédio vazio, e Kyle fica feliz ao notar que sua força está completamente restabelecida.

Kyle vê que ainda é noite, e relaxa. Se quisesse, poderia voar a noite inteira, rumo ao seu objetivo – mas ele prefere saborear cada minuto. A Paris de 1789 é um lugar muito especial; ele se lembra da imensidão de prostitutas, bêbados, apostadores e criminosos que ainda povoam a cidade.

Apesar da boa aparência e da arquitetura, há um submundo, grande e influente, que ele aprecia. A cidade lhe pertence.

Kyle fecha os olhos, concentrando-se em seus sentidos. Ele pressente a forte presença de Caitlin naquela cidade, e a de Caleb também. Quanto a Sam, ele não tem tanta certeza, mas sabe que ao menos dois deles estão ali. Isso é bom, tudo que ele tem a fazer agora, é encontrá-los. Ele os pegará de surpresa e, se tudo correr bem, os matará facilmente. Paris é um lugar bem mais simples; não há um Conselho Vampiro, como em Roma, à quem ele deva responder. Pelo contrário, há um grande coven do mal em Paris, liderado por Napoleão - e Napoleão lhe deve um favor.

Kyle decide que sua primeira atitude será rastrear o malandro e convencê-lo. Ele convocará todos os homens de Napoleão para que façam o possível para localizar Caitlin e Caleb. Ele sabe que os homens de Napoleão serão úteis se, por acaso, eles tentarem resistir. Ele não deixará nada ao acaso desta vez.

Mas eles ainda têm tempo, pode se alimentar primeiro, se aclimatar à cidade. Além disso, seu plano já está em andamento. Antes de deixar Roma, ele havia localizado seu antigo parceiro, Sergei, e o enviado para Paris na sua frente. Se tudo tinha funcionado de acordo com seu plano, Sergei já está aqui, dedicado a completar sua missão; infiltrando-se no coven de Aiden. Kyle sorri ao lembrar; não há nada que ele aprecie mais do que um traidor, - do que um cafajeste como Sergei. Ele tinha se tornado um brinquedinho de muita utilidade.

Kyle desce as escadas como um garotinho em idade escolar, absolutamente satisfeito, pronto para invadir a cidade e fazer o que bem quiser.

Enquanto Kyle caminha, um artista de rua se aproxima dele segurando uma tela e um pincel, gesticulando para que Kyle deixe que ele pinte um retrato seu. Não há nada que Kyle odeie mais do que alguém querendo fazer o seu retrato, mas está de tão bom humor que decide deixar que o homem viva.

Mas quando o homem decide insistir, seguindo Kyle de maneira agressiva, enfiando a tela na direção dele, Kyle pensa que ele foi longe demais. Ele estica o braço, pegando o pincel, e o enfia entre os olhos do homem. Um segundo depois o homem cai no chão, morto. Kyle pega a tela e a parte em pedaços sobre o corpo do artista.

Kyle continua seu caminho, satisfeito, a noite tinha começado bem. Ao virar em um beco, dirigindo-se até o distrito de que ele se lembra, as lembranças começam a ressurgir. Várias prostitutas

caminham pelas ruas, chamando por ele. Ao mesmo tempo, dois homens cambaleiam para fora de um bar, claramente bêbados, e esbarram em Kyle, sem prestar atenção por onde andam.

“Ei, seu babaca!” um dos homens grita para ele.

O outro homem se dirige à Kyle.

“Ei, seu cego!” ele grita. “Preste atenção por onde anda!”

O homem estende o braço para dar um empurrão no peito de Kyle, mas seus olhos se abrem surpresos, quando o empurrão não surte o menor efeito. Kyle não se mexe um milímetro; é como se o homem tivesse empurrado uma parede.

Kyle balança a cabeça lentamente, espantado pela estupidez dos dois homens. Antes que eles possam reagir, ele leva a mão às costas, pega sua espada e, com um movimento rápido, corta a cabeça dos dois em uma fração de segundo.

Ele observa com satisfação enquanto as cabeças dos homens rolam, e os dois corpos começam a cair ao chão. Ele coloca a espada de volta nas costas, e puxa um dos corpos para perto dele. Ele enfia suas longas presas no pescoço aberto, e bebe com avidez à medida que o sangue escorre.

Kyle pode ouvir as prostitutas ao seu redor começando a gritar ao perceberem o que havia acontecido. Seus gritos são seguidos pelo som de portas e janelas sendo fechadas. Ele percebe que a cidade inteira já está com medo dele.

Bom, ele pensa. É exatamente o tipo de boas vindas de que ele gosta.

CAPÍTULO SETE

Caitlin e Caleb voam para fora de Paris sobrevoando o interior da França pela manhã; ela segura firme nas costas dele enquanto ele atravessa o ar. Ela se sente mais forte agora e sabe que se quisesse voar, poderia. Mas ela não quer se afastar de Caleb ainda, ela gosta da sensação do corpo dele junto ao seu. Ela quer apenas abraçá-lo, experimentar a sensação de estarem juntos novamente. Ela sabe que é loucura, mas depois de terem passado tanto tempo separados, ela teme que, se soltá-lo, ele irá voar para longe dela.

Embaixo deles, a paisagem não para de mudar. Rapidamente, a cidade dá espaço para florestas densas e lindas colinas. Mais perto da cidade, há algumas casas e fazendas, mas quando mais se afastam, mais a paisagem parece intocada. Eles sobrevoam campos, prados verdejantes, algumas fazendas e ovelhas no pasto. Há fumaça saindo de chaminés, e ela deduz que as pessoas estejam cozinhando. Há varais estendidos sobre os quintais, onde lençóis estão secando. A cena é idílica, e a temperatura de Julho estava agradável o suficiente para que o vento fresco, especialmente a essa altura, é refrescante.

Depois de horas voando, eles fazem uma curva, e a paisagem deixa Caitlin sem fôlego: no horizonte, as águas azuis do mar refletem a luz do sol, enquanto ondas arrebatam continuamente na costa. Ao se aproximarem, a elevação aumenta, e ela vê que as colinas terminam na praia.

Aninhado junto às Colinas, em meio à grama alta, ela vê um único prédio delineado contra o horizonte. Trata-se de um castelo medieval glorioso, feito de calcário antigo e coberto por esculturas e gárgulas. Ele fica em um local alto da colina, com vista para o mar e rodeado

por campos intermináveis de flores selvagens. A paisagem é de tirar o fôlego, e Caitlin sente como se estivesse em um cartão postal.

O coração de Caitlin começa a bater de excitação, ao considerar que este seja o castelo de Caleb. De alguma forma, ela sabe que é.

“Sim,” ele grita por causa do vento, lendo os pensamentos dela como sempre. “É aqui.”

O coração dela bate ainda mais rápido. Caitlin está tão feliz, e se sente tão forte; ela está pronta para voar sozinha.

De repente, ela solta as costas de Caleb e começa a voar pelo ar. Por um instante ela sente medo, sem saber se suas asas funcionariam, mas um segundo depois elas surgem, sustentando-a no ar. Caitlin gosta da sensação do vento atravessando suas asas. É bom tê-las de volta e recuperar sua independência. Ela voa mais alto e mergulha na direção de Caleb, que sorri. Eles mergulham juntos, e depois sobem de novo, cruzando o caminho um do outro, deixando que as pontas de suas asas se toquem algumas vezes.

Juntos, eles mergulham, se aproximando do castelo. Ele parece antigo; está bastante gasto, mas não é feio. Caitlin já o considera como seu lar.

Ao absorver tudo, observando a paisagem, as colinas e o oceano à distância, Caitlin se sente em paz pela primeira vez em muito tempo, como se finalmente estivesse em casa. Caitlin pode imaginar sua vida junto a Caleb e a família que teriam, se isso fosse possível. Ela ficaria feliz em passar seus últimos dias aqui com ele – e finalmente, ela não consegue pensar em nada que pudesse impedi-los.

* * *

Caitlin e Caleb aterrissam juntos em frente ao castelo, e ele segura sua mão, levando-a até a entrada. A porta de carvalho está coberta

por uma camada grossa de poeira e sal e obviamente não tinha sido aberta por muitos anos.

“Já faz centenas de anos,” ele fala. “É uma surpresa agradável descobrir que ele ainda está aqui, que não foi vandalizado – e que ainda está trancado. Eu costumava deixar uma chave...”

Ele estica o braço, bem acima da janela, e tateia uma fenda atrás do arco de pedra em cima dela. Ele corre os dedos por ela, até que finalmente para, tendo localizado uma chave mestra longa e prateada. Ao colocá-la na porta, ela se encaixa perfeitamente, e Caleb abre a fechadura com um suave clique. Ele se vira e sorri para ela, abrindo-lhe caminho.

“Por favor, me dê a honra,” ele diz, sinalizando para que ela entre.

Caitlin empurra a pesada porta medieval, abrindo-a lentamente; a porta range e placas de sal caem em pedaços quando a ela a empurra.

Eles entram juntos. O hall de entrada está escuro e coberto de teias de aranha. O ambiente é abafado e úmido, e parece não ter sido habitado há muitos séculos. Ela olha para as altas paredes de pedra, e para o chão. Há camadas de poeira cobrindo tudo, incluindo as janelas de vidro, o que impede a entrada da luz, fazendo o lugar parecer mais escuro do que o normal.

“Por aqui,” Caleb diz.

Ele a pega pela mão e a leva por um corredor estreito até um grande salão com janelas arqueadas em ambos os lados; o local está mais iluminado, apesar de empoeirado. Há alguns móveis ali: uma mesa medieval comprida, feita de carvalho, rodeada de cadeiras entalhadas. No meio do salão há uma enorme lareira – uma das maiores que Caitlin já tinha visto. É incrível – Caitlin se sente como se estivesse de volta aos Claustros.

“Ele foi construído no século XII,” ele diz, avaliando o lugar. “Naquela época, esse era o estilo.”

“Você morou aqui?” Caitlin pergunta.

Ele assente.

“Por quanto tempo?”

Ele pensa.

“Não mais que um século,” ele responde. “Talvez dois.”

Caitlin se espanta, mais uma vez, com a imensidão do tempo no mundo vampiro. Mas de repente, ela fica preocupada, ao pensar em uma possibilidade: ela tinha vivido aqui com outra mulher? Ela teme perguntar, mas ele subitamente se vira e olha para ela.

“Não, não morei,” ele diz. “Eu vivia aqui sozinho, posso lhe garantir. Você é a primeira mulher que trago aqui.”

Caitlin fica aliviada, embora esteja envergonhada por ele ter lido seus pensamentos.

“Venha,” ele diz. “Por aqui.”

Ele a guia por uma escada de pedra em espiral e, depois de algumas voltas, eles chegam ao segundo andar. Ali, a luz do sol entra pelas grandes janelas em todos os lados, deixando o lugar mais claro que o primeiro andar. Os quartos são menores e mais íntimos. Há mais algumas lareiras de mármore no segundo andar e, à medida que Caitlin caminha de quarto em quarto, ela localiza uma enorme cama com dossel em um dos quartos. Poltronas e sofás de veludo estão espalhados pelos outros quartos. Não há tapetes, apenas o chão de pedra. O castelo é simples, mas muito bonito.

Ele a dirige até o outro lado do quarto, até duas portas grandes de vidro. Elas estão tão cobertas de poeira que a princípio Caitlin não as tinha notado. Ele se aproxima delas e puxa as maçanetas com força até que, finalmente, elas se abrem com um barulho, levantando uma nuvem de poeira. Ele caminha até o lado de fora, e Caitlin o segue.

Caitlin e Caleb se encontram em uma ampla sacada de pedra, cercada por colunas de calcário esculpido. Eles se aproximam da borda e observam a paisagem. De onde eles estão, podem ver do interior à costa. Caitlin pode ouvir o som das ondas arrebatando na praia, e sentir o cheiro do mar na brisa que sopra em sua direção. É como se Caitlin estivesse sonhando.

Se Caitlin tivesse um dia imaginado a casa de seus sonhos, esta certamente seria ela. Ela está empoeirada, e carente de um toque feminino, mas Caitlin sabe que poderiam dar um jeito nisso, e restaurá-la ao estado original. Ela sente que este é um lugar que eles realmente poderiam chamar de lar.

“Eu estava pensando sobre o que você disse,” ele fala, “durante toda a viagem até aqui. Sobre construirmos uma vida juntos. Eu gostaria muito de fazer isso.” Ele coloca um braço em volta dela. “Eu gostaria que você vivesse aqui comigo, e que recomeçássemos nossa vida juntos bem aqui; o lugar é calmo, seguro e protegido. Ninguém sabe sobre este castelo, e ninguém poderá nos encontrar aqui. Não vejo por que não podemos viver nossas vidas em segurança, como pessoas normais,” ele fala. “Claro, é preciso muito trabalho para consertar o lugar; mas eu estou disposto, se você estiver.”

Ele olha para ela e sorri.

Ela devolve o sorriso, completamente apaixonada.

Mais que isso, ela está emocionada pelo convite para morar com ele, nada é mais importante para ela do que isso. A verdade é que ela teria morado com ele em qualquer lugar, mesmo que fosse apenas uma cabana na floresta.

“Eu adoraria,” ela responde. “Eu quero apenas ficar ao seu lado.”

O coração dela bate acelerando ao se aproximarem para um beijo ao som das ondas que arrebatam ao longe, e cercados pela brisa marinha.

Finalmente, tudo em sua vida está perfeito de novo.

* * *

Caitlin nunca esteve tão feliz, ao caminhar pela casa, indo de quarto em quarto com um pano úmido nas mãos. Caleb havia saído, tinha ido caçar, animado com a ideia de trazer o jantar para os dois. Ela gosta da ideia, pois lhe daria tempo para ficar sozinha e explorar a casa, analisar tudo com o olhar de uma mulher, para decidir o que poderia fazer para transformar o castelo em um lar para os dois.

Ela anda pelos quartos abrindo janelas para permitir a entrada de ar fresco. Ela havia encontrado um balde e um pedaço de tecido velho e tinha ido até um riacho que atravessa o jardim nos fundos do castelo, voltando com o balde cheio de água. Ela também tinha tentado limpar o trapo na água do riacho o melhor que pôde. Ela encontra uma caixa de madeira e, usando-a como estepe ao abrir as enormes janelas, aproveita para limpar todos os vidros. Há algumas janelas altas demais para ela, então Caitlin ativa suas asas e voa até as janelas, pairando diante delas enquanto as limpa.

Ela fica surpresa pela grande diferença que uma pequena limpeza faz. O quarto havia se transformado de um lugar completamente escuro para um ambiente absolutamente iluminado. Deveria haver centenas de anos de sujeira e sal acumulados nos dois lados do vidro. Na verdade, abrir as janelas tinha sido uma grande façanha, e ela teve que fazer bastante força para conseguir abri-las.

Caitlin observa atentamente e fica impressionada pela perfeição do trabalho em cada vitral. Os vidros de todas as janelas são bem espessos, e exibem desenhos muito bonitos; algumas partes

são coloridas com cores intensas, outras são transparentes e há ainda pedaços em cores mais claras. Ao limpar cada uma delas, Caitlin imagina sentir a gratidão da casa que, centímetro por centímetro, vai voltando à vida.

Caitlin finalmente termina e avalia o resultado. Ela fica surpresa, o que antes tinha sido um quarto escuro e frio, agora é um ambiente incrivelmente convidativo, repleto de luz e com uma vista maravilhosa do mar.

Caitlin então se concentra no chão, ajoelhando-se para esfregar cada centímetro dele. Ela observa satisfeita enquanto remove a grossa camada de sujeira, revelando o chão de pedras que parece brilhar.

Depois disso, ela parte para a enorme lareira de mármore, removendo anos de poeira de sua superfície. E depois ela se dedica ao grande espelho exposto acima da lareira, polindo-o até que comece a brilhar. Ela ainda se sente um pouco decepcionada por não poder ver seu reflexo – mas sabe que não há nada que possa fazer quanto a isso.

Agora é a vez do lustre, e ela começa a limpar cada um de seus inúmeros candelabros de cristal.

E então, ela olha para a cama com dossel, que ainda precisa ser limpa. Ela limpa a armação e a cabeceira com cuidado, lentamente trazendo de volta à vida a madeira envelhecida. Ela pega os cobertores velhos nos braços e os leva até o terraço; uma nuvem de poeira se levanta quando ela os chacoalha com força.

Caitlin voltou para o quarto e o inspecionou - agora era magnífico. Ele estava brilhando como qualquer sala em qualquer castelo. Ainda era medieval, mas pelo menos agora ele estava fresco e convidativo. Seu coração disparou com a idéia de viver aqui.

Ao olhar para baixo, ela percebe que a água do balde havia ficado completamente preta e, descendo a escada correndo, ela sai pela porta decidida a enchê-lo no riacho novamente.

Caitlin sorri ao pensar na reação que Caleb teria ao retornar para casa mais tarde. Ela imagina que ele vá ficar bastante surpreso. O próximo passo será limpar a sala de jantar. Ela quer criar um clima romântico para que fizessem a primeira refeição juntos como um casal em seu novo lar – a primeira de muitas, ela espera.

Ao se aproximar da beira do riacho e ajoelhar-se na grama macia para esvaziar e encher o balde novamente, Caitlin de repente pressente algo com seu sentido vampiro que a deixa em alerta. Ela ouve um barulho no mato, por perto, e sente que um animal se aproxima dela.

Ela vira na direção do barulho e se surpreende com o que vê.

Um filhote de lobo se aproxima lentamente dela. Seu pelo é completamente branco, exceto por uma faixa cinza que passa entre os olhos dele, percorrendo todo o seu corpo. O que mais impressiona Caitlin são os olhos do filhote: eles a encaram como se já a conhecessem. E não é só isso: os olhos dele são exatamente iguais aos de Rose.

Caitlin sente as batidas de seu coração. Ela tem a impressão de que Rose havia retornado à vida, como se tivesse reencarnado em outro animal. Aquela expressão, aquele rosto. A cor do pelo é diferente, mas fora isso, o filhote poderia perfeitamente ser a reencarnação de Rose.

O filhote também parece surpreso em ver Caitlin. Ele para, encarando-a, e então lenta e cuidadosamente se aproxima, dando passos cautelosos na direção dela. Caitlin olha para a floresta, procurando para ver se encontrará outros filhotes por perto, ou a mãe dele. Ela não quer se envolver em uma briga. Mas não há nenhum outro animal à vista.

Ao examinar o animal mais de perto, Caitlin entende por que. O filhote está mancando bastante, e sua pata está sangrando. Ele parece ferido, e provavelmente tinha sido abandonado pela própria mãe, deduz Caitlin – abandonado para morrer.

O filhote de lobo abaixa a cabeça e caminha bem devagar na direção de Caitlin. E então, para sua surpresa, ele encosta sua cabeça no colo dela, fechando os olhos e gemendo baixinho. Caitlin quase não se contém de felicidade. Ela sente tanta falta de Rose, e agora é como se a tivesse de volta.

Caitlin coloca o balde no chão e, esticando os braços, pega o filhote no colo. Ela segura o animal junto ao peito, chorando, e se lembra de todas as vezes em que tinha feito o mesmo com Rose. Ela não consegue conter as lágrimas que escorrem pelo seu rosto, e o filhote, como se pressentisse a tristeza dela, olha para cima e começa a lamber as lágrimas de seu rosto.

Caitlin se abaixa e beija a testa do lobo, abraçando-o com força. A possibilidade de deixá-lo ali não existe; ela fará o que for preciso para ajudá-lo a ficar bom e saudável. E se o lobo quiser, ela gostaria de ficar com ele para sempre.

“Como devo chamá-la?” Caitlin pergunta. “Não posso usar o nome Rose de novo... Que tal... Ruth?”

O filhote de repente lambe a bochecha de Caitlin, como se estivesse respondendo ao nome; é a resposta que Caitlin esperava.

O nome dela seria Ruth.

* * *

Ao terminar de limpar a sala de jantar, Caitlin, com Ruth ao seu lado, encontra algo interessante junto à parede. Ao lado da lareira, há duas grandes espadas de prata. Ela pega uma delas na mão, removendo a poeira, e admira o punho incrustado de joias – é

uma arma impressionante. Ela deixa o balde de lado, sem conseguir resistir à oportunidade de testá-la. Ela golpeia a espada com destreza, desferindo golpes à esquerda e à direita com uma e depois com a outra mão, enquanto anda pelo quarto. A sensação é ótima. Ela se pergunta quantas outras armas Caleb guarda no castelo. Ela poderia se divertir muito treinando com elas.

“Vejo que encontrou as armas,” Caleb diz, entrando de repente pela porta.

Caitlin imediatamente larga a espada, um pouco envergonhada.

“Desculpe, não foi minha intenção mexer em suas coisas.”

Caleb ri.

“Minha casa é a sua casa,” ele diz, enquanto entra no quarto com dois veados nas costas. “O que é meu, também é seu e, além disso, você é exatamente como eu. Eu também não teria resistido às espadas,” emenda ele, piscando para ela.

Ele atravessa o quarto, carregando os veados, e então para de repente e olha para ela, parecendo surpreso.

“Nossa!” ele diz, espantado. “Parece outro lugar!”

Ele fica parado, encarando o quarto de olhos arregalados. Caitlin pode ver que ele está realmente impressionado, e fica satisfeita. Ela analisa o resultado, e percebe que o lugar realmente está transformado. Eles agora têm uma linda sala de jantar, completa com mesa e cadeiras, para a primeira refeição deles juntos.

Naquele instante, Ruth geme e Caleb olha para o chão, vendo o filhote pela primeira vez. Ele se mostra ainda mais surpreso.

Caitlin a princípio se sente aflita, sem saber se ele se importa em ficar com o filhote, mas fica feliz ao perceber que o olhar de felicidade no rosto dele.

“Eu não consigo acreditar,” Caleb diz, olhando para Ruth, “esses olhos... ela é igualzinha a Rose.”

“Podemos ficar com ela?” Caitlin pede timidamente.

“Eu adoraria,” ele responde. “Eu gostaria de abraçá-la, mas como vê, estou com as mãos ocupadas.”

Caleb continua com os veados, atravessando o quarto e o corredor. Caitlin e Ruth o seguem, e assistem enquanto ele coloca os veados em um quarto pequeno, em cima de uma enorme plataforma de pedra.

“Já que não cozinhamos de verdade,” ele diz, “pensei em drenar o sangue para que bebêssemos juntos em estilo, sentados diante da lareira.”

“Ótima ideia,” Caitlin responde.

Ruth senta aos pés de Caleb, olhando para cima e gemendo enquanto ele trabalha a carne. Ele ri, cortando um pequeno pedaço para ela. Ela pega a carne no ar e chora, pedindo mais. Caitlin volta para a sala de jantar e começa a limpar os cálices que havia encontrado. Há uma pilha de peles de animais diante da lareira, e Caitlin as leva até o terraço, chacoalhando-as para serem usadas mais tarde.

Enquanto espera por Caleb, ela assiste o sol se por no horizonte. Ela respira fundo, ao som das ondas no mar, e se sente completamente relaxada. Ela fecha os olhos, e não percebe o tempo passando. Quando Caitlin abre os olhos novamente, já está quase escuro.

“Caitlin?” diz uma voz, chamando seu nome.

Ela volta para a sala de jantar e encontra Caleb com dois cálices de prata cheios de sangue, esperando por ela. Ele está acendendo velas por toda a sala, e ela se junta à ele, colocando as peles de volta no lugar.

Dentro de instantes, a sala está completamente iluminada, brilhando com velas em todas as direções. Eles se sentam junto às peles, diante da lareira, e Ruth se junta a eles. As janelas estão abertas e uma brisa invade a sala, deixando o ambiente mais frio.

Eles se sentam lado a lado, olhando dentro dos olhos um do outro enquanto brindam.

O líquido é como um néctar, ela bebe sem parar – assim como ele – e sabe que nunca esteve tão viva. É uma sensação indescritível.

Caleb parece rejuvenescido, seus olhos brilham intensamente; eles ficam frente a frente. Ele ergue a mão, e toca o rosto dela com a ponta dos dedos suavemente. O coração dela dispara, e ela se dá conta do quanto está nervosa. Eles não ficavam juntos há muito tempo; ela já tinha imaginado esse momento tantas vezes, mas agora que ele havia chegado, é como se fosse a primeira vez. Ela vê que a mão dele está tremendo, e percebe que ele também está nervoso.

Há tantas coisas que ela quer dizer, tantas perguntas que gostaria de fazer, ela sabe que ele também tem perguntas. Mas naquele instante, ela sabe que não conseguirá dizer nada – e aparentemente, ele também não.

Os dois se beijam apaixonadamente. Assim que seus lábios encostam-se aos dele, ela é tomada pela emoção.

Ela fecha os olhos quando ele se aproxima, e eles se encontram em um abraço, deitando-se sobre as peles, seu coração explode de emoção. Finalmente, ele é seu.

CAPÍTULO OITO

Polly atravessa os corredores de Versalhes apressada, quase correndo por um corredor comprido repleto de espelhos, lareiras, molduras e lustres de cristal, enquanto seus passos ecoam no chão de mármore. Tudo brilha – mas ela mal percebe; já está acostumada. Tendo vivido ali por muitos anos, ela dificilmente consegue imaginar qualquer outra forma de existência.

O que ela percebe – o que ela percebe até demais – é Sam. Um visitante como ele não faz parte da vida normal no castelo e, na verdade, é bastante incomum. Eles quase nunca recebiam visitas de vampiros de outras épocas e, quando isso acontecia, Aiden nunca parecia se importar. Sam deve ser alguém importante, ela pensa. Ele a intriga; ele aparenta ser um pouco jovem, e às vezes um pouco sem noção.

Mas há algo nele, algo que ela não consegue identificar. Ele sente como se, de alguma forma, tivesse uma ligação com ele – que o tivesse conhecido antes, ou que ele estivesse ligado a alguém que é importante para ela.

O que é muito estranho, já que na noite anterior, ela havia tido um sonho muito vívido – sobre uma menina vampira chamada Caitlin. Polly podia ver seu rosto, seus olhos e seu cabelo até mesmo agora. No sonho, ela tinha sido informada que essa garota havia sido sua amiga durante toda a vida e, durante todo o sonho, ela teve a impressão de que continuavam sendo amigas. Ela havia acordado com a sensação de que aquilo era verdade, como se tivesse sido um encontro e não um sonho.

Não fazia o menos sentido, pois Polly sabia que nunca tinha ido a qualquer um dos lugares de seu sonho. Ela se pergunta se, talvez, de alguma forma ela tivesse vislumbrado o futuro. Ela sabe que muitos vampiros visitavam-se em sonhos, e que ocasionalmente tinham o poder de prever o futuro e rever o passado. Mas esses poderes também eram imprevisíveis, tudo poderia ser apenas uma ilusão. Era difícil diferenciar: estavam vendo o futuro, olhando o passado ou apenas sonhando?

Depois do sonho, Polly tinha acordado à procura de Caitlin, com se realmente a conhecesse. Ela se viu sentindo falta da amiga ao atravessar o corredor. Era loucura sentir falta de uma garota que ela nunca havia conhecido.

E então o garoto tinha surgido, Sam. E por alguma estranha razão, Polly sente que sua energia está ligada à dele. Como, ela não faz a menor idéia. Ela estaria imaginando coisas?

Além de tudo isso, ela percebe que está começando a sentir algo por Sam. Ela não diria que está apaixonada por ele – mas também não é completamente imune à presença dele. Há algo nele; o que ela sente não lhe parece ser amor. É um sentimento mais parecido com... curiosidade, interesse em conhecê-lo mais a fundo.

E o fato de que Kendra já tinha colocado seus olhos nele a deixa ainda mais agitada. Não que ela o quisesse para si, ainda é muito cedo para saber com certeza. Mas por que ele lhe parece tão inocente e puro - fácil de impressionar. E Kendra é um abutre; um membro da família real que nunca tinha ouvido um NÃO em toda sua vida, e que tinha o costume de conseguir o que quisesse, de quem quer que fosse.

Polly sempre tinha tido a impressão que Kendra tinha algum interesse obscuro. Há anos, ela tentava fazer com que algum vampiro do coven de Polly a transformasse. Obviamente, isso era proibido, e ninguém havia atendido seu pedido. Mas agora, ela

sente que Kendra está de olho em Sam. Há sangue novo no castelo, e ela deve estar decidida a tentar mais uma vez. Polly estremece, sabendo o que poderia acontecer a Sam se Kendra estivesse realmente determinada.

Sim, este é certamente um dia incomum para ela. Sua cabeça está cheia de emoções à medida que ela atravessa o corredor, e ela se dá conta de que já está atrasada. O novo cantor que todos haviam mencionado está dando um concerto particular para Maria e seu séquito. O cantor estava no castelo há semanas, e todas as outras garotas não paravam de falar da voz dele – e também de sua aparência.

Ela está ansiosa para vê-lo com seus próprios olhos. Polly havia esperado bastante tempo por este dia, e agora está duplamente irritada por chegar quase no fim do concerto. Esse é o problema com esse lugar, ela pensa, enquanto atravessa ainda outro corredor. Ele é grande demais, é impossível chegar a qualquer lugar a tempo.

Polly apressa o passo, e finalmente chega ao final de outro corredor, e dois guardas abrem as imensas portas duplas para ela. Ela entra sem parar e eles as fecham atrás dela; ela imediatamente enrubesce.

Todos no salão se viram e olham para ela; enquanto o cantor continua sua apresentação, e ela percebe que havia interrompido o concerto. Com o rosto corado, ela senta no fundo do salão, pegando um lugar em meio aos seus amigos.

Todos se viram para frente devagar e, quando fazem isso, ela relaxa e se dá conta de que o concerto está quase no fim.

Ela olha para cima e, ao ver o rosto do cantor pela primeira vez, se surpreende. Ele é ainda mais lindo do que haviam falado; Moreno, como olhos pretos e cabelo encaracolado. O rosto dele parece esculpido, e ele se veste com bom gosto: de preto da cabeça aos pés, um casaco preto de veludo, meias brancas e sapatos pretos

brilhantes. Ele está no centro de um pequeno palco, e parece confiante e em controle da situação. Ele parece ser... Russo.

Mas há algo, além disso: a voz dele é hipnotizante. Enquanto ele canta, Polly fica paralisada. Ela está completamente em transe, incapaz de fazer qualquer coisa exceto escutar, incapaz de olhar para qualquer outro lugar.

Polly ainda está perdida em pensamentos quando a música para, e continua encarando, escutando as últimas notas enquanto todos se levantam, batendo palmas e se aproximando dele. Todos no salão o cercam e ele fica em pé, sorrindo, apreciando toda aquela atenção.

Polly lentamente se aproxima do grupo. Ela pode ver o olhar de admiração de todas as outras garotas, e ela chega mais perto para poder ver com seus próprios olhos.

Ele se vira e olha para ela, encarando-a. Ele parece observá-la com um pouco de desdém, um olhar descarado e arrogante, como se sugerisse que ela deveria admirá-lo.

“Eu... gostei do seu concerto,” Polly diz, percebendo que está nervosa.

“Mas é claro que você gostou,” ele responde. “E por que não gostaria?”

As outras garotas riem, e Polly considera aquele comentário inadequadamente grosseiro. Mesmo assim, não consegue parar de olhar para ele.

“Bem, se você vai continuar me encarando desse jeito, deveria ao menos dizer-me o seu nome,” ele fala.

Polly gagueja, tendo sido surpreendida. Nunca ninguém havia falado assim com ela. Uma parte dela lhe diz que ela deve simplesmente se afastar, mas por outro lado ela não consegue.

“Polly,” ela diz, ofegante.

“Polly,” ele repete, com uma risadinha. “Como um passarinho.”

Polly enrubesce, enquanto as outras garotas riem. Ela não consegue dizer se está apaixonada por esse homem, ou se simplesmente o odeia. Como ele conseguia ser tão arrogante?

“Bem, Polly,” ele diz, com um pouco de sotaque, “deixarei que saiba o meu nome.”

Ele lentamente ergue a mão, pálida e macia como a de uma garota.

“Sergei,” ele anuncia com orgulho, como se ela devesse estar excitada em conhecê-lo.

Ela pega a mão dele na sua, incapaz de desviar o olhar.

“Sergei,” ela repete, com o coração disparado.

E apesar de tudo, apesar do fato de que ele de repente lhe dá as costas e começa a conversar com as outras garotas, apesar dos alarmes que soam em sua cabeça, Polly sabe que está desesperadamente apaixonada.

CAPÍTULO NOVE

Caitlin acorda, abrindo os olhos devagar e se sentindo completamente descansada e relaxada. É a primeira vez em muito tempo que Caitlin não havia sonhado com seu pai – na verdade, a primeira vez em muito tempo que ela não havia sonhado com

qualquer coisa. Aquela também tinha sido a primeira noite, desde que ela conseguia se lembrar, em que ela não tinha acordado de repente, incapaz de dormir tanto quanto gostaria.

Caitlin acorda com a luz do sol invadindo as janelas por todos os lados, e ao som das ondas do mar que ela ouve através das janelas abertas, e pode sentir o ar puro atravessando o quarto.

Ela vê que está dormindo com a cabeça encostada no peito de Caleb. Ambos estão nus embaixo das cobertas, e ela está dormindo em seus braços.

Ela olha para cima, e vê que os olhos dele estão fechados, e que ele ainda dorme profundamente.

Pela primeira vez em muito tempo, Caitlin se sente à vontade. Ali, naquele lugar, naquele momento e nos braços de Caleb, ela acha que tudo vai dar certo. Ela gostaria de poder congelar o tempo, agarrar-se a ele. Finalmente, ela sente que nada os ameaça, que não há nada esperando para poder acabar com sua felicidade.

Caitlin olha o quarto, e vê a caixa de prata que contém a carta de seu pai, ainda fechada. Ao olhar para ela, Caitlin por um instante se preocupa: ela sente que se abrir a carta, se ler a mensagem, ela terá que ir para algum outro lugar, e que as coisas inevitavelmente mudariam. Ela desvia o olhar, mais determinada do que nunca a não abri-la. .

Ela levanta da cama e atravessa o quarto. A sensação de seus pés descalços no chão frio de pedra é agradável, e ela pega a caixa de prata e a esconde atrás da Cortina. Ela não quer ter que olhar para ela e não quer que as coisas mudem - está determinada a não deixar que mudem.

Caitlin lentamente se veste, colocando as roupas novas que a freira havia lhe dado. Ela as tinha lavado no riacho na noite anterior, e deixado que secassem penduradas em uma gárgula do lado de fora

de sua janela. Ela se surpreende que tenham secado tão rápido, com a sensação ao colocá-las no corpo. Ela se sente pronta para encarar o novo dia.

Caitlin tem que descobrir um modo de renovar seu guarda-roupa. Agora que finalmente está instalada – e em um castelo com um closet enorme – ela tem certeza que conseguirá pensar em alguma coisa. Se fosse preciso, ela aprenderia a costurar, tricotar – o que fosse necessário. Com todas aquelas ovelhas, ela está certa de que deve haver algum fazendeiro que vende algumas roupas.

Não seria a moda do século XXI, mas também não é isso que ela quer. Ela quer se misturar às pessoas, fazer parte da história deste lugar, deste período e destas pessoas. Mais do que qualquer outra coisa, ela quer viver ali, fazer daquele o seu lar. O que eles vestissem, ela ficaria feliz em vestir também.

Caitlin abre as grandes portas duplas de vidro e sai para o pátio. Ela ergue o rosto para o céu, apreciando a sensação do chão aquecido pelo sol sob seus pés. A freira havia lhe dado novas proteções para a pele e colírio para seus olhos, e o sol não a incomoda. Pelo contrário, ela gosta da sensação.

Ela caminha até a beirada, colocando a mão na mureta enquanto olha para o horizonte. As brisas do mar acariciam seu rosto enquanto ela olha além do céu azul e das montanhas, para as ondas que arrebatam à distância. A praia está completamente vazia. Aquele lugar parece ser tão remoto, que ela se pergunta se alguém viria até aquela praia.

“A, você está aí,” diz uma voz.

Caitlin se vira e fica feliz ao ver Caleb, já vestido e caminhando na direção dela.

Ele anda até ela com um sorriso enorme nos lábios, e ela começa a sorrir também. Ela dá dois passos na direção dele, e eles se

encontram para um beijo apaixonado, abraçando-se. É muito bom estar em seus braços, especialmente logo pela manhã.

Lentamente, eles se afastam, olhando-se nos olhos.

“Sonhei com você,” ele diz.

“Um sonho bom, eu espero.”

Ele abre ainda mais o sorriso.

“É claro.”

Ela está curiosa a respeito do sonho, mas ele não fala mais nada, e ela não quer insistir. Esse era o problema com Caleb: ele as vezes ficava em misterioso silêncio, e era difícil adivinhar os pensamentos dele. É claro, ambos tinham o poder de ler pensamentos, mas ela também havia percebido que, paradoxalmente, quanto mais próximos se tornavam, mais difícil ficava pra ler os pensamentos um do outro. Ela sentia quase como se quanto mais o amor deles crescia, mais este poder se obscurecia – como se certas coisas não devessem ser reveladas.

Ela gostaria muito de saber o que ele está pensando exatamente naquele momento, mas percebe que os pensamentos dele estão protegidos. Ela pega a mão dele e os dois caminham até a sacada.

“Eu adoro esse lugar,” ela fala. “Já estou pensando em todas as maneiras que podemos consertar as coisas.”

Ao dizer estas palavras, ela vê o sorriso dele diminuir ligeiramente. A mudança na expressão é sutil, mas ela o conhece suficientemente bem para reconhecê-la. Ela também sente seu abraço relaxar um pouco, de maneira quase imperceptível. Ela não pode ler seus pensamentos, mas como mulher pode sentir um ligeiro afastamento. *Por quê?* Ela se pergunta.

“Isso seria ótimo,” ele responde.

Mas há algo em seu tom de voz, uma mudança sutil, que lhe diz que há algo o incomodando, que ele está atormentado por algum pensamento.

Ela estaria imaginando coisas?

O que será que aconteceu? Ela se pergunta. Ele está mudando de ideia sobre nós?

Ela o encara, olhando dentro de seus olhos, que observam o horizonte, tentando descobrir sobre o que ele está pensando.

“Você está feliz por ter voltado aqui?” ela pergunta, começando devagar.

“Sim, muito,” ele responde.

Ela gostaria de lhe dizer: *Então por que vejo tristeza em seu olhar? Sou eu? Você por acaso não me ama o quanto pensava?*

Mas ela não tem coragem de dizer isso, e não quer arriscar afastá-lo dela.

Então, Caitlin fica em silêncio. Mas ela sente seu coração se partindo lentamente.

Ela pensa no relacionamento deles, de todos os lugares que já tinham visitado. Nova Iorque, Boston. Edgartown. Veneza. Florença. Roma. Eles estavam sempre fugindo; nunca tinham tido tempo para simplesmente ficarem juntos, em paz; para viverem como um casal normal.

Agora, essa hora havia chegado. Talvez agora que não havia mais obstáculos, que não havia nada impedindo que ficassem juntos, não era mais interessante para ele. Talvez ele tivesse medo de

tanta intimidade. Talvez a única coisa que havia feito com que ele a amasse, tinha sido o fato de que eles não poderiam ficar juntos.

Talvez agora que eles estavam juntos, ele não soubesse como agir.

E seria Caleb realmente o tipo de homem que se contentaria em levar uma vida doméstica, pacífica e sem a perspectiva de uma batalha? Que se contentaria em ter um lar e criar uma família?

Ela começa a se preocupar que talvez ele não seja. Afinal, veja a maneira como ele tinha vivido sua vida pelos últimos milhares de anos. Como ele poderia mudar completamente agora? E só por causa dela?

Ou talvez, Caitlin se pergunta, estivesse imaginando coisas? Ela poderia estar exagerando, interpretando mal a reação dele? Ou estar sendo sensível demais, enxergando coisas que não são verdadeiras? Afinal, tudo o que ele havia dito é que seria ótimo. Ele quis mesmo dizer isso?

Caitlin sabe que precisa investigar isso a fundo. Ela não pode continuar vivendo uma mentira. Se por alguma razão ele não estivesse mais interessado em ficar com ela, ela precisa saber a verdade – simplesmente não lhe resta outra opção.

Ele sente que está começando a tremer suavemente, ao juntar coragem para fazer a pergunta.

“Caleb,” ela começa devagar, com a garganta subitamente seca e a voz trêmula, “Está tudo bem?”

Ele olha para ela, parecendo absolutamente surpreso.

“Você parece... triste,” ela diz. “É como se você não estivesse completamente feliz.”

“Eu...” ele começa, ficando em silêncio. Ela para, suspirando profundamente. “Eu estou extremamente feliz em estar aqui com você.”

Isso é tudo que ele consegue dizer. E para Caitlin, parece forçado.

“Você me daria licença apenas por um instante?” ele pede educadamente.

Caitlin assente com a cabeça, transtornada demais para falar.

E com essas palavras, ele se vira e sai do pátio, e logo está fora do campo de visão dela.

Onde ele teria ido? Por que tinha saído de repente?

Caitlin não faz a menor ideia, mas aquilo confirma suas suspeitas. Ele era incapaz de ficar ali com ela, e apenas apreciar a paisagem. Há algo acontecendo dentro dele, algo forte o suficiente para fazê-lo querer se afastar.

Caitlin sente seu mundo ruindo lentamente.

O que poderia ser?

E então ela se dá conta. Sera. A última vez que ela o tinha visto, ele ainda era casado com ela. Talvez a lembrança dela ainda fosse muito recente em sua memória. Ele ainda tinha sentimentos por ela? Estava pensando nela naquele exato momento? O fato de terem passado a noite juntos teria trazido de volta seus sentimentos por ela?

Deve ser isso, conclui Caitlin. Ela não consegue pensar em outra explicação. Caleb devia estar sentindo falta dela; talvez estivesse se preparando naquele exato momento, para partir a procura dela. Caitlin não consegue ler os pensamentos dele, mas ela é,

afinal, uma mulher. E, como qualquer mulher, ela sente seu coração se partindo em um milhão de pedaços.

* * *

Caleb sai apressado da sacada e atravessa os aposentos de seu castelo, tomado pela emoção.

Apesar de seus esforços, ele não consegue parar de pensar em seu filho Jade. Ele não consegue parar de se lembrar do corpo morto de seu filho em seus braços.

Enquanto caminha rapidamente por outro quarto, ele cai em lágrimas. Ele não podia deixar que Caitlin o visse assim, ele tinha que se afastar dela.

Ele amava Jade com todo seu coração. O garoto era como ele em muitos aspectos, e vinha se tornando um bravo guerreiro e também um garoto notável. Caleb nunca havia imaginado que teria que viver sem ele.

Agora, percebendo sua nova realidade, o peso dos fatos recai sobre ele. Quando Jade havia morrido, Caleb não havia pensando duas vezes quanto à volta ao passado. Pelo contrário, ele tinha ficado animado com a possibilidade de se livrar de Sera, de quem ele nunca havia sido muito próximo, e feliz em estar de volta com Caitlin. Ele tinha ficado satisfeito pela chance de tê-la salvado no Coliseu, e feliz por tê-la ao seu lado de novo. Na verdade, essa é a única coisa que ainda o mantém vivo.

Ele havia estado tão envolvido com os acontecimentos, em encontrá-la e trazê-la até ali, e não tinha tido tempo até agora para realmente sentir o impacto da perda de Jade. Mas subitamente, inesperadamente, ele é tomado pela emoção. E por isso, ele havia se afastado de Caitlin tão rápido.

Aquele seria o primeiro dia dela aqui, eles tinham passado uma noite maravilhosa juntos, e ele só queria fazê-la feliz não quer que ela se envolva em sua tristeza.

Caleb caminha de um aposento a outro, e então passa por uma porta secreta, chegando a uma escada estreita. Ele sobe a escada, fazendo curvas até chegar a uma pequena torre circular de acesso ao terceiro e último andar do castelo. Ali há uma pequena sala de visita, um mirante de pedra que ele gosta de usar quando precisa pensar. Ele senta na beirada da pedra, no lugar de costume, e observa o mar.

Ele pensa sobre sua vida; está feliz em estar ali, naquela época e lugar. Ele mal pode se conter de felicidade por ter Caitlin ao seu lado de novo. Ele se sente arrasado pela morte de Jade, mas quanto mais senta li, refletindo em silêncio, mais ele sente que Jade ainda está com ele, mesmo agora. Ele sabe que não pode viajar para o futuro, e sabe que não pode vê-lo de novo. Ele sabe, com certeza, que tem que aceitar os fatos como são, e deixá-lo partir. Ele respira profundamente, começando a se sentir melhor.

Quanto mais ele pensa, mais ele percebe que quer ter outro filho; desta vez, com Caitlin. O filho que ele nunca tinham tido. Ele sabe que é impossível que dois vampiros tenham um filho juntos, mas talvez houvesse um modo.

Desde que a tinha reencontrado, ele estava esperando um momento para dizer-lhe o quanto ela é importante para ele. A para dizer-lhe que gostaria de passar o resto de sua vida com ela.

Ele estava prestes a levantar o assunto no rio, em Paris, mas tinha ficado nervosa no ultimo segundo, e não tinha conseguido juntar coragem para falar.

Mas agora que ele está aqui, neste lugar, parece ser o momento certo para contar-lhe. Ele analisa as paredes do mirante de pedra,

procurando pelo compartimento secreto que ele sabia estar ali em algum lugar.

Ele passa os dedos pela pedra até que eventualmente o encontra. Ele empurra a manivela, e uma pequena fenda se abre na pedra. Ele a empurra delicadamente e uma das pedras se solta. Caleb coloca sua mão naquele espaço e encontra o que estava procurando; ele a havia colocado ali, centenas de anos atrás. É uma pequena caixa de prata, incrustada de joias. Dentro dela, está guardado o anel de noivado de sua mãe.

Ela o tinha dado a ele, e havia pedido que ele só o entregasse ao seu verdadeiro amor, a pessoa que ele tivesse certeza ficaria com ele pelo resto da vida. Sendo da espécie que é, "para sempre" tem um significado especial.

Caleb nunca tinha dado o anel a Sera, apesar do casamento deles. De alguma forma, algo dentro dele não havia permitido que ele a presenteara com o anel. Por algum motivo, mesmo naquela época, ele já sabia que o relacionamento deles não duraria muito tempo.

Mas com Caitlin as coisas eram diferentes. Ele quer que ela use este anel. Ele tem certeza que não há nada que queira mais do que passar o resto de sua vida com ela. E agora, ele se sente preparado.

É hora de pedir-lhe em casamento.

Caleb abre a caixa devagar, torcendo para que o anel ainda esteja ali dentro.

E está; ele é tão maravilhoso quanto Caleb se lembrava: uma safira enorme de seis quilates, de corte perfeito, rodeada de rubis e diamantes. Ele é tomado pela emoção ao pensar em sua mãe, em Jade, e agora em Caitlin. Na família que eles um dia, de alguma forma, terão juntos.

Agora, ele torce apenas para que ela diga Sim.

* * *

Caitlin caminha pela casa mais uma vez, procurando Caleb por toda parte. Ela não consegue imaginar onde ele poderia ter ido.

E então que ela ouve uma porta rangendo, e vê Caleb descendo por uma escada em espiral. Ele nem sabia que aquela escada existia. Ela se dá conta de que ele estava vindo do telhado, e se pergunta o que ele teria ido fazer lá. E então ela percebe. Ele não teria motivo algum para ir até lá, a não ser que quisesse ficar o mais longe possível dela; para ficar sozinho. Ela vê que a presença dela o está incomodando. Ele quer se distanciar dela, talvez para se preparar para contar a ela que não quer mais que ela fique ali. Ele deve querer dizer-lhe que mudou de ideia sobre viverem juntos, e pedir-lhe que vá embora.

Caitlin sente seu coração apertado à medida que Caleb se aproxima dela e ela vê uma expressão preocupada em seu rosto. Ela pressente que ele está se preparando para terminar tudo com ela. Ele vai lhe dizer que tinha se precipitado ao convidá-la para ficar ali, que não tinha pensado o suficiente a respeito. Que tudo aquilo tinha acontecido rápido demais, e que ele não tinha sido feito para a vida doméstica. Que ele gostaria que ela fosse embora.

Ao se aproximar dela, Caitlin vê que os olhos dele estão vermelhos, e seu coração dispara. Ele tinha chorado? Então não restava mesmo qualquer dúvida. Ele realmente estava se preparando para dizer algo que ela não gostaria de ouvir. Caitlin sente que seu corpo treme de consternação.

“Caitlin,” ele diz suavemente, olhando para o chão.

Ele sequer consegue olhar dentro dos olhos dela. Isso só poderia significar uma coisa. Caitlin nunca se sentiu tão mal. Para onde ela iria agora?

“Caitlin—” ele começa mais uma vez.

Mas ela ergue a mão, interrompendo-o. O que quer que ele esteja prestes a dizer, ela não está interessada em ouvir. Ela não quer ter que ouvir suas palavras de rejeição ecoando em sua lembrança para o resto da eternidade.

“Eu sei o que você vai me dizer,” ela diz com a voz trêmula.

Os olhos dele se abrem de surpresa.

“Você sabe?” ele pergunta.

Caitlin assente.

“E não quero ouvir.”

Caleb parece desapontado. Ela não consegue entender por quê. Ela está poupando-lhe de ter que terminar com ela.

“Sinto muito que tenha acontecido tão rápido,” Caitlin diz. “Talvez se as coisas tivessem acontecido mais devagar, teriam dado mais certo.”

Caleb parece confuso.

“Não se preocupe,” ela diz. “Vou embora agora mesmo.”

E com essas palavras, ela se vira e o deixa sozinho.

“Caitlin!” ele grita atrás dela.

Mas ela não quer ouvi-lo. Ela não quer ter que ouvi-lo dizer que a ama, mas que seu amor por Sera é maior. Ela não suportaria ouvir isso.

Caitlin se vê chorando ao atravessar o salão principal e então a porta da frente da casa que ela tinha aprendido a amar tão rápido.

Ela olha para o chão e vê Ruth aos seus pés, gemendo, e a pega no colo, abraçando-a e beijando-a enquanto lágrimas escorrem por seu rosto.

Caleb aparece correndo pela porta da frente.

“Caitlin, espere, por favor!”

Mas ela não pode esperar. Ela dá alguns passos apressados e salta no ar com Ruth nos braços, e dentro de instantes, está voando para longe daquele lugar.

CAPÍTULO DEZ

Kyle anda pela larga avenida de paralelepípedos tarde da noite, atravessando o centro de Paris. Ele se sente relativamente satisfeito, tendo ido ao bairro da luz vermelha, e se alimentado de várias prostitutas. Ele ainda pode sentir o sangue delas cursando suas veias e, lentamente, está voltando a si.

Ele odeia viajar no tempo. Simplesmente odeia todo o processo. E odeia Caitlin por fazê-lo passar por tudo aquilo. Ele pensa em toda a diversão que está perdendo em Nova Iorque, a intensa guerra – sua guerra – e sente ainda mais ódio por ela. Ele pensa em todas as maneiras que poderia se vingar dela e, pouco a pouco, seu humor começa a mudar.

Kyle passa por vários becos, com os olhos abertos à procura de mais vítimas, mas as ruas estão vazias. Está quase amanhecendo e, aparentemente, as pessoas tinham ido dormir. Ele já

está completamente satisfeito, e se matar mais alguém nesse ponto, será apenas por diversão.

Kyle relembra o passado, há milhares de anos, quando ele e seus amigos costumavam caçar humanos apenas por diversão - aqueles tinham sido os melhores dias de sua vida. Ele se lembra de dias em que enchiam as ruas de corpos sem ao menos se importar em beber seu sangue. Eles se divertiam tanto os assistindo morrer, aquela era uma de suas brincadeiras favoritas.

Hoje em dia, os vampiros são muito conservadores. Eles matam apenas para se alimentar, e se alimentam apenas quando precisam. Quando ele matar Caitlin e descobrir o que tem que fazer para voltar ao futuro, as coisas irão mudar. Ele tornaria a morte de humanos o esporte nacional mais uma vez.

Kyle vira em mais uma rua e finalmente encontra o que estava procurando: um prédio redondo enorme, com grandes colunas de pedra e degraus de mármore. O prédio tem um grande domo, e parece antigo, na verdade não é muito diferente do Partenon, em Roma. O que é bastante apropriado afinal esse prédio também é um panteão: O Panteão de Paris.

Kyle se lembra bem do prédio - é um lugar importante para seu coven, um lugar onde eles sempre haviam estado. Ele é bem diferente do Partenon em Roma: os vampiros aqui são mais desorganizados, e mais democráticos. Em Nova Iorque, ou em Roma, se alguém fizesse algo errado, os líderes tomavam a frente e executavam os transgressores sem piedade. Aqui, os covens eram administrados por um comitê. Por um lado, Kyle respeita isso, pois ele detesta a autoridade. Mas por outro, ele também gosta de ver transgressores sendo punidos, de preferência diante de seus olhos.

Kyle pensa em seu velho amigo Napoleão, e imagina que ele tenha assumido o controle de seu coven. Eles provavelmente estavam lá

dentro, discutindo alguma coisa naquele exato momento.

Kyle sobe os degraus de mármore três de cada vez, ansioso para vê-lo e para deixá-lo saber quem é que manda. Napoleão tem poder, mas não tanto quanto Kyle, afinal, ele já tinha vivido milhares de anos, enquanto Napoleão ainda era apenas uma criança.

Kyle chuta as portas enormes e invade o prédio.

Como ele suspeitava, o enorme prédio de mármore está lotado de outros vampiros, uma completa bagunça. O enorme salão de mármore é redondo e rodeado de grandes colunas em todas as direções. O chão é feito de mármore, e o teto arqueado termina em um óculo. Ele é tão impressionante quanto o Partenon em Roma - exceto pelo fato deste prédio estar lotado de vampiros gritando e empurrando uns com os outros. Como ele havia suspeitado, eles estavam no meio de um intenso debate.

No meio do grupo, em pé em um pequeno pódio, está Napoleão, gritando para ser ouvido.

Kyle puxa e empurra a multidão, usando os cotovelos para chegar até o centro do grupo.

Ao fazer isso, a multidão lentamente começa a perceber a presença dele. Ele é tão alto, que se ergue bem acima dos demais, e as cicatrizes de seu rosto os assustam. Devagar, todos começam a se virar em sua direção.

Kyle não tem a mínima intenção de esperar por sua vez. Ele tem uma missão a cumprir, e Napoleão e seu grupo seriam úteis para ele. Kyle dá dois grandes passos e salta para cima da plataforma. Quando faz isso, ele ergue o braço e agarra Napoleão pelo ombro, erguendo-o no ar, até que ele fica no mesmo nível que ele. O grupo se sobressalta, e então entra em silêncio.

Kyle encara Napoleão com seu rosto desfigurado, e com seu único olho, vê que Napoleão o encara com reconhecimento e medo nos olhos.

“Kyle,” ele sussurra, atordoado.

Kyle abre um sorriso torto. Ele está feliz em rever seu velho amigo. Ele não pode deixar de admirar sua audácia.

“Seu desgraçado,” Kyle responde.

E então, com um movimento rápido, ele arremessa Napoleão para o meio da multidão.

O grupo suspira surpreso quando vários guardas se apressam para tentar segurá-lo. Eles conseguem pegar Napoleão, e olham para Kyle chocados, se perguntando quem teria a audácia de fazer algo assim com o líder deles. Kyle sorri.

“Eu voltei,” ele diz.

CAPÍTULO ONZE

Caleb fica parado na entrada de seu castelo olhando enquanto Caitlin se afasta voando, completamente confuso. Ele não consegue compreender a partida abrupta dela, ou o que poderia ter feito de errado. Ele achava que a noite anterior tinha ido tão bem, e ela parecia feliz em estar ali. Por que a mudança súbita de opinião? Ele tenta pensar no que poderia ter acontecido.

Talvez ela me culpe, Caleb pensa, por ter tido que voltar no tempo por mim. Por ter perdido nosso filho. Se não fosse por mim, ela não teria precisado voltar, e estaria em segurança no século XXI, perto de todas as pessoas que ela conhecia, com tudo que lhe era familiar, e como a criança.

Ou talvez, ele pensa, ela ainda o culpe por tê-la transformado. Ela havia lhe pedido – havia lhe implorado – para que a transformasse, e ele tinha pedido para que ela não fizesse aquilo. Mas ela havia insistido e ele tinha concordado. Ela por acaso guardava algum rancor por isso? Por estar presa em uma vida imortal?

Ou talvez ela não o amasse mais, Caleb pensa, pelo menos não tanto quanto costumava amar. Talvez ela goste da ideia de me amar, mas a realidade de estar aqui, comigo, e construir uma vida juntos talvez a tenha assustado.

Por qual fosse a razão, Caleb precisa saber. Ele não pode simplesmente desistir dela até que tenha conseguido alguma resposta.

Ele sai de casa determinado a encontrá-la, a descobrir os motivos que a tinham levado a partir, e a fazer o que fosse preciso para consertar as coisas. De certo modo, é como se ele estivesse se preparando para uma batalha. Na verdade, ele preferiria estar se preparando para uma luta. Sua situação, ele percebe, é ainda mais complicada; ele está aprendendo que amar, se importar com alguém, muitas vezes, pode ser a batalha mais difícil.

* * *

Caitlin caminha descalça ao lado de Ruth na areia, perto das ondas que arrebentam na praia. O dia está nublado, o vento forte assopra seus cabelos e ela sabe que nunca se sentiu tão mal. No exato momento em que ele havia pensado finalmente ter encontrado paz, que tinha finalmente encontrado o amor verdadeiro, ela tinha descoberto que ele não a amava de verdade, não da

maneira como ela havia pensado. Ela havia sido estúpida, deixando-se viver uma fantasia por todo aquele tempo.

Mas e agora? Sem Caleb em sua vida, ela sente que não tem um objetivo. Ela não faz a menor ideia de onde ir, ou o que fazer agora. Ela poderia voltar a procurar por seu pai, mas por que faria isso? Mesmo que ela o encontre, e ache o Escudo, Caleb ainda não estará ao seu lado.

Ela poderia sair à procura de Sam. Mas sem Caleb, nada disso faz a menor diferença para ela. Caitlin olha para as ondas no mar, perguntando-se por que a vida às vezes era tão cruel. Ela se sente completamente sem esperanças. Subitamente, ela ouve um barulho e se vira. Ela fica surpresa ao ver Caleb andando na direção dela.

Ele caminha descalço na areia, e em sua mão ele carrega uma corda pela qual leva dois lindos cavalos brancos. Ele tem um sorriso tímido e esperançoso no rosto. O coração dela bate acelerado e ela se pergunta o que poderia ter acontecido. Ele tinha mudado de ideia?

Dentro de instantes, ele está a apenas alguns passos dela. Ruth corre até eles, olhando para cima e latindo. Como resposta, os cavalos erguem as cabeças e depois as abaixam. Caitlin não consegue segurar o sorriso.

“Eu não sei exatamente o que acontece há pouco, ou o que eu posso ter feito para ofendê-la,” ele diz, “mas o que quer que tenha sido, sinto muito.”

“Não é nada que você tenha dito,” Caitlin responde. “É o que você deixou de dizer.”

Caleb a encara, sem compreender.

“Eu acho...” Caitlin completa, “... acho que percebi que seu coração pertence a outra pessoa.”

Ele olha para ela ainda mais confuso.

“O que você quer dizer com isso?”

Caitlin o estuda, perguntando-se se ele estava sendo sincero, e pode ver que sim. Agora é ela quem fica confusa.

“Eu... Eu sei que você ainda quer ficar ela,” Caitlin diz, agora sem tanta certeza. “Sei que você se arrepende de tê-la deixado. Sera.”

Caleb começa a rir

“É isso mesmo que você pensa?” ele pergunta. “E eu aqui pensando que você está com raiva de mim por tê-la transformado.”

Agora é a vez de Caitlin ficar confusa.

“Você está tentando me dizer que não está interessado nela?”

Caleb ri de novo.

“Nem um pouco,” ele diz. “Eu nunca me senti tão livre quanto me sinto agora, estando longe dela. Na verdade, ela nem passou pela minha cabeça.”

“Então qual é o problema?” Caitlin pergunta. “Eu vi sua expressão mudar. Você ficou triste de repente, sei que não estava imaginando coisas. Eu pensei que fosse por que você não queria mais ficar comigo.”

Caleb olha para baixo por um instante, com uma expressão sombria.

“Eu estava pensando em Jade,” ele diz, com a voz triste. “Eu ainda sinto muito a falta dele.”

Caitlin sente uma tremenda sensação de alívio tomar conta dela; e sente todo seu corpo se relaxar, seu coração lentamente voltando à

vida. Ela tinha sido estúpida. Por que tinha julgado Caleb tão rápido? Por que não tinha lhe dado o benefício da dúvida?

Ela fica um pouco chateada consigo mesma. Ela já deveria ser mais madura, depois de tudo por que tinha passado e de todos os mal-entendidos. Mas ela ainda é a mesma Caitlin de sempre, destemida diante de uma batalha, mas covarde diante das questões do coração, e quando tem que dizer o que passa por sua cabeça.

“É por causa disso que você foi embora?” Caleb pergunta. “Eu pensei que você também estivesse chateada comigo por causa de nosso filho.”

Caitlin olha para ele, confusa.

“Eu achei que você estivesse arrependida de ter deixado o século XXI, de ter perdido nosso filho para o futuro,” continua Caleb, “e que se arrependesse de ter desistido de tudo para voltar ao passado por mim.”

Caitlin de repente compreende tudo. Ele a tinha interpretado mal, da mesma forma que ela o tinha julgado precipitadamente.

Ela balançou a cabeça.

“Eu realmente sinto falta de nosso filho, muito, independente de quem ele ou ela teria sido,” ela responde. “Mas nem por um segundo me arrependo de ter voltado por você.”

Os dois se aproximam e se beijam. É um beijo longo - de consolo - e quando eles se afastam, ambos estão sorrindo. Ruth corre para junto deles e late. Eles olham para baixo, rindo, tendo finalmente esclarecido a confusão.

“Bem,” Caleb sorri, “eu me lembrei de Edgartown, então pensei que poderia trazer estes cavalos, caso você estivesse disposta a cavalgar comigo novamente.”

“Disposta?” Caitlin responde. “Não há nada que eu gostaria mais.”

“Há um lugar onde gostaria de levá-la,” Caleb diz. “Poderíamos voar, mas acho que seria mais romântico cavalgar, ou caminhar.”

Caitlin abre um grande sorriso. Ela mal pode esperar. Eles montam nos cavalos ao mesmo tempo, e Caitlin leva Ruth enquanto eles cavalgam pela praia.

As ondas arrebentam ao redor deles enquanto eles avançam, e Caitlin não consegue deixar de se lembrar de Edgartown. Em outra época, em outro continente – em outro século, de outra vida. Ainda assim, de alguma forma, tudo parecia ligado, como se tivesse sido exatamente ali, há apenas alguns dias.

Eles cavalgam sem parar por toda a praia, entrando e saindo das ondas. Não há mais ninguém na praia.

Eventualmente entardece, e o sol finalmente se esconde atrás das nuvens, em um por do sol incrível.

Caleb os guia até uma curva, e então se afasta da água até chegar à base de uma colina. Ele para, e Caitlin se aproxima dele.

Eles desmontam, e quando fazem isso os cavalos se afastam galopando. Caitlin os observa com um pouco de preocupação.

“Não se preocupe,” Caleb diz. “São selvagens; eles sempre voltam quando os chamo. E daqui pra frente, não precisaremos deles.”

Ele pega a mão dela e a leva por uma trilha, subindo a colina. Eles caminham por um belo gramado, iluminado pelo sol, enquanto Ruth os acompanha. Caitlin se pergunta onde ele a estaria levando.

Enquanto caminham em silêncio, centenas de perguntas passam pela cabeça de Caitlin, e ela gostaria de fazê-las. Mas por agora, ela

se contenta em apenas caminhar ao lado dele; é bom simplesmente tê-lo por perto, e saber que sua vida está voltando ao normal.

Finalmente eles chegam ao topo da colina, e Caitlin fica impressionada com a paisagem.

Daquele ponto de vista, no topo da colina, em um planalto gramado, ela pode ver milhas e milhas de todos os lados. Ela vê o oceano estendendo-se até o horizonte, e na outra direção vê infinitos campos e colinas repletos de flores selvagens.

Caleb senta na grama, e ela senta ao seu lado. Ruth logo junta a eles também. Eles se deitam, e Caitlin coloca a cabeça no braço dele enquanto olham para o céu. Ele está muito azul, naquele momento entre o dia e a noite, e Caitlin acredita nunca ter visto um céu mais bonito.

Caitlin perde a noção do tempo enquanto ficam ali deitados, em silêncio, observando o universo em movimento. Eventualmente Caleb se senta, e Caitlin faz o mesmo.

Ele olha para ela sério, com uma intensidade que a assusta, como se estivesse se preparando para dizer algo muito importante. Ele limpa a garganta, e ela percebe que ele até mesmo aparenta estar nervoso.

“Caitlin,” ele começa, e então pausa. “Eu quero lhe dizer o quanto você significa para mim. Eu nunca realmente tive a chance, de ficarmos juntos, de pensar em tudo e refletir. Eu quero que você saiba, que mesmo que as coisas tivessem sido diferentes, mesmo que tivéssemos nos conhecido sob outras circunstâncias, eu teria me apaixonado por você da mesma forma.”

Caitlin sente seu coração explodir; é bom ouvi-lo dizer aquelas palavras, saber que ele a ama da mesma forma que ela o ama. Agora, com ele ao seu lado, e com certeza sentindo o mesmo que

ela, ela sabe que não há nada que não possam fazer. Nada no mundo pode impedi-los.

Caleb limpa a garganta mais uma vez, e ela pensa que ele parece ainda mais nervoso do que antes. Ela não consegue imaginar qual poderia ser a razão.

“Caitlin,” ele diz, tossindo. “Há algo que venho querendo lhe perguntar.”

Caitlin não entende por que ele não diz logo, o que quer que seja. Eles já se conhecem a tempo suficiente, por que toda aquela cerimônia? Por que ele está tão nervoso?

Caleb abre a boca para tentar falar mais uma vez, e ao mesmo tempo parece estar colocando a mão no bolso para pegar alguma coisa.

De repente, naquele exato momento, há um tremendo barulho no céu e eles param, olhando ao mesmo tempo para cima.

Bem acima deles, há um enorme falcão, circulando o céu e mergulhando na direção deles. A ave se aproxima tão rápido, parecendo mergulhar direto para a cabeça deles, que eles precisam se abaixar no último instante para evitar serem atingidos. Ela pousa a poucos metros deles, na grama, e se vira, encarando-os com olhos desafiadores.

Após um momento, ela sai voando, batendo suas grandes asas tão perto deles, que Caleb e Caitlin precisam desviar novamente.

Eles se entreolham surpresos, enquanto a grande ave desaparece no horizonte.

Eles então se viram e olham para a grama, no local onde a ave havia pousado, e encontram algo. Um pergaminho. Caitlin percebe que se trata de uma mensagem. Ao olhar mais de perto, seu coração se

contraí. Do lado de fora, com caligrafia feminina delicada, está escrito: "Para meu amor, Caleb."

CAPÍTULO DOZE

Enquanto caminha com Kendra pelos salões dourados de Versalhes, Sam tem dificuldade em se concentrar no que se passa. Depois os dois haviam se conhecido, e Polly tinha saído apressada, eles tinham sido deixados sozinhos. Kendra não tinha falado absolutamente nada para ele, mas o encara de uma forma que Sam sente como se ela estivesse pedindo que ele fique.

Então quando ela se virou, sem dizer uma palavra, e começou a se afastar, ele tinha achando que deveria acompanhá-la. Ele tinha se apressado para alcançá-la, e estava caminhando ao lado dela desde então. Ela não tinha se mostrado surpresa quando ele fez isso, e não tinha pedido que ele fosse embora. Ao mesmo tempo, ela também não havia feito um convite.

Ela é uma pessoa misteriosa, difícil de interpretar. Sam estranha como essa mulher – se é que poderia chamá-la assim aos 17 anos – tinha tamanho efeito sobre ele. Depois de ficar hipnotizado pelos olhos dela, misteriosos olhos azuis, algo havia mudado, e ele agora não consegue pensar em outra coisa. É como se ela tivesse o poder de controlá-lo.

E mesmo assim, ele pode sentir que ela não é de sua espécie. Como era possível que tivesse esse tipo de poder?

Ele sente um grande senso de direito emanando dela. Está claro que ela é um membro da família real; ele pode ver isso pela maneira como ela se move, pela maneira como mexe o queixo e pelo modo como anda. Ele pode ver que ela é obviamente o tipo de pessoa que está acostumada a dar ordens desde que tinha nascido. Ele também sente que é impossível fazer qualquer coisa que não obedecer a seus comandos quando na presença dela.

Não que ele se importe. O coração dele tinha batido mais acelerado quando ela a viu pela primeira vez, e ele não gostaria de estar em qualquer outro lugar que não ao lado dela. Ele sente como se tivesse sido literalmente atingido por um raio. Ele não consegue entender como ela tinha conseguido prender a atenção dele tão rapidamente. Ele nem mesmo a conhece direito. E aquele momento, ele nunca havia acreditado em amor à primeira vista.

Ele se lembra da primeira vez que havia conhecido Samantha, e dos sentimentos que tinha tido. Ele tinha se sentido atraído por ela também, mas tinha sido diferente; com Kendra, ele sente que é algo mais forte, mais profundo.

O momento em que tudo tinha acontecido também era estranho; antes de conhecê-la, ele estava começando a se acostumar com Polly. Ao conhecê-la pela primeira vez, ele tinha ficado surpreso com a beleza de Polly. Mas ela não era de uma beleza estonteante, como Kendra, nem tinha o poder de hipnotizá-lo. E desde que Kendra tinha aparecido, ele não tinha conseguido pensar em mais nada.

Eles caminham pelos corredores do castelo, e seus passos ecoam pelos aposentos de mármore, com janelas do teto até no chão que davam para os jardins de Versalhes, Sam finalmente começa a recuperar os sentidos. Ele começa a se perguntar onde eles estão indo; estando perto de Kendra, ele tem dificuldade de lembrar por que ele está ali. Ele está tendo dificuldade em lembrar qual é sua missão, e por que tinha voltado no tempo.

Uma onda de seu perfume passa por ele, e Sam se sente ainda mais confuso. Ele se esforça para pensar, tentando se lembrar.

Caitlin. Ele queria encontrá-la. Para salvá-la.

Aiden. Polly o tinha levado até ali para conhecê-lo.

Mas ao dar mais uma volta com ela, e passar por outro corredor, as lembranças parecem dissolver-se em seu inconsciente. Por algum motivo, nada daquilo lhe parece tão urgente.

Estranhamente, ele sente como se tivesse todo tempo do mundo, e que nada é mais importante do que estar ao lado de Kendra.

Quando o silêncio entre eles começa a incomodar, Sam finalmente se pergunta se deveria dizer alguma coisa. Ele limpa a garganta.

“Onde estamos indo?” ele pergunta.

Eles caminham mais um pouco em silêncio, e Sam tem a impressão que ela não se dará ao trabalho de lhe dar uma resposta.

“Eu estou indo para a corte,” ela responde altivamente.

Sam sente-se envergonhado. Ele estava se intrometendo? Tinha lhe interpretado mal? Ele deveria deixá-la em paz, e partir na outra direção?

“Você quer que eu a acompanhe?” Sam pergunta.

Ele observa a expressão dela, e percebe um ligeiro movimento em seus lábios, sugerindo um sorriso.

“Como quiser,” ela diz.

Ele não faz a menor ideia do que ela quer dizer com isso, mas decide interpretar como um sim. Ele não está preparado para sair do

lado dela tão cedo, pelo menos não sem que ela lhe diga isso explicitamente.

“Então, quem é você mesmo?” ele pergunta.

Eles continuam caminhando em silêncio, e ela não se incomoda em responder a pergunta dele. Por fim, Sam decide reformular a pergunta.

“Quero dizer, tipo, você mora aqui? De onde você conhece Polly? Eu nunca tinha vindo até aqui,” ele dispara. Sam sabe que deve estar parecendo um idiota, mas não sabe o que mais poderia lhe dizer.

“Isso é óbvio,” ela diz, parando de repente diante de uma porta.

Ela olha para Sam, esperando, impaciente. Ele não faz a menor ideia pelo quê ela está esperando.

E então ele se dá conta. A porta, ela espera que ele a abra para ela. Sem jeito, ele se apressa para abri-la.

Ela se vira e atravessa a porta, sem ao menos lhe dizer obrigada. Sam também entra apressado, correndo para alcançá-la. Eles agora se encontram do lado de fora, caminhando pelos jardins de Versalhes. O dia está muito bonito, ensolarado e quente.

Sam sente algo em sua mão e, ao olhar para ela, vê Kendra colocando uma sombrinha preta e comprida entre seus dedos. Ele não faz a menor ideia por que ela havia lhe dado aquele guarda-chuva, já que não estava chovendo, mas então ele de repente percebe. Ela espera que ele o abra para ela, para bloquear os raios do sol.

Ele presume que ela espere que ele o segure sobre a cabeça dela, então é isso que ele faz. Ela continua caminhando, como se o fato dele segurar uma sombrinha sobre sua cabeça fosse a coisa mais

natural do mundo. Ele começa a se sentir como se fosse um criado dela.

“Respondendo à sua pergunta,” ela diz lentamente, com tom orgulhoso, “Sim. Sou um membro da família real. Sou prima de Maria. Bem mais jovem que ela, obviamente, mas praticamente crescemos juntas,” ela explica. “Na verdade, se formos analisar bem os fatos, eu tenho tanto direito quanto ela à coroa. Mas devido a questões de legitimidade, as glórias pertencem a ela.”

Sam olha para ela de um modo diferente. Uma rainha frustrada - isto explica tudo, ela certamente se comporta como uma.

Mas mesmo que ele não soubesse disso, mesmo se ela não fosse da família real, ele sabe que ainda teria se sentido atraído por ela.

“A vida pode ser muito monótona,” ela continua, suspirando. “Sim, temos muitas festas e bailes, e muitas visitas importantes. Mas há também infinitas formalidades, etiquetas, jantares tediosos e muitas cerimônias. Eu preferiria estar em qualquer outro lugar. Cavalgando, como os homens fazem; atirar com arco e flecha é algo que gostava de fazer quando criança, mas que é proibido para mim agora. Nossa única esperança é encontrar um marido. Essa é a soma de todas as nossas ambições – bastante entediante, se quiser saber minha opinião. Na verdade, acho que as coisas deveriam ser invertidas. Creio que a soma de todas as ambições deveria ser que o homem encontre uma mulher, - e que elas sejam livres para fazerem o que quiserem.”

Sam se surpreende com a estranha combinação entre silêncio total e então, um incrível e detalhado monólogo. Ele se pergunta se ela estaria se abrindo com ele por que sentia próxima a ele de alguma forma, ou se ela seria assim com todas as pessoas.

“Bem, ao menos vejo que você tem opiniões fortes,” ele diz com um sorriso.

Ela se vira e olha para ele com um olhar frio, e ele percebe que havia se equivocado. Aquela garota não parecia gostar de sarcasmo.

“É brincadeira,” Sam diz, tentando aliviar a tensão.

“Isso é aparente,” ela diz com desdém.

Eles caminham ao longo de uma moita perfeitamente aparada, enquanto jardineiros trabalham sem parar cortando, aparando e cuidando das longas fileiras de roseiras.

“A única coisa que trás vida para nossas festas é a sua espécie,” ela diz, ao pegarem outra trilha, passando por uma enorme fonte de água.

Ah, Sam pensa. Ao menos ela já sabe que sou um vampiro. Isso é um alívio, significa uma coisa a menos que ele deve explicar.

“Vocês representam um elemento de imprevisibilidade na equação,” ela continua. “Um elemento de liberdade. Gosto de assisti-los treinando, de vê-los em batalhas. Suas técnicas – sua espécie faz com que nós humanos fiquemos em alerta. Se formos terrivelmente sinceros, sua espécie é a única coisa que mantém a família real na linha.”

Eles caminham por um tempo em silêncio, enquanto Sam repassa a conversa em sua cabeça, pensando em tudo que ela havia dito.

“Mas, me fale sobre você?” ele pergunta de repente, sem pensar muito antes de falar. “Você tem namorado?”

Imediatamente, ele percebe que cometeu um erro. Ele tinha sido direto demais, como sempre. Ele deveria ter sido mais sutil.

Ela se vira e o encara com olhar estarecido.

“O que você disse?” ela diz. “Você é muito inconveniente. E grosseiro.”

“Eu só estava perguntado,” ele fala baixinho, sentindo-se abatido.

“Isso não lhe diz respeito,” ele completa.

Eles continuam caminhando em silêncio, a tensão entre eles crescendo a cada segundo, até que finalmente chegam a um pequeno palácio. Sam está confuso. Ele acreditava até então que havia apenas um palácio em Versalhes. Ele nunca tinha pensado que Versalhes era formado por diversos palácios em uma única propriedade – um mais imponente que o outro.

Ao chegarem à porta da frente, vários empregados se apressam para abrir a porta para ela. Sam lhe devolve a sombrinha, e ela para diante dele, olhando em seus olhos. Ele fica surpreso que ela tenha parado; ela tinha deduzido que ela não gostava dele, que ele tinha estragado as coisas e que ela simplesmente iria embora.

Ela olha para ele e, mais uma vez, ele fica encantado pelos olhos dela e fica paralisado, como se estivesse hipnotizado.

Sam sente seu coração batendo acelerado, enquanto os olhos dela encontram os seus. Ele tem certeza que, desta vez, ela está lhe mandando um recado.

“Você é diferente dos outros,” ela diz suavemente, fora do alcance dos guardas. “Os outros são velhos, estão aqui há milhares de anos. Eles são bem mais previsíveis; você é mais jovem, mais ingênuo. Isso é uma coisa realmente ótima.”

Sam não sabe como responder.

“Bem,” ele diz, sorrindo, “Já que é assim, você também não é tão mal.”

Mais uma vez, seu sarcasmo não surte efeito. Ela o encara friamente, e ele tem a impressão que desta vez certamente estragou tudo.

Mas de repente, ela fala:

“Respondendo a sua pergunta: Não. Não tenho, mas talvez muito em breve, terei.”

Então sem dizer mais nada, ela se vira, se afastando. Sam fica parado observando ela ir embora, sem poder falar nada.

CAPÍTULO TREZE

Caitlin fica sentada com o coração sobressaltado enquanto Caleb, sentado diante dela, lê o pergaminho com um olhar preocupado no rosto.

Ela ainda não consegue acreditar. O momento tinha sido mágico, um dos pontos altos no relacionamento deles, e Caitlin havia sentido que Caleb e ela estavam prestes a se tornar ainda mais próximos. E então aquela ave idiota tinha quer ter aparecido, surgindo aparentemente do nada, e mergulhado entre eles como um mensageiro dos mortos.

O que quer que esteja escrito naquela mensagem, ela não consegue mais suportar o suspense. O coração dela agora bate acelerado não por amor e felicidade, mas de antecipação e medo.

A carta tinha sido assinada *com amor*. Isso só poderia significar uma coisa. A carta era de Sera. Quem mais assinaria assim?

O corpo Caitlin estremece de raiva. Sempre, a todo instante, Sera e alguma forma consegue se tornar uma pedra em seu sapato.

“E aí?” Caitlin finalmente pergunta, com mais rancor em sua voz do que tinha sido sua intenção.

Mas ela simplesmente não consegue mais esperar.

Caleb finalmente olha para cima, com uma mistura de preocupação e tristeza estampadas no rosto.

“É uma mensagem de Sera,” Caleb diz. “Ela diz que Jade está vivo. Que ela conseguiu ressuscitá-lo, e trazê-lo de volta no tempo; diz que ele está aqui, agora. E que ele quer ver-me.”

Caitlin sente seu coração apertado; é como se ela tivesse sido apunhalada. Ela já consegue ver, pela expressão no rosto de Caleb, que aquela é uma oferta que ele simplesmente não conseguirá recusar. E se ela tentasse impedi-lo de qualquer forma, ele ficaria ressentido, e a veria sempre como a pessoa que o havia impedido de rever o filho.

“Como isso é possível?” Caitlin pergunta. “Como alguém conseguiria ressuscitá-lo?”

Caleb olha mais uma vez para a carta, balançando a cabeça e parecendo bastante confuso.

“Eu não sei,” ele responde. “Realmente não compreendo.”

Ele olha para ela com tristeza e culpa.

“Caitlin,” ele diz, e ela pode ouvir a amargura e o desejo em sua voz. “Eu sinto muito, eu nunca faria qualquer coisa que a magoasse. Eu nunca a deixaria, mas isso é diferente, é meu filho.”

Caitlin, de repente, se levanta tomada pela raiva. Caleb também fica em pé.

“Você precisa entender,” ele diz, esticando o braço e segurando Caitlin quando ela tenta se afastar. Ele a vira, forçando-a a encará-lo. “Ele é meu filho. E essa é uma oportunidade para que eu o veja vivo novamente. Como eu poderia abrir mão desta chance?”

“Você a ama,” Caitlin diz. “Ainda a ama.”

“Não,” ele insiste. “Eu juro para você, não a amo. Isso não tem nada a ver com Sera. Isso diz respeito a Jade.”

Sem conseguir se controlar, Caitlin começa a chorar.

“Como posso provar que digo a verdade?” ele pergunta. “Você conheceu Jade, sabe que ele é uma criança especial. Como posso dar-lhe as costas? Como eu poderia simplesmente escolher não ir vê-lo?”

Caitlin fica parada, chorando, sem saber o que dizer.

“Você poderia vir comigo,” Caleb diz. “E eu provarei para você. Eu mostrarei para você que isso não diz respeito à Sera. Iremos juntos, veremos Jade, e então poderemos trazê-lo de volta até aqui, para viver conosco.”

“E você acha realmente que Sera permitiria isso?” Caitlin pergunta. “Acredita realmente que ela permitiria que levássemos seu filho dessa forma?”

Caleb franze a testa.

“Ele é meu filho, também. E independente do que ela queira, não tenho planos de passar um minuto de meu tempo junto a ela; estou indo para ver meu filho. Você vai ver, iremos até lá para buscarmos Jade, e então voltaremos.”

Caitlin balança a cabeça sem parar.

“Eu nunca poderia acompanhá-lo, e você sabe disso. Eu não suportaria ver Sera, e não quero me intrometer no relacionamento de vocês dois.”

“Eu não tenho relacionamento algum com ela,” Caleb insiste. “Você precisa acreditar em mim.”

“Então é por isso que vai me abandonar para ir vê-la?”

“Caitlin,” ele diz suavemente. “Por favor, tente compreender. As coisas não são assim.”

Caitlin lhe dá as costas, enxugando suas lágrimas. De costas para ele, ela diz:

“Você não precisa da minha permissão; se você quer realmente ir, então vá.”

Vários segundos se passam. Ele se aproxima dela, colocando a mão gentilmente sobre seu ombro.

“Você vai esperar por mim? Estará aqui quando eu retornar? Será apenas por alguns dias, eu prometo. Eu vou voltar, e trarei Jade comigo. E então podemos realmente começar nossa vida juntos. Você me espera? Por favor, prometa!”

Ela se vira, e olhando bem dentro dos olhos dele, sentindo-se rejeitada, sua tristeza se transforma em determinação.

“Eu não lhe prometo absolutamente nada.”

CAPÍTULO CATORZE

Kyle fica diante de Napoleão dentro do pequeno salão lateral do Partenon. Depois de sua entrada dramática, Kyle havia se retirado com Napoleão, que arquejava como um garoto repreendido, cercados por uma dúzia de seus mais fiéis seguidores.

Os homens de Napoleão haviam tentado acompanhá-lo para dentro do quarto, mas Kyle tinha ordenado que ficassem do lado de fora. Eles tinham olhado para Napoleão esperando a aprovação dele, mas ele havia baixado os olhos e assentido lentamente, claramente constrangido por não estar mais dando as ordens.

Um deles simplesmente não tinha desistido, então, Kyle havia caminhado até ele, pegado o vampiro no colo, e o arremessado com tanta força que ele tinha atravessado o ar, passando pela porta, até parar no corredor.

“Esperem lá fora,” ele ordena aos outros.

Eles obedecem prontamente e se apressam em sair, deixando apenas Kyle e Napoleão entreolhando-se dentro da pequena sala.

“Você não precisa ser sempre tão dramático,” Napoleão reclama. “Eu o teria acompanhado até aqui se tivesse me pedido. Não é preciso que dê ordens aos meus homens.”

“*Seus* homens?” Kyle pergunta. “A única razão pela qual você tem qualquer tipo de poder sou eu. Eu posso fazer o que quiser, inclusive tirar todo o seu poder.”

Napoleão finalmente se acalma, como se de repente estivesse pronto para receber ordens de seu comandante.

“Por que você está aqui?” Napoleão pergunta “Eu pensei que você estivesse cuidando de sua guerra em Nova Iorque?”

“Eu estava,” Kyle dispara. “Mas uma garota entrou em meu caminho. Uma garota muito irritante chamada Caitlin, seu namorado, Caleb, e o irmão dela, Sam; os três, arruinaram meu plano. Voltei no tempo para cuidar deles de uma vez por todas.”

“E daí?” Napoleão dispara. “O que eu tenho a ver com isso?”

“Eles vieram para o seu tempo e para sua cidade, infelizmente para você,” Kyle responde. “Você e seus homens terão que me ajudar a encontrá-los e a matá-los.”

Napoleão encara Kyle, completamente indignado.

“Você escolheu o pior momento possível. Não temos tempo para tais distrações no momento. Estamos às vésperas de uma revolução. Meus homens – mal posso controlá-los, eles querem uma revolução. Eles querem a democracia. E querem não querem mais viver às margens da sociedade.”

“Perfeito,” Kyle diz. “Nos lhes daremos a guerra que tanto querem. Atacaremos Versalhes.”

Napoleão ergue as sobrancelhas.

“Impossível,” ele grita. “Nós nunca venceríamos. Eles têm centenas de soldados vampiros defendendo o lugar. O coven de Aiden - meus homens jamais conseguiriam sobreviver a um ataque.”

“Isso é por que você não é tão bom estrategista quanto eu,” Kyle retruca. “Nós atacaremos, e os destruiremos. É lá que estão os amigos de Caitlin e quando eu os matar, poderei acabar com ela facilmente. Mas você tem razão, não atacaremos abertamente. Ao invés disso, criarei uma distração.”

“Que tipo de distração?” Napoleão pergunta impaciente.

“Os sete selvagens,” Kyle declara.

Os olhos de Napoleão se abrem de surpresa.

“Impossível. Eles estão trancados há anos; não, é muito perigoso.”

“É precisamente por esta razão que iremos soltá-los,” Kyle responde, com um sorriso nos lábios.

Napoleão começa a andar pelo quarto, pensando.

Kyle sabia que seria um choque – aquele era um plano inesperado. E é precisamente por esta razão que era tão brilhante. Os sete selvagens, todos sabiam, eram os vampiros mais terríveis a jamais colocarem os pés na terra. Eles não pertenciam a qualquer coven, e tinham sido capturados em Paris há centenas de anos. Eles estavam apodrecendo na prisão, nas entranhas da Bastilha. Se fossem libertados, causariam uma destruição sem precedentes – o que é exatamente do que Kyle precisa.

Mas eles também representam um risco: eles são tão capazes de se virarem contra Kyle e seus homens quanto contra os humanos. Eles são uma máquina de destruição, e centenas de anos tinham sido necessários para capturá-los; tanto a raça humana quanto a vampira tinham ficado felizes por eles estarem onde estão.

E, exatamente por isso, Kyle os libertaria. Ninguém estaria esperando por isso, e assim ele criaria exatamente o tipo de distração de que tanto precisava.

“Nós os libertaremos,” Kyle ordena. “E então atacaremos. E seus homens também terão a revolução que tanto desejam.”

“Mesmo se quiséssemos,” Napoleão diz, “é impossível. Eles estão presos na Bastilha. Há legiões de guardas cercando-os por todos os lados. E eu ouvi dizer que eles estão presos em uma cela especial, impenetrável. É melhor esperarmos,” ele completa. “Eu tenho espiões dentro do palácio de Versalhes. Uma espiã, que responde a

mim. Ela me dirá tudo que precisamos saber. Só precisamos esperar por ela.”

“Também tenho alguém infiltrado,” Kyle fala.

“Quem é o seu espião?” Napoleão pergunta.

“Quem é a sua?” Kyle também quer saber.

Nenhum dos dois responde, sem confiarem um no outro.

“Isso não importa,” Kyle diz, finalmente. “Nós não vamos esperar por ele. Nós nunca esperamos por nada; nós iniciamos as coisas, esta guerra é nossa.”

“Não gosto disso,” Napoleão fala.

Kyle dá um passo à frente, olhando Napoleão de maneira ameaçadora e cheia de escárnio.

“Bem, então fico feliz que você não esteja no comando.”

CAPÍTULO QUINZE

Enquanto caminha sozinha pelo campo, voltando para o castelo de Caleb, Caitlin sente seu mundo desmoronar. Ela está transtornada, e mal presta atenção para onde está indo. Ela não olha para o mar, nem ouve as ondas arrebatando na praia, - ou Ruth correndo ao seu lado, carente de atenção. Caitlin está alheia a tudo que se passa a sua volta. Mais uma vez, ela tinha baixado suas defesas,

tinha achado que estava pronta para o amor e havia permitido que Caleb se aproximasse. E mais uma vez, seu coração tinha se partido.

Ela se sente extremamente culpada. Quantas vezes se permitiria ficar tão vulnerável, apenas para se magoar novamente? Quanto ela aprenderia a lição de uma vez por todas? E como tudo podia ter terminado tão rápido?

Caitlin se pergunta por que sua vida nunca parecia ser normal. Ela senta como se estivesse sempre subindo até o pico das montanhas mais altas, apenas para ser derrubada até o poço mais profundo. Tudo o que ela deseja é uma vida normal, um relacionamento estável, e um lugar para chamar de lar. E ela havia acreditado ter encontrado exatamente isso. Este lugar parecia ser imperturbável; ela havia pensando que ali, nada poderia alcançá-los.

E então, como um raio que atravessa o céu azul ensolarado, aquele pássaro horrível tinha aparecido, trazendo aquela mensagem de Sera, em sua caligrafia horrível. É simplesmente injusto, e faz com que ela queira gritar e brigar com o mundo.

Caleb a tinha levado até o cume daquela colina bem de repente, naquele momento especial que ela acreditava não terminaria nunca, e havia partido da mesma maneira súbita. Ela se lembra de ter assistido enquanto ele se afastava voando, batendo as asas enquanto ia ao encontro de Sera – como se não pudesse esperar mais nem um minuto para voltar para o lado dela.

Talvez ela não estivesse sendo muito justa. É claro, ele havia dito que estava indo para se encontrar com o filho. Mas ele estava mesmo sendo sincero? E que diferença isso fazia? Afinal de contas, ele a veria - independente das razões que o levassem até lá. Ele está correndo atrás dela, um segundo após ter recebido sua carta.

É difícil para Caitlin decidir no quê acreditar.

Não é justo, Caitlin pensa mais uma vez, fazendo um careta, explodindo de raiva.

Com a mesma rapidez, sua raiva se transforma em tristeza, e ela sente as lágrimas começarem a escorrer em seu rosto novamente. Para onde ela iria agora? O que ela faria? Ela tinha viajado no tempo por Caleb. Ele havia se tornado sua missão. E agora, sem ele, qual seria seu propósito na vida? Ela tinha cometido um erro ao tornar o amor sua única missão? Em fazer daquele relacionamento sua única prioridade?

Quando ela havia tomado esta decisão, nada mais lhe parecia importante. E no fundo, ela ainda sente que o amor é o maior propósito na vida de qualquer pessoa. Mas agora, naquele instante, com o coração partido, ela não consegue deixar de pensar que cometeu um erro. Ela sente que deveria ter se concentrado em coisas mais importantes.

Em qualquer coisa, exceto no amor.

* * *

Caitlin chega ao castelo vazio de Caleb ao entardecer com as pernas cansadas pela caminhada.

Ela tem a impressão que horas se passaram desde que tinha deixado o topo da colina. A longa caminhada havia clareado seus pensamentos, e agora ela se sente apenas vazia e deprimida – completamente sozinha.

Agora, ao invés de ver o castelo como seu novo lar, e pensar com ansiedade em todas as maneiras em que poderia arrumá-lo, um lugar onde poderia passar o resto de sua vida em paz, ela o vê apenas como uma lembrança de Caleb, e do fato de ter sido abandonada por ele.

Ao entrar no castelo, ela acende algumas velas, apenas o suficiente para enxergar; o ambiente escuro combina com seu humor. Ruth geme, e Caitlin instintivamente vai até o quarto onde as sobras da carne de veado estão guardadas; ela pega alguns pedaços e alimenta Ruth, que come tudo com muito gosto. Para um animal tão pequeno, ela come bastante e parece faminta.

Caitlin não sente a menor fome. Ela havia perdido todo o interesse por comida.

Ela sobe para o segundo andar sozinha, tentando não pensar em Caleb, e vai até o quarto. Sentando-se à escrivaninha, ela olha para fora da janela. Diante dela, os últimos raios de sol estão sumindo no horizonte e, à distância, a lua começa a surgir.

Caitlin acende uma vela e a deixa por perto, enquanto estica o braço e pega o seu diário. É isso que ela precisa agora, o único amigo a quem pode recorrer seja qual for a situação para colocar em palavras todas as suas mágoas e frustrações. O diário tinha se tornado um amigo em quem podia confiar, o único denominador comum a todas as suas viagens.

Ela abre a pesada capa de couro, e as páginas entortam. Caitlin observa sua caligrafia, virando as páginas, e percebe o quanto ela havia mudado com o tempo, os diferentes tipos de tinta, as diferentes canetas... Algumas páginas haviam se tornado mais grossas, cobertas por manchas de sujeira ou vinho; o diário parece ter milhares de anos, e ela se surpreende com sua espessura. Ela tinha realmente feito tudo aquilo?

As páginas estão se tornando completamente preenchidas, e Caitlin precisa continuar virando para encontrar uma que esteja em branco. Finalmente, ela encontra e, pegando a pena e a tinta que havia encontrado, ela a mergulha na tinta e começa a escrever.

* * *

Eu não sei como me permiti chegar a essa situação mais uma vez. Eu havia me prometido que não deixaria que isso acontecesse; que não me apaixonaria de novo por alguém que talvez não pudesse ficar ao meu lado. Desta vez, no entanto, as coisas pareciam diferentes, e Caleb parecia muito sincero. E o que é ainda mais difícil, é que uma parte de mim ainda acredita que ele esteja sendo sincero, que se aquela carta não tivesse sido entregue, ainda estaríamos juntos.

Sera - eu a odeio. Ela está sempre por perto, pronta para nos separar.

Mas estou me adiantando muito. Preciso dar um passo para trás, para descobrir como tudo isso começou; como cheguei até aqui, desde o começo.

Tudo começou em Nova Iorque, meu Deus. Tenho a impressão que tudo se passou em outra vida. Eu era apenas uma adolescente normal, vivendo com uma mãe que não gostava de mim, e de quem eu também não gostava, e um irmão mais novo, extremamente irritante, que eu amava muito.

Mas, é claro, não havia nada de normal nisso. Eu era uma mestiça, como logo descobriria. Um híbrido; metade humana, metade vampira – e me tornei adulta na pior hora possível.

Havia aquela escola pública horrorosa, e Jonah, o primeiro rapaz de quem realmente gostei. Tivemos nosso primeiro encontro, e me alimentei pela primeira vez. Fiquei tão constrangida por ter fugido naquele primeiro encontro, e ainda mais constrangida ao acordar no dia seguinte, sem ter a menor ideia de onde eu estava – tendo me alimentado de sabe-se lá o que.

Da noite para o dia, minha vida mudou. Passei a ser perseguida por um coven de vampiros, que me capturaram e estavam decididos a me matar. Consegui fugir com a ajuda de Caleb, e aquela foi a

primeira vez que o vi. Eu o amei desde a primeira vez que coloquei os olhos nele – e não deixei de amá-lo um só segundo desde então.

Ele me levou até seu povo, seu coven, nos Claustros. Mas eles se recusaram a me aceitar. Eu fiquei sozinha, e quase fui morta novamente, até que Caleb me salvou mais uma vez, e se virou contra seus companheiros para poder me levar embora.

Então veio a busca por meu pai, meu verdadeiro pai, pela espada mística para a qual ele me guiaria e que salvaria a humanidade. Ou alguma coisa nesse sentido. Da maneira como entendo, essa na verdade era uma busca para que eu descobrisse quem eu era. Ou o que eu era.

Caleb e eu buscamos juntos, de uma cidade à outra, por toda a Costa Leste. Do Vale Hudson a Martha's Vineyard à Boston. Um dia cavalgamos na praia, e depois passei a noite com Caleb pela primeira vez... Foi maravilhoso.

Mas assim que nosso romance começou a dar certo, o perigo veio ao nosso encontro. Eu encontrei a Espada, mas fui atacada por Sergei, o companheiro sem escrúpulos de Kyle, que me apunhalou nas costas com ela. À beira da morte, implorei para que Caleb me transformasse.

Ele me ouviu.

Fui levada até Pollepel, uma ilha no rio Hudson, para recuperar-me – mais uma vez, salva por Caleb. Mas ele me deixou lá, para voltar com Sera para junto de seus companheiros. Ele disse que era apenas para ajudá-los, para salvá-los da Guerra. Eu tinha ficado tão enciumada, que ao invés de lhe dar o espaço que pedia, acreditei que ele amava Sera.

Treinei naquela ilha, e conheci Polly, minha melhor amiga, e Aiden, meu professor e mentor, além de Blake, um garoto misterioso que

eu amava, mas que nunca compreendi completamente. Eu treinei e lutei e me tornei uma guerreira. Tornei-me quem eu deveria ser.

E então descobri que estava grávida, e isso me balançou. Eu tinha certeza que Caleb estava em perigo; abandonei a ilha para salvá-lo. Aiden havia dito que se eu sáísse de lá, jamais poderia voltar. Escolhi Caleb; ele era mais importante para mim.

Juntei-me à Sera e, juntas, lutamos para salvar Caleb, que tinha sido capturado durante a Guerra Vampira. Nós o encontramos, capturamos o coven de Kyle e estávamos prestes a soltar Caleb.

Mas Sam tinha se envolvido estava sendo influenciado por Kyle, e usando seus poderes de transmutação para o mal, tinha nos enganado. Ele havia tentado me matar, mas Sera deu sua vida para salvar a minha.

Na verdade, Sam conseguiu o que queria, enganando-me e fazendo com eu matasse Caleb – com minhas próprias mãos, com a Espada.

Aiden havia dito que existia uma chance de salvar Caleb: se eu voltasse no tempo. Eu concordei em perder nosso filho, abrir mão de tudo, para tentar. Aiden me disse que eu nunca poderia voltar, desisti de tudo por causa de Caleb.

De repente me vi na Itália, em 1791. Assis, Veneza, Florença, Roma, foi um turbilhão de emoções. Em Veneza, a princípio, não consegui encontrar Caleb, e então quando o encontrei, meu coração se partiu ao descobrir que ele não se lembrava de mim. Mas eu me apaixonei por Blake, e em Florença finalmente encontrei uma pista que me levaria até meu pai. Mas, mais uma vez, Kyle havia surgido; ele nos capturou e roubou a pista.

Em Roma, lutei para salvar minha vida no Coliseu, durante os jogos cruéis organizados por Kyle. Por minha causa Blake havia morrido, tendo sido apunhalado em meu lugar. Nada tinha doído tanto quanto aquilo.

Quantas pessoas teriam que morrer para me manter viva?

E então Sam havia aparecido. Pensei que ele tentaria me matar, mas ao invés disso ele me salvou. Assim como Caleb, que finalmente tinha se lembrado. Nós três lutamos para sair de lá juntos, e fomos até o Vaticano.

Lá, conheci o meu povo. Meus verdadeiros companheiros. Eles me deram a primeira das quatro chaves que preciso para encontrar meu pai. E depois nos enviaram de volta ao passado – mais uma vez.

E aqui estou agora, neste novo tempo e lugar. Finalmente junto à Caleb – ou assim eu pensava. Tinha certeza que este seria o lugar e época em que finalmente ficaríamos juntos. Quando tudo seria perfeito.

E agora, tudo parece estar desmoronando mais uma vez.

E quem sou eu agora? Uma filha sem seu pai? Uma irmã sem seu irmão? Uma garota sem seu amor? Eu deveria estar procurando pelo Escudo? Deveria estar procurando por meu pai? Deveria correr atrás de Caleb? Deveria esperar por ele aqui?

Ou simplesmente deixar este lugar para sempre?

* * *

Caitlin atravessa as portas do castelo e corre pela noite em meio à grama na altura de sua cintura. Ela corre tentando alçar vôo, tentando voar pelo ar, mas suas asas não funcionam. Ela corre mais rápido, tentando saltar, - tentando se erguer no ar, mas nada acontece. Enquanto continua correndo, ela fica se mar, e finalmente percebe que não tem o mesmo poder de antes.

À distância, no horizonte, uma figura solitária permanece em pé, o contorno do seu corpo delineado contra a lua cheia. O céu está iluminado por uma lua enorme, clareando centenas de pequenas

nuvens. Caitlin corre em direção à figura, sentindo que pode ser seu pai; ou possivelmente Caleb.

Enquanto ela corre, de repente, a paisagem se inclina, e ela se vê correndo em direção a um vale. Eventualmente, ela está correndo do outro lado dele, subindo uma enorme colina. Mas a colina se torna muito íngreme, e ela se cansa. A figura solitária continua em pé, chamando por ela, mas é muito difícil chegar até lá.

A paisagem se torna cheia de pedra, e Caitlin começa a escorregar em algumas pedras quando tenta correr pela lateral da montanha. Ela não consegue se segurar, e quando perde o apoio, começa uma avalanche.

Ela escorrega. Ela se agarra a uma pedra grande, ficando precariamente pendurada, e olha para cima, esperando por ajuda.

Seu pai olha para baixo, com a mão estendida.

"Ajude-me!" Caitlin grita.

"Encontre-me, Caitlin," ele responde, com sua mão quase ao alcance da dela. "Não desista da busca."

Caitlin ergue o braço, tentando tocar a mão de seu pai, mas perde o equilíbrio e, de repente, está caindo da montanha, escorregando cada vez mais, até se ver caindo eternamente em um buraco negro. Ela grita com todas as suas forças, sabendo que está caindo para a morte.

Caitlin acorda aos gritos.

Ela olha a sua volta, ofegante, tentando se localizar.

Ela vê uma vela queimando no canto do quarto e Ruth deitada aos seus pés na cama, observando-a com olhar preocupado. Ela vê a

enorme janela, aberta para o luar, e percebe que tinha sido apenas um sonho. Ela ainda se encontra no castelo de Caleb.

Caitlin sai da cama completamente coberta de suor, e caminha descalça pelo chão de pedra do quarto. É estranho estar naquele castelo enorme sozinha, estar na cama de Caleb sem ele. Ela se sente como uma intrusa e fica um pouco desorientada.

O sonho como sempre, tinha sido parecido real. O coração dela ainda bate acelerado enquanto ela atravessa o quarto, e então as grandes portas duplas de acesso ao terraço. Ela pega uma jarra de água e bebe em pé na sacada, olhando a paisagem – a garganta dela está seca.

Ela ouve um gemido e, ao olhar para baixo, vê que Ruth está em seus pés, olhando para ela. Ela coloca o restante da água no chão, e Ruth bebe o que sobrou.

Caitlin avalia o céu iluminado pela luz da lua. Por mais que tivesse gostado de estar ali no dia anterior, agora, seu sentimento é outro. Tudo ali lhe parece errado; apesar das circunstâncias incomuns, ela ainda sente como se tivesse sido rejeitada por Caleb. Ela acha que ele deveria ter se recusado a ir, e se contentado em ficar com ela. Ele não deveria ter ido atrás de Sera assim que ela o tinha chamado. Ela sabe que está sendo um pouco egoísta, e compreende que ele sintia falta do filho.

Mas ainda assim, ela sente que merecia um pouco mais de consideração.

Caitlin se distrai, ficando parada ali sem se dar conta do tempo, e lentamente assiste ao amanhecer do dia, à medida que o céu azul escuro gradualmente se torna mais claro. Ela está confusa em relação a uma série de coisas; talvez seu sonho tenha sido um recado – talvez ela deva mesmo se concentrar em sua missão. Talvez o momento tivesse chegado em que ela teria que abrir mão de Caleb em sua vida.

Afinal de contas, Caitlin quer desesperadamente encontrar seu pai. Ela quer deixar todas as buscas para trás, e voltar a viver uma vida o mais próxima do normal possível. E de alguma forma ela sente que, enquanto não conseguir encontrar seu pai, sua vida não será nada normal.

Quando o dia começa a amanhecer, Caitlin percebe que precisa clarear a cabeça, parar de pensar em tantas coisas diferentes e conflitantes ao mesmo tempo. Ruth dá mais um gemido e, desta vez, Caitlin a pega no colo. Está claro que Ruth precisa caminhar, e Caitlin também sente que isso lhe fará bem.

Caitlin desce as escadas e sai do castelo, durante a manhã, e segue a trilha que atravessa os campos. A trilha atravessa uma parte de floresta fechada, e Caitlin percebe que aquele é o lugar ideal para uma longa caminhada.

Caitlin caminha pela floresta, já se sentindo bem mais relaxada. O lugar em que ela está é mais escuro, praticamente ainda é noite, e está bem mais calmo. Ela está cercada de árvores gigantescas que bloqueiam a maior parte do céu, e pode ouvir o canto dos pássaros que acabam de acordar – é bastante relaxante.

Caitlin considera seus próximos passos. Ela se vê pensando no pergaminho que ainda não tinha lido, a carta de seu pai. Talvez agora fosse a hora de abri-lo, talvez ela contivesse algo que lhe diria o que tem fazer, qual caminho deve seguir. Talvez ela estivesse sendo punida por não ter seguido sua missão desde o princípio, talvez todo esse drama fosse necessário para forçá-la de volta ao caminho certo.

De repente, ela ouve o barulho de um galho se partindo, e se vira imediatamente na direção do som.

Ela fica surpresa ao descobrir tinha sido seguida por um homem mal encarado. Ele é duas vezes o seu tamanho, um verdadeiro

brutamonte sem dentes. Ela pode ver que ele não tem boas intenções em seus grandes olhos pretos.

Caitlin ouve outro barulho e vê que há mais dois outros bandidos se aproximando dela. Eles são quase do mesmo tamanho que o primeiro e, cobertos por cicatrizes, são ainda mais assustadores do que ele, se é que isso era possível.

Seu coração dispara assim que ela percebe que tinha sido cercada. Aqueles eram provavelmente ladrões, ou estupradores, esperando para atacar transeuntes. Ela tinha sido ingênua e sabe que deveria ter prestado mais atenção; só por que estava no meio do nada, não quer dizer que ela estava segura.

Normalmente, Caitlin teria agido de maneira destemida, mas ela ainda não tinha tido a chance de experimentar seus poderes, e não sabia se eles já tinham sido recuperados. Ela ainda tem poderes? Ela já sabe que ainda pode voar. Mas ela ainda tem alguma força? O ódio? Os reflexos? A velocidade, agilidade e técnicas de batalha?

Aquele momento não é propício para testar qualquer coisa, ela pensa, com um nó no estômago.

“Tire suas roupas,” um deles ordena.

É o maior deles e, enquanto ela observa, ele retira algo pequeno e brilhante da cintura; é uma adaga.

Obviamente, aqueles homens não estão interessados apenas em roubá-la.

Ruth rosna ao lado de Caitlin.

“Vou lhes avisar apenas uma vez,” Caitlin diz com a voz mais alta e firme que consegue. Mas no fundo, ela está tremendo. “Não se aproximem de mim.”

Uma risada baixa e grosseira parte dos dois outros homens ao puxarem adagas de suas próprias cinturas.

“Essa garota é um tanto atrevida, não é mesmo?” um deles pergunta.

Naquele momento o primeiro homem, já bem mais perto, tenta agarrá-la. Caitlin espera, sem querer se precipitar.

Ruth, de repente, salta para cima do homem, mordendo seu tornozelo com toda força. Ela é apenas um filhote pequeno, mais seus dentes são afiados e ela morde com força, e o homem grita de dor. Ele sacode a perna furiosamente, balançando Ruth no ar mas ela não solta a perna dele. Finalmente, ele sacode a perna com força, e Ruth é arremessada no ar.

Caitlin vê a oportunidade que estava esperando. Ela dá um passo à frente, batendo com força a mão na base do pescoço do bandido. É um golpe perfeito – ela acerta o homem nas cordas vocais, e ele imediatamente leva as mãos ao pescoço, caindo de joelhos.

Caitlin o agarra pela parte de trás da cabeça, e bate com o joelho em seu rosto, quebrando o nariz dele. O homem cai no chão desacordado.

Caitlin de repente sente seu braço queimando de dor ao ouvir o barulho de uma faca cortando.

Ela coloca a mão no braço e sente o sangue quente escorrendo do local onde havia sido ferida – e se dá conta que havia sido perfurada pela adaga. Que estupidez – ela havia baixado sua guarda ao atacar o outro homem, e os outros dois bandidos eram mais rápidos do que ela havia previsto.

Antes que ela possa reagir, Caitlin é agarrada por trás por um dos homens. Ela reluta, mas ele é mais forte que ela, e não importa o que ela faça Caitlin não consegue se desvencilhar dele. O outro

homem dá a volta e fica diante dela, limpando a boca com o dorso da mão, e olhando para Caitlin como se ela fosse sua próxima refeição. Ele remove a calça apressadamente.

“Tire a roupa dela,” he ele ordena para seu comparsa.

O outro homem coloca o braço na frente de Caitlin pra remover sua camisa. E é então que tudo acontece; Caitlin fecha os olhos e se recorda de todas as vezes que tinha sido atacada, abusada e tratada injustamente. Ela pensa em Nova Iorque, e no que tinha acontecido no beco. Ela pensa em Cain, na ilha Pollepel, e se lembra de Veneza. Ela pensa até mesmo em sua mãe, que nunca tinha lhe oferecido qualquer palavra de conforto. E acima de tudo, ela deixa que a frustração e a raiva por ter sido abandonada por Caleb tomem conta dela. A dor, a depressão – ela é tomada pelo ódio, e se sente injustiçada. Aquilo tudo é injusto, ela não merece nada daquilo.

Isso não está certo.

Uma raiva repentina e inexplicável invade o seu corpo. Ela sente seus braços e suas mãos e seu ombro aumentarem de tamanho, e de repente sente a força de cem homens. Ela joga o corpo para trás, se livra das mãos do bandido e grita. Seu grito é um grito de raiva, o grito de um animal, de um lobo – o grito de um vampiro.

Caitlin vira o corpo, agarra o homem e o arremessa; ele atravessa o ar a toda velocidade, indo bater em uma árvore, desacordado.

O outro homem, com as calças abaixadas, de repente e encara de olhos arregalados, em choque, como se estivesse olhando para um tigre selvagem que tinha acabado de escapar da jaula. Sua expressão se transforma de audácia em medo e depois em covardia. Ela pode ver que ele está tremendo.

Mas Caitlin não sente pena. Ela tinha se transformado em um monstro, e não consegue controlar seus instintos primais. Ela salta no ar e bate com força com os pés no peito do homem. O

bandido, sem calças, é lançado no ar e parte a cabeça ao batê-la contra uma árvore. Ele cai no chão, inconsciente.

Caitlin vira a tempo de ver o primeiro homem prestes a atacá-la. Ela espera e, no último segundo se abaixa, pegando o homem no colo com facilidade, e jogando-o longe. Ele é arremessado de cabeça contra um galho que o empala, matando-o imediatamente.

Caitlin se aproxima de um dos homens desacordados, ainda com muito ódio. Um deles começa a se levantar devagar, e ela o chuta no rosto com toda sua força. Mas ela ainda não está satisfeita. Ela quer ver sangue, – quer vingar-se – tem um desejo de vingança por todos os atos de crueldade que tinha sofrido durante toda sua vida.

Ajoelhando-se, ela começa a sufocá-lo. Ele acorda do desmaio e agarra seu pulso com as duas mãos enormes, tentando tirá-la de cima dele. Mas ele não é páreo para ela. Com um único braço, ela o mantém preso e imobilizado enquanto o sufoca, e os olhos dele começam a saltar para fora de seu rosto, à medida que ele começa a ficar ser ar. Está claro que ele morrerá dentro de instantes.

“CAITLIN!” grita uma voz.

Caitlin se vira, surpresa ao reconhecer aquele tom.

De dentro da floresta, segurando um cajado e vestindo uma túnica comprida, um homem solitário caminha na direção dela.

Ela solta o pescoço do homem, e lentamente encara a pessoa que se aproxima. Ele chega bem perto, remove o capuz, e a encara com intensos olhos azuis.

Ela olha para seu rosto imutável, sua longa barba prateada, e sabe que só pode ser uma pessoa. A única pessoa no mundo capaz de ter esse efeito sobre ela.

Caitlin encara seu antigo mestre.

O homem que se aproxima é Aiden.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Polly não tinha conseguido parar de pensar em Sergei. É como se uma droga tivesse sido injetada em suas veias. Não importa o que ela faça – caminhar, dormir, comer, treinar – o pensamento dele sempre a acompanha. Seus fortes traços russos; o som de sua voz; sua pele translúcida; sua incrível e hipnótica voz. Ela nunca havia conhecido alguém nem remotamente parecido a ele.

Ela também não consegue parar de pensar no modo como ele a havia tratado. Ele tinha sido descaradamente arrogante – nenhum outro garoto jamais havia lhe tratado assim antes. O que ele tinha de diferente? O que o fazia pensar que tinha esse direito? Por que ela havia permitido que ele a tratasse assim? E ainda mais importante, quando ele havia feito isso, por que ela não tinha simplesmente se afastado?

Ela não consegue compreender - logicamente, deveria odiá-lo; mas por alguma misteriosa razão que ela não consente entender, Polly não consegue parar de pensar nele.

Polly atravessa o hall com passos rápidos. Ela tinha escolhido seu vestido mais bonito, em azul claro bem leve, com barra de renda e um colarinho branco detalhado, que a cobre dos pés a cabeça. Ela está usando um amplo saiotê embaixo dele, fazendo com que o vestido valorize sua cintura. O clima de Julho está bastante quente, e ela havia escolhido o tecido mais leve que possuía, mas mesmo assim, ela ainda está com calor. Ela seca o suor do rosto

enquanto caminha, mas ele só parece aumentar a cada passo que ela dá.

Polly quer chegar cedo desta vez. Sergei daria outro concerto, no lado oposto de Versalhes, no Grand Trianon e, desta vez, ela não quer perder uma única nota. Ela quer conseguir um lugar bom na platéia, na frente, e ser capaz de assistir e olhar dentro dos olhos de Sergei. Ela precisa se certificar que sua visão dele se compara a sua lembrança, ou se tinha sido tudo apenas uma ilusão. Ela quer ter certeza que ainda sente o mesmo por ela que ela acreditar ter sentido – e precisa desesperadamente ouvir aquela voz mais uma vez.

Todos, humanos e vampiros, estavam falando a respeito de Sergei há semanas. O castelo todo praticamente não falava em outra coisa. Ela não tinha exatamente prestado atenção antes, já que era algo com que ela se preocupava apenas remotamente.

Mas agora, ela começa a se perguntar. Ela pode sentir que ele é da mesma espécie que a sua, um vampiro. Mas de onde ele vem? A que coven ele pertence? E por que será que não importa a quem ela pergunte ninguém parece saber? Todos parecem acreditar que ele vem de algum outro lugar; e ninguém sabe dizer quando ele irá embora, ou até mesmo por que está ali. Ele tinha aparentemente aparecido do dia para a noite, e tinha sido aceito como parte de Versalhes. Aquilo tudo é muito misterioso para Polly.

Ainda mais misterioso é o fato de Sergei parecer se misturar com facilidade aos demais, como se estivesse ali desde sempre. Pela maneira particular como anda – com arrogância, qualquer observador diria que ele faz parte da família real. O que diziam a respeito dele é que Sergei era um jovem príncipe russo, à passeio na França, que estava visitando Versalhes por algumas semanas para agraciá-los com sua presença; que ele era o cantor mais famoso de toda a Rússia, amigo íntimo de compositores como Mozart e Clementi e Salieri.

Polly espia seu relógio ao virar em outro corredor e percebe que está, na verdade, bem adiantada. Agora ela se sente envergonhada – ela certamente não quer ser a primeira pessoa a chegar naquele grande salão vazio, e também não quer dar a impressão de que está desesperada.

Ela deliberadamente diminui o ritmo, e quando começa a se perguntar o que poderia fazer com o tempo livre, ela de repente escuta passos caminhando em sua direção. Ela dá uma olhada e vê que alguém se aproxima.

Seu coração se sobressalta – é ele.

Sergei, com o cabelo encaracolado perfeitamente penteado e vestindo um casaco de cetim vermelho real, calças brancas e sapatos pretos brilhantes, se apressa para alcançá-la. Ele olha pra frente, sem se incomodar em olhar para ela, sem ao menos reconhecer que os dois são os únicos presentes naquele corredor enorme. Ele parece não ter nem mesmo a decência e educação de se virar para ela e cumprimentá-la. Ele é tão arrogante a ponto de esperar que ela o cumprimente primeiro?

Polly engole seco; assim de tão perto, com essa luz, e estando ao lado dele, ele é ainda mais lindo do que ela se lembrava. Ela se vê completamente abalada pela presença repentina dela, e tem dificuldade em organizar seus pensamentos.

“Olá,” ela diz, finalmente.

Ele olha na direção dela.

“Presumo que esteja se dirigindo ao meu concerto,” ele declara sem sorrir, olhando para o outro lado.

Polly gagueja, sem saber exatamente como responder.

“Hmm... Estou indo naquela direção, sim.”

Ele sorri como se tivesse testemunhado Polly contando uma mentira.

“Está um pouco adiantada, não é mesmo?” ele dispara.

Ela se esforça para encontrar uma resposta, mas não consegue pensar em nada.

“É claro que está - você não quer perder uma única nota, não é verdade?” ele pergunta.

Mais uma vez, Polly não sabe exatamente como responder. Ele tinha um jeito de fazê-la se sentir tão nervosa, ficando grudada em cada palavra que ele disse.

“Está tudo bem, não a culpo,” ele fala, “eu também não me perderia por nada.”

Polly limpa a garganta.

“Você é... um cantor muito talentoso,” ela diz.

“Sou um *vocalista*,” ele a corrige. “*Cantores* são comuns. *Vocalistas* são raros. E sim, eu já sabia disso.”

Polly espuma de raiva; ela odeia ser corrigida – e odeia o ar convencido dele. Uma parte dela quer simplesmente lhe dar as costas e sair, esquecer-se de tudo aquilo. Mas outra parte dela, um lado que ela não consegue compreender, se sente atraída por ele como a um ímã. Por quê? Ela se pergunta, pois nunca tinha sido tão maltratada por ninguém em toda sua vida. O fato de não conseguir se defender a incomoda mais do que qualquer outra coisa.

“De onde você é?” ela pergunta. “Quanto tempo vai ficar aqui conosco?”

“Quanto tempo quanto eu desejar,” ele responde. “Não me imponho limites, por quê? Gostaria de me ver partir?” ele pergunta, olhando

para ela com claro desdém.

Mas ao invés de ver o desdém no olhar dele, Polly só consegue notar a maneira como o sol é refletido nos olhos dele quando ele olha para ela; fazendo com que Sergei fique ainda mais atraente.

“Não,” Polly gagueja, “Eu... hmm... não disse nada disso, estava apenas curiosa.”

“As pessoas aqui são tão triviais,” ele diz. “Poucos aqui realmente apreciam o meu talento. Estou começando a pensar que estou perdendo meu tempo ficando aqui. Em breve irei embora.”

Eles viram em outro corredor, agora bem mais perto do local do concerto.

“Você parece ser uma das poucas pessoas que realmente apreciam meus inúmeros talentos,” ele diz, “e isso conta a seu favor.”

Ela olha na direção dele, mas ele continua sem olhar para ela enquanto caminham. Por acaso aquele tinha sido um elogio? Ela acredita que sim, e se sente estranhamente lisonjeada. Talvez ele não fosse muito sociável, talvez fosse este o problema.

Eles chegam diante de uma grande porta, e assim que param alguns empregados as abrem para eles. Aquela não é a porta do salão principal, mas uma porta lateral, e Polly pode ver que é a entrada para os bastidores. Assim que as portas se abrem, ela vê um pequeno camarim, com um espelho enorme diante de uma poltrona branca e dourada.

Polly para diante da porta, pronta para ir embora, e se surpreende ao sentir a mão dele na sua. Ela olha para baixo, e vê Sergei segurando sua mão.

“Por que está indo embora?” ele pergunta, virando-se na direção dela.

Ele a olha com uma intensidade diferente de tudo que ela já tinha visto.

“Bem,” ela começa a responder, com dificuldade para pensar com clareza, “Eu não sei... eu...”

“Acompanhe-me. Você terá o privilégio de assistir enquanto me preparo.”

Dizendo isso, ele lhe dá as costas e caminha até seu camarim.

Polly não sabe o que fazer. Seu lado racional lhe ordena que se afaste; mas seu outro lado simplesmente não consegue abrir mão daquela oportunidade. Ela simplesmente precisa ver até onde vai esta situação; quer entender por que ela se sente tão atraída por uma pessoa que a trata daquela forma.

Como se por acaso, ela se vê entrando nos bastidores, atrás dele, e sente quando as duas portas se fecham atrás dela. Sergei está sentado em sua poltrona, observando seu reflexo no grande espelho dourado. Não há qualquer reflexo seu, mas dois criados imediatamente começam a maquiar seu rosto e a fingir que arrumam seu cabelo. Ele ergue o queixo, sorrindo – Polly nunca tinha visto ninguém tão apaixonado por si mesmo em toda sua vida.

Já que ele a ignora, ela se sente tola por estar ali, olhando enquanto ele se troca. Ela se pergunta por que ele a tinha convidado. Depois de um longo momento de silêncio, ela está prestes a dar a volta e sair dali.

De repente, ele diz:

“Então me diga Polly, por que você gosta de mim?”

Polly sente quando seu rosto se enrubesce.

“Eu nunca disse que gosto de você,” ela responde timidamente.

Ele solta uma gargalhada, e se olha mais uma vez no espelho sem reflexo.

“Você não precisa dizer nada, é óbvio.”

Polly sente que seu rosto fica ainda mais corado. Aquilo já era demais. Ela está prestes a sair dali, quando Sergei estala os dedos e os criados se apressam em sair do camarim. Polly os acompanha - pronta para ir embora - quando Sergei corre atrás dela e agarra seu pulso. Ele segura com força desta vez, e ele a puxa para si quando a porta se fecha, deixando-os a sós.

Ele olha para ela, a centímetros de distância, olhando dentro dos olhos dela com uma intensidade surreal. Os traços dele são tão perfeitos, que é como se Polly estivesse olhando para uma estátua.

“Beije-me,” ele diz, segurando o rosto dela entre as mãos, bem perto dela.

Polly começa a tremer, sentindo-se mais nervosa do que jamais havia estado. A garganta dela fica seca, e ela está nervosa demais até para falar, e ela não tem ideia de como reagir. Apesar de tudo, ela começa a se aproximar lentamente dele quando de repente, ele se aproxima dela de uma vez e lhe dá um beijo nos lábios com bastante força. Assustada, ela nem tem tempo de aproveitar o beijo.

Depois de alguns segundos, ele se afasta.

E então de repente, sem dizer uma palavra, ele se vira e passa por ela, batendo a porta ao sair do quarto.

Polly fica parada ali, sozinha, completamente em choque pelo que havia acontecido; e sem conseguir se segurar, ela começa a chorar.

CAPÍTULO DEZESSETE

Caitlin caminha com Aiden pela manhã, abrindo caminho pela floresta enquanto Ruth os

acompanha de perto. Caitlin tem a impressão que eles já estavam caminhando assim, em silêncio, há

horas. Por um lado, palavras não eram necessárias – como sempre na presença de Aiden, ela sente

que já sabe tudo o que ele está prestes a dizer.

E ao mesmo tempo, ela raramente conseguia dizer precisamente o que ela estava pensando. O que

ela quer saber mais do que qualquer outra coisa, é se ele se lembra de tudo. Pela maneira como ele a

olha, ela sente que sim.

Aiden sempre conseguia aparecer em sua vida nos momentos mais estranhos. Toda vez que ela

sentia que estava em um momento decisivo, sem saber que direção tomar, ele aparecia. E todas as

vezes ele a colocava de volta no caminho certo, e ela percebia que ele estava certo – que ela não

deveria desistir da busca pelo Escudo, por seu pai, por sua própria identidade. Mas assim que se

afastava dele, assim que outras coisas aconteciam, ela tinha dificuldade em enxergar com clareza; a

proximidade com ele a ajuda a manter o foco.

Mas estar perto de Aiden também faz Caitlin se sentir culpada. Quanto ela está ao seu lado, ela

quer ser uma pessoa melhor, uma guerreira melhor; ela quer treinar, ser o melhor que pode ser. Ela se

lembra do treinamento que havia abandonado em Pollepel, e se recorda que sua técnica estava

ficando melhor. Uma parte dela sente falta do treinamento, e gostaria de poder voltar; ver Aiden faz

com que ela pense em todas as suas antigas ambições.

Caitlin sente uma mistura de sentimentos ao caminhar com ele. Ele desaprova suas decisões?

Estava chateado por ela não continuar sua busca? Quanto ele já sabe? Como a tinha encontrado? De

algumas formas, ele parece ser um pai para ela; e ela está ansiosa para ouvir o que ele tem a dizer.

Caitlin sabe que não deve iniciar a conversa. Ela tem apenas que continuar caminhando,

acompanhá-lo em silêncio. Aiden gostava de falar sobre a importância de ser, ao invés de falar –

sobre sintonizar os pensamentos dos outros e senti-los sem ter a necessidade de usar palavras.

Então ela respeita o seu jeito de ser, e continua caminhando em silêncio. Depois de algumas

horas, ela sente como se estivesse caminhando sozinha. Ela está pensando sobre o futuro, sobre onde

ire m seguida, perguntando-se se Caleb voltaria – ponderando várias coisas quando, de repente, o

silêncio é quebrado pelo som da voz de Aiden:

“Seu braço dói?” ele pergunta.

Caitlin olha para baixo, vê sangue em seu braço e se lembra.

“Sim,” ela admite.

“Venha aqui.”

Ele para e ela se aproxima, e então ele coloca a mão sobre a ferida, fechando os olhos. Ao removê-las, ela fica surpresa ao ver que está completamente cicatrizada. Ruth geme e Aiden se abaixa, com um sorriso, ele a pega no colo e coloca a mão sobre a pata dela. Ao colocá-la de volta no chão, Ruth caminha sem dificuldade alguma.

Caitlin está em choque.

Aiden suspira, virando-se para ela.

“Eu esperava encontrá-la em outro lugar,” Aiden fala.

Caitlin pensa um pouco; como sempre com Aiden, tudo o que ele diz pode ser interpretado de várias maneiras. É difícil entender exatamente o que ele quer dizer. Aquilo significava que ele esperava que ela não estivesse lutando? Ou que ela não estivesse com Caleb? Ou que ela deveria estar procurando pelo Escudo? Ela presume que seja isso.

Ela pensa sobre como responder.

“Sinto muito,” ela diz. “Eu não pude continuar a busca.”

Ele não responde, e eles continuam em silêncio.

Finalmente, ele diz:

“Talvez estivesse buscando durante todo esse tempo.”

Isso também a faz pensar. O que ele queria dizer, exatamente? Isso queria dizer que alguma parte dela nunca tinha desistido da busca? E que ela estava procurando o tempo todo em sua mente?

“Algumas vezes procuramos por um objeto,” ele diz, “e outras vezes eles procuram por nós.”

Mais uma vez, ele não entende exatamente o que ele quer dizer. Mas lhe parece ser a verdade, até certo ponto. Ela tinha se sentido oprimida pela busca e, mesmo ao decidir desistir da busca, ela tinha sentido que, inconscientemente, ainda estava procurando.

“Não é que eu não queira encontrá-lo,” ela diz. “Eu quero, e também quero ajudar. Eu só... Eu também quero viver uma vida normal; estava cansada de correr. E então... Eu reencontrei Caleb.”

“E você achou que daria certo para sempre,” Aiden completa.

Caitlin olha para ele, procurando em seu rosto algum tipo de pista. Ele sabia o que o futuro lhe guarda?

Mas tudo o que ela consegue ver é Aiden balançando a cabeça, desapontado.

Ela se sente envergonhada, como se Aiden soubesse o tempo todo que aquilo não daria certo - e que ela tinha sido tola em esperar que desse.

“Algumas coisas são mais importantes que o para sempre,” Aiden responde.

Caitlin considera aquilo. Ela tinha sido egoísta em ficar com Caleb? Em desistir da busca? Ela estava sendo punida por isso agora? Tudo aquilo, seu encontro com Caleb, e a partida dele – tudo isso já estava pré-determinado? Ela tinha sido tola ao acreditar que poderia mudar o destino deles?

“Algumas coisas são pré-determinadas,” Aiden diz, lendo os pensamentos dela e fazendo com que ela saia do transe. “Nunca conseguiremos mudar nosso destino, podemos tentar, podemos até mesmo fugir. Mas a vida dá um jeito para que nos encontremos com ele de alguma forma. E o seu, Caitlin,” ele diz ao finalmente saírem da floresta, entrando em um pequeno prado, “é um destino muito especial.”

Caitlin olha para cima, aliviada por finalmente terem saído do escuro da densa floresta para a claridade do campo.

Os dois continuam caminhando, e ela vê o castelo de Caleb à distância. O coração dela se anima por um instante, ao permitir-se sonhar que Caleb tinha voltado.

Aiden balança a cabeça.

“Você não estava escutando,” ele fala. “Você não o encontrará ali.”

Caitlin se vira na direção dele.

“Ele vai voltar?” ela pergunta.

Ela analisa o rosto de Aiden, esperando qualquer reação. Mas ele permanece impassível, olhando o horizonte com seus grandes olhos azuis.

“A questão não se ele irá voltar para você,” ele diz. “A questão é o que você, Caitlin, decidirá fazer. Você é mais forte que um homem. Você é mais forte que um relacionamento. Você tem uma missão - um destino. E você também tem o livre arbítrio – você não deve esperar por ninguém. Você deve criar seu próprio destino, e tomar uma atitude.”

Ele finalmente para e olha para ela. Ela olha para ele, e se surpreende com a intensidade do olhar dele, que parecem ao mesmo tempo profetizar e repreender.

“Quando deixará de fugir do seu destino, Caitlin? Quando aceitará ser quem você é?”

Ela olha para ele, pensando.

“Quem sou eu?” ela pergunta.

Ela mesma já não tem certeza.

Ele a encara.

“Uma guerreira,” ele diz simplesmente.

Uma guerreira, ela pensa. Ela nem sempre se sente como uma; alguns dias, sim – mas em outros, ela sente que é como todas as outras pessoas. Ela tem alguns momentos de coragem, mas ainda assim, são apenas alguns momentos.

“Um guerreiro é definido por momentos,” Aiden fala. “Um único instante pode torná-la uma guerreira. Um guerreiro também é definido por escolhas, pela coragem. Mas por outro lado, um guerreiro também é uma pessoa normal. Ele não pode ser um guerreiro durante todos os momentos do dia. Mas o espírito de um guerreiro – este está sempre presente.”

Caitlin considera suas palavras. Ela se sente lisonjeada pelo termo e, quanto mais pensa a respeito, mais gosta do rótulo, da identidade. Mas ela também sabe que com ele há uma grande responsabilidade.

“Você precisa escolher,” Aiden diz. “Você pode ficar aqui, desistir de sua missão, e viver uma vida muito feliz com Caleb. Esse será o caminho do coração – mas não do espírito. Viemos até este mundo para escolhermos entre dois caminhos na vida: o caminho do coração, ou o caminho do espírito. Nossos corações podem nos levar a questões domésticas, mas nosso espírito deve ser livre – deve seguir seu próprio destino. “Seu destino, Caitlin, é encontrar o Escudo. Ajudar a salvar todos nós. Encontrar seu pai. E acima de tudo, descobrir quem você realmente é.”

Caitlin o encara, com a cabeça confusa com todas aquelas implicações.

“Mas e se eu nunca encontrar o Escudo?” ela pergunta.

“E se o Escudo não for algo que deva ser encontrado?” ele pergunta por sua vez.

Ela olha para ele sem compreender.

“O que você quer dizer com isso?”

“Você presume que o Escudo seja um objeto.”

Ela fica perplexa.

“É claro que sim. O que mais ele poderia ser?”

Mesmo enquanto faz a pergunta, sua cabeça começa a considerar milhões de possibilidades. O Escudo é alguma outra coisa? E se ele não é algo físico, o que mais poderia ser?

Mas Aiden não esclarece nada, ele simplesmente a encara sem expressão.

“Posso lhe dizer uma coisa,” ele finalmente fala. “A missão de um guerreiro nunca é encontrar um objeto, ou completar uma missão. O que importa é a jornada – não o que você encontra no caminho, mas o que você se torna.”

Caitlin o encara.

“O que estou me tornando?”

Mas Aiden lhe dá as costas e continua caminhando em silêncio; ela o acompanha até voltarem ao castelo de Caleb. A porta está completamente aberta e quando ela olha, percebe que obviamente Caleb não tinha retornado. Os dois ficam parados diante da porta aberta.

“O preço de ser um guerreiro é deixar para trás a família - sua casa e as pessoas que você ama. Esse é um caminho que todos os guerreiros devem seguir; e devem fazê-lo sozinhos. A escolha é sua,” ele diz. “Você pode entrar, ficar aqui e viver feliz. Ou você pode voltar comigo. Treinar e completar sua missão.”

Caitlin fica parada, pensando em tudo que Aiden havia dito. Por um lado, a ideia de abandonar Caleb lhe deixa triste. A possibilidade de ele voltar para casa e não encontrá-la lhe causa profunda tristeza, assim como a ideia de desistir do que ela acredita seria uma vida perfeita.

Mas por outro lado, ela sente algo dentro dela, seu instinto guerreiro. Ela sente um instinto primitivo para treinar, para se transformar na pessoa que ela deveria se tornar.

Parada ali, observando Aiden, Caitlin sente como se este fosse um momento decisivo em sua vida. Ela sente a importância da escolha

que está prestes a fazer, e sabe que independente de sua decisão, sua vida está prestes a mudar irrevogavelmente mais uma vez.

E estranhamente, em um piscar de olhos, ela tem certeza sobre sua decisão.

Ela sabe, no fundo, o que precisa ser feito.

CAPÍTULO DEZOITO

Sam anda por Versalhes, sozinho, tentando organizar seus pensamentos. Ele caminha lentamente por uma trilha, dando voltas ao longo de sebes aparadas com perfeição. Desde que tinha conhecido Kendra, ele não conseguia pensar em outra coisa. Há alguma coisa a respeito dela que intriga Sam: ela é jovem, sua pele translúcida é perfeita, e seus olhos azuis têm o poder de hipnotizá-lo. Quando ela havia olhado para ele, com toda a força daqueles olhos concentrada nele, ele tinha sido incapaz de pensar em qualquer outra coisa.

E mesmo agora, quase um dia inteiro após o encontro deles, ele ainda mal consegue se concentrar - está completamente hipnotizado por ela.

Ele tinha sido levado até seu quarto, e ainda espera ser convocado por Aiden, mas enquanto isso, ele não sabe o que fazer a não ser esperar. Então, ele havia decidido conhecer a propriedade. Ele tinha parado e assistido com interesse enquanto alguns vampiros duelavam. Ele admira a técnica deles. Mas mesmo enquanto os

observa, Sam pode sentir a intensidade de sua própria força, e sabe que é mais forte que todos eles.

Então por que Aiden ainda não o tinha chamado? Por que mantê-lo ali esperando, ignorado? Sam continua andando, tentando se localizar. Caitlin – ele tinha voltado no tempo para encontrá-la, e para ajudá-la. Então Polly tinha aparecido, e o trazido até aquele lugar. Sam sente que de alguma forma Polly e Aiden tenham uma ligação com Caitlin. Intuitivamente, ele sabe estar ali por alguma razão, e que está exatamente onde deveria estar.

Mesmo assim, ele se sente inquieto. Ele quer encontrá-la e ajudá-la, se for necessário, em sua missão. Ele quer encontrar seu pai. Ele tem a impressão que Aiden talvez saiba onde ela está, e está ansioso para conhecê-lo. Sem sua ajuda, ele não faz a menor ideia de onde começar a procurar por ela.

Enquanto isso, enquanto ele espera, os pensamentos sobre Kendra tomam conta dele de tal forma, que ele tem dificuldade em se manter concentrado na busca por Caitlin. Ao invés disso, ele se vê sonhando com Kendra, desejando estar ao lado dela e esperando pelo próximo encontro – considerando nem continuar sua busca por Caitlin ou por seu pai.

Ele se culpa por sequer considerar essa possibilidade. Como uma garota podia tê-lo afetado dessa forma tão rápido? Como ela havia conseguido afetá-lo de tal forma que ele se sinta leal a ela, ainda mais que à sua família? O que quer que seja, ele não consegue entender. Ele sente que quando está perto dela, fica sob a influência de algo mais forte do que ele, algo que ele não consegue compreender; ele sente que é algo extremamente perigoso.

Naquele instante, Sam resolve não voltar a procurá-la, e não passar mais tempo com ela. Se ela olhar para ele, ele simplesmente olhará

para o outro lado, e se ela tentar conversar com ele, ele terá que ignorá-la. Essa é a melhor coisa a fazer com alguém como ela.

Como se por encanto – como se o universo estivesse conspirando contra ele, Sam olha para cima e vê Kendra parada um pouco adiante. Ele para de andar - completamente surpreso. Ali está ela, um pouco afastada do grupo, na entrada da floresta. Ela está montada em um cavalo, com a postura ereta e olhando na direção dele, segurando as rédeas frouxas ao lado do cavalo. Ela olha para Sam sem demonstrar qualquer sentimento; ela não está sorrindo.

Mas por outro lado, está olhando para ele.

Apesar de tudo, Sam não consegue se conter, se aproxima dela.

“O que você está fazendo aqui?” ele pergunta para ela.

“Estou indo cavalgar;” ela responde. “As mulheres não têm permissão para cavalgar aqui. Pelo menos não como eu gostaria de cavalgar; então, levo meu cavalo para longe dos olhos dos demais.”

Sam olha e vê outro cavalo ao lado dela, e percebe que ela ainda o observa. Ele não consegue compreender a expressão no rosto de Kendra; ela é uma pessoa difícil de interpretar. Ela espera que ele a acompanhe? Ou está apenas esperando que ele se afaste, deixando-a sozinha? E se é isso que ela quer, por que trazer um cavalo a mais?

“Espero que não esteja interrompendo;” Sam diz, tentando descobrir a resposta. “Não tive a intenção de assustar você.”

“Eu nunca me assusto;” Kendra responde.

Ela olha para ele e então vira o rosto, como se estivesse procurando alguma coisa no horizonte.

“Estou indo dar o passeio da tarde,” ela comunica, e então lhe dá as costas, começando a se afastar e soltando as rédeas do segundo cavalo. “Você pode se juntar a mim – isto é, se não tiver medo,” completa ela, de costas para ele enquanto entra na floresta.

Sam olha para o cavalo e de volta para a floresta, sem conseguir acreditar. Ela o tinha convidado para o passeio? Aquilo era um encontro? Ela certamente tem um jeito estranho de fazer convites; talvez seja orgulhosa demais, ou tenha vergonha de simplesmente pedir que ele a acompanhe.

Qual fosse a razão, ele não quer perder a oportunidade. Apesar de sua decisão, quando fica na presença dela, toda sua força de vontade desaparece. Ele simplesmente tem que ficar com ela. É uma necessidade física, algo que ele não conseguiria evitar mesmo que quisesse.

Ele corre até o cavalo e salta em cima dele, chutando-o delicadamente para que ele corra atrás dela e, dentro de poucos segundos, ele a alcança. Ela começa a correr com o cavalo e, algum tempo depois, os dois estão cavalgando por uma larga trilha dentro da mata.

* * *

Ele tem a sensação de que estão cavalgando há horas quando Kendra finalmente para.

Acompanhar o ritmo dela tinha sido um desafio para Sam, pois ela era imprevisível: em alguns momentos, ela tinha começado a galopar pelos campos, sem avisá-lo. Em outros momentos, eles haviam cavalgado lado a lado ao longo de riachos e prados, dentro e fora da floresta.

Finalmente, ela tinha feito uma curva e subido uma trilha em uma colina coberta de flores do campo. Ela encontra um lugar embaixo de uma árvore antiga e, descendo do cavalo, o amarra em um de

seus galhos. Sam faz o mesmo, e percebe que há várias marcas na árvore; ele deduz que aquele seja um lugar que ela costuma visitar com frequência.

Ignorando Sam, ela lhe dá as costas e se dirige até um pequeno riacho que corre ali perto. Ela se ajoelha e joga um pouco de água fria no rosto. Ela aproveita para passar as mãos nos cabelos e, ao fazer isso, solta o coque e deixa seus cabelos soltos caírem sobre seus ombros.

Sam assiste, hipnotizado, o sol iluminar os cabelos dela. Ele nunca tinha visto uma garota tão bonita, e mal pode acreditar na própria sorte por estar ali naquele momento. Por que ela o tinha escolhido? Ela não tinha exatamente o convidado, mas também não havia dito que ele não a acompanhasse. E embora ela tenha se esforçado bastante para ignorá-lo, e mal tenha lhe dirigido a palavra durante todo o tempo que passaram juntos, Sam ainda tem a impressão que no fundo ela gosta de tê-lo por perto. Ele só não tem certeza se tinha sido por que alguma companhia é melhor do que nenhuma, ou se ela realmente o queria por perto.

Kendra se dirige a ele.

“Eu gostaria de me sentar na grama,” ela fala. “Há uma manta em minha sela.”

A princípio Sam não faz ideia a que ela se refere; mas então ele olha para o cavalo dela, e vê uma manta de seda dentro de uma bolsa. Ele se dá conta que ela espera que ele estenda a manta sobre a grama para ela.

Ele fica um pouco irritado, não é seu criado. Mas ao mesmo tempo, ele considera que se é esse o tratamento à que ela estava acostumada, ele não vai arriscar. Além disso, ele realmente não se importa. Então, ele pega a enorme manta cor de rosa, e a estende na grama.

Kendra vai até lá e se senta com cautela, arrumando a saia; então, ela se reclina com os braços cruzados atrás da cabeça, observando as nuvens. Sam olha para baixo e vê um grande espaço vazio na manta ao lado dela. Ele se questiona se deveria se juntar a ela.

“Hmm...” começa ele, “posso sentar-me ao seu lado?”

Ele vê que ela ergue os ombros ligeiramente, enquanto continuar olhando para o céu. As pernas dele estão doloridas depois da cavalgada, então ele decide interpretar aquilo como um sim. Ele vai até a manta e se senta ao lado de Kendra, deitando-se como ela – com as mãos cruzadas sob a cabeça.

O céu está bonito daquele ponto de vista, completamente azul, com pequenas nuvens brancas partidas em um milhão de pedaços à deriva acima deles. Eles permanecem deitados por um longo tempo, até que Sam começa a se perguntar se deveria dizer alguma coisa. Ele sente que o silêncio incomoda um pouco.

“Foi divertido,” ele diz. “Obrigada por me convidar.”

“Eu não convidei ninguém,” ela responde. “Você veio por que quis.”

Sam fica indignado; aquilo tinha passado do limite, e ele sente que chegou a hora de confrontá-la. Ele se senta.

“Então está bem,” ele diz, “Vou-me embora.”

Ele está prestes a se levantar, quando sente uma mão fria em seu braço. Ele se vira, e vê que Kendra o encara.

“Não seja tão dramático,” ela fala. “Eu não lhe pedi para ir embora.”

Ele olha para ela, bastante confuso. Obviamente ela quer que ele fique. Mas por que ela não diz logo? Está com medo? Está nervosa? É muito orgulhosa?

Todos os seus sentidos lhe dizem para ir embora, retornar ao campo de treinamento, procurar Aiden e continuar focado em sua busca por Caitlin. Mas algo dentro dele, algo que ele não consegue controlar, força Sam a ficar.

Ele se deita devagar e, desta vez, repousa sobre o cotovelo, virando-se para olhar para ela. Ela volta a se deitar, e fica olhando para as nuvens. Sam não consegue deixar de admirar o rosto dela; seus traços são perfeitos.

“Venho até aqui, até este lugar, para escapar de Versalhes,” ela diz, depois de um tempo. “Não há humanos aqui, ou vampiros; ninguém para me difamar ou fofocar a meu respeito.” Ela se vira para ele. “Você já os ouviu falando sobre mim?”

Sam ergue os ombros. Ele tinha, de fato, ouvido algumas coisas – boatos, fofocas. Mas ele não quer deixá-la triste.

“Conte-me,” ela fala. “O que eles disseram?”

“Eles dizem que você gostaria de ser transformada. E que usará quem for preciso para consegui-lo.”

Kendra olha para cima de novo e, pela primeira vez naquele dia, abre um sorriso.

“Você acredita neles?”

Sam ergue os ombros mais uma vez.

“Não sei, nem mesmo a conheço.”

“Então não acredite. É tudo fofoca, inveja – a única forma que podem me atingir. É por que sou superior a eles. Eles sabem que nunca conseguirão ser como eu; então fingem que eu quero ser como eles.”

Sam a observa. Ele não sabe em quê acreditar. Tudo o que sabe é que está completamente encantado por ela. Se ela estava dizendo a verdade ou não, ainda assim ele sente pena dela. Ela se vira para ele novamente, apoiando-se sobre o cotovelo, e finalmente olha dentro dos olhos dele. Ela está a apenas alguns centímetros, e Sam sente seu coração acelerado.

“Você acha que esse é o único motivo porque desejo sua companhia?” ela pergunta.

Sam balança a cabeça; ela está tão perto que ele pode sentir o cheiro de sua pele, e de seu perfume. Ele tem dificuldade para se concentrar, e não sabe como responder. À medida que ela se aproxima, o coração dele bate ainda mais forte. Ela está a alguns centímetros dele.

“Bem, não é,” ela diz.

E então, de repente, ela se aproxima ainda mais, até que seus lábios encostam-se aos dele. E daquele momento em diante, Sam sabe que está absolutamente, completamente perdido.

CAPÍTULO DEZENOVE

Kyle para diante da Bastilha, escondendo-se em meio às sombras naquele momento propício entre a noite e o dia. Ele sabe que naquela hora aconteceria a troca dos guardas, quando os guardas do turno da noite seriam trocados pelos do dia. Ele sente que neste momento eles estarão mais vulneráveis, e nunca imaginariam serem atacados então.

Ele precisa apenas de um ponto de entrada. Um vampiro jovem, vulnerável e inexperiente. Ele poderia acabar com ele, e então entrar. É o primeiro passo crucial. Antes que ele possa liderar Napoleão e seus homens em um ataque com força total, ele precisa fazer o reconhecimento da área.

Ele precisa se certificar que os sete selvagens ainda estão ali dentro, e precisa encontrar um modo de libertá-los. Ele observa, e espera.

A Bastilha é um prédio curioso – uma torre circular de pedras que se ergue quase até o céu. Ela quase se parece com uma torre de farol no centro da cidade. Não há janelas – apenas algumas barras de ferro aqui e ali. Kyle identifica várias camadas de barras de prata, e sabe imediatamente por que elas estão ali. Ali dentro, nas profundezas da Bastilha, estão sete das mais cruéis criaturas a jamais colocarem os pés na terra. Ele tinha ouvido que, além das barras de prata, havia uma camada extra de outro metal especial instalado ali, apenas para contê-los. Ele precisa descobrir exatamente que tipo de metal é aquele. Assim que ele descobrir, saberá o que precisa fazer para quebrá-lo.

Kyle vê uma oportunidade, e parte para a ação. Assim que o turno termina, ele vê que um dos guardas anda um pouco mais devagar que os demais, no lado oposto do prédio. Kyle se aproxima dele por trás e, antes que ele possa reagir, o agarra e quebra seu pescoço.

O homem cai, morto, e ao mesmo tempo Kyle consegue pegar a chave presa em sua cintura. É uma chave mestra comprida, feita de prata, e Kyle a coloca na fechadura, abrindo a porta de prata. Ele poderia tê-la chutado, mas não quis chamar atenção para si. Ele já está em número bem menor, e não sabe até que ponto aquele lugar era protegido – ele não quer arriscar um confronto desnecessário.

Kyle arrasta o corpo pra dentro do prédio para não ser detectado, e fecha a porta atrás deles. Kyle se vira e avalia o local. Seus olhos precisam de um tempo para acostumar-se ao escuro. A única luz

vem de cima, atravessando as barras acima dele. Do lado de dentro, o prédio também é circular, com corredores íngremes em forma de círculo, desde o topo da torre até os porões. A estrutura é totalmente feita de pedra.

Kyle se encaminha aos porões. Ele sabe que embaixo dele, nas profundezas da terra, é onde encontrará o que procura. Enquanto desce, nível por nível, indo mais fundo do que julgou ser possível, centenas de metros abaixo da terra, finalmente, as escadas terminam em uma parede. Ele sabe que deve haver algo atrás dela.

Kyle dá vários passos para trás e então ataca, batendo com o ombro contra a parede. A parede se rompe, e pedras caem em volta dele com um estrondo. Ele não tinha a intenção de chamar tanta atenção para si, mas Kyle não teve outra escolha.

Como suspeitava, ele vê que a escada continua do outro lado da parede, descendo ainda mais. Ele sai correndo em disparada, sabendo que não tem tempo a perder. Finalmente, ele encontra o que procura. A escada termina em grandes barras de prata, as mais grossas que Kyle já tinha visto. Ainda mais importante, ele percebe que elas foram cobertas por algum tipo de material. Ao esticar o braço para tocá-las, ele sente uma queimação nas mãos, e sente que está sendo repelido. Aquele metal é extremamente tóxico, até mesmo para ele.

Ele analisa as barras de perto, tentando descobrir do que se trata. Finalmente, ele descobre o que é: titânio, o metal mais tóxico para vampiros. Ele olha para além das barras, e vê outras camadas de barras atrás das primeiras. Agora não lhe resta dúvida de que os sete selvagens estão presos ali.

Kyle ouve um ruído estranho. Ao aproximar-se, de repente uma garra comprida e amarela surge da escuridão, em direção às barras. Ela é seguida por um rosto assustador, com presas compridas repletas de saliva. Ele pode sentir a podridão do hálito da

criatura, mesmo de longe. Criaturas primitivas horrendas, os sete selvagens têm aparência horripilante, mesmo para Kyle, que acaba se afastando. Por um instante, ele se sente grato por estarem presos, e reconsidera seu plano de libertá-los.

Ele estaria criando um perigo difícil de ser controlado, até mesmo para alguém como ele?

Mas ele não tem escolha. Aquelas criaturas são exatamente o que ele precisa para criar o caos na cidade, e para capturar e matar Caitlin. Ele simplesmente terá que assumir o risco.

Não se preocupe, ele pensa, voltarei aqui para salvá-los e libertá-los. Como se tivessem lido seus pensamentos, os outros seis também aparecem e rosnam para ele. De repente, Kyle ouve um barulho atrás dele. Ele se virá a tempo de ver vários guardas se aproximando dele. Ele fica surpreso pela proximidade deles: tinham sido mais rápidos do que Kyle esperava.

Antes que Kyle possa reagir, ele se vê sendo levantado e arremessado contra as barras de ferro. A dor toma conta de todo seu corpo e ele fica surpreso, acima de tudo, ao perceber a força daqueles guardas vampiros. Paris certamente não tinha poupado recursos na proteção daquele lugar. Mas Kyle não é bobo. Ele estava vivo há milhares de anos mais que a maioria deles, e tinha várias cartas escondidas na manga. Ele invoca sua força primitiva, e consegue agarrar dois dos quatro guardas diante dele, batendo a cabeça de um na do outro. Eles caem no chão, mas os outros dois partem para cima de Kyle, derrubando-o, e começam a chutá-lo. Ele fica surpreso com a agilidade e força dos guardas, mas consegue se recuperar a tempo de agarrar um deles pelo pé, quebrando-o, e então o arremessa para cima do outro guarda.

Mas isso não os atinge. Os quatro guardas se recuperam imediatamente, e voltam a atacar Kyle. Ele não consegue acreditar

na velocidade deles. Ele não quer arriscar ter que lutar contra eles por mais tempo – agora ainda não é o momento.

Ele vê uma oportunidade e passa no meio deles, subindo as escadas em disparada.

Eles o seguem de perto.

Kyle percebe que não conseguirá se livrar deles com facilidade, então ele decide voar. Ele dá um salto e, usando suas asas, se ergue cada vez mais alto, subindo as escadas, rumo ao telhado. Ele sabe que não pode se arriscar a parar, então acelera e se prepara para o impacto. Ele atravessa o telhado de pedras e, segundos depois, está em pleno ar, afastando-se a toda velocidade.

Voando em direção ao horizonte, ele olha para trás e vê os guardas parados em cima do telhado, observando enquanto ele se afasta. Para sua sorte, eles decidem não segui-lo – suas ordens são para proteger a Bastilha.

Kyle se sente atordoado após sua fuga, e se dá conta que precisará de mais ajuda do que havia previsto. Ele não vê a hora de voltar, invadir o lugar com os homens de Napoleão, e destruir completamente aquele prédio.

CAPÍTULO VINTE

Segurando Ruth nos braços, Caitlin voa ao lado de Aiden, sobrevoando o interior do país.

Ela olha para baixo, e acompanha a mudança na paisagem. A princípio, eles tinham voado ao

longo da costa, e ela havia observado as ondas quebrando na praia, praias e penhascos paradisíacos;

e depois, eles haviam virado na direção do interior, e a paisagem havia mudado para colinas, e

depois para florestas. É uma parte completamente nova da França, uma parte que ela ainda não

conhecia, e ela mal pode acreditar na extensão do território daquele país.

Caitlin se sente dividida; por um lado, ela está feliz em ter reencontrado Aiden, por estar ao lado

de alguém que ela conhece e em quem confia, - alguém que ela tem certeza não irá abandoná-la. Ela

está ansiosa para descobrir onde ele a está levando, e animada com a oportunidade de retomar seu

treinamento e continuar sua missão. Ela se pergunta se Polly estará lá, e fica feliz com essa

possibilidade. Ela também se pergunta o mesmo em relação a Blake, e sente um nó no estômago. Ela

não sabe exatamente como reagir caso ele esteja lá.

Ao mesmo tempo, o coração dela ainda se aperta com a ideia de abandonar Caleb. Ela imagina a

volta dele para casa, encontrando o castelo vazio e descobrindo que ela não está mais lá. Ela nunca

havia prometido que ficaria, mas, ainda assim, ele pareceu esperar que ela o fizesse. Ele não saberia

onde procurar por ela. Aquela tinha sido a última vez que se veriam?

Ela tinha dado as costas para a possibilidade de uma vida perfeita? Se tivesse esperado apenas

mais alguns dias, é possível que tudo tivesse se resolvido, e ela poderia viver uma vida tranquila e

pacífica com Caleb pelo resto de seus dias. Aquela tinha sido uma decisão precipitada?

Caitlin não consegue evitar a sensação de estar presa em um turbilhão de acontecimentos; como

se estivesse sendo levada cada vez mais longe por uma corrente marítima, com mais pistas, mais

viagens no tempo para outra época, outro lugar, à procura de outro artefato ou outra chave. Ela torce

para que este seja o último lugar e época, para que desta vez ela encontre seu pai e o Escudo. E

então, talvez, depois de tudo terminado, ela possa ficar em único lugar. E, quem sabe, até mesmo

ficar com Caleb. Seu pai gostaria dele? É uma pergunta que ela já se tinha feito algumas vezes.

Caitlin olha para a terra quando a floresta densa dá lugar a campos abertos e, eventualmente,

estes dão lugar a estradas bem cuidadas. O céu está limpo e, à distância, Caitlin identifica a estrutura mais magnífica que ela já tinha visto em toda a sua vida.

Não se trata de apenas uma estrutura, mas sim de várias – grandes construções de mármore,

espalhadas ao longo de um complexo enorme, separadas por jardins perfeitamente aparados, com

uma grande fonte no meio. Sobrevoando o local em círculos, Caitlin se surpreende que algo feito

pelo homem possa ser tão perfeito. Aquele é certamente um palácio digno de um rei.

Enquanto acompanhar Aiden, circulando e diminuindo a altitude, ela começa a perceber que é ali

que vive seu coven. Ela fica surpresa – Pollepel era magnífica, assim como tinha sido a ilha dele em

Veneza. Mas aquele lugar supera todos os demais. Ela reconhece vagamente alguns dos prédios, e se

pergunta se por acaso teria visto fotos em algum lugar.

“Onde estamos?” ela grita, enquanto sobrevoam mais baixo.

Eles mergulham, aterrissando em uma estrada na borda da floresta.

Quando tocam o solo, virando-se, ele olha para ela:

“Versalhes,” ele diz. “Seu novo lar; pelo menos enquanto concordar em treinar aqui.”

Um criado se aproxima, saindo de trás de um cavalo com carruagem, vestindo o uniforme real.

Ele dá vários passos na direção de Aiden e então inclina o corpo em saudação.

“Você agora será apresentada formalmente ao palácio,” ele lhe informa. Ao fazer isso, o criado

se apressa para abrir a porta da carruagem para Caitlin, esperando por ela.

Ela fica confusa. “Mas e você? Não vai me acompanhar?”

“Tenho alguns assuntos importantes a tratar. Você será levada até seus aposentos e, quando estiver

pronta, me encontrará no campo de treinamento.”

E com isso, ele dá alguns passos e salta no ar, afastando-se voando.

Caitlin se dirige ao criado, que ainda a espera, segurando a porta.

“Muito obrigada,” ela diz, constrangida. “Você não precisa segurar a porta para mim, afinal, não

faço parte da realeza.”

Ele sorri quando Caitlin sobe na carruagem, e então fecha a porta para ela.

A carruagem é pequena e confortável, e Caitlin se senta, encostando-se nas almofadas aveludadas

com Ruth no colo, e olha pela graciosa janela de vidro. O criado sobe na carruagem, atijando os

cavalos, e eles saem em disparada, levando Caitlin pela estrada que leva ao palácio.

Caitlin se inclina para olhar para fora, e Ruth faz o mesmo. Ela fica espantada pela perfeição do

jardim, da grama perfeitamente aparada, dos diferentes formatos dos jardins, da fonte que fica no

meio de tudo e das sebes aparadas com esmero. Ela se surpreende com a qualidade da estrada, que é

extremamente limpa e bem cuidada. É como se ela estivesse sendo levada pelo ar.

Ao chegarem até a porta de entrada, Caitlin vê várias pessoas se aproximarem para cumprimentá-

la. Ela fica envergonhada; os degraus de mármore já estão repletos de criados, membros da realeza e

uma variedade de pessoas querendo vê-la. Todos observam ansiosos enquanto a carruagem se

aproxima.

Eles finalmente para e o criado abre a porta para ela, que desce devagar.

Ao olhar para a multidão, todos vestidos elegantemente e chapéus rebuscados, ela se sente

constrangida por causa de suas roupas. Ela olha para suas roupas e se lembra que ainda está vestindo

as roupas simples que as freiras tinham lhe dado.

Caitlin sobe os degraus – parece haver centenas deles – até finalmente chegar ao topo da escada. A multidão a encara. Ela se pergunta exatamente quem deveria apresentá-la, mostrar-lhe o lugar, agora que Aiden a tinha deixado sozinha. Ela analisa os rostos ali presentes, torcendo para encontrar alguém conhecido, desejando

encontrar Polly. Mas ela não reconhece ninguém. E de repente se sente como uma estranha ali.

Caitlin ouve uma risada e, virando-se, se depara com um grupo de garotas vestidas com roupas incríveis, sussurrando e rindo dela, enquanto a olham da cabeça aos pés. Caitlin sente-se enrubescer – está claro que aquelas garotas estão zombando dela.

Caitlin de repente se sente vigiada, e tem vontade de sair dali. Todos parecem ser muito formais, tensos e críticos, e ela não reconhece ninguém. Ela está considerando dar-lhes as costas e ir embora quando, de repente, alguém do grupo dá um passo à frente.

Ela é uma das mulheres mais lindas que Caitlin já tinha visto; está vestida em um longo vestido de cetim verde, com colarinho alto que molda seu rosto perfeito. Sua pele é escura, e se sobressai em meio a todos aqueles rostos brancos e pálidos, e Caitlin deduz que ela tenha antepassados na África e aproximadamente 18 anos. A garota tem grandes olhos verde-esmeralda, e postura ereta – como a de um membro da realeza. Caitlin imagina que ela seja uma princesa. Ela se dirige ao grupo de garotas que estão rindo e faz uma careta.

“Silêncio!” ela ordena. “Não é assim que tratamos nossos convidados!”

O grupo de garotas se cala.

A mulher dá dois passos na direção de Caitlin e faz uma reverência. Caitlin faz o mesmo, tentando manter o que lhe resta de dignidade. Ela se sente grata pela intervenção daquela mulher, não importa quem ela seja.

“É um prazer conhecer você, Caitlin,” ela fala. “Aiden nos falou muito sobre você. Eu sou a Lily.”

Caitlin aperta a mão dela.

“Obrigada,” ela diz.

“Pedi a Aiden que me desse a honra de acompanhá-la, e mostrar-lhe nossa propriedade. Você gostaria de me acompanhar?”

“Eu adoraria,” Caitlin diz, feliz por sair de perto do grupo.

Caitlin se adianta, entrelaçando seu braço ao de Lily, e as duas começam a descer os degraus, acompanhadas de Ruth.

“Não dê ouvido a elas,” Lily sussurra para Caitlin enquanto elas passam pelo caminho aberto pelo grupo. “Elas são jovens; e entediadas.”

Caitlin não consegue deixar de sorrir. Ela realmente gosta de Lily, e já sente que poderão tornar-se boas amigas.

“Caitlin!” diz uma voz, repentinamente.

Caitlin imediatamente reconhece aquele tom.

Ao se virar ela vê Polly, correndo em sua direção e usando um vestido azul, mas com a mesma aparência de sempre. Polly se aproxima correndo, envolvendo Caitlin em um grande abraço antes que ela possa reagir. Ruth geme de modo histérico, até que Polly finalmente se abaixa e a abraça também.

“Oh meu Deus, eu não acredito!” ela diz em um sussurro. “Tive um sonho com você na noite passada. Foi tão estranho. Quero dizer, sei que nunca a conheci antes – ao menos, não formalmente. Mas no meu sonho era diferente, eu me lembrava de tudo. Pollepel, Veneza – tudo mesmo. Era mesmo você? Eu não consigo acreditar!”

Caitlin tem dificuldade em segurar o riso. Ela está feliz por ver Polly, e ainda mais feliz por ela se lembrar.

“Sim, era eu. Sou eu. A velha Caitlin de sempre. Estou tão feliz que esteja aqui.”

Polly dá outro abraço em Caitlin. A julgar pelos olhares das pessoas ao redor delas, aparentemente Polly estava quebrando alguma regra de etiqueta.

“Oh meu Deus, é incrível!” ela diz. “Nós temos tantas coisas a conversar. Preciso lhe mostrar tudo,” ela diz, levando Caitlin pelo braço quando começa a se afastar.

Caitlin para e olha para Lily, que parece chateada.

“Lily estava prestes a fazer isso,” Caitlin explica para Polly. “Eu adoraria se ela nos acompanhasse.”

“Nossa, sim, mas é claro!” Polly diz. “A Lily é ótima!”

E assim, Polly dá um braço a Lily e um a Caitlin, e praticamente as arrasta para longe daquele grupo.

Elas andam em direção à gigantesca entrada do palácio. Caitlin nunca havia entrado em um lugar tão luxuoso em toda sua vida. Tudo que ela vê parece ter sido feito em grande escala, e tudo está em perfeita ordem. Não importa para onde olhe, há lindos vasos com arranjos florais. O chão é coberto por tapetes magníficos, e as paredes estão repletas de telas; há também raras porcelanas chinesas.

Como se isso não bastasse, grandes lustres de cristal estão pendurados por toda parte, e a luz deles é refletida por dezenas de espelhos. O sol brilha através de fileiras de janelas das maiores que ela já tinha visto. As três caminham tanto apenas para chegar até o fim de um corredor, que os pés de Caitlin já estão doloridos – e ela sente que estão apenas começando.

Polly não para de falar durante todo o percurso, e Caitlin nunca a tinha visto tão animada. Ela fala sem parar, quase sem parar para respirar, informando Caitlin sobre tudo no palácio, sobre a propriedade, Aiden e o treinamento, e também sobre a realeza, fofocas em geral e Maria Antonieta – mas acima de tudo, sobre sua nova paquera. Ela não lhe diz o nome dele, apenas que ele é um cantor, um vocalista.

“Você tem que conhecê-lo,” Polly diz, segurando Caitlin pelo braço com entusiasmo, “oh meu Deus, ele é maravilhoso. Quero dizer, ele a princípio pode parecer um pouco bruto, mas não é essa sua intenção. É a maneira como ele se aquece para sua arte, você me entende? Não consigo parar de pensar nele. Sinto que já estou me apaixonando por esse rapaz!”

Caitlin examina o rosto de Polly, e mal pode acreditar no que vê. É a primeira vez que ela vê Polly tão apaixonada. Caitlin está feliz por ela, apenas se preocupa um pouco pela maneira como Polly havia falado dele. Um pouco bruto? Ninguém tinha o direito de ser bruto com Polly, pensa Caitlin. Ela sente que precisa conhecer esse garoto, ver ela mesma se ele é realmente a pessoa certa para Polly. Especialmente já que Polly parece tão apaixonada.

“Fico feliz por você,” Caitlin diz. “Apenas peço que tome cuidado. Vá devagar e faça com que ele a trate bem - é o que você merece.”

“Mas é claro que ele me trata bem, por que não o faria?” Polly dispara, na defensiva.

Caitlin fica surpresa, Polly nunca havia falado assim com ela antes, desde que tinham se conhecido. Caitlin sente que ela havia mudado – que esse garoto, esse cantor, está exercendo uma estranha influência sobre ela. E ela fica ainda mais preocupada.

“Só estou dizendo,” Caitlin diz suavemente, tentando consertar as coisas, “que você merece o melhor.”

Polly parece se acalmar. Ela olha para o pulso para ver a hora.

“Ah meu Deus!” exclama ela, de olhos bem abertos. “Estou quase atrasada. Ele vai fazer uma apresentação no outro lado de palácio. Eu preciso ir!”

E assim, Polly se afasta pelo corredor.

Caitlin fica parada, olhando enquanto ela vai embora, completamente surpresa. Ela nunca tinha visto Polly assim antes, e não consegue acreditar que ela iria embora dessa forma, ficando tão pouco tempo juntas. Ela parece estar sendo completamente controlada por esse rapaz. Caitlin tem um mau pressentimento em relação a tudo aquilo.

“Ela é sempre assim?” Caitlin pergunta para Lily.

Lily balança a cabeça.

“Não, ela age assim desde que o conheceu. Ele é um verdadeiro idiota, se quiser minha opinião, - completamente convencido.”

Caitlin sente que Lily tem razão; que Polly está sendo enganada por um rapaz que não serve para ela. Ela se lembra de todas as vezes que teve que assistir enquanto suas amigas namoravam idiotas, e suas amigas também estavam encantadas demais para enxergar a verdade. Era doloroso assisti-las passar por aquelas situações, especialmente quando não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Sempre que ela tentava ajudá-las, dar alguns conselhos, elas não queriam ouvir e, inevitavelmente, a única coisa que conseguir era estragar a amizade entre elas.

“Aquela não é a Polly que eu conheço,” Caitlin diz.

“Tenho a mesma impressão,” Lily responde.

Caitlin suspira, e Lily segura em seu braço enquanto as duas continuam a caminhar pelo corredor, seguidas por Ruth.

Caitlin está com saudades de Polly, mas ao mesmo tempo, é bom ter a chance de caminhar com Lily em paz e silêncio. Polly às vezes podia ser um pouco agitada, mas perto de Lily, Caitlin se sente sempre em paz.

“Então você e Polly se conhecem há muito tempo?” pergunta Lily.

“Há séculos,” Caitlin diz, mas assim que ela pronuncia as palavras, compreende como aquilo soaria estranho para um humano.

Ela se pergunta se Lily a considera uma louca, mas Lily assente, parecendo não estranhar a situação.

“Não se preocupe,” Lily diz, “Sei tudo sobre sua espécie,” ela diz. “Convivo com sua espécie desde que nasci. Nada mais me surpreende.”

“Então você sempre morou aqui?” questiona Caitlin.

Lily assente.

“Sou um membro da família real. Maria é minha prima de segundo grau. Sou adotada, se estiver se perguntando. Essas pessoas certamente não pariram uma criança africana, como eu,” Lily diz, caindo na risada. Ela tem o riso fácil e contagiante. “Meu pais biológicos são do Quênia, mas eles morreram quando eu ainda era recém-nascida, e fui adotada por um membro da realeza quando foram passar férias na África. E aqui estou eu, um membro a família real. Isso não é irônico?”

“Não, não considero isso uma ironia de forma alguma,” Caitlin diz, em tom sério. “Na verdade, você parece ser a única pessoa aqui que verdadeiramente tem classe.”

Caitlin pode ver a expressão de Lily se transformar. Seu rosto exprime gratidão e, naquele momento, Caitlin percebe que acaba de ganhar mais uma amiga.

“Essa é a coisa mais bacana que alguém já me disse,” ela diz. “Tudo o que fazem aqui é trair e fofocar uns sobre os outros. Você é diferente.”

Elas saem pela porta de trás do palácio, descem alguns degraus de mármore e chegam até um jardim.

“É melhor você aumentar o ritmo, amiga,” Lily diz. “Ainda temos milhas pela frente se vou mesmo lhe mostrar tudo.”

Elas caminham sem parar, atravessando diversos jardins, enquanto Lily lhe mostra os diferentes prédios. Elas andam ao redor de um grande lago, e Lily mostra a Caitlin onde fica a residência particular de Maria.

“Pelo menos ela é divertida,” Lily fala. “Muitas festas. A vida aqui nunca é entediante. As pessoas ao redor dela é que são problemáticas. Mas é claro, Maria é da sua espécie. Isso é a grande questão aqui: quem é vampiro, e quem é humano. Todos os humanos aqui querem ser vampiros, mas os vampiros nunca os transformarão. Então vivemos em uma espécie de harmonia. Os vampiros nos protegem, protegem esse lugar de ataques, e lhes damos um lugar para viver. Guardamos o palácio durante o dia, e eles durante a noite. Até agora, está funcionando, mas já tivemos alguns problemas no decorrer dos anos.”

“O que você quer dizer com isso?” Caitlin pergunta.

“Quero dizer, um humano se apaixonando por um vampiro, e vice-versa. Ou pessoas quase sendo transformadas – esta é uma das regras mais importantes para Aiden. Se isso acontecer, eles terão que partir. Essa é uma questão bastante delicada aqui. Podemos ser amigos, mas nunca devemos cruzar esta linha – o que para mim

está ótimo. Todos os rapazes que gosto são humanos, mesmo. Mas isso não é verdade para algumas de minhas amigas humanas. Algumas delas estão de olho em algum vampiro, e simplesmente não desistem, - se é que você me entende.”

Caitlin pensa um pouco sobre tudo aquilo e, lembrando-se de quando ainda era humana, entende exatamente como eles se sentem.

“Bem, e tudo que os vampiros fazem é treinar. Eles passam o dia todo no campo de treinamento. Todos os dias parece que eles treinam com algum novo equipamento, ou alguma nova técnica. É divertido assisti-los; nós da família real ficamos em volta deles, e assistimos alguns duelos. Creio que este seja uma das fontes de entretenimento por aqui.”

Elas descem alguns degraus gramados, diante de outro pequeno pátio, e se aproximam de um prédio baixo de mármore, um pouco afastado do restante do palácio.

“É lá que vocês vivem,” Lily diz. “Creio que você já tenha visto acomodações piores?”

Caitlin está encantada – o lugar se parece a miniature de um palácio. Ela não consegue acreditar que se hospedaria naquele lugar. Nos campos à sua volta, ela vê dezenas de vampiros em treinamento, duelando com espadas de madeira – o som de suas espadas pode ser ouvido de longe.

Ela de repente sente uma pontada de preocupação, ao imaginar se Blake estaria entre eles. Ela quer perguntar para Lily, mas teme ouvir a resposta. Essa é a última coisa com que gostaria de ter que lidar agora. Do jeito que as coisas estão, ela ainda sofre por Caleb, se perguntando se tinha tomado a decisão certa ao partir.

Lily para diante da porta, e olha para Caitlin.

“Bem, é aqui que me despeço,” Lily diz.

Caitlin se aproxima dela, abraçando-a.

“Muito obrigada,” Caitlin diz. “Por tudo.”

Lily também a abraça.

“Vejo você em breve,” Lily diz. “Afinal, humanos e vampiros sempre festejam juntos. Guardarei um lugar para você ao meu lado.”

“Ficarei honrada,” Caitlin responde.

* * *

Caitlin avalia seus aposentos, impressionada com a opulência. Os outros quartos em que havia ficado - como seu quarto em Pollepel – tinham sido bonitos e simples – construções medievais em pedra, quase monásticas. Este quarto é praticamente o oposto; ele é enorme, decorado com tapetes e cortinas, um lustre, espelhos e cômoda e uma enorme cama com dossel. Tudo naquele quarto é feito em grande escala, e exageradamente luxuoso.

Caitlin na verdade não se incomoda. Depois de viver tanto tempo em fuga, dormindo em um lugar após o outro, ela gosta da idéia de permanecer em um lugar calmo e confortável. Ela certamente poderia se acostumar à vida no palácio. Tudo ainda lhe parece um pouco estranho, como se estivesse vivendo um sonho. Ela caminha silenciosamente pelo quarto, como se estivesse em um museu, com medo de tocar a madeira da cama, ou de amassar os lençóis de seda esticados sobre ela.

Ruth, por outro lado, está bem à vontade. Ela balança o rabo enquanto investiga o quarto, farejando tudo.

Caitlin se dirige até a enorme cômoda em um dos cantos do quarto. Ela tem um tampo de mármore brilhante e gavetas douradas. Em

cima dela, há várias opções de roupas para Caitlin. Ela não consegue acreditar, cada roupa é mais bonita e extravagante que a anterior; há um vestido formal em seda preta, e a versão de Versalhes de moda casual, um vestido ligeiramente mais curto, em azul claro com botões amarelos - que ainda parece para Caitlin bastante formal.

Há também diferentes tipos de chapéus. E, ao lado deles, algo que se parece com um traje de treinamento. Ele é feito de um material que Caitlin não conhece, parecido com couro, extremamente fino e preto. Ele parece ser um uniforme de batalha, justo no corpo e acolchoado, com calças compridas e uma camiseta. Caitlin reconhece o traje: é a roupa de treinamento do coven de Aiden – leve e durável, permitindo os movimentos da luta e, ao mesmo tempo, dando a quem o usa um ar elegante, com o brilho do tecido e seu colarinho alto.

Caitlin imediatamente tira suas roupas sujas e está prestes a se trocar quando vê uma banheira luxuosa em outro canto do quarto. Ela já está cheia de água, e Caitlin pode ver pelo vapor que a água já foi aquecida para ela. Há bolhas de sabão na banheira, que está cercada por vários tipos de sabonete.

Caitlin fecha as cortinas do quarto iluminado pelo sol, vai até a banheira e lentamente entra dentro dela, nua. Ela aproveita a maravilhosa sensação da água quente em seu corpo, e sente todos os seus músculos se relaxando. Ela nunca tinha apreciado tanto um banho.

Caitlin se deita, fecha os olhos, e respira. Imagens passam pela sua cabeça, e ela tenta evitá-las, mas sem sucesso. Ela vê o rosto de Caleb, como ela o tinha visto certa manhã, sentados juntos no terraço. Ela o vê sorrindo, enquanto cavalgam na praia. E também os vê voando juntos, mergulhando e dando piruetas no ar. E o vê no topo da colina, a beleza e serenidade de sua expressão segundos antes da chegada do falcão.

Ela tenta tirar as imagens da cabeça; do momento em que tudo havia mudado para ela. Ela se esforça para pensar em outras coisas. Ela se concentra em Aiden, na caminhada deles durante a manhã, e sobre o que ele havia dito. *E se o escudo não é algo que você deva encontrar? E se ele for algo que deve encontrar você? E se ele for o que você está se transformando?*

Ela abre os olhos e encara o teto enquanto considera aquilo. O que ele queria dizer? O que exatamente ela estava se tornando?

Caitlin olha para o criado mudo, onde havia colocado o pergaminho de seu pai. Ele continua lá, em sua caixa de prata, como se estivesse pedindo para ser aberto. Ela se pergunta o que ele poderia ter escrito para ela, e se pergunta se deveria abri-lo agora. Uma parte dela gostaria desesperadamente de fazê-lo, mas outra parte sabe que, se o fizer, e a mensagem contiver uma pista, ela não terá escolha a não ser segui-la. E ela não quer ter que deixar aquele lugar tão rapidamente.

Ela está feliz ali, e precisa treinar.

Ainda assim, a curiosidade de Caitlin parece estar ganhando. Ela se levanta lentamente da banheira, coberta de espuma, se enrola em uma toalha e vai até o criado. Ela estica a mão e paga a caixa de prata, examinando-a e sentindo sua energia. Com seus sentidos apurados, ela sente o poder da mensagem. Uma descarga elétrica atravessa suas mãos e ela está prestes a abri-la.

De repente, há uma batida na porta. Caitlin deixa o pergaminho, amarra a toalha com força em volta de seu corpo e atravessa o quarto. Ela gira o trinco e, ao olhar para fora, vê um par de olhos azuis encarando-a, emoldurando um rosto sardento e uma cabeça ruiva com orelhas enormes e um grande sorriso. Ela fica surpresa, aquele é Patrick.

“Caitlin? Você já está pronta?” ela reconhece aquela voz.

Definitivamente é ele.

“Pronta para quê?” pergunta ela, confusa.

“Aiden me mandou até aqui. É hora do duelo. Venha logo, vamos nos atrasar!”

“Só um minuto!” ela grita.

Ela atravessa o quarto, se enxuga, e rapidamente veste o traje de treinamento. Ela coloca os cabelos para trás, prendendo-os em um coque, colocando o resto dos fios dentro do colarinho, para não atrapalhar durante a batalha. Ela volta para a porta seguida por Ruth, e a abre.

E lá está Patrick, de costas para ela. Ele se vira e abre aquele seu sorriso peculiar. Caitlin não consegue deixar de sorrir também. Há algo a respeito dele, algo de menino atrapalhado, que nunca falha em fazê-la sorrir.

“Meu Deus, vocês garotas sempre demoram uma vida para ficarem prontas!” ele diz, sorrindo.

Ela sai junto com Ruth, e o segue enquanto se dirigem ao outro lado do campo.

Enquanto caminham, ele coloca uma espada de bambu nas mãos dela. Ela adora a sensação da arma, e passa a mão ao longo dela.

“Eu sou Caitlin,” ela diz, sem saber se ele se lembra.

Ele dá uma risada.

“E você acha que eu não sei?” ele pergunta. “Todos já estão falando a seu respeito. Eles querem ver do que você é capaz!”

Eles fazem uma curva, atravessando o jardim, e no campo aberto, ela vê dezenas dos vampiros de Aiden. Eles estão alinhados ao redor

do ringue, enquanto dois deles duelam no centro. À distância, sentados nos degraus de mármore, membros da família real e alguns curiosos estão sentados, observando a cena.

O clique-claque das espadas de bambu preenche o ar.

“Ouvi dizer que você é ótima,” Patrick diz. “Mas tenho certeza que não é tão boa quanto eu,” ele diz, piscando para ela.

Ele aperta o passo e ela também, e logo eles se juntam aos demais. Eles se afastam um pouco e Caitlin observa enquanto dois vampiros duelam no centro do campo. Caitlin não consegue acreditar, os vampiros são Taylor e Tyler, os gêmeos. Depois de tantos séculos ali estão eles, ainda lutando um contra o outro. Enquanto ela assiste, Tyler se prepara para um ataque, mas Taylor usa suas asas e voa por cima dele; ao fazer isso, ela bate nas costas dele com sua espada de bambu.

A plateia grita com entusiasmo.

“Isso não é justo!” Tyler grita para Aiden, que observa pacientemente. “Ela usou as asas!”

Aiden dá um passo à frente.

“Taylor, você conhece as regras,” ele diz.

“Foi mais um salto do que um vôo!” ela reclama.

Aiden balança a cabeça devagar.

“Desqualificada.”

Taylor, inconformada, se afasta do centro do ringue.

“Caitlin!” Aiden exclama.

Todos os olhares se voltam para ela, e ela sente seu rosto ficar corado de vergonha.

“Você chegou!” ele diz.

Quando Taylor sai, e uma vaga se torna disponível no ringue de duelos. Tyler está parado, esperando por seu próximo adversário.

Caitlin anda devagar, sentindo os olhares que a observam, e encara Tyler de frente. Ela aperta o cabo de sua espada levemente, sentindo-se protegida por ela.

Ao encarar Tyler, a aproximadamente três metros de distância, ela o estuda - ele está exatamente como ela se lembrava. Se ela não estiver enganada, ele é extremamente rápido, e prefere perfurar que atacar de um lado para o outro. Ele também tem a tendência de derrubar seus oponentes. Ela olha dentro dos olhos dele, e vê um misto de ego exaltado e malícia. Ele pode ver pela postura dele que ele espera conseguir uma vitória fácil.

Tyler parte para a ação. Ele se aproxima dela com a espada e, se tivesse tido êxito, teria lhe perfurado a barriga com toda força. Por sorte, os reflexos de Caitlin a salvam. No último segundo ela desvia, dando um passo ao lado, e Tyler passa batido por ela. Mas ele erra apenas por alguns centímetros, e Caitlin se surpreende com a velocidade dele. Ela se concentra – precisa se esforçar ao máximo.

Ela deixa que ele a ataque novamente, preferindo assumir uma posição de defesa. Desta vez, ele ataca por cima, visando acertar os ombros dela. Ela segura as duas pontas da espada e a ergue sobre a cabeça, bloqueando o ataque dele. Com as espadas emparelhadas, ela pode ver que ele começa a transpirar, gemendo enquanto se esforça para vencer o duelo, tentando fazer com que ela perca a calma para que ele a derrote.

Ao invés de lutar contra a força dele, que é considerável, Caitlin decide usá-la a seu favor. Ela se inclina para trás de maneira

repentina, abaixando-se e deixando que a espada dele apenas toque em seus ombros.

Ela vê uma oportunidade e o chuta com força na boca do estômago. Ela poderia ter acertado um pouco mais abaixo, mas ela não acha que isso teria sido completamente justo.

Ainda assim, seu chute consegue causar um dano considerável. Ele cai de joelhos, sem ar, tendo sido surpreendido. Caitlin fica em pé sobre ele, e segura a ponta da espada contra sua jugular. Ela não precisa fazer mais nada. Obviamente, ela é a vencedora.

Um grito de aprovação irrompe dentre os membros do coven quando Tyler, derrotado, se levanta e sai mancando do ringue.

“Quem será o próximo a enfrentá-la?” convida Aiden.

Um silêncio momentâneo toma conta do grupo. Aparentemente, ninguém quer se arriscar.

Finalmente, uma voz grita.

“Eu a enfrentarei!”

Caitlin olha, e se surpreende ao ver de quem se trata. Cain. Mas agora, ele está com a cabeça raspada, e com aparência bem mais assustadora do que ela se lembrava. Se ele se lembra de Caitlin de alguma forma, está claro que a lembrança não é das melhores. Ele tem um olhar maldoso e frio, diferente do que ela se lembrava. Cain está vestindo uma versão cortada do uniforme deles, e seus músculos estão bastante aparentes. Ele parece um guerreiro experiente.

Ele segura duas espadas de bambu nas mãos – uma comprida e outra curta. Ele também tem diversas outras armas colocadas em seu cinto. Está claro que aquela será uma luta injusta, ela está em

clara desvantagem. Ela deveria ter tido a oportunidade de lutar com as mesmas armas.

Ela olha para Aiden indignada, mas ele olha para o outro lado, indiferente a ela. Ele sabe que ela está em desvantagem e, aparentemente, é assim que ele quer que ela lute. Caitlin não tem muito tempo para pensar, pois Cain logo parte para a luta. Ele pega algo em seu cinto e num piscar de olhos, o arremessa na direção dela.

Caitlin se assusta com o ataque inesperado, mas fica ainda mais surpresa com sua própria reação. De algum modo, usando um sentido que nem ela sabia possuir, Caitlin consegue erguer a espada e rebater o objeto em pleno ar, antes que ele a acerta na cabeça. Ela olha para o baixo e percebe que ele havia arremessando algo com seu estilingue, um material que se parece com um tipo de borracha dura. Ela fica surpresa não apenas pela velocidade dele, mas por sua deslealdade – aquilo não era modo de se iniciar um duelo.

Cain parte para cima dela, com uma careta, saltando no ar e colocando os pés pra frente para acertar o peito dela. No último instante ela consegue desviar do chute, – mas não consegue escapar ilesa; os pés dele, ela percebe, tinham sido apenas uma distração. Ao mesmo tempo, ele havia golpeado com sua espada longa, e a acertado em cheio no quadril. A dor do bambu é profunda, e ela sente quando os impulsos atravessam o seu corpo.

Ela se vira na direção dele, e agora está realmente nervosa. Todos os golpes dele tinham sido baixos, ela pensa. Ele não tem coragem de enfrentá-la frente a frente. Ela se sente indignada pela situação e, antes que ela se dê conta, seu sangue está praticamente fervendo. Ela não pretende esperar pelo próximo ataque dele.

Caitlin ataca, saltando no ar para também dar-lhe um chute. Como ela havia previsto, ele desvia, mas ela dá um giro no ar nesse exato

momento, e dá uma bofetada no rosto dele.

A platéia dá um grito de admiração, e Cain olha para ela com ódio.

Ele parte mais uma vez para o ataque, golpeando descontroladamente sua espada. É exatamente a reação que Caitlin esperava; ela havia conseguido tirar o equilíbrio dele, e agora ele está completamente fora de controle.

Apenas com sua espada, Caitlin consegue evitar cada um dos golpes dele, um após o outro. Ele é rápido, mas ela está começando a perceber que é ainda mais rápida do que ele. Ela percebe que é na verdade tão rápida, que é como se estivesse em outra dimensão, e ele estivesse se movendo em câmera lenta.

Ela começa a gostar da situação. Cada vez que ela bloqueia um dos golpes dele, ela gira e o acerta na lateral do ombro. Ela acompanha golpe com golpe, acertando-o no ombro, no quadril e então no estômago – está apenas o provocando.

Logo ela percebe o quanto ele está confuso, sem conseguir compreender o que estava acontecendo com ele. Quando ela gira mais uma vez, ela agarra um dos pulsos dele e depois o outro, e dá um chute no peito dele, deixando-o sem as duas espadas. Cain é arremessado para trás, caindo no chão.

A plateia demonstra sua aprovação - obviamente, Caitlin é a vencedora.

Mas Cain está furioso. Aparentemente, ele não está acostumado a perder, e ao invés de admitir graciosamente sua derrota, ele se levanta e a ataca mais uma vez.

Caitlin não esperava por isso. Tudo acontece muito rápido e, antes que Caitlin perceba, Cain coloca os braços ao redor dela e a derruba no chão. Ela fica sem fôlego, momentaneamente atordoada, e ele sobe em cima dela, imobilizando-a.

Aiden dá um passo à frente.

“CAIN!” ele grita.

Mas Cain não se importa. Ele a segura imobilizada, e usa os joelhos para pressionar os braços dela, impedindo que ela se mova. Então ele leva os braços até o pescoço dela, como se tivesse a intenção de sufocá-la.

Caitlin sente um ódio sobrenatural tomar conta dela. Enquanto observa as mãos dele se aproximando de seu pescoço, ela deixa todo seu poder realmente se apoderar de seu corpo. Ela se livra dele e agarra seu pulso mais uma vez, torcendo-o. Ela sobe em cima de Cain, virando seu corpo para cima. Caitlin então o chuta na virilha com força. Ele se encolhe no chão ao lado dela, derrotado.

Mas ela ainda não terminou. Ele havia invocado toda a raiva dela, e ela não conseguirá reprimi-la tão facilmente. Ela salta em pé, ainda indignada, e o chuta mais uma vez no estômago.

“Caitlin!” Aiden grita.

Mas ela mal consegue escutá-lo. Ela caminha devagar até Cain, e coloca o pé em cima da garganta dele, plantando-o firmemente sobre o pescoço dele. Ele não consegue respirar, mas ela não se importa. Ondas de raiva atravessam seu corpo e, apesar de querer, Caitlin sabe que não consegue se controlar.

Caitlin é de repente empurrada pela lateral, e se vê tropeçando. Ao olha para o lado, ela vê Aiden caminhando em sua direção. Ela está confusa: ele está à pelo menos cinco metros de distância.

Então ela vê a mão dele estendida, e percebe que tinha sido empurrada sem que ele a tivesse tocado. Aiden olha para Caitlin com semblante sério, e ela se prepara para ser repreendida.

CAPÍTULO VINTE E UM

Caitlin se vê caminhando com Aiden por uma trilha na floresta. Ela pode ver que Aiden está silenciosamente enfurecido, já que não tinha pronunciado uma palavra desde que havia lhe ordenado que o seguisse.

Depois da luta, ele havia acompanhado Caitlin até o lado de fora do ringue, longe dos outros, e eles tinham alçado voo. Ela havia seguido Aiden como uma garotinha repreendida, e não havia gostado da sensação. Ela sente que já tem idade suficiente para aprender suas próprias lições com a luta. Além disso, Cain tinha merecido cada golpe.

Eles andam sem parar pela floresta, até que finalmente chegam até uma clareira. O sol atravessa a copa das árvores, iluminando a área. Aiden finalmente para e se dirige a ela.

“Estou muito desapontado,” ele diz.

“Não foi culpa minha!” Caitlin dispara, preparando sua defesa. “Você viu a luta. Ele jogou sujo desde o começo.”

“Isso não faz diferença. Você deveria ter ignorado esse detalhe.”

“Ele estava tentando me machucar. Realmente me machucar. Mesmo depois que a luta havia acabado.”

“Você baixou suas defesas rápido demais,” ele responde. “Uma batalha nunca chega ao fim.”

“Bem, o seu trabalho é mediar estas lutas. Se estiver chateado com alguém, deveria ser com ele,” Caitlin responde rispidamente, um

pouco alterada. Ela está farta de ser repreendida. “Por que você não vai falar com ele? Por que está me repreendendo?”

Caitlin percebe que está falando cada vez mais alto. Ela está sem paciência com figuras autoritárias, e sente-se bem por finalmente estar lhe dizendo o que pensa.

Aiden parece não se afetar. Ele simplesmente balança ligeiramente a cabeça, sem demonstrar qualquer sentimento.

“Eu escolhi falar com você e não com ele,” Aiden começa devagar, “como forma de recompensa, e não como um castigo. Você tem o potencial para ouvir o que tenho a dizer – ele não. Você tem potencial para se tornar a melhor guerreira que já treinei. E ele não.”

“Você NÃO é meu pai!” Caitlin dispara. “Eu não preciso estar aqui. Não preciso escutar o que você tem a dizer!”

Mesmo enquanto ela pronuncia as palavras, Caitlin sabe que está agindo como uma garota mimada. Mas ela não consegue evitar; está tão nervosa com todas as pessoas que sempre tentam tomar decisões por ela, e está cansada de ter que dar satisfações. E também está cansada de levar a culpa pelos erros dos outros.

“Você está correta,” Aiden diz calmamente. “Eu não sou seu pai. E você não precisa estar aqui, ou me dar satisfações. Você escolhe seu próprio caminho na vida, a cada passo do caminho. Você só precisa ficar aqui se quiser,” completa ele.

Caitlin considera as palavras dele, e lentamente se acalma. Ele está certo; ela havia escolhido estar ali. E ela quer realmente voltar a treinar. E também... bem, ela não sabe exatamente o que tinha acontecido. Ela só havia sentido tanta raiva que não tinha conseguido pensar direito.

“Sua maior força é também sua grande fraqueza,” ele diz. “Sua emoção. Sua fúria. Não estou dizendo que você não deveria ter derrotado Cain. O que estou dizendo é que você não deveria ter derrotado a si mesma.”

Caitlin tenta decifrar o significado do que ele diz. Como sempre, é difícil compreender – a princípio – o que ele está dizendo. Ela sabe que aquela é uma daquelas declarações que ela precisa considerar um pouco, antes de chegar a uma conclusão.

“O que você não consegue compreender é que seus poderes atualmente são limitados. Você tem, dentro de você, muito poder – muito mais do que imagina. Quero lhe ensinar a usar esta força, mas você ainda está envolvida com coisas superficiais. Se quiser se tornar mais forte terá que alcançar níveis mais profundos.”

Caitlin inspira profundamente, e começa a se acalmar. Sempre que ainda conversa com ela, ela se sente relaxada. Quanto mais escuta, mas percebe que ele na verdade não é como todas as outras figuras autoritárias em sua vida. Ela vê que ele não está tentando controlá-la, e que apenas deseja ajudar. Ela se sente grata por isso.

“O que tenho que fazer?” Ela pergunta.

Aiden dá alguns passos em direção à clareira, e então se vira e olha para ela. Ele fecha os olhos e respira profundamente. Ele ergue seu cajado, e encosta uma das pontas no ombro dela. Ela sente a madeira pressionando sua pele.

“Tire os sapatos,” ele pede.

Caitlin obedece; o toque da grama macia sob seus pés é agradável.

“Feche os olhos.”

Ela fecha os olhos. Minutos passam em silêncio, e ela está começando a se perguntar o que Aiden estaria fazendo, quando

ouve a voz dele novamente.

“O que está sentindo?” ele pergunta.

Caitlin pensa um pouco.

“Eu sinto... a madeira, seu cajado, tocando meu ombro. E sinto a grama sob meus pés.”

“E o que mais?” ele insiste.

Caitlin se concentra.

“Sinto... o vento em meus cabelos... Sinto o calor do dia. A umidade – posso senti-la em minha pele.”

“Sim,” ele diz. “Muito bem. Agora, quero que estique o braço, com a palma da mão para cima, e segure o cajado entre nós. Mantenha os olhos fechados.”

Caitlin estende lentamente o braço com a palma para cima, e segura firme no cajado. A madeira é antiga, gasta e macia, e ela pode sentir a energia emitida por ele enquanto ela o segura.

“Não o aperte,” ele diz. “Apenas coloque sua mão sob ele e o segure. Não feche a mão.”

Caitlin abre os dedos.

“Bom,” Aiden diz. “Agora enquanto o segura, quero que me diga o que está sentindo.”

“Sinto um pedaço de madeira,” ela diz.

Ela se sente boba, mas não sabe exatamente o que ele quer ouvir.

“O que me diz sobre a madeira?” ele insiste. “Você pode sentir cada molécula? Consegue sentir o peso dele? Sabe sua espessura, e o

comprimento?”

Caitlin se concentra e, lentamente, começa a sentir todas as diferentes texturas e elementos da madeira.

“Muito bem,” Aiden fala. “Agora, bem devagar, erga a madeira bem acima de sua cabeça. Use apenas sua palma, não use a mão; apenas a energia atravessando o seu corpo e chegando até suas mãos. Encontre-a. Sinta.”

Caitlin se concentra e quando faz isso, sente a palma de sua mão esquentar, sente uma bola de energia exalando dela, enquanto ela lentamente ergue o pedaço de madeira.

“Ótimo,” Aiden diz. “Excelente.” Ele pausa. “Agora abra os olhos.”

Lentamente, Caitlin abre seus olhos, e se surpreende com o que vê.

Ali, diante dela, está o cajado de Aiden. Mas ele não está exatamente na mão dela. Ele está flutuando, no ar, cinco metros acima dela, acima de sua mão aberta.

Ela olha para Aiden, surpresa. Quando faz isso, o cajado despenca do céu, caindo com violência no chão. Aiden faz uma careta.

“Você perdeu a concentração,” ele diz.

“Como consegui fazer aquilo?” Caitlin pergunta, ainda um pouco espantada.

Aiden abaixa e pega o seu cajado.

“Esse é um dos seus muitos poderes. É o único que quero lhe ensinar no momento. Você o possui dentro de si; eu o chamo de centralização. Você pode usá-lo para mover objetos para bem longe de você. Ou trazê-los para perto.”

“Quero que entenda, não há limites entre você e o universo da física. Assim que você perceber isso, irá dominar a arte do combate.”

E com isso, ele lhe dá as costas e se afasta pela floresta. Após dois passos, ele desaparece completamente. Caitlin procura por toda parte, mas ele não está em lugar algum.

Ela fica paralisada, mas está mais surpresa consigo, e com o que tinha acabado de fazer. Até onde iam seus poderes? E quanto ela ainda tinha para aprender?

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Sam está no Coliseu de Roma. Ele está vestindo um traje de batalha completo, armado dos pés à cabeça, e usando um capacete. Ele olha pelo visor e vê outro guerreiro diante dele, também usando uma armadura.

Ele ataca, e os dois duelam furiosamente.

O guerreiro lutando contra ele é maior e mais forte, mas Sam revida todos os seus golpes. Sam está ficando mais cansado a cada golpe, até que seus braços estão cansados demais para erguer sua arma. Ele cai de joelhos, e o guerreiro ergue a espada, pronto para atravessar o coração de Sam.

Sam pisca e ao abrir os olhos ele vê que está em pé no meio de um deserto, o chão de terra batida se estende até onde seus olhos conseguem ver. À distância há uma grande montanha, e Sam se vê

escalando-a lentamente, usando sua espada como um cajado. Agora ele está vestindo uma túnica branca.

Sam remove o capuz morrendo de calor, e olha para o topo da montanha. Lá em cima, ele vê a forma de um homem delineada contra o sol. O homem também está vestindo uma túnica branca com capuz, e segura um cajado. De alguma forma, Sam sabe que aquele é seu pai.

Sam sobe mais alto, feliz por encontrá-lo, tentando aumentar seu ritmo, determinado a alcançá-lo. Mas o trajeto fica mais difícil a cada passo, a montanha se torna mais íngreme e, quando olha para o chão, Sam vê cobras e escorpiões rastejando à sua volta. Está ficando cada vez mais quente também, e ele sabe que a estrada é perigosa, e que ele não conseguirá chegar ao topo.

Sam, cansado demais para continuar, olha para cima.

"PAI!" ele grita.

Seu pai sorri para ele, com um olhar de amor puro, e lentamente ergue o capuz. A luz brilha em seu rosto, e Sam pode ver que eles se parecem.

De repente, Sam está nas ruas de paralelepípedo de Paris. É noite, e uma forte neblina toma conta de tudo; sob a luz fraca de tochas, Sam vê a fachada de uma igreja – e de alguma forma sabe que aquela é Notre Dame.

Sam abre a enorme porta medieval e entra na igreja. Ela está escura e vazia. Ele anda pela nave e vê suspensa diante dele, uma chave prateada. A luz é refletida por ela, que está flutuando no ar.

Sam estica o braço e está prestes a pegá-la nas mãos. Ele sabe que esta é uma chave que ele precisa pegar. De algum modo, ele sabe que está chave salvaria a vida de seu pai.

Sam acorda, respirando com dificuldade. Ele olha a sua volta, desorientado, esperando encontrar seu pai.

Mas ele não está em parte alguma. Sam se esforça, tentando se localizar, tentando descobrir onde está.

Ele está deitado sobre uma manta de seda, no topo de uma colina em um gramado, com Kendra em seus braços; ambos estão nus.

Sam se esforça um pouco, e rapidamente se lembra de tudo. Dormir com ela tinha sido maravilhoso, e ele ainda está um pouco surpreso que ela tenha mudado de idéia, desde não demonstrar nenhum interesse, para de repente querer ficar com ele a todo custo. Ela estava jogando com ele o tempo todo? Ou aquela era apenas sua personalidade?

Não importa a razão, ele gosta da sensação de tê-la nos braços. Ela está com o queixo em seu peito, e um sorriso nos lábios.

Ela estava apenas usando Sam? Ou realmente sente por ele o mesmo que ele sente por ela? E como é possível que ele se sinta assim em relação a ela tão rápido? Aquilo é pra valer? O que quer que seja, a única coisa que ele sabe com certeza é que jamais quer se afastar do lado dela.

Sam se lembra de seu sonho. Aquele tinha sido o sonho mais estranho e vívido que ele já tinha tido. Ele nunca tinha visto seu pai antes, e o sonho tinha lhe parecido mais com um encontro. Ele se esforça para descobrir o significado, mas não faz a menor ideia.

Sam de repente se lembra de algo, e se senta. O duelo da tarde – ele tinha ouvido que Aiden estaria lá hoje, e estava determinado a estar lá também, a conseguir a atenção de Aiden quer fosse chamado ou não. Ele olha para o relógio de Kendra e percebe que já é 4:30, e que está meia hora atrasado.

Sam se apressa para vestir-se, determinado a voltar a tempo.

Kendra se senta sobressaltada, acordando assustada.

“O que aconteceu?” ela pergunta.

“Aiden,” Sam diz. “Preciso vê-lo. Estou atrasado.”

Kendra lhe faz uma careta.

“Eu pensei que o tempo que você passa comigo fosse mais importante que o tempo que você passa com ele,” ela diz, petulante.

Sam olha para Kendra e, vendo como está transtornada, ele para.

“Por favor, compreenda. Não tenho a intenção de ofendê-la. É que... preciso vê-lo - não posso perder esta oportunidade, e já estou atrasado.”

Kendra vira o rosto, obviamente ofendida.

Mas Sam não tem tempo para aquilo. Ele termina de se vestir e salta sobre seu cavalo.

Ele olha para baixo e vê que Kendra está se mexendo devagar, tomando seu tempo, juntando suas roupas e então as vestindo. Está claro que ela não irá se apressar por nada.

Sam fica impaciente.

“Por favor, Kendra,” ele diz. “Eu preciso ir agora!”

“Então vá!” ela grita, nervosa. “Não estou lhe impedindo!”

Sam continua sentado no cavalo, olhando para ela e para a trilha, incerto sobre o que fazer. Ela obviamente não pretende se apressar.

“VÁ!” ela ordena, falando alto.

Ele ouvir a raiva na voz dela, e se surpreende com sua ferocidade.

“Posso vê-la novamente?” Sam pergunta.

Kendra lhe dá as costas, e termina de abotoar sua camisa.

“Vá atrás de seus amigos vampiros,” ela dispara. “Eles são obviamente mais importantes.”

Sam vê que não há como consolá-la, e não quer perder mais tempo. Ele teria que resolver isso mais tarde.

Ele chuta o cavalo e sai galopando, correndo colina abaixo. Ele apenas espera que Aiden ainda esteja lá, e que possa finalmente vê-lo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Caitlin está em pé no centro do ringue, rodeada por todos os seus companheiros de coven, enquanto Aiden acompanha tudo atentamente pela lateral. Depois do treinamento na floresta, eles tinham retornado ao ringue. Ela estava duelando – e vencendo – há algumas horas, e a plateia havia aumentado consideravelmente. Ela já tinha lutado com quase todos do coven de Aiden, e derrotado todos eles. Agora restam apenas alguns de seus melhores guerreiros.

O boato havia se espalhado, e agora até membros da realeza observam a cena. Os degraus de mármore estão repletos deles, além de alguns outros observadores.

Caitlin sente que está finalmente preparada. Ela luta com habilidades que antes jamais teria acreditado possuir. Ela sente seus

movimentos mais fluidos, e mais controlados. Ela sente como se soubesse como seu oponente irá reagir antes mesmo que ele se decida. O que quer que Aiden havia lhe ensinado – ela mesma não sabe ao certo – tinha sido profundamente assimilado e, enquanto luta, ela ouve as palavras dele em sua mente. *Seu maior inimigo é você mesma. A única pessoa que pode lhe derrotar é você. Isso diz respeito a quem você está se tornando.*

Ela tenta sentir os acontecimentos da batalha em outro nível. Ela chega a fechar os olhos de vez em quando, tentando sentir as vibrações ao seu redor, captar a energia de seu adversário. Ela sente como se estivesse ligada à terra, e consegue sentir sua ligação com os objetos físicos cada vez mais.

Eles a atacam com espadas, lanças, e todos os tipos de armamentos, e ela tenta sentir a ligação com cada um deles. *Não há uma separação entre você e os objetos. A única separação está na sua cabeça.*

Ela se torna uma guerreira ainda melhor do que havia imaginado ser possível. Quando dois dos maiores guerreiros de Aiden partem para cima dela, um com uma azagaia e o outro com um mangual girando descontroladamente, ela não se sente abalada. Pela primeira vez, ela não se sujeita à sua raiva, ou à suas emoções. Ao invés disso, ela espera pacientemente.

Quando a azagaia é arremessada em sua direção, a toda velocidade, ela simplesmente espera até o último instante, e desvia de seu caminho. Ela passa a milímetros de distância dela e, assim que isso acontece, ela estica o braço e a segura, agarrando-a em pleno ar. Então, em uma sequência de movimentos, ela parte a arma ao meio e a joga de volta em seu adversário – uma das pontas o acerta em cheio, e ele é arremessado para trás.

Na mesma sequência, sem pausar, ela pega a outra metade da arma e prende a corrente do mangual em pleno ar quando seu adversário

o gira na direção dela. Ela puxa a arma da mão dele e então bate com força em seu estômago com a ponta da azagaia. Ele cai de joelhos.

A plateia irrompe em aplausos de admiração, e Caitlin se vira e encara Aiden, à espera de seu próximo oponente.

“Espadas longas!” Aiden grita.

Um ajudante aparece, e arremessa uma espada longa na direção dela. Ela a segura, e continua esperando para ver quem será seu próximo adversário.

Aiden olha para ela com um olhar significativo, e ela sabe que ele está guardando alguém para lutar contra ela, alguém que certamente irá lhe surpreender.

“Blake!” ele grita.

O coração de Caitlin se aperta Caitlin - não é possível.

De trás do grupo de vampiros e membros da família real, surge um homem, armado com uma espada longa e com semblante sério.

Caitlin fica sem reação; é ele mesmo – Blake.

Ele olha para ela sem qualquer sinal de reconhecimento, com um olhar frio que parte seu coração. O que mais a magoa é que ele parece não se lembrar de nada a respeito dela.

Aiden havia escolhido bem seu último guerreiro. Ele claramente havia planejado aquele duelo para desconcentrá-la, e estava surtindo efeito.

Ela não consegue mais manter o foco, e não se sente bem. Ela se esforça para conseguir se concentrar novamente, mas não

consegue. Ela se irrita, e sente que está chegando ao limite. Caitlin é incapaz de controlar o mar de emoções dentro de seu peito.

Antes que possa organizar os pensamentos, Blake a ataca. Ele segura a espada no alto, acima da cabeça, em plena forma – como qualquer guerreiro experiente. Ele a ataca com força, golpeando a espada em direção à cabeça de Caitlin. Ela não consegue acreditar na velocidade dele. Eles estão usando espadas de madeira, e o golpe não a teria matado. Ainda assim, ela teria se machucado bastante. Está claro que Blake não se lembra dele: ele a ataca como se estivesse enfrentando seu maior adversário.

Caitlin consegue desviar no último segundo, quando a espada passa rente à sua cabeça. Ela fica surpresa com o golpe, e com a atitude de Blake. Mas ainda não está ferida – ao menos não por enquanto.

Ele se vira e a encara mais uma vez. Algo impede que Caitlin invoque sua força para enfrentar seu oponente. Ela sabe que deve partir para cima dele, que deve atacar. Mas ela não consegue encará-lo como um oponente comum; em vez disso, se vê recordando os acontecimentos do Coliseu, quando ele havia sacrificado a própria vida para salvar a dela. Seu coração se parte com a lembrança, e com a certeza de que ela lhe deve a vida.

Ele a ataca de frente, e Caitlin bloqueia os golpes dele um após o outro. Mas ela não o ataca – ela simplesmente não consegue fazer isso com ele.

Finalmente, depois de vários golpes, suas espadas ficam presas, e ele se aproxima dela, grunhindo e transpirando, enquanto tenta empurrá-la com toda força. A essa distância, Caitlin consegue ver a raiva em sua expressão, e pode perceber que ele realmente não se lembra dela.

“Blake,” ela diz, colada a ele. “Sou eu, Caitlin. Você não se lembra?”

Ele olha para ele e, depois de alguns segundos, cospe no chão:

“Você é nova aqui. Obviamente, não a conheço.”

Com isso, ele a empurra com toda sua força, e a arremessa ao chão.

Caitlin sai rolando até que finalmente para, deitada no chão de terra.

É então que ela finalmente se conforma. Ele realmente não a conhece. Ela é uma estranha para ele. Ela decide aceitar a realidade, aceitar suas novas circunstâncias.

Ela se levanta, tendo tomado uma decisão. Quando ele a ataca de novo, esperando derrotá-la, ela se acalma e o encara como faria com qualquer outro oponente. Finalmente, pela primeira vez, ela sente que suas emoções estão controladas. Ela percebe que pode controlá-las, e que é mais forte que seus sentimentos. E esta é uma lição que muda sua vida.

Quando Blake dá mais um golpe, enquanto ela ainda está no chão, Caitlin simplesmente rola o corpo para trás, erguendo as pernas e acertando um chute em seu estômago que o lança para trás, por cima da cabeça dela.

A plateia reage. Ela salta em pé exatamente no momento em que ele cai de costas no chão, a alguns metros dela. Blake se levanta, e olha para Caitlin com uma expressão indignada no rosto. Ele ergue o braço, abre um pouco as pernas e, com um movimento preciso, arremessa sua espada na direção dela.

É um bom golpe, um golpe que poucos guerreiros conseguem fazer, um movimento rápido e inesperado que transforma espadas em lanças. Ele acontece tão rápido, tão inesperadamente, que qualquer outra pessoa teria sido atingida.

Caitlin consegue perceber o gesto, mas mesmo com seus sentidos apurados, tudo acontece tão rápido que ela não tem tempo de desviar ou rebater a espada – e ela irá acertá-la.

Então ao invés disso, ela planta os pés firmemente no solo, e sente que chegou o momento de usar seu novo poder. Ela invoca toda a energia que ainda possui, e se esforça para usar a habilidade que Aiden havia lhe ensinado.

Em sua mente, ela sente a espada se aproximando, sente todas as partículas, e sua energia. Ela se torna uma só com a espada e, quando faz isso, faz com ela seja desviada.

No último instante, dá certo. A mente de Caitlin consegue mudar a direção da espada, enviando-a pelo ar, e ela passa bem acima da cabeça de Caitlin até cair no chão atrás dela.

A multidão se surpreende com aquilo, assim como Blake. É incrível, Caitlin havia conseguido mover o objeto sem sequer ter tocado nele. Obviamente, ela tem poderes além dos de todos ali presentes. Todos estão chocados.

Caitlin agora ataca Blake com sua espada de bambu, disposta a acabar com a luta. Ele ergue o escudo enquanto ela o ataca descontroladamente, de um lado para o outro sem parar. Ela faz com que ele se canse, revidando cada golpe. Ele finalmente cai de joelhos no chão, segurando o escudo, e Caitlin está a um golpe da vitória.

Mas de repente, Caitlin se distrai ao ver alguém no meio da multidão. Apesar de toda sua compostura, de todo seu treinamento, ela fica boquiaberta, tão surpresa que deixa sua espada cair antes que consiga dar o último golpe.

Todos no grupo se viram para ver o que ela está olhando.

Um garoto sai do meio da plateia e se caminha na direção dela, também em choque. Ele se dirige até onde ela está, abre os braços e a abraça. Ela também abraça o garoto, e sente seus olhos encherem-se de lágrimas.

O garoto é seu irmão, Sam.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Enquanto se afasta voando de sua casa, de Caitlin, Caleb sente seu coração se partindo. Ele tinha visto a dor no rosto dela, e a última coisa que gostaria de fazer é magoar os sentimentos dela. Ele nunca havia imaginado que teria que sair do lado dela, e não nada que ele queira mais do que estar com ela. Na verdade, ele havia planejado pedi-la em casamento.

Mas a notícia sobre seu filho tinha sido difícil de ignorar. Sua decisão não tem relação com Sera – se a mensagem tivesse vindo de qualquer lugar do mundo, ele ainda teria abandonado tudo para ir ao encontro de seu filho. Sera, na verdade, é a última coisa que passa pela cabeça dele.

Mas Jade está sempre presente. Ele ainda se sente esmagado pela culpa por ter permitido que Jade morresse em Veneza. Ele faria qualquer coisa – qualquer coisa – para tê-lo de volta. Se isso significava ter que interagir com Sera, era isso que ele faria. E se isso significava abandonar Caitlin, pelo menos momentaneamente, ele simplesmente não tinha escolha. Por mais que isso lhe cause dor, ele não suporta a ideia de nunca mais ver seu filho.

Caleb voa ao longo da costa, enquanto observa a paisagem mudar de colinas para prados e então para florestas e colinas mais uma vez. Ele ainda se lembra de o local onde ficava a casa de Sera,

em uma vila medieval no Sul da França. O lugar havia sido seu porto seguro por centenas de anos, e ele sabe que é lá que ela vai estar.

Caleb voa mais rápido, querendo voltar logo para Caitlin, e feliz por estar prestes a rever seu filho. Ele se pergunta como aquilo era possível – como era possível que Jade estivesse vivo? Caleb tem certeza que uma vez morto, não era possível trazê-lo de volta. Afinal, seu filho ainda não era um vampiro adulto, e ele não poderia ressuscitá-lo.

Ela pensa em que ano está: 1789. Apenas dois anos antes da última vez que o tinha visto. Ele se pergunta se seria este o motivo. Talvez isso significasse que seu filho ainda estava vivo, apenas dois anos mais jovem; isso faria algum sentido.

Mas até onde ele sabia, para humanos, se o futuro fosse alterado o passado também seria, e

portanto sua morte em 1791 teria anulado sua existência em 1789, o que significava que Jade não estava vivo agora.

Caleb se sente confuso, e não consegue entender a lógica de tudo aquilo. Mas ele não se importa, quer apenas ver Jade novamente.

Caleb mergulha, voando mais baixo, circulando pela costa até que o avista: O castelo de Sera. A construção fica dramaticamente contra a encosta, com torres altas e muitos pátios e terraços. Como ele esperava, Sera está lá embaixo, em pé no terraço, olhando para cima, observando o céu à espera dele. Ela abre um grande sorriso ao ver Caleb, mas ele está um pouco irritado. Ele vê que Jade não está do lado dela, e a última coisa que deseja fazer é sorrir.

Ele pode ver pela expressão dela que Sera já está criando expectativas em relação à visita dele. Pela forma como ela olha para ele, ele sabe que ela pensa que já estão juntos novamente. Será que algum dia ela aprenderia?

Caleb mergulha uma última vez e aterrissa no terraço, e Sera imediatamente se aproxima.

“Meu amor,” ela anuncia, triunfante, de braços abertos para ele.

Mas Caleb olha para ela com uma expressão séria, erguendo a mão para impedir que ela se aproxime.

“Sera,” ele diz, rispidamente. “Não vim aqui por você. Estou aqui por causa de Jade, você disse que ele está vivo. Onde está ele?”

Caleb sente que deve ser firme, ele não quer que ela crie mais fantasias sobre estarem juntos. Sera suspira, ignorando a pergunta dele.

“Você finge que não se importa comigo. Mas isso é por que me ama profundamente. Posso sentir o seu desejo - ele é como um farol, chamando por mim.”

Caleb balança a cabeça.

“Você ainda vive uma fantasia. Não há nada mais entre nós. Agora diga, onde está meu filho?” ele pergunta com mais insistência.

Mas ela apenas balança a cabeça.

“Você e eu, nós sempre tivemos tanto potencial. Você sempre teve medo de realmente deixar seus sentimentos por mim tomarem conta de você.”

Caleb dá um passo à frente e agarra Sera pelos ombros.

“Sera, não estou interessado em seus jogos. Onde está ele!?” ele grita.

Ela olha dentro dos olhos dele, e então abre lentamente um sorriso e se vira, descendo uma escada.

“Siga-me,” ela diz, de costas para ele.

Caleb a segue por uma escada e pelo pátio inferior do castelo, com o coração acelerado de ansiedade para rever Jade. Ele está curioso para ver como ele está, quantos anos tem. Ele segue Sera até um amplo quarto de casal, com enormes janelas que se abrem sobre o oceano, mas ele não vê qualquer sinal de Jade. Assim que ele entra no quarto, ela fecha a porta. Ela se dirige até uma cama com dossel, senta em um canto e desabotoa os dois primeiros botões de seu vestido. Ela olha para ele e sorri sedutoramente.

“Caleb,” ela diz, “sei por que você está aqui.”

Caleb olha para ela, sem compreender.

“O que você está dizendo?”

“Você sabe tanto quanto eu,” ela responde. “Pare de fingir. Você sabe que Jade não está aqui.”

Caleb sente seu sangue ferver, e mal consegue falar.

“Diga-me onde ele está,” ele ordena.

Ela se levanta, abre um largo sorriso e, com o vestido desabotoado, caminha até ele e coloca a mão em seu ombro.

“Para de se fingir de bobo,” ela fala. “Você sabe que nosso filho está morto.”

Com essas palavras, Caleb sente como se tivesse sido esfaqueado. Ele instintivamente empurra Sera para longe.

Ela olha para ele, sem acreditar que tinha sido empurrada.

Ele sente o ódio tomar conta dele quanto, naquele instante, percebe que tinha sido enganado. Ele se sente um perfeito idiota e, acima de tudo, está arrasado por ter certeza que Jade não está mais vivo.

“Como você pôde fazer isso comigo!?” ele chora, ouvindo a tristeza em sua própria voz. “Você mentiu! Você me enganou!”

“Ora, pare de choramingar!” ela dispara. “Você não é tão ingênuo. Você sabia que é impossível que ele ainda estivesse vivo. Mas nosso amor, esse ainda vive. Sim, eu precisava de uma desculpa para trazê-lo aqui. Mas agora que você veio, estamos juntos, e é tudo que importa. E agora, podemos ter outro filho juntos!”

Caleb se vira e começa a sair do quarto sem confiar no que faria se olhasse na direção dela. Ele está furioso, e completamente devastado.

Mas antes que ele chegue até a porta, Caleb sente a mão gelada de Sera em seu braço; as unhas dela perfuram a pele dele quando ela vira o corpo dele. Agora, é ela que olha para ele com ódio.

“Não ouse me abandonar!” ela grita. “Não depois de tudo que passamos juntos!”

Ele a encara impassivelmente.

“Marque o que estou dizendo,” ele diz lentamente, com a voz firme, “Nunca mais a verei, enquanto estiver vivo. Seja nessa vida, ou em qualquer outra, nada do que você possa dizer jamais me trará de volta até você.”

E com isso, ele puxa o braço da mão dela e sai apressado do quarto.

“Caleb!” ela grita. “Caleb! Volte para mim! Eu sinto muito!”

Enquanto sobe correndo as escadas, em direção ao telhado, Caleb pode ouvir o choro desesperado de Sera ecoando pelas paredes do castelo. E mesmo quando chega ao telhado e decola, ele ainda consegue ouvi-la à medida que seu choro se mistura ao som das ondas que arrebatam na praia.

CAPÍTULO VINTO E CINCO

Sam caminha ao lado de Caitlin pelos jardins de Versalhes. Ele tinha ficado muito surpreso ao vê-la no ringue, lutando, e tinha ficado orgulhoso da irmã. A princípio, ele não havia percebido que era ela, e tinha ficado espantado enquanto assistia à luta junto com os outros.

Ele tinha ficado espantado ao descobrir que o melhor guerreiro de todos era, na verdade, sua irmã. Ele ficou impressionado com as habilidades dela – nunca tinha visto ninguém lutar assim. Em uma mistura de guerreira humana com mestre das artes vampiras, ela tinha se movimentado com a velocidade de um raio, estocando, perfurando, cortando, desviando e fazendo coisas que ele nem consegue imaginar; era como presenciar a arte em movimento.

Depois que a luta havia acabado, eles tinham se abraçado, e Caitlin tinha sido cercada por várias pessoas que lhe parabenizaram pela vitória. Até mesmo Aiden havia se aproximado dela, e balançado a cabeça em sinal de aprovação. Sam queria falar com Aiden, mas ele sequer olhou na direção de Sam e, imediatamente depois, desapareceu. E, tendo encontrado Caitlin, Sam não sente mais a necessidade de falar com ele.

Caitlin obviamente estava em seu próprio elemento. Sam havia sentido muita admiração por ele, e orgulho por ser seu irmão. E o que tinha sido mais especial para ele havia sido o fato de, apesar de todas as pessoas que queriam falar com ela, Caitlin só queria sair do meio do grupo e caminhar sozinha com Sam. Ele fica feliz ao perceber que ela sente tanto a falta dele quanto ele dela.

Encontrá-la ali tinha sido uma surpresa agradável. Ele havia pensado que teria que viajar longe para encontrá-la; ele nunca tinha considerado que ela poderia estar bem debaixo do nariz dele, no mesmo local onde ele estava. Agora, finalmente, ele sente que está tudo bem. Ele sente que talvez possa relaxar neste lugar e período, e ter tudo o que quer: pode viver nesse palácio incrível, ter sua irmã por perto, em segurança, e ter seu relacionamento com Kendra. Ele podem apenas continuar vivendo ali, felizes, e continuarem juntos, como irmão e irmã, da mesma forma que costumavam viver.

Enquanto caminham, Sam relembra todos os lugares horríveis onde tinham vivido enquanto crianças, em todas as vezes que a mãe deles havia mudado. Eles tinham morado em cidades horríveis no centro-oeste, Nova Jersey, Vale Hudson... e então, o pior deles, o Harlem - tinha sido terrível!

Ele agora vê sua infância de um modo diferente, sabendo o que Caitlin é, e o que ele também é. Ele sempre havia sentido, - enquanto cresciam - que ele e Caitlin eram diferentes. Eles nunca tinham se encontrado, nunca tinham sido exatamente como os outros. Ele costumava pensar que fosse por que eram sempre os novatos da turma. Ele nunca tinha considerado a possibilidade de que fossem, na verdade, realmente especiais. Que tinham poderes especiais; que eram de uma espécie rara, de um coven especial – ou que tinham um destino, uma missão. E acima de tudo, que seus pais na verdade não eram seus pais verdadeiros.

Sam sempre havia sentido um desejo secreto de encontrar o pai, e nunca tinha entendido por quê. Mas agora que ele sabe qual é a missão deles, tudo começa a fazer sentido.

Todas as brigas que ele e Caitlin tiveram com a mãe também começam a fazer mais sentido, em retrospecto. Ele sempre tinha tido a impressão que a mãe deles não os amava de verdade, que olhava para eles como se não fossem realmente seus filhos. Ele

sempre tinha se perguntando como poderiam ter qualquer relação com ela.

“Sinto muito,” ele finalmente diz, enquanto andam pelo jardim, ao passarem pela enorme fonte. “Por tudo que aconteceu em Nova Iorque. Por sempre arranjar problemas para você, e pelo que aconteceu com Caleb. Sei que a única razão para tê-lo esfaqueado foi meu poder de transmutação. E sinto muito por ter tentado matá-la – estava completamente fora de mim.”

Caitlin olha para ele com amor fraterno.

“Sam, você não precisa se desculpar,” ela diz. A voz dela parece mais madura, e bem mais confiante - é como a voz de um guerreiro. “Isso foi há muito tempo, e sei que você não teve a intenção.”

“É que... naquela época, eu estava sendo influenciado por Samantha,” ele continua. “Ela havia me transformado. Tudo estava tão... diferente. Eu não era eu mesmo, não conseguia sequer pensar com clareza.”

“Tudo acontece por uma razão,” Caitlin diz. “Sei disso agora. Caleb tinha que morrer. E eu tinha que voltar para salvá-lo. Eu deveria estar aqui, em todos esses outros lugares e períodos, e assim como você. Nós estamos em uma missão, em uma jornada. Isso não diz mais respeito a mim ou a você - há um destino maior em jogo. O que eu aprendi é que, por um lado, sim, temos o livre arbítrio, e há escolhas que podemos fazer. Mas por outro lado, muito do que pensamos estar fazendo é, na verdade, o destino. Posso ver isso agora; quanto mais avanço nesta jornada, mais compreendo que o destino é mais forte que nossas escolhas. Que na verdade, não fazemos tantas escolhas afinal; apenas pensamos que fazemos.”

Sam pensa sobre tudo aquilo, e lhe parece ser a verdade. Ele estava começando a sentir o mesmo, embora não tivesse pensado tanto a respeito quanto Caitlin. Ele fica impressionado com a sabedoria dela,

e tem a impressão que está diante de uma guerreira com centenas de anos de experiência.

“Sem falar que acredito que você já consertou os erros do passado,” Caitlin completa com um sorriso, ao pegarem outra trilha. “Você me salvou em Roma. No Coliseu.”

“Sinto que ainda não acabamos – que Kyle ainda pode vir atrás de você,” Sam diz, com preocupação. “É por isso que voltei no tempo, e vim para este lugar. Para salvá-la, e consertar meus erros.”

Sam fica surpreso ao perceber que Caitlin não parece se preocupar.

“Tenho certeza que Kyle está por aí,” ela diz calmamente. “E estou certa que ele virá atrás de mim, mas não estou mais preocupada. Sinto-me mais forte do que nunca. Na verdade, espero ansiosa pelo nosso confronto.”

Sam olha para Caitlin, e pode sentir a força emanando dela. Ele pode ver a confiança e determinação dela, e sente que ela será um adversário a altura de Kyle. Sam se sente ainda mais orgulhoso da irmã.

“Você se lembra no Vaticano, de todos aqueles vampiros vestidos de branco? Eles deram uma chave para você,” ele diz. “Não consigo parar de pensar sobre aquilo; sobre o que disseram, que ainda há três chaves para encontrarmos nosso pai. Eu não costumava acreditar que nosso pai realmente existia. Mas agora, acho que acredito.”

“Ele existe,” Caitlin diz, com confiança. “Já o vi.”

Sam abre os olhos de surpresa.

“Você já o conheceu?” ele pergunta impressionado.

“Não. Eu o vi em meus sonhos.”

Sam de repente se lembra.

“Meu Deus. Sei o que você quer dizer. Sonhei com ele a noite passada.”

Caitlin se vira e encara Sam. Ele se surpreende com a súbita intensidade dela. Ela para de caminhar.

“O que você sonhou exatamente?”

“Eu...” Sam começa a falar, mas então fica nervoso por ter sido pressionado. Ele pode sentir a importância da resposta, e não quer decepcionar a irmã. “Hmm... Eu estava escalando uma montanha... e então pensei tê-lo visto... mas não conseguia alcançá-lo... e depois uma igreja enorme apareceu. Havia uma chave enorme flutuando, e eu tentei alcançá-la... Parecia uma mensagem, como se eu devesse encontrar a chave naquele lugar.”

“Sam, tente se lembrar. Você se lembra da igreja?”

Sam faz uma careta, tentando se lembrar. Durante o sonho ele a tinha reconhecido, mas agora está tendo dificuldade para se lembrar.

“Era... Na hora eu sabia... mas agora... ela era enorme... as torres tão altas. A entrada. Ela tinha uns arcos, e três portas enormes.”

“Acima dos arcos, havia algumas esculturas? Dezenas delas?” Caitlin pergunta animada.

Os olhos de Sam se iluminam. Agora ele se lembra.

“Sim!”

Caitlin parece registrar alguma coisa.

“Você sabe qual é?” ele pergunta.

“É a Catedral de Notre Dame,” ela fala.

“Sim!” Sam responde, percebendo que ela tem razão.

Enquanto Caitlin olha para o vazio, parecendo impressionada, Sam se pergunta por que aquilo era tão importante.

“Você acha que foi mais do que apenas um sonho?” Ele pergunta.

Caitlin assente.

“Sim, muito mais. No mundo vampiro, sonhos são sempre algo mais. Eles são sempre mensagens - encontros, principalmente para alguém como nosso pai. Ele estava lhe dizendo onde encontrá-lo, acho que é esse o significado. Precisamos de quatro chaves, e acho que ele estava lhe dizendo que a segunda chave está em Notre Dame.”

Sam considera aquilo. Ele se sente honrado que seu pai tenha escolhido aparecer para ele, e enviar uma mensagem tão importante.

“Mas por que foi você quem sonhou?” pergunta Caitlin, quase para si mesma. “Por que não eu?”

“Não sei. Talvez cada um de nós consiga alguma pista do enigma, sabe? Somos da mesma linhagem, talvez seja preciso resolvê-lo juntos.”

Caitlin olha para ele.

“Acho que você tem razão.”

Sam se sente mais importante do que nunca. Ele se sente mais uma vez determinado a encontrar seu pai, a juntar-se a Caitlin naquela missão.

“Preciso encontrá-lo, Sam,” Caitlin diz, com a voz séria. “Nós precisamos encontrá-lo. Há muita coisa em jogo, e não apenas

para nós. Muitas outras pessoas estão contando conosco. Preciso da sua ajuda. Você está disposto a me ajudar?”

A princípio, Sam se sente animado; mas então, quando pensa na realidade de deixar aquele lugar, ele sente um nó na barriga. Isso significaria deixar Kendra e, apesar de tudo, ele ainda é assombrado pela lembrança dela.

“O que foi?” Caitlin pergunta. “Qual o problema?”

Sam hesita. Ele olha para o chão, evitando o olhar dela. Ele tem vergonha de lhe dizer a verdade.

“Bem...” ele começa, mas então se cala. Ele não sabe como explicar. Ele tinha mesmo ficado tão mole por causa de uma garota? Ia mesmo desapontar sua própria irmã por causa disso? O que sua irmã pensaria disso?

“Bem... hmm... sabe, eu... Eu hmm... conheci uma garota,” ele começa.

Ele vê a expressão de Caitlin se transformar de confusão em reconhecimento.

“Sam,” ela diz, parecendo sua mãe, “há coisas mais importantes. Essa busca... estamos falando do nosso *pai*.”

Mas mesmo enquanto ela pronuncia as palavras, Caitlin sabe que está sendo hipócrita. Afinal de contas, ela quase tinha desistido da busca por causa de Caleb.

“Eu sei,” Sam diz, ainda evitando o olhar dela. “É que... bem... essa garota, ela é diferente, e nós... acabamos de nos conhecer... e não tenho certeza se deveria ir assim, exatamente neste minuto...”

Ele vê que ela o encara com um olhar desapontado. Ele não sabe o que mais pode dizer. Ele quer ir com ela, mas ao mesmo tempo, há

algo a respeito de Kendra que simplesmente faz com que ele se sinta obcecado por ela.

“Você *tem* que entender,” Sam implora. “Você já teve alguém em sua vida, não é? Qual era o nome dele? Caleb? O que aconteceu com ele?”

Sam assiste enquanto o rosto de Caitlin se transforma, tomado pela tristeza e mágoa, e imediatamente se arrepende de ter perguntado. Caitlin olha para o vazio, e parece transtornada.

“Sim,” ela diz suavemente. “Eu tinha. Um dia.”

O silêncio toma conta deles.

“Sinto muito,” ele diz. “Realmente quero ajudá-la. Mas essa garota, bem, o nome dela é...”

“Kendra,” diz de repente uma voz.

Sam e Caitlin ao se virarem veem Kendra parada atrás deles, com seu vestido azul, observando-os ativamente.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Caitlin fica parada enquanto Kendra dá um passo à frente, ficando entre ela e seu irmão. Ela olha para Caitlin com um olhar desafiador e possessivo, um olhar que visa comunicar a Caitlin que se afaste – que Sam agora é sua propriedade.

Caitlin olha para Sam, esperando que ele perceba o que está acontecendo, e que empurre Kendra para fora do caminho – desejando que ele seja imune ao comportamento dela.

Mas infelizmente, ele não é. Caitlin se surpreende ao ver que Sam parece ter se tornado completamente submisso diante da presença de Kendra, como se ela exercesse algum poder invisível sobre ele. Ele parece até curvar-se um pouco, enquanto Kendra parece ficar mais alta. Ele fica completamente impotente na presença dela.

O coração de Caitlin se parte diante da cena. Ela já tinha visto o mesmo acontecer com suas amigas antes. É óbvio que Sam está enfeitiçado por ela.

“Kendra,” Caitlin repete devagar, com a voz calma, olhando bem nos olhos dela. “Creio que ainda não fomos apresentadas.”

“Não fomos,” Kendra declara, em tom frio.

“Bem,” Caitlin diz lentamente, sentindo a raiva crescendo dentro dela, “você está entre meu irmão e eu, e estamos tendo uma conversa particular.”

Kendra encara Caitlin, e ela pode ver um traço de indignação no olhar dela, mas Kendra não se move.

Sam sai de trás de Kendra e fica entre as duas, pressentindo que um confronto está prestes a acontecer.

“Não, não é isso,” Sam fala para Caitlin, em tom de conciliação. “Ela só queria se apresentar. Caitlin, essa é Kendra. Kendra, essa é minha irmã, Caitlin.”

Caitlin percebe que Sam está transpirando; ele está ansioso para que elas se gostem. Mas Caitlin continua encarando Kendra com o olhar de aço, e Kendra faz o mesmo. Sam alterna o olhar entre as duas, cada vez mais nervoso.

“Meu irmão e eu estávamos discutindo uma viagem que faremos juntos,” Caitlin diz friamente. “Na verdade, partiremos amanhã, então é melhor se despedirem agora.”

Caitlin sente que precisa assumir o controle da situação, fazer alguma coisa para quebrar o feitiço que essa mulher havia lançado sobre Sam para que ele ficasse tão impotente diante dela. É uma atitude impulsiva e agressiva, mas ela sente que não tem escolha.

Kendra se vira e olha para Sam. Ele evita o olhar dela, e evita o olhar de Caitlin, também. Caitlin nunca tinha visto Sam tão incomodado.

“Eu duvido muito,” Kendra responde. “Sam não vai à parte alguma. Afinal de contas, temos planos para amanhã.”

“Temos?” Sam pergunta, e Caitlin pode ouvir a esperança na voz dele.

O tom da voz dele diz tudo que Caitlin precisa saber, e ela sente seu coração apertado. Ele não estava realmente deixando-se manipular por aquela garota, estava?

“É isso mesmo,” Kendra responde. “Temos.”

Caitlin olha mais uma vez para Kendra, completamente transtornada. Ela torce para que Sam tenha força de vontade suficiente para se impor. Desde que consegue se lembrar, esse havia sido sempre o problema dele. Ele sempre se sentia atraído pelas garotas erradas, garotas mandonas, controladoras, e que sempre lhe faziam mal. Samantha havia sido apenas a última delas, e agora Kendra. Sam parece não ter sorte nessa área, Caitlin não está tão surpresa.

Mas ainda assim, ela está chateada. Ela esperava que Sam tivesse mudado, que fosse forte o suficiente para dizer não para Kendra. Caitlin esperava que ele se juntasse a ela em sua missão. Mas Sam se vira para Caitlin com um olhar culpado e triste. Ela pode ver no

fundo daqueles olhos que ele gostaria de ir com ela, mas é incapaz de negar qualquer coisa à Kendra.

“Sinto muito Caitlin,” Sam diz, com a voz embargada. “Eu... não acho que estarei pronto para partir amanhã.”

Caitlin assente, mantendo-se calma. Mas no fundo, seu coração está se partindo. Ela pode ver o sorriso vitorioso estampado no rosto de Kendra, e sente sua raiva ganhar força. Mas ela sabe que há muito pouco que pode fazer. Ela havia aprendido por experiência própria que em relação questões do coração, no final das contas, não havia como controlar os relacionamentos dos outros. Essas são coisas que as pessoas simplesmente têm quer resolver sozinhas. Se Sam estava disposto a fazer mudanças, a decisão teria que partir dele.

Caitlin assume controle de sua raiva e imediatamente se vira e começa a se afastar, antes que cometa alguma loucura.

“Caitlin, espere!” Sam grita atrás dela.

Mas ela não está disposta a parar; ele havia tomado a decisão dele, e havia deixado isso claro. E, não verdade, no fundo ela sente que é a última pessoa que deveria julgá-lo. Ela sabe como é estar apaixonado, e querer abandonar a missão. Ele simplesmente teria que deixar seu próprio destino tomar seu curso.

E enquanto continua andando, Caitlin percebe além de tudo, que aquela missão é algo que ela simplesmente terá que resolver sozinha.

* * *

Caitlin retorna aos seus aposentos, trancando a porta firmemente atrás dela. Ela quer ficar sozinha, e deseja um pouco de privacidade. O dia tinha sido longo e repleto de acontecimentos. Ela havia aprendido tanto com Aiden, havia aumentado seu nível no ringue de batalhas, lutando melhor do que jamais havia feito antes. Ela tinha

se impressionado ao rever Blake, magoada por não ter sido reconhecida, – e então completamente surpresa ao ver Sam. Como se tudo isso não bastasse, ela também havia conhecido Kendra, e tinha ficado impressionada com o controle que ela exercia sobre seu irmão.

Tantos pensamentos e sentimentos conflitantes passam pela cabeça dela ao mesmo tempo, que Caitlin não consegue processar todos eles. Ela tem a sensação de que dez dias tinham se passado.

Enquanto o sol se põe, Caitlin tira as roupas e entra na banheira. Ela sente à medida que cada músculo de seu corpo começa a se relaxar; Ruth se senta pacientemente ao seu lado.

A mente de Caitlin dá voltas; ela pensa em Sam, no quanto ele havia mudado. Ela pensa em Aiden, e em suas novas habilidades; em seu pai e em sua busca. Ela se lembra do sonho de Sam, da chave flutuante na Catedral de Notre Dame. Quando todas essas lembranças se misturam, ela se sente mais determinada do que nunca em completar sua missão.

Versalhes oferece uma vida luxuosa, mas ela sente que sua missão a chama em outra direção.

Todas as pessoas que ela conhece e ama, estão aqui (exceto Caleb), mas estão todos distraídos. Polly parece estar envolvida com seu namorado cantor, e Sam tem Kendra. Blake parece nem ao menos se lembrar dela. E ela sente que já levou seu treinamento até onde poderia para aquele lugar e período. Ela não sabe quanto tempo mais tem, e sente que é hora de continuar.

Caitlin sai da banheira, se seca em uma toalha enorme, e então coloca o roupão que havia sido deixado separado ao lado de sua cama. É um roupão de seda, branco e dourado, com corte sensual, e quando ela o veste, sabe que nunca usou nada tão luxuoso.

Ela se deita na enorme cama, cercada por dezenas de travesseiros, e suspira. Ruth sobe na cama e coloca a cabeça no colo de Caitlin. Depois de alguns instantes, ela estica o braço e pega um objeto em suas mãos.

O pergaminho. Ela senta lentamente, segurando-o com as duas mãos sem tirar os olhos dele. Ela passa a mão lentamente a longo dele, sentindo as joias incrustadas. Ela fecha a mão, envolvendo-o entre os dedos para tentar canalizar a energia de seu pai. É eletrizante, ela sente como se estivesse segurando um pedaço dele.

Ruth olha para Caitlin e geme como se estivesse pedindo para que ela o abrisse.

Caitlin finalmente toma uma decisão. É hora de saber o que diz a mensagem. Ela coloca as mãos sobre as fechaduras em ambos os lados, e as empurra para dentro. Ela ouve um ligeiro clique e, ao empurrar a tampa, um pequeno chiado – quando o ar, preso por séculos dentro da caixa, é liberado.

Caitlin abre a caixa bem devagar e, quando faz isso, não consegue acreditar no que vê.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Kyle fica ao lado de Napoleão, e um exército de seguidores está em pé atrás deles. Napoleão havia convocado todo seu coven e todos os seus conhecidos – centenas de vampiros, e ao longo do caminho eles haviam causado agitação nas ruas e instigado os moradores a se juntarem a eles e tomarem a Bastilha. Havia sido fácil: com tanto

descontentamento no ar entre a população da França, tamanho ódio contra a família real, a prisão na Bastilha tinha sido o alvo ideal, a representação perfeita da realeza. Quanto mais avançavam, mais a multidão atrás deles crescia.

E Napoleão, exatamente como ele já esperava, procurava Kyle antes de tomar qualquer decisão. Kyle sente seu poder aumentar, apreciando a sensação de estar à frente de um exército mais uma vez, ansiosamente aguardando a destruição e derramamento de sangue que estavam prestes a acontecer. Em pé com seus homens na praça diante da Bastilha, Kyle a observa. O forte, com sua estrutura protegida por uma ponte levadiça e torres, é muito bem guardado por soldados formidáveis, conforme Kyle ainda se lembra. Mas, já tendo estado lá dentro, Kyle conhece os pontos fortes e fraquezas do lugar, e sabe como invadi-lo. Ele carrega no bolso um produto químico capaz de anular o efeito do titânio, e libertar os sete selvagens de uma vez por todas.

Kyle sorri ao repassar seu plano. Quando ele libertasse os sete selvagens, eles criariam uma destruição por toda Paris diferente que qualquer outra que a cidade já tinha visto. Na verdade ele sabe que aquele seria apenas o começo de toda a revolução.

Essa multidão descontrolada é exatamente a distração que Kyle precisa para invadir o prédio e colocar seu plano em ação. E a revolução seria a segunda e maior distração que ele precisa para chegar até Caitlin e isolá-la. Com tanta confusão espalhada pela cidade, ele tem certeza que conseguirá fazer com que ela se separe de seus protetores reais, e que em meio ao caos, ele poderá encontrá-la e matá-la com muito mais facilidade. Ele chega a salivar com a possibilidade; não há tempo algum a perder.

“AGORA!” Kyle grita.

Juntos, a multidão repentinamente parte para a ação, atravessando a praça em direção à Bastilha. Eles chegam até os muros ao mesmo

tempo e, dentro de poucos momentos, tiros estão sendo disparados e a ponte é erguida. A multidão também atira, a luta já se tornou sangrenta e eles nem sequer haviam entrado.

Kyle tira vantagem da situação. Ele se afasta do grupo e se ergue no ar, voando por cima do fosso até chegar ao outro lado. Ele se esconde atrás do aterro de pedra, e observa enquanto os guardas se dirigem até a frente da torre. Quando eles passam, Kyle vê uma oportunidade. Ele atravessa para o outro lado e, com um movimento rápido, bate no último guarda, pega suas chaves e entra no prédio.

Kyle já conhece o lugar de sua visita anterior, e sabe exatamente onde precisa ir, mesmo no escuro. Ele desce correndo uma escada de pedra em espiral, e se esconde em uma fenda na parede que ele já sabia existir. Ele fica lá e espera, tentando se lembrar de quantos guardas ficavam ali embaixo. Ele sabe que se esperasse ali, eles passariam por ali correndo para ajudar na defesa dos portões.

Ele estava certo. Momentos depois, dezenas de guardas vampiros passam correndo por ele, sem notarem sua presença. Ele espera mais alguns segundos, certificando-se que está sozinho, e sai em disparada, descendo cada vez mais.

Ele primeiro chega até um enorme portão de ferro e, sem esperar, o arranca da parede usando apenas uma das mãos. Ele desce ainda mais, e chega até um grande portão de prata, e desta vez, ele extrai a chave que tinha encontrado com o guarda e o destranca. O portão abre com facilidade.

Agora Kyle está na escuridão completa. Ele continua descendo, correndo escadas abaixo. Ele já pode sentir o cheiro horrível dos sete selvagens, à medida que desce ainda mais, e Kyle sabe que está chegando perto, próximo ao último nível da Bastilha.

Kyle finalmente chega ao seu destino. O lugar é cavernoso, mas ele logo encontra as barras de titânio. Ele tem que se afastar do metal; mesmo de tão longe, a energia do portão é muito forte. Mas Kyle

está preparado. Ele enfia a mão dentro do bolso, extrai uma substância em pó, e a atira sobre as barras. Moróxido de sódio, o único composto capaz de dissolver titânio.

Kyle espera alguns minutos e, enquanto ele assiste, o titânio muda de cor, de prata para um tom de rosa. Quando todas as barras mudam de cor, ele sabe que deu certo; Kyle estica os braços, segura nas barras, e puxa com toda sua força.

Mesmo com o efeito da substância, ele ainda precisa fazer muita força. Mas após algum esforço, ele eventualmente consegue arrancar as barras milenares da parede.

Assim que ele faz isso, os sete selvagens se aproximam, grunhindo. Eles são os demônios mais horríveis que Kyle jamais havia visto, pregadores do inferno que assombram até mesmo as piores espécies, fazendo-as parecerem fadas. Seus rostos retorcidos têm milhares de anos, e eles erguem suas garras e mostram suas presas, prontos para atacarem até mesmo Kyle, o responsável pela liberdade deles.

Ele sabia que essas criaturas não ficariam gratas a ele. Pelo contrário, elas o matariam se pudessem. Ele admira isso, e quer que elas matem. Mas não quer ter que enfrentá-las ele mesmo, isso estragaria seus planos.

Kyle lhes dá as costas e sai correndo, e depois começa a voar, sabendo que eles o seguiriam. Ele sobe cada vez mais alto, subindo os degraus da torre circular.

Os sete selvagens são tão rápidos quanto diziam e, dentro de instantes, Kyle sente que eles estão logo atrás dele.

Bom, Kyle pensa. Eles estão prontos.

Ele voa sem parar, e finalmente chega de volta ao nível principal, atravessa a porta da frente e corre para a ponte levadiça. Como ele

esperava, os sete selvagens o tinham seguido como um enxame de abelhas, mas agora, ao vislumbrarem a liberdade, eles ficam distraídos. Eles perdem Kyle de vista e, ao invés de irem atrás dele, resolvem arrancar as cabeças de todos os guardas a postos.

Kyle voa para uma área livre, aliviado por ter se livrado deles. Ele tem um enorme sorriso nos lábios; embaixo dele, milhares de cidadãos estão lutando até a morte, invadindo a Bastilha. Do outro lado, os sete selvagens estão destruindo os guardas do lado de dentro para fora do prédio. Dentro de minutos estariam livres, vagando pelas ruas com os outros, e causariam destruição em escalas nunca antes vistas em Paris.

Kyle não se sentia tão bem desde quando ainda era um garoto. Isso é exatamente o que ele precisa. Agora ele pode encontrar e matar Caitlin.

Agora, sua revolução pode finalmente começar.

CAPÍTULO VINTO E OITO

Caitlin senta em sua cama, olhando para a caixa aberta em suas mãos, completamente surpresa.

Dentro dela há um pequeno e delicado pergaminho, enrolado e lacrado com cera. Sobre a cera há a insígnia de uma pequena cruz antiga que Caitlin imediatamente reconhece como sendo idêntica à pequena cruz de prata que ela usa ao redor do pescoço. Caitlin leva a mão ao colo e segura seu pingente enquanto observa o símbolo, sentindo-se mais segura ao ver que ele ainda está lá.

Ela retira o pergaminho da caixa e o segura nas mãos. Ele está quebradiço, endurecido e amarelado. Ele parece ser antigo. Ela rompe cuidadosamente o lacre, e desenrola o pergaminho.

A primeira coisa que ela nota é que ele termina abruptamente quando ela o desenrola pela metade. Ela olha para a parte de baixo, vê as bordas rasgadas e percebe imediatamente que aquela é apenas uma parte do pergaminho, que aparentemente havia sido dividido em duas partes. Ela segura nas mãos a parte de cima da mensagem. Ela olha para o pergaminho, e analisa a caligrafia elegante. Ela a faz lembrar um manuscrito que ela havia visto ao analisar a Declaração de Independência: é tão perfeita, que é difícil acreditar que tenha sido escrita por uma mão humana.

Ela sente suas mãos tremendo enquanto olha para o papel, ao perceber que se trata de um manuscrito de seu pai. Que ele realmente existe, e que realmente havia lhe deixado algo. Que ele se importa o suficiente com ela para ter feito isso. Ela sente seu coração se animar, e se sente ainda mais determinada a cumprir sua missão – e a encontrá-lo. Ela lê cada uma das palavras com atenção redobrada.

Minha querida Caitlin,

Se estiver lendo isso, você já terá superado inúmeros obstáculos. Isso quer dizer que você escolheu trilhar o caminho menos utilizado, a tomar o caminho mais difícil. Por isso, você já tem minha admiração; você é verdadeiramente filha de seu pai.

Por favor, perdoe todos os enigmas, códigos, cartas e chaves, mas o segredo que guardo é o maior de todos, e deve ser dividido em fragmentos, para impedir que os outros o decodifiquem.

Somente os verdadeiramente dignos – somente você – pode descobrir o segredo que, tenho certeza, eventualmente descobrirá.

Se estiver lendo isso, já está em posse de uma das chaves. Você deve conseguir as últimas três para me encontrar.

A segunda chave é seu objetivo agora. Para encontrá-la, você deve ir até o Campo dos Estudiosos...

A carta é interrompida neste instante, no meio de uma frase. Caitlin a lê uma segunda vez, e então uma terceira, até que finalmente a coloca sobre a cama.

Ele se deita, com a cabeça confusa. Saber disso torna sua missão ainda mais real, mais urgente do que antes. Mas ela também está confusa. Campo dos estudiosos? Onde poderia ser isso?

Caitlin está mais determinada do que nunca a embarcar em sua missão imediatamente, aceitá-la e partir sem espera, para onde tivesse que ir para encontrar a segunda chave.

Mas antes que Caitlin tenha mais tempo para pensar sobre onde seria este lugar, ela ouve uma batida repentina na porta de seu quarto. Ela começa a se levantar da cama, mas antes que consiga chegar até ela, a porta se abre sozinha.

Polly entra sem rodeios, com um sorriso enorme nos lábios, completamente radiante. Ela está vestindo um traje formal luxuoso, um vestido de cetim rosa com acabamento em branco; seu cabelo está puxado para trás e preso em um coque e seu rosto cuidadosamente maquiado. Ruth corre até ela, feliz em revê-la, e começa a pular ao redor das pernas dela.

“Ah meu Deus, por que você ainda não está pronta!?” Polly começa dizendo. “O concerto é esta noite!”

Ela avança pelo quarto e imediatamente começa a revirar o guarda roupa de Caitlin, procurando uma roupa para ela vestir.

Caitlin senta na ponta da cama, um pouco confusa.

“Mas que concerto?” ela pergunta.

“Eu não te falei? Ele vai cantar esta noite. Meu namorado. Você tem que vir. Todos estarão lá!”

Polly se aproxima dela correndo, segurando o braço dela para ajudá-la a sair de cima da cama e ficar em pé.

“Sem falar que o jantar está começando,” Polly continua. “Sempre temos um banquete antes dos concertos. E todos estarão ansiosos para vê-la!”

Caitlin tira o braço das mãos de Polly, balançando a cabeça.

“Sinto muito, Polly,” ela diz, “mas não posso ir. Na verdade estou prestes a deixar Versalhes.”

Polly a encara, absolutamente incrédula.

“Do que você está falando? Nós mal tivemos tempo para conversar! O que você quer dizer com ir embora? Para onde? Você acabou de chegar!”

“Sinto muito,” Caitlin responde, “mas preciso encontrar meu pai. Estou voltando a Paris, irei à Notre Dame. Sinto que é lá que ele está, ou é lá que encontrarei uma pista que pode me levar até ele.”

Ela observa a expressão de Polly se transformar em desapontamento.

“E nós só não tivemos tempo para conversar por que você está tão envolvida com este cantor,” Caitlin completa.

Ela sente que Polly precisa saber como está se sentindo. Polly olha para o chão, parecendo triste pela primeira vez desde que Caitlin a tinha conhecido.

“Lamento muito,” ela diz. “Não quis magoar seus sentimentos. Eu só...”. Ao olhar para cima, seus olhos estão radiantes mais uma vez. “Esse garoto é realmente incrível. Você tem que conhecê-lo. *Por favor*. Eu prometo, depois desta noite, as coisas serão diferentes; passaremos muito mais tempo juntas. É só durante este começo, ele ainda não conheceu nenhum dos meus amigos. quero que você seja a primeira!”

Caitlin suspira, sem saber o que fazer. Por um lado, ela gostaria de deixar aquele lugar imediatamente. Mas por outro lado, ela não quer desapontar Polly – ou qualquer outra pessoa.

Especialmente já que todos tinham sido tão hospitaleiros. E, no fim das contas, já é noite e ela não vê problema algum em esperar até a manhã seguinte. E olhando para ela, Caitlin percebe o quanto é importante para Polly que ela conheça esse rapaz. Ela entende – se a situação fosse inversa, e estivessem falando de Caleb, ela provavelmente agiria da mesma forma. Mas acima de tudo, Polly tem um lugar especial no coração dela, e Caitlin não consegue recusar.

“Tudo bem,” Caitlin diz, “mas só ficarei mais esta noite. Amanhã, irei embora.”

“Claro!” Polly grita, pulando de alegria enquanto caminha animadamente pelo quarto.

Caitlin se espanta com o fato de Polly agir como uma garotinha, achando graça. Ela remexe todas as roupas de Caitlin, e escolhe um vestido amarelo elegante, com acabamento em renda vermelha.

“É este,” Polly diz. “Sim, ele é perfeito. Você *tem* que usar este aqui.”

Caitlin olha para o vestido, e balança a cabeça. Ela nunca havia usado nada nem remotamente parecido com aquilo antes. Ele é longo, pesado e formal, feito com muito tecido; parecia ter material suficiente para fazer cortinas para uma casa inteira.

“Eu não sei, Polly,” ela fala. “Não tem nada a ver comigo.”

“Bobagem,” Polly responde, aproximando-se e colocando o vestido diante dela. Ela engasga. “Ah meu Deus! Ele é maravilhoso!”

Caitlin percebe que é inútil tentar resistir. Roupas é claramente a maior paixão de Polly. Ela chega à conclusão que realmente não se importa, e que não custa nada fazer a vontade de Polly.

“Tudo bem, você venceu,” ela diz.

Polly praticamente grita de felicidade, batendo palmas. Ruth late animada, juntando-se à festa. E Caitlin percebe que aquele é apenas o começo de uma noite longa.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Depois do que parecem ser horas se aprontando – muito mais tempo do que Caitlin havia gostado – Polly finalmente fica satisfeita com a aparência das duas. Por que não podiam ver-se no espelho, elas dependiam da opinião uma da outra. De acordo com Polly, Caitlin está deslumbrante. Caitlin não tem tanta certeza. Ela nunca havia se considerado deslumbrante, com ou sem roupa.

Mas ela tinha passado mais tempo passando maquiagem, e vestindo aquela roupa, do que qualquer outra em toda sua vida. Há camadas e camadas de tecido, um mais desconfortável que o outro e, no calor de Julho, ela sentiu a temperatura de seu corpo aumentar com cada camada. Ela não faz ideia como as mulheres daquela época suportavam aquilo.

Se isso não fosse suficiente, Polly ainda havia colocado uma grossa camada de pó branco no rosto dela. Caitlin não consegue entender por que esta geração considerava aquilo tão atraente. E mesmo que por algum motivo estranho isso fosse atraente, uma camada não bastava? Ela já é naturalmente pálida, mas agora, tem certeza que está ridícula.

E se isso ainda não bastasse, como se ela ainda não estivesse morrendo de calor e prestes a arrancar cada pedaço daquele vestido, ela ainda teve que completar o conjunto com um enorme e pesado chapéu. Caitlin sente tanto calor e peso que tem vontade de gritar; sente como se fosse um brinquedo, vestido para ser exibido para os outros. Ela odeia aquilo. Ela prefere roupas mais simples, largas, roupas que ela pode colocar e tirar com facilidade, e prefere não ter que usar maquiagem alguma. E ela também odeia passar horas se arrumando.

Mesmo assim, ela tenta exibir um sorriso. Ela não quer estragar a alegria de Polly que, como de costume, está quase explodindo de excitação.

“Ah meu Deus, você está linda!” Polly fala mais uma vez. “Será o centro das atenções esta noite!”

Sem dizer outra palavra, ela pega em seu braço, e as duas saem da casa de hóspedes e começam a atravessar a propriedade.

Elas caminham pelos jardins em direção ao palácio central de Versalhes, com Ruth logo atrás. Ao começarem a subir os degraus de mármore do palácio, vários criados imediatamente se apressam para abrir as portas para elas. Caitlin nunca tinha sido tratada daquela forma antes, e se sente como um membro da família real.

Caitlin e Polly passam pelas portas e por um hall de mármore enquanto um pouco mais à frente, mais criados abrem portas para que elas passem.

Elas chegam até uma sala de jantar enorme, e Caitlin fica impressionada com a opulência do lugar. Uma mesa enorme para no mínimo cinquenta pessoas, domina o centro da sala. A mesa é rodeada de poltronas aveludadas, decoradas em azul, com braços brancos. A mesa está coberta por flores e velas acesas, e um aparelho de jantar impressionante, em prata e porcelana. Há montanhas de comida em cima da mesa, e todos os convidados já estão com pratos transbordando de comida. Dezenas de criados caminham por toda parte, apressando-se para atender todos os desejos dos ali presentes, servindo taça após taça de vinho. Acima deles, lustres de cristal iluminam a sala.

E isso é apenas o começo. Todos estão vestidos com as roupas mais luxuosas que Caitlin já tinha visto. Há vestidos, trajes e ternos de todos os tamanhos e cores imagináveis. A mesa é praticamente um arco-íris. Além disso, há chapéus extravagantes, e joias ainda mais luxuosas, homens e mulheres com anéis do tamanho de bolas de golfe, brincos compridos e pulseiras brilhantes – a mesa brilha.

No canto da sala há uma harpa e um violoncelo, e os músicos tocam baixinho, fornecendo uma agradável música de fundo.

Caitlin avalia o grupo, e vê que há muitos rostos que ela não conhece. Mas há muitos outros que ela reconhece, e ela vê Sam, sentado perto demais de Kendra, que se apoia sobre ele enquanto ele coloca um morango coberto de chocolate na boca dela.

Ao dar mais uma olhada, ela vê Blake sentado do outro lado e, do lado dele, uma garota loira, muito bonita. Caitlin pode sentir que ela é humana, e vê-los juntos e tão felizes é como um punhal atravessando seu coração.

Ela imediatamente olha em outra direção, tentando se concentrar em qualquer outra pessoa. Ela vê os gêmeos, Taylor e Tyler, e então, para seu alívio, ela encontra Lily. Esse é o único rosto que realmente

a faz relaxar. Ela fica ainda mais feliz ao ver que há um lugar vazio ao lado dela. Caitlin se aproxima, junto com Polly.

“Se importa se nos juntarmos a você?” ela pergunta para Lily.

Lily olha para cima, e sua expressão se alegra.

“Para quem mais acha que guardei esses lugares?” Lily pergunta com um sorriso.

Caitlin se senta ao lado de Lily, e Polly se senta do outro lado de Caitlin.

Caitlin tenta não olhar na direção de Blake. Ela vira a cabeça para o outro lado, e vê Sam e Kendra. Mas vê-los juntos também a incomoda, então ela olha para o outro lado da mesa. Ela está incomodada, sem saber para onde olhar, já querendo ir embora.

“Onde está ele?” Caitlin pergunta para Polly, enquanto procura na mesa o novo namorado de Polly.

Ela está ansiosa para conhecê-lo, para finalmente ver o motivo de tanta conversa – e então, ir embora. Ela havia ficado surpresa por não tê-lo encontrado na porta, esperando para acompanhar Polly até seu lugar, como os outros homens faziam.

“Ele está se apresentando esta noite,” Polly havia falado com orgulho, “então não nos acompanhará ao banquete. Ele sempre precisa se preparar antes de suas apresentações. Ele precisa de algum tempo sozinho. No backstage. Isso é por que ele é um ótimo artista.”

Caitlin olha para Polly, perguntando-se se ela estava falando sério. Ela estava. Ela nunca a tinha visto tão apaixonada, e mais uma vez se preocupa. Tudo que ela havia dito sobre este rapaz lhe dava uma sensação estranha, e Caitlin sente que há algo de errado com ele. Ele parece tão vaidoso, e tão megalomaniaco. Caitlin não está nem

minimamente interessada em saber se ele tem uma apresentação hoje, – ainda assim, ele deveria ter recebido Polly, a acompanhado até a mesa e jantado com ela, especialmente já que Polly está tão entusiasmada por ele.

Caitlin mais uma vez se vê tentada a dizer a Polly exatamente o que pensa, mas – relutantemente, ela resolve morder a língua, Ela não quer se intrometer e estragar a alegria de Polly, até por que ela acha que não faria a menor diferença. Então, ela resolve esperar até que o tenha conhecido.

Vários garçons aparecem, servindo o prato de Caitlin e enchendo sua taça com um líquido vermelho viscoso.

Caitlin percebe que está com fome ao ver o que tem na taça: sangue. Ela segura o copo diante dos olhos, e vê que esse sangue tem um tom vermelho um pouco mais claro do que ela já tinha visto.

“Ele é refinado,” Lily explica.

Caitlin olha para ela.

“Eles removem todas as impurezas dele,” continua Lily. “Dizem que é mais saudável para sua espécie. Lembre-se, isso aqui é Versalhes: tudo é ainda mais extravagante aqui.”

Caitlin experimenta, e fica surpresa ao perceber que o líquido é bem mais leve, e bem mais fácil de digerir. Ela também se surpreende com o efeito imediato que sente, por se sentir rejuvenescida tão rapidamente.

Caitlin pega um pedaço de carne crua em seu prato e o dá para Ruth, que está escondida entre suas pernas. Ruth salta, pegando a carne dos dedos dela, e o engole com vontade. Ela então olha para Caitlin, querendo mais, e Caitlin lhe dá outro pedaço.

Caitlin avalia a mesa e pode ver que há vários vampiros e humanos presentes. As duas espécies interagem bastante, e a relação parece ser harmoniosa.

“É uma cena e tanto, não é mesmo?” Lily pergunta.

Caitlin concorda com a cabeça. Todos parecem envolvidos em animada conversa, e de vez em quando risadas podem ser ouvidas.

“Invejo sua espécie,” Lily diz. “A vida da família real é recheada de ociosidade forçada. Isso, durante todo o tempo. Eu preferiria estar lá fora, duelando, viajando, fazendo qualquer coisa. Qualquer lugar que não este.”

Caitlin se surpreende ao ouvir Lily dizer aquilo, por que estava começando a pensar em como aquela vida devia ser incrível.

“Mas esse lugar é tão bonito,” Caitlin diz.

“Nenhum lugar é bonito se estiver presa a ele,” Lily responde.

“Mas você não está presa. Você faz parte da realeza, pode ir onde quiser quando bem entender.”

“Sou presa pela classe à que pertencço,” Lily explica. “Não posso viajar como os plebeus, ou nas estradas públicas, ou mesmo sozinha. Há regras e mais regras de etiqueta: Sim, tenho liberdade para ir, mas para onde? Estou presa a essa vida.”

“Então por que você não vai embora?” Caitlin pergunta.

Lily suspira.

“Já pensei nisso. Muitas vezes. Talvez, um dia eu vá. Mas por enquanto... continuarei com minhas algemas de outro, imagino.”

Lily sorri, erguendo a taça, e Caitlin faz o mesmo. Elas brindam, e bebem mais um pouco.

“Caitlin!” diz uma voz animada. É Sam, um pouco adiante na mesa. Ele está sorrindo, surpreso por ver Caitlin ali, e ergue o copo na direção dela. “É tão bom vê-la aqui!” ele diz.

Caitlin sorri, e também ergue a taça na direção dele.

Ao lado dele, Kendra faz uma careta para Caitlin, sem esconder sua antipatia por ela.

“Ah meu Deus, você sabe quem ele é?” Polly pergunta.

Caitlin olha para a amiga, confusa.

“Quem? Sam?”

Polly confirma.

“Ele é meu irmão!”

Polly abre os olhos, surpresa pela informação.

“Seu *irmão*? Eu não fazia a mínima idéia! Meu Deus! Quando o trouxe aqui pela primeira vez, ele disse que estava procurando pela irmã. Nunca imaginei que fosse você! Nossa, seu irmão, que coisa!”

Polly parece estar pensando sobre alguma coisa, enrolando uma mecha de cabelo no dedo enquanto isso.

“Bem, nesse caso” Polly diz, “talvez você deva avisá-lo.”

Caitlin olha para ela, de repente preocupada.

“Sobre o quê?”

“Sobre aquela bruxa,” Polly diz. “Kendra. Ela só está com ele para ser transformada. Mais cedo ou mais tarde, ela já tentou isso com cada um de nossos colegas. Eles sabem que é proibido, então não o

fazem. Sam está brincando com fogo; nunca poderá transformá-la. E deveria saber que é só isso que ela procura.”

Ao estudar Kendra, do outro lado da mesa, Caitlin fica cada vez mais nervosa. Agora sua antipatia e raiva de Kendra havia se transformado em algo mais: uma sensação de proteção em relação ao seu irmão.

Ela está prestes a se levantar, dar a volta na mesa, pedir licença para ela e Sam e ter uma conversa com ele; mas assim que ela afasta a cadeira, alguém bate algo contra uma taça de cristal e todos se levantam. Como um grupo, todos saem da mesa e se afastam, indo para outra sala.

“Onde estamos indo?” Caitlin pergunta.

Mas antes que consiga ouvir a resposta, Polly fica bastante animada, abrindo bem os olhos e praticamente saltando de alegria diante dela.

“Viva! Você vai conseguir conhecê-lo. Meu namorado! É a vez dele. Ele está prestes a começar. Venha rápido,” ela diz, agarrando seu braço. “Vamos pegar um bom lugar!”

O grupo lentamente se encaminha para a sala ao lado, e Polly a guia entre a multidão, segurando seu braço, animada. A sala de estar ao lado é grande o suficiente para acomodar um pequeno concerto. Pequenos sofás, poltronas e almofadas estão espalhados pelo local.

Polly leva Caitlin até um pequeno sofá na primeira fila, as duas se sentam juntas, e Lily se junta a elas. Diante delas há um pequeno palco elevado, coberto de lajotas de mármore branco e preto, e iluminado por um grande lustre de cristal. Músicos com uma harpa, um cravo, um violoncelo e um violino estão em pé nas laterais do palco, e tudo que falta é o cantor.

Caitlin olha a sua volta, e vê que todos estão tomando seus lugares, aguardando ansiosos. Ela vê Sam sentado em uma poltrona com Kendra, de mãos dadas. Ela olha para o outro lado e vê Blake e sua namorada, sentados juntos. Ela corre os olhos pela sala e percebe que todos parecem formar pares. Todos, menos ela.

Caitlin fica envergonhada, e se sente um pouco incomodada. Ela não consegue deixar de pensar em Caleb, e seu coração fica ainda mais apertado. Ela gostaria de deixar aquele lugar, e torce para que o namorado de Polly apareça e comece o concerto logo, para que ela possa ir embora.

Seu único consolo é Lily, sentando ao seu lado. Ela havia se tornado sua amiga desde o começo, e Caitlin espera ter mais tempo para conversar com ela. Caitlin pensa em como sua vida havia mudado: ela poderia apostar que Polly seria sua amiga mais próxima, mas as coisas haviam mudado rapidamente.

A sala de repente se silencia, à medida que a cortina aveludada se abre no palco, e várias velas são apagadas pelos criados. Um homem, usando um casaco de veludo preto e colarinho alto, com uma camisa branca com punhos enormes, caminha dramaticamente até o palco. As luzes estão fracas, então é difícil para Caitlin conseguir ver seu rosto direito. Mas ela já pode perceber que ele caminha de maneira afetada, e que seus cabelos são encaracolados e pretos.

Quando ele chega mais perto, na ponta do palco, a apenas um metro dela, Caitlin consegue ver seu rosto perfeitamente.

Seu coração se sobressalta, e todo seu corpo se paralisa.

Não. Não é possível.

“Vou cantar para vocês uma série de motetos de Vivaldi,” o cantor anuncia dramaticamente.

Ele faz um sinal para os músicos e quando abre a boca, eles começam a tocar.

Caitlin estuda seu rosto atentamente, torcendo para estar errada. Mas ela não está, aquele é definitivamente ele. Ela não consegue acreditar, e está mais que chocada – está aterrorizada. Em pé diante dela está um de seus piores inimigos. Sergei. O comparsa de Kyle. O homem que havia roubado a espada dela em King's Chapel, em Boston. O homem que a havia apunhalado pelas costas, e trabalhado junto com Kyle para tornar sua vida um inferno.

Ela reconhece a cicatriz na lateral de seu rosto. Aquele é definitivamente ele, não lhe restam dúvidas.

Caitlin sente todo seu corpo começar a tremer. Ela quer partir para cima dele e conseguir sua vingança, matando-o com suas próprias mãos.

Mas obviamente, ela não pode fazer isso. Ele está cantando, se apresentando, e a sala está repleta de pessoas que a tinham recebido de braços abertos. Por alguma razão, também haviam acolhido aquele monstro. Eles por acaso não sabiam quem ele realmente era?

E ainda pior, Polly sentada ao lado de Caitlin, sua melhor amiga, está completamente apaixonada por aquela criatura. Caitlin não consegue acreditar. Polly está obviamente absolutamente hipnotizada por ele.

Caitlin não sabe o que fazer. Primeiro e mais importante, ela sente a necessidade de avisar Polly. E então, avisar os outros. Caitlin sente que aquilo não pode ser apenas uma coincidência.

Obviamente, Sergei tinha voltado no tempo, provavelmente à procura dela. Provavelmente ainda à procura do Escudo, a mando de Kyle, que provavelmente havia infiltrado essas pessoas ali, e estava manipulando a todos por seus próprios interesses. Ele

provavelmente fingiria ignorância, ou perda de memória, e insistiria não ser quem ela pensa.

Mas Caitlin sabe, cada poro de seu corpo tem certeza disso. A cicatriz que ainda carrega nas costas ainda dói na presença dele. A cicatriz nunca iria desaparecer, e aquele homem teria que pagar por isso.

Caitlin precisa usar toda suas forças para continuar sentada enquanto termina a canção.

E o que é pior – pior que tudo, é que apesar de tudo, Caitlin tem que admitir que a voz dele é realmente bonita. Na verdade, é a voz mais bonita que ela já tinha ouvido, como a voz de um anjo. E a música é angelical, algo que ela sente poderia ser cantado em algum monastério mundo afora.

Como é possível? Caitlin se pergunta. Como pode uma criatura tão hedionda produzir uma música tão linda? A vida seria sempre assim, tão paradoxal?

Apesar de tudo que ela sabe sobre aquele homem, ela também se sente hipnotizada pela música. É estranho, como se ele tivesse algum poder sobrenatural, e ela precisa se esforçar para sair do transe.

Finalmente, depois de uma eternidade, as músicas terminam e a sala irrompe em aplausos, com toda a plateia aplaudindo Sergei em pé. Ela não consegue acreditar na ignorância daquela gente. Polly se vira para Caitlin, com os olhos brilhando.

“E aí? O que você achou? Ele não é maravilhoso? Não é lindo? Ah meu Deus, isso não foi incrível? Não foi o máximo?”

Sem esperar uma resposta, Polly agarra o braço de Caitlin, preparando-se para arrastá-la até o palco para conhecer Sergei.

Mas desta vez, Caitlin resiste.

Polly para e olha para ela, confusa.

“O que há de errado?” Polly pergunta.

Caitlin tenta se recuperar, tentando permanecer calma.

“Polly, precisamos conversar.”

“Você precisa conhecê-lo primeiro,” ela diz. “Podemos conversar depois...”

“Não!” Caitlin dispara. “Precisamos conversar agora. *Exatamente* neste minuto!”

Polly se surpreende quando Caitlin segura em seu braço e a leva na direção oposta ao palco, até a sala ao lado. As duas logo entram em uma sala lateral vazia.

“Caitlin, o que pensa que está fazendo? Eu preciso ir vê-lo e...”

“Polly!” Caitlin diz, firmemente. “Aquele cantor, seu namorado, Sergei – ele não é quem você está pensando.”

Polly olha para ela confusa, sem registrar nada.

“Ele é um homem muito, muito ruim, Polly,” Caitlin diz. “Ele é um vampiro maldoso e cruel; é um membro fiel do coven Blacktide de Kyle. Ele voltou no tempo, até este século, provavelmente enviado por Kyle para me encontrar. Sinto muito ter que lhe dizer isso, mas ele a está usando. E você precisa se afastar dele.”

Pela primeira vez desde que a tinha conhecido, Caitlin vê o rosto de Polly se contorcer de raiva.

“Você não sabe o que está dizendo,” Polly dispara. “Sergei não é assim, você o confundiu com alguma outra pessoa. Sergei é

simplesmente perfeito. Sim, ele é um vampiro, mas ele vem de um bom coven. Ele não veio de outro tempo, ele sempre esteve aqui. Ele me disse que é da Rússia, é um cantor. Ele não está atrás de ninguém, muito menos de você. Você acha que tudo diz respeito a você, que o mundo gira ao seu redor!”

Caitlin fica atordoada com essa explosão; ela nunca tinha visto Polly agir assim.

“Polly, por favor, entenda...”

“Não, já entendi tudo – você está com ciúmes. Você o quer para si mesma, e não suporta ver minha felicidade. O que há de errado com você? Pensei que fôssemos amigas de verdade.”

Polly de repente passa por ela, voltando para a sala anterior - e Caitlin estica o braço e segura seu braço no último instante.

“Polly, estou lhe pedindo. *Por favor*. Sei que é difícil ouvir isso, mas você tem que me ouvir. Você tem que confiar em mim, - e ficar longe desse rapaz.”

Polly volta a olhar para Caitlin, e olha dentro dos olhos dela, fervendo de raiva.

“Tire suas mãos de mim,” Polly diz, lenta e firmemente, com tanto veneno na voz, que Caitlin chega a se afastar, soltando lentamente o braço dela.

“Nossa amizade acabou!” Polly diz.

E com isso, Polly se afasta até a outra sala, batendo a porta atrás dela. Caitlin fica paralisada, sentindo-se esgotada. Ele se sente mal por ver a relação com uma de suas melhores amigas desmoronando diante de seus olhos. Ela detesta o fato de Sergei ter se colocado entre ela; e que tenha feito sua melhor amiga mudar tanto. Polly não é a mesma pessoa que costumava ser.

E ela odeia o fato de não haver nada que ela possa fazer a respeito disso. E que, não importa o que ela diga ou faça, Polly nunca irá escutá-la. Polly está cega de amor, e não consegue enxergar com clareza.

E ela se preocupa que Polly esteja se envolvendo em problemas, e que acabe com o coração partido.

Mais do que nunca, Caitlin sabe que seu tempo em Versalhes chegou ao fim. Ela havia esperado em consideração à Polly, e esse tinha claramente sido um erro. Ela sente que não há tempo a perder, é hora de encontrar seu pai.

Quando Caitlin sai da sala, de repente a porta se abre atrás dela. Ela se vira, e vê Lily se aproximando.

“O que aconteceu?” Lily pergunta ao se aproximar de Caitlin, enquanto as duas se afastam juntas da sala.

Caitlin está envergonhada. Ela esperava que ninguém tivesse percebido sua partida, e se pergunta o quanto teriam presenciado. Mas ela não suportaria ficar diante de Sergei mais nenhum minuto, e não sabe o que faria se tivesse que estar na presença dele por muito mais tempo. Caitlin balança a cabeça, incerta sobre o que contar a Lily.

“Polly e eu... nós... tivemos um desentendimento.”

Ela pode sentir Lily a observando.

“Por causa de Sergei, não é mesmo?” ela pergunta.

Caitlin se vira e olha para ela. Lily é muito perspicaz.

“Como você sabe?”

Lily suspira, e as duas começam a caminhar por outro corredor.

“Polly está completamente mudada desde que o conheceu. A situação está insuportável, na realidade. E ele é... tão estranho - tão convencido. Pessoalmente, não o suporto. E não sei o que ela vê nele - o que todos veem nele. Nem sei de onde ele vem; é como se um dia, de repente, ele simplesmente tivesse aparecido.”

“Bem, eu sei,” Caitlin diz.

Ela para e se vira para Lily.

“Já o conheci antes. Infelizmente. Em outro tempo, outro lugar.”

Lily abre os olhos de surpresa.

“Você quer dizer de outro século?”

Caitlin assente. Lily parece fascinada.

“Ele é um vampiro terrível, o braço direito de um vampiro ainda mais cruel, Kyle. E o que é ainda pior, – eu o transformei.”

Lily abre ainda mais os olhos, em choque.

“Isso é algo de que sempre me arrependerei. Então, sei que quais forem seus planos, não soa nada bons, E de alguma forma, ele está usando Polly.”

Lily balança a cabeça.

“Tentei avisá-la para ficar longe dele, mas ela não quis me escutar. A coisa mais estranha é que ele parece nem gostar dela.”

Caitlin suspira, pensando.

“Você está indo embora, não é?” Lily pergunta.

Caitlin olha para ela, e pode ver que ela está triste. Mas uma vez, ela fica surpresa pelos poderes de percepção dela, e com a amizade que

rapidamente havia surgido entre as duas. Caitlin assente.

“Preciso ir. Eu tenho que encontrar meu pai. E o Escudo. Estou em uma missão. Uma missão que estou ignorando há bastante tempo.”

“E para onde vai agora?” Lily pergunta.

Caitlin pensa um pouco. Ela pensa na carta, na referência de seu pai ao Escudo, e na próxima pista. Ela não consegue deixar de pensar na frase - O Campo dos Estudiosos - mas por mais que se esforce, não consegue descobrir seu significado.

“Meu pai me escreveu uma carta, instruções sobre onde procurar por ele agora. Ele mencionou um lugar, mas... não sei exatamente onde fica.”

“Que lugar?”

“A carta fala de um lugar chamado Campo dos Estudiosos.”

Lily arregala os olhos, e Caitlin fica surpresa com a reação dela.

“Você sabe onde é?”

“Sim,” Lily diz ofegante. “Era uma área em Paris na Idade Média. Mas isso é um código, na verdade não se trata de um campo. É uma referência a uma igreja, uma porção de terra que eles alugaram há centenas de anos. Deve ser uma referência a Abadia de Saint-Germain-des-Pres. É a igreja mais antiga de Paris.”

A mente de Caitlin digere a informação; isso faria muito sentido, considerando o local, e a idade da igreja. Assim que Lily diz o nome de igreja, Caitlin sente que é mesmo aquele lugar.

“Não sei como lhe agradecer,” Caitlin diz.

“E tem mais,” Lily diz.

Caitlin olha para ela. Lily ainda está impressionada, como se tivesse visto um fantasma.

“O código que você usou: Campo dos estudiosos. Quando eu era criança, me disseram que um dia uma pessoa viria até aqui, e me perguntaria sobre isso.” Lily olha para os dois lados, furtivamente. “Pediram que eu guardasse um segredo. Que não deixasse ninguém saber, ou o mostrasse a qualquer pessoa, até que alguém perguntasse especificamente por isso. Disseram que quem aparecesse perguntando sobre isso, seria sem dúvida alguma o Escolhido. E desde então, fui escolhida a guardiã do artefato, a pessoa que vai levar você exatamente onde deseja ir.”

Caitlin olha para ela, surpresa. Ela sabia que Lily era da família real, mas nunca teria dito que ela guardava um artefato precioso. Ou que qualquer humano fosse importante o suficiente para ser nomeado guardião de um segredo vampiro tão importante. Ela mais uma vez percebe que Lily deve ser alguém muito especial. Caitlin também está curiosa para saber logo o que é.

“O que foi?” Caitlin pergunta ofegante, com o coração acelerado.

Lily olha nas duas direções mais uma vez, vê que ninguém as observa, e rapidamente segura no braço de Caitlin, mostrando-lhe o caminho.

“Siga-me,” ela diz.

* * *

Caitlin anda ao lado de Lily, por inúmeros corredores, passando por vários criados, todos a postos ao longo das paredes. Elas chegam até enormes portas duplas, e vários criados se apressam para abri-las, fazendo uma reverência especial na presença de Lily.

Caitlin olha para ela mais uma vez, e se impressiona mais uma vez com o tratamento que ela recebe naquele palácio.

Elas descem um lance de escada de mármore, caminham por outro corredor e descem mais alguns degraus. Finalmente, Lily para de andar e olha para trás.

Não há ninguém a vista.

Ela remove uma pequena chave escondida em seu vestido e a coloca na fechadura, destrancando a porta. Elas andam por outro corredor de mármore, e Caitlin se confunde ao ver que ele termina em uma parede de mármore - parece não haver saída.

Lily ergue o braço e passa a mão pela parede, como se estivesse procurando por alguma coisa. Finalmente, ela encontra uma trava secreta. Ela aperta e a parede imediatamente se abre, girando e revelando uma passagem secreta. Caitlin assiste, impressionada.

“Não abro esta parede desde que ainda era uma criança,” Lily diz. “Ninguém no palácio sabe de sua existência.”

As duas entram e chegam a uma escada escura, Lily pega uma tocha na parede ao lado delas, e elas começam a descer os degraus no escuro.

O lugar está escuro e úmido, iluminado apenas pela tocha que Lily segura diante delas. Elas atravessam passagens sinuosas e chegam a um nível subterrâneo coberto de pedras.

“Esta costumava ser uma adega,” Lily diz. “Mas não é usada há séculos.”

Elas passam por mais um corredor e, mais uma vez, ele parece terminar em uma parede de pedras. Lily ergue as mãos, analisando a rocha enquanto Caitlin segura a tocha para ela. Finalmente, ela encontra uma área embolorada, passa a mão pela superfície e empurra um pequeno botão. De dentro da parede, uma pequena gaveta se abre. Lily abre a gaveta e começa a retirar algo de dentro dela.

Caitlin ilumina a gaveta com a tocha, e se surpreende com o que vê.

É uma grande cruz de prata, maior que mão de Caitlin, e quando Lily a coloca em suas mãos, Caitlin pode ver como ela é pesada.

“Esta é a Cruz do Alúatico,” Lily diz. “Está na família real há séculos. E ela é sua.”

Caitlin fica impressionada com o peso da cruz.

“Como você sabe?” Caitlin pergunta.

“Você perguntou pelo Campo dos Estudiosos. Ela só pode ser sua. Não sei como isso irá ajudar em sua busca, mas sei que de alguma forma, vai.”

Quando ouve essas palavras, Caitlin sabe que é verdade.

“Mas tem uma coisa que não compreendo,” Caitlin diz. “Meu irmão, Sam, sonhou com Notre Dame, e pensei que esse fosse meu próximo passo. Mas depois de ler a carta, e ver essa cruz... sinto que devo ir até a igreja de Saint-Germain-Des-Pres. Então qual a ligação dessa igreja com Notre Dame?”

“Talvez você tenha que ir até lá primeiro, e o que encontrar lá talvez a leve até Notre Dame. Eu não sei, mas esta igreja é seu próximo destino.”

Caitlin também tem essa impressão. Ela se vira e olha para Lily, e seus olhos se enchem de lágrimas de gratidão.

“Não sei como agradecê-la.”

Caitlin abre os braços e as duas se abraçam, como se fossem irmãs.

“O que eu encontrar pode me levar de volta no tempo,” Caitlin completa, preocupada. “Se isso acontecer, posso não vê-la

novamente.”

Lily sorri.

“Nós nos veremos de novo. Os humanos também têm muitas vidas. E vou lhe contar um segredo: alguns humanos também sabem viajar no tempo.”

CAPÍTULO TRINTA

Polly corre de volta para a outra sala, empurrando para abrir caminho entre o grupo, ansiosa para estar ao lado de Sergei. Ela ainda não consegue acreditar que Caitlin tenha ficado tão enciumada, e sido tão grosseira. Ela a considerava sua melhor amiga e, agora, vê que Caitlin é como todas as outras, simplesmente invejosa. Ela provavelmente havia se interessado em Sergei, também, e apenas o queria para si.

Ou então Caitlin simplesmente não suportava a ideia de ver Polly com um garoto tão incrível. Quais fossem suas razões, Polly sente que certamente não precisa de qualquer conselho dela. Ela sabe, no fundo, que Sergei é o homem certo para ela.

Polly abre caminho, e se aproxima de Sergei. Ele está cercado por uma dúzia de admiradoras, e Polly sente seu ciúme aflorar. Ela empurra até conseguir ficar diante dele, forçando-o a olhar para ela.

Finalmente, ele olha para ela com um pouco de rancor, como se ela o tivesse interrompido. Mas Polly sente que conhece o verdadeiro

Sergei, profundamente, e que ele está apenas fingindo, com medo de demonstrar publicamente seus verdadeiros sentimentos por ela.

“Adorei o seu concerto,” ela diz.

Ele ergue a sobrancelha e vira o rosto, iniciando uma conversa com outra pessoa.

Polly sabe que isso também é só uma cena, parte de seu disfarce. Ela sabe que ele está perdidamente apaixonado por ela, e que está apenas tentando ao máximo não demonstrar. Está tudo bem. Polly é uma garota paciente. Ela pode esperar até que todas aquelas pessoas partam, e então conversará com ele a sós, e saberá como ele realmente se sente.

* * *

Sergei finalmente deixa seu camarim, e Polly se posiciona no corredor para que quando ele saia possa vê-la. Ele para, surpreso.

“Você esteve esperando por mim esse tempo todo?” ele pergunta.

Polly assente.

“Isso é pra você.”

Ela estende o braço e lhe oferece um lindo arranjo de flores. Sergei os aceita e, sem dizer uma palavra, começa a se afastar. Polly se junta a ele, caminhando ao seu lado. Finalmente, ele rompe o silêncio.

“Você pode falar mais um pouco o que achou de meu concerto,” ele diz, enquanto andam.

Polly fica honrada que ele queira sua opinião.

“Foi maravilhoso.”

“É só isso que tem a dizer? Maravilhoso? Não foi um pouco melhor que isso?”

Polly vasculha a memória à procura de mais adjetivos.

“Foi magnífico. O melhor que já ouvi.”

Sergei balança a cabeça em sinal de quase aceitação.

“Eu sei,” ele diz finalmente. “Foi uma de minhas melhores apresentações.”

Polly pensa em algo mais a dizer, em alguma desculpa para passarem mais tempo juntos. Ela anda rápido, tentando acompanhar o ritmo dele.

“Eu pensei...” ela começa, “pensei que poderíamos comemorar sua apresentação.”

Sergei de repente para, se vira na direção dela e a encara. Seu olhar parece atravessar sua alma, e um longo silêncio se segue.

“O que tem em mente?” ele pergunta.

Polly pensa. Ela na verdade não tinha nada planejado, e tinha apenas usado uma desculpa desesperada para passar mais tempo com ele.

Ela ergue os ombros.

“Não sei,” ele diz hesitante.

Ele a encara por um longo tempo, e finalmente suspira, parecendo resolvido.

“Então muito bem,” ele fala. “Você pode me acompanhar até meus aposentos, se assim desejar.”

Polly fica parada, seu coração acelerado de excitação. Ela tinha escutado certo?

Sergei lhe dá as costas e se afasta, e ela se apressa para alcançá-lo.

“Eu adoraria,” ela diz, enquanto caminham. “De verdade.”

CAPÍTULO TRINTA E UM

Sam não consegue parar de pensar no concerto. Ela nunca havia escutado música clássica antes, e não consegue esquecer a voz daquele cantor. O rapaz parece ser um idiota, mas Sam não pode deixar de reconhecer uma coisa: ele certamente sabia cantar.

Acima de tudo, sua noite com Kendra tinha sido maravilhosa. Ela não tinha parado de acariciá-lo a noite toda. E nunca sabe o que esperar dela: Kendra é como uma montanha-russa. Ele tem a impressão que desde que ela tinha visto Caitlin, Kendra havia se tornado possessiva. Ela mal tinha deixado seu lado desde então.

Ele não se incomoda. Ele sente que ela está completamente apaixonada por ele, e nada o deixaria mais feliz. Ele se sente muito atraído por ela.

Assim que o concerto havia terminado, ela havia segurado em sua mão e o levado para fora da sala, para longe das outras pessoas, e ele não tinha oferecido resistência. Ela não quis continuar lá para conversar com o cantor, e queria sua atenção exclusiva. Ela obviamente tinha planos para aquela noite e, com um sorriso, se afastou com ele. Ele não poderia ter ficado mais satisfeito.

Ela o leva por um corredor de serviço, passando por uma enorme câmara e subindo um lance de escada.

“Você ainda não viu meu quarto,” Kendra lhe diz com um sorriso. “Ele é o maior quarto do palácio, exceto talvez pelo de Maria. É claro, como não poderia deixar de ser.”

Sam mal pode esperar. Ele se lembra do tempo que haviam passado juntos, depois da cavalgada, e em como tudo tinha sido maravilhoso.

Eles sobem mais alguns degraus de mármore, e um criado abre as portas duplas para eles e, ao entrarem, as fecham atrás deles.

Eles mal atravessam a porta, quando Kendra começa a arrancar as roupas dele. Ele o cobre de beijos, e ele também a beija, envolvido em sua onda de paixão.

“Sam,” ela sussurra em seu ouvido, enquanto tira a camisa dele. “Você seria capaz de fazer algo por mim?”

Sam mal consegue pensar no próprio nome.

“Sim,” ele diz, beijando o pescoço dela.

“Qualquer coisa?” ela insiste.

Ele concorda, enquanto continua a beijá-la.

“Quero ficar com você para sempre,” ela diz, beijando seu pescoço.

“Eu também,” ele responde, do fundo do coração.

Ele nunca havia gostado tanto de uma garota. Ele não consegue evitar pensar em seu tempo com Samantha. Aquilo também tinha sido intenso, mas nada parecido com isso. Kendra parece ter tudo que ele precisa em uma garota, e ele sabe que faria qualquer coisa

por ela. Na verdade, se lhe dessem a chance de casar-se com ela e passar o resto de sua vida junto a ela, ele aceitaria.

“Eu sei como podemos passar o resto de nossa vida juntos,” ela diz.

“Como?” ele pergunta, entre beijos.

Ela afasta o rosto, pega o rosto dele entre as mãos e o encara. Seus olhos azuis o hipnotizam.

“Você pode me transformar,” ela diz.

Sam se surpreende com seu pedido. Imediatamente, ele sente que isso é proibido, e que se fizer isso, será expulso. E então, eles ficariam sozinhos. Ele se lembra da primeira regra que havia aprendido sobre aquele lugar – e ele certamente não quer infringi-la. Por outro lado, parece tão natural, a maneira perfeita para que fiquem juntos, para todo sempre. E é o que ela quer – é ela quem está pedindo.

“Eu...” Sam começa, sem saber o que dizer. “Eu não tenho certeza se isso é... permitido.”

Kendra de repente se afastou e franziu a testa, uma tempestade de emoções cruzando seu rosto.

“Mas é claro que é permitido!” ela dispara. “As únicas pessoas que pensam que não só estão com inveja – inveja por não terem um humano a quem transformar.”

Sam nunca havia pensado assim antes. Talvez Kendra tivesse razão. Talvez ele tivesse sido enganado.

“Eu...” ele começa, e então para, ainda sem saber o que dizer.

Ele de repente olha para o chão, e seus olhos se enchem de lágrimas. Ela parece tão triste que Sam mal consegue suportar. Ela

balança lentamente a cabeça.

“Agora entendo,” ela diz. “Você realmente não me ama, não como eu amo você.”

Sam sente seu coração partir. Ele nunca tinha a intenção de magoá-la. Ele segura Kendra pelos ombros, puxando-a para junto dele e olhando dentro de seus olhos.

“Kendra, não diga isso,” ele diz. “Eu amo você. De verdade.”

Sam sabe que está dizendo a verdade, e entende que é estranho sentir-se assim tão rápido, mas é assim que se sente. Os olhos dela se enchem de esperança mais uma vez.

“Mas não quer ficar comigo para sempre?” ela pergunta.

“Quero,” Sam responde. E ao dizer isso, Sam percebe que é verdade.

“Então qual é o problema?” ela pergunta. “Por acaso você tem medo? Medo do que os outros dirão? Teme que punam você?”

Sam faz uma careta.

“Não tenho medo de nada. E não devo explicações a ninguém.”

Ela sorri, com um olhar vitorioso.

“É isso que eu pensava. É esse o homem que eu pensei que você fosse.”

Quanto mais ela fala, mais Sam sente que ela tem razão. Afinal, a quem ele deve explicações?

“Então mostre a eles,” ela diz. “Prove. Prove para mim. Transforme-me. Faça com que eu seja sua para sempre.”

Ela se aproxima e o beija com força na boca, e ele finalmente não consegue mais resistir o instinto primitivo dentro dele.

Ele se afasta um pouco, e com um rugido primitivo, suas presas se estendem – mais do que ele pensava ser possível.

E ele se inclina sobre dela, e suas presas perfuram seu pescoço.

Ela dá um grito de dor – mas é tarde demais. As presas dele já perfuraram seu pescoço e quando ela se reclina, ele segura sua cabeça com uma das mãos e continua – incapaz de se controlar enquanto sente a força vital dela preencher suas veias.

Ele bebe sem parar, como se não houvesse amanhã.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Polly se senta na cama, ao lado de Sergei, ambos nus. Ela repousa o rosto no ombro dele e olha para cima, estudando seu rosto. Ele permanece imóvel, olhando para o teto, sem expressão. Seus traços são tão perfeitos – perfeitamente esculpidos. Ela se pergunta como alguém pode ter tanta sorte.

Ela pensa no quanto a experiência havia sido maravilhosa – passar a noite com ele. Agora, mais do que nunca, ela tem certeza que eles foram feitos um para o outro. Ela faria qualquer coisa por ele naquele momento.

Ela ergue o braço, passando a mão pelo peito dele. Finalmente, ele se vira para ela.

“Conte-me sobre sua amiga,” ele diz finalmente.

Polly fica confusa.

“Aquele que saiu correndo durante meu concerto.”

Caitlin. Polly se irrita. Por que ele tinha que falar nisso agora? Por que ela tinha que estragar um momento como aquele?

“Não era ninguém importante,” Polly diz. “Sinto muito que ela tenha ido embora.”

“Qual é o nome dela?” ele insiste.

“Caitlin,” Polly responde.

Polly pensa ter visto algo parecido com reconhecimento nos olhos de Sergei. Isso a faz pensar, a faz lembrar todas as outras coisas que Caitlin havia dito. Sobre como ela disse que já conhecia Sergei. Aquilo tinha sido verdade? Não, claro que não, aquilo era ridículo. Mas por que ele estava querendo saber?

“E para onde ela foi com tanta pressa?” ele pergunta.

Polly ergue os ombros.

“Não sei. E quem se importa?”

Sergei de repente olha para ela com intensidade no olhar.

“Eu me importo,” ele diz rispidamente, “ou então não estaria perguntando.”

Polly se espanta. Ela não sabe o que tinha feito para ofendê-lo.

“Sinto muito,” ela diz.

“Então responda minhas perguntas,” ele insiste.

“O que quer saber?” Polly pergunta.

“Onde exatamente ela estava indo?”

Polly ergue os ombros mais uma vez, pensando.

“Não faço a menor ideia. Acho que ela deve ter ido atrás do pai dela. Ela está sempre à procura dele.”

“Ela mencionou algum lugar específico?”

Polly revira sua memória. Então ela se lembra de algo.

“Bem, ela falou alguma coisa sobre um sonho. Sobre o irmão dela. E sobre algum tipo de chave, em alguma igreja.”

Sergei arregala os olhos. Polly fica surpresa pelo intenso interesse dele. Ele de repente se senta e segura seus ombros.

“Que igreja?”

Polly se assusta com a intensidade dele. Ela não consegue entender o que está acontecendo.

“Não compreendo. Que diferença faz? Por que isso é tão importante?”

Ele a chacoalha com violência.

“Diga-me!”

“É a catedral de Notre Dame,” Polly diz, um pouco assustada. “Ela falou alguma coisa sobre Notre Dame.”

Sergei de repente a joga para o outro lado da cama, e Polly cai no chão. Ele então tira as cobertas, se veste e atravessa o quarto. Polly começa a chorar.

“O que há de errado com você?” ela chora. “Por que está sendo tão estúpido? Onde está indo?”

Polly ainda não compreende o que está acontecendo. Apenas há um minuto, sua vida estava perfeita. Sergei para diante da porta, sorrindo para ela pela primeira vez. Mas aquele não é um sorriso apaixonado, - é um sorriso extremamente cruel.

“Garota estúpida,” ele diz. “Agora já tenho tudo que preciso. Você é tão inútil para mim agora quanto era quando primeiro nos conhecemos. E agora sua amiga irá pagar caro.”

Com isso, Sergei vai embora, batendo a porta ao sair.

Polly se senta, coloca a cabeça entre as mãos, e chora.

Tudo o que consegue pensar, enquanto as lágrimas escorrem por seu rosto, é no quanto havia sido estúpida. No quanto havia sido louca por acreditar em Sergei. E que, durante todo aquele tempo, sua amiga, sua única amiga no mundo, estava certa. E pior ainda, em como ela tinha lhe retribuído o favor, a colocando em perigo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Sam continua deitado, na enorme cama de Kendra, esparramado nu em cima das cobertas mais luxuosas que ele já tinha visto. Ela está deitada em seus braços, e ambos estão reclinados sobre uma enorme pilha de travesseiros de seda. Ele sente como se tivesse morrido, e estivesse no céu. Nunca havia ficado com alguém como Kendra, e espera que possam ficar juntos para sempre.

Sua mente está ocupada, considerando as implicações de tudo que havia acontecido. Ele realmente a tinha transformado. Ela continua deitada, dormindo com a cabeça em seu peito, completamente em paz. Para qualquer observador, ela está exatamente como era antes, mas Sam sabe assim que acordar, Kendra estará diferente. Mudada para sempre. Transformada, da mesma espécie que ele, assim como Samantha havia feito.

Ele ainda lembra como havia sido difícil quando acordou pela primeira vez, e percebeu o que tinha acontecido. Mas no caso dele, não era algo que ele tinha desejado, ele tinha sido forçado. E no caso dela, ela havia pedido, havia até mesmo implorado para que ele a transformasse. E ele tinha atendido ao pedido dela.

Ele se pergunta como ela reagirá ao acordar. Se ainda estará apaixonada por ele ou, com sorte, ainda mais.

Mesmo assim, ele não consegue evitar a sensação de ter cometido um erro. Que havia quebrado algum tipo de regra vampira sagrada e que, de alguma forma, terá que responder por isso. Antes que Sam consiga completar seu pensamento, Kendra de repente abre os olhos e se senta na cama, imediatamente desperta. Ela olha para ele, com os olhos mais abertos do que ele já tinha visto. Seus olhos parecem embaçados, como os de um animal selvagem. Alertas. Enquanto ela o observa, ele começa a se perguntar se ela o reconheceria.

“Kendra?” ele pergunta, sentando-se na cama. “Está tudo bem?”

Ela de repente salta para fora da cama, aterrissando do outro lado do quarto, e o surpreende. Ela rapidamente se veste de costas para ele, e se meche tão rápido – mais rápido do que qualquer outra pessoa que Sam já tinha visto. É impressionante. Obviamente, ela já demonstra a velocidade característica de sua nova espécie.

Ele sai lentamente da cama, começa a se vestir e se aproxima dela.

“O que há de errado? Está tudo bem?” ele pergunta mais uma vez.

Mas ela continua de costas para ele enquanto se veste, e ele começa a estranhar o comportamento dela.

“Por que você não volta para a cama?” ele pergunta.

Ela de repente se vira e o encara, e ao ver o brilho selvagem nos olhos dela, ele quase sente medo.

“E por que eu voltaria?” ela dispara.

“O que você quer dizer?” pergunta Sam.

“Já consegui o que queria de você.”

Sam sente que foi apunhalado pelas costas. Ele não consegue acreditar no que ouve. Ela tinha mesmo dito aquilo?

“Do que você está falando?” Sam pergunta com urgência, e pode ouvir o medo em sua própria voz.

Ela se dirige até a porta, e ele corre até ela e segura seu braço para detê-la. Mas ela se vira, e com sua recém-conquistada força, consegue soltar-se. Ele fica espantado. Ela o encara com um ódio impressionante, e seus olhos brilham de maneira sobrenatural.

“Nunca mais encoste as mãos em mim,” ela rosna em voz baixa, gutural.

“Kendra,” ele diz suavemente. “Sou eu, Sam. O que aconteceu com você? Não me reconhece?”

Ela de repente começa a rir, uma risada maligna, bem na cara dele, zombando.

“É claro que reconheço você, sua criatura patética. Eu nunca o amei, estava apenas usando você. Você me deu o que eu queria, e agora está tudo acabado. Pouparei sua vida apenas por ter

me transformado. Mas se cruzar meu caminho, irá sofrer – da mesma forma que seus amigos, e sua irmã, estão prestes a sofrer.”

Com isso, ela vira o corpo, agarra a grande porta de carvalho e arranca da parede. Os dois criados a encaram, em choque, enquanto ela gira a porta e os derruba com ela. Então de repente, como um animal selvagem, ela atravessa o corredor, saltando de dez em dez metros, correndo pelos corredores de Versalhes e derrubando lustres pelo caminho. Ela é uma máquina de destruição.

Sam não acredita na cena que presencia. Ele olha para o corredor destruído, para os criados desacordados, e se pergunta com um mau pressentimento, o que ele acaba de fazer. Ele sai correndo atrás dela, seguindo-a pelo corredor. Ao fazer isso, sente novamente a dor das palavras dela. Ela estava apenas brincando com ele durante todo aquele tempo? Ele havia caído em uma armadilha? E o que ela quis dizer sobre Caitlin? O que ela estava pensando em fazer, afinal?

Enquanto corre pelo corredor, usando toda sua velocidade vampira, Sam a localiza um pouco adiante no corredor, atravessando uma sala. Ao fazer isso, Kendra arremessa os humanos que encontra pela frente, e gritos desesperados podem ser ouvidos.

Sam ganha velocidade aos poucos. Ela atravessa outra porta e então, finalmente, chega ao salão de entrada de Versalhes e se encaminha até as portas principais. Aproximadamente uma dúzia de guardas, alertados quanto a presença dela, param diante da porta, bloqueando a passagem com baionetas.

“Pare onde está!” grita um deles.

Diante dos olhos de Sam, Kendra salta no ar, por cima das cabeças dos guardas e, com um único chute, consegue abrir as enormes portas duplas, que se abrem com um estrondo..

Ela aterrissa do outro lado, e com mais um salto está voando em direção à noite. Sam gostaria de segui-la, mas de repente vê algo no

horizonte que o deixa alarmado.

Correndo na direção do palácio, uma multidão de cidadãos enfurecidos se aproxima.

E estão se dirigindo diretamente para os degraus do palácio.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Enquanto sobrevoa a região do interior da França, afastando-se de Versalhes com a cruz de prata e o pergaminho de seu pai no bolso e Ruth nos braços, Caitlin finalmente sente, pela primeira vez desde que havia chegado naquele lugar, que está no caminho certo. Ela sente na pele que está fazendo exatamente o que deve fazer. Procurando por seu pai, e em busca do Escudo. Seguindo as pistas, cumprindo seu destino.

Caitlin voa sem parar, e quando mais se afasta de Versalhes, mais seus pensamentos se tornam mais claros. Ela se culpa por não ter feito isso mais cedo. Ela sabia durante todo o tempo qual era sua missão: por que não embarcou nela desde o começo?

Ela pensa em Caleb. Seu coração se aperta ao se lembrar de como havia sofrido quando ele partiu. Ao mesmo tempo, agora que está em sua missão, ela percebe que se ele não tivesse partido talvez ela tivesse se acomodado, e nunca partido em busca de seu pai. Ela se dá conta, mais uma vez, que não importa o quanto algo doa no momento, ao considerá-las em retrospecto, com o tempo, tudo parece acontecer por uma razão. A razão nem sempre é clara ou

fácil de identificar quando as coisas estão acontecendo, mas quanto mais distante dos fatos, mais os motivos se tornam claro.

Enquanto se dirige de volta a Paris, Caitlin começa a sentir um tremor de antecipação pelo possível encontro iminente com seu pai. Ele a estava esperando em Paris durante todo esse tempo? Tão perto? Ele estava mesmo na igreja de Saint-Germain-Des-Pres? Ou na catedral de Notre Dame? Ele a abraçaria, e ficaria orgulhoso dela? Ele estaria com o Escudo?

Caitlin espera que ele esteja realmente orgulhoso dela, e que reconheça a mulher e verdadeira guerreira que ela havia se tornado. Que ele reconheça tudo que ela teve que sacrificar para encontrá-lo. Ele abriria as portas de um mundo completamente novo para ela, e a apresentaria ao seu coven. E talvez ela finalmente tivesse um lugar no mundo, um povo à que pertencer, e um lugar para se estabelecer. Ela gostaria muito se isso acontecesse.

Caitlin também pensa em Sam, com um pouco de arrependimento. Ela gostaria que ele estivesse com ela, ao seu lado, ajudando-a em sua missão. Mas ela sabe que ele está envolvido demais com Kendra, e não há nada que ela possa fazer quanto a isso. Às vezes, as pessoas têm que chegar à suas próprias conclusões, em seu próprio tempo. Ela apenas espera que tudo dê certo para ele. Mas ao pensar em Kendra, ela tem um mau pressentimento, e sente que as coisas não terminarão bem.

Acima de qualquer coisa, Caitlin gostaria que Caleb estivesse com ela agora, como sempre havia estado durante sua busca. Ela sente falta dele, e gostaria de poder compartilhar suas ideias com ele. E o que quer que fosse encontrar, ela gostaria que estivessem juntos quando isso acontecesse. E se mais uma vez, por alguma razão, ela tiver que viajar no tempo, ela desesperadamente deseja que ele esteja ao seu lado.

Mas enquanto continua voando, Caitlin percebe que está muito mais forte agora; ela havia se tornado uma guerreira. E uma das responsabilidades de um guerreiro é não temer seguir sozinho se for necessário, e abrir seu próprio caminho neste mundo. Seguir em frente, mesmo quando mais ninguém está disposto a seguir em frente com você. É ter força e coragem diante das adversidades. E às vezes isso significava fazer o que ninguém mais estava fazendo.

Caitlin sente uma nova onda de força tomar conta dela, encorajada pelo treinamento com Aiden, todas as suas lições e pelos duelos que havia lutado. Ela gostaria da companhia de Caleb, mas se sente forte o suficiente para cumprir sua missão.

A paisagem de repente muda, e as densas florestas do interior da França dão lugar à paisagem urbana de Paris. Abaixo dela, Caitlin identifica alguns prédios, campanários, igrejas e abadias medievais, assim como algumas construções mais recentes, do século XVIII. De onde está, ela tem uma visão da cidade de tirar o fôlego.

Mas ao mesmo tempo, ao olhar para baixo, ela é tomada pela preocupação. Apesar de ser tarde da noite, as ruas estão lotadas. Elas estão absolutamente repletas de cidadãos enraivecidos, carregando tochas. A tensão e a raiva no ar são palpáveis, e Caitlin pode senti-las, mesmo a esta altura. O povo grita e corre pelas ruas caóticas, destruindo propriedades; jogando pedras nas janelas e tochas dentro dos prédios. A multidão parece se concentrar particularmente ao redor da Bastilha, e se espalhar a partir de lá. Ela não consegue acreditar: parece que uma guerra havia começado.

Caitlin não esperava por isso. Ela esperava apenas voar até Saint-Germain-Des-Prés, encontrar o que tinha que encontrar, e continuar sua busca. Ela não esperava ter que atravessar uma multidão enfurecida de cidadãos espalhados pelas ruas. Elas não quer machucar ninguém, mas ao mesmo tempo, não pode deixar que eles a atrapalhem.

Ao sobrevoar o lado esquerdo da cidade, ela vê a torre quadrada da igreja Saint-Germain-Des-Prés. Ela é fácil de identificar, especialmente olhando de cima. Além da torre retangular, a igreja é ligada a um grande monastério com telhado inclinado. Suas paredes são arqueadas nos dois extremos, dando ao complexo um curioso formato. A igreja se parece com outras igrejas medievais que ela havia visto no interior, mas ainda assim, ela se impressiona por encontrar aquela obra de arte medieval bem no meio da cidade.

Por sorte, Os grupos de cidadãos não são tão numerosos nesta parte da cidade. Caitlin escolhe um beco escuro para poder aterrissar, onde ninguém pudesse vê-la, e desce rapidamente.

Ainda segurando Ruth nos braços, sem ao menos lhe dar a chance de caminhar ou de se aliviar, Caitlin se dirige rapidamente até o que parece ser a porta de trás da igreja. As enormes portas de entrada, ela havia notado, estavam trancadas, e ela não queria arriscar ir até a praça pública e dar a algum humano atrás de confusão a oportunidade de um confronto.

Ao invés disso, ela vai até a parte de trás da igreja e vê uma pequena porta de madeira, provavelmente usada pelos padres. Esta porta também está trancada, mas Caitlin – mais forte do que nunca, simplesmente olha para ela, fecha os olhos, e se concentra profundamente na fechadura.

Quando ela termina, ela ouve um clique, e vê a porta se abrir sozinha. Ela finalmente havia assimilado os truques de Aiden.

Caitlin atravessa a porta aberta, sentindo orgulho de si mesma por não tê-la chutado, e então a fecha atrás de si, trancando-a.

Está escuro, há apenas algumas poucas velas, quase no fim, espalhadas ao redor do altar, provavelmente restos das celebrações da noite. A única outra fonte de luz é a lua, cuja luz invade o local pelas imensos vitrais, que se erguem por todos os lados até o teto.

Caitlin olha para cima e absorve tudo. São alguns dos vitrais mais lindos que ela já tinha visto, fileiras e mais fileiras deles em todas as paredes, erguendo-se até o telhado arqueado, com colunas românicas. As paredes estão repletas de afrescos, e as pedras também parecem antigas, e ela pode ver que esta igreja é diferente das outras, que estava ali há muito tempo.

Ela lembra que Lily havia dito que esta é uma das igrejas mais antigas de Paris, com milhares de anos de idade, e ao olhar para ela agora, ela sabe que Lily tinha razão. Ela acha aquilo incrível; ali está ela, no ano de 1789, em um lugar que já é antigo. Ela percebe sua insignificância diante do tempo.

Caitlin caminha pela nave principal em direção ao altar, e seus passos ecoam no chão de mármore branco e preto brilhante. Há centenas de pequenas cadeiras de madeira arranjadas em fileiras de maneira organizada, ela tem a impressão que o lugar tem capacidade para milhares de fiéis. Ao longo das paredes, há pequenos arcos com pequenas estátuas de diferentes santos medievais.

Quando Caitlin finalmente alcança o outro lado da igreja, ela chega a um altar simples, embutido na parede. Ele contém uma grande estátua da Virgem Maria segurando uma cruz, montada em um pedestal de mármore.

Caitlin retira a cruz que Lily havia lhe dado, e a examina diante da estátua. Ao fazer isso, ela se surpreende ao perceber que ela parece ser do mesmo tamanho da cruz nas mãos da virgem. Ao olhar mais de perto, ela fica ainda mais surpresa ao perceber que a cruz que a virgem segura parece oca, como se estivesse faltando uma parte. *Será possível?* Caitlin se pergunta.

Ela sobe no pedestal e ergue sua cruz, se perguntando se ela se encaixaria ali. Ao inseri-la, ela vê que o encaixe é perfeito. Caitlin empurra sua cruz, encaixando-a firmemente no lugar e, ao ouvir um

barulho, ela olha para baixo e vê o pedestal da estátua se abrir. Caitlin se apressa em descer, e abre o compartimento secreto. A pequena gaveta de mármore se abre lentamente, com um barulho de pedra raspando, e libera ar e poeira que estavam trancados ali há séculos.

Caitlin coloca sua mão dentro da gaveta, pega alguma coisa e lentamente a remove, sem conseguir acreditar. Dentro do compartimento há outra caixa de prata, do mesmo estilo e tamanho que a que continha a primeira metade da carta de seu pai.

Ela a abre lentamente, com as mãos trêmulas, e fica boquiaberta ao ver o que ela contém.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Quando vê, parado diante da entrada de Versalhes, a multidão tomar as escadas do palácio, Sam parte para a ação. Ele corre para ajudar os guardas, que se esforçam para reinstalar as grandes portas de entrada. Mas os guardas humanos não são suficientemente fortes para erguê-las a tempo. Sam salta para frente e, usando sua força sobrenatural, as ergue sozinho, colocando-as no lugar.

Ele rapidamente avalia o salão, e localiza uma grande barra de madeira instalada sobre a lareira. Ela tem quase o mesmo tamanho do tronco de uma grande árvore, e parece que serão necessários vinte homens para erguê-la.

Sam corre até ela, e para completa surpresa dos guardas, ele a carrega sozinho, atravessando a sala, e a coloca contra as portas de entrada do palácio, barrando-as.

E bem a tempo; minutos depois disso, centenas de punhos cerrados começam a bater na porta, quando a grande massa tenta invadir o prédio.

Graças a Sam, a porta parece ser capaz de resistir – ao menos por enquanto.

Enquanto continua ali, Aiden, os gêmeos e todos os outros membros de seu coven se juntam a Sam. Guardas também surgem de todas as partes do palácio, e logo Polly e Lily, e até mesmo Maria Antonieta chegam à sala. Todos parecem extremamente chocados pela confusão.

“O que aconteceu?” Maria pergunta.

“Há relatos de que a Bastilha foi invadida, minha senhora,” um dos guardas grita desesperado.

“As massas estão revoltadas. Eles estão destruindo tudo que encontram pela frente. E agora chegaram até aqui. Creio que seja uma revolução!”

Sam pode ver as expressões horrorizadas nos rostos de Maria e todo seu séquito.

Aiden toma a frente, e mobiliza sua equipe.

“Taylor e Tyler, você devem proteger a asa Leste,” ele ordena, e os gêmeos partem para a ação.

“Cain, você cobre a entrada à Oeste. Eu ajudarei a proteger esta porta. E Lily, por favor, acompanhe Maria de volta aos aposentos reais. O resto de meus homens irão protegê-las.”

Sam se aproxima dele. Ele se volta para Sam e o encara, e Sam sente que ele o observa com um olhar de desaprovação.

“Vá ajudar sua irmã,” Aiden ordena, em tom de decepção. “Você já a atrapalhou o bastante.”

Sam sente uma pontada de culpa atravessar sua alma, ao pensar em Kendra e suas palavras ameaçadoras em relação à Caitlin.

Polly se aproxima deles.

“É tudo culpa minha!” ela chora. “Eu fui completamente enganada por Sergei. Ele me perguntou onde Caitlin estava indo. Disse a ele que ela havia partido rumo a Notre Dame!”

Aiden balança a cabeça.

“Vá junto com Sam. Ela precisará da ajuda de vocês dois. E não importa o que aconteça, certifiquem-se que nada a impeça de chegar até o Escudo.”

Sam se dirige a Polly.

“Eu cometi um erro,” ele diz. “Preciso consertar as coisas; preciso tentar resgatar Caitlin.”

“Eu também,” Polly diz. “Eu irei juntar-me a você.”

A porta balança, quando mais pessoas começam a bater nela.

“ANDEM LOGO!” grita Aiden.

Sam começa a correr, e sente Polly logo atrás dele. Ele salta no ar, atravessando a janela aberta, e alça voo em plena noite.

Logo, os dois estão voando alto, apressando-se em direção ao horizonte.

Ele está determinado a fazer o que for preciso para salvar sua irmã. E se para isso for necessário matar Kendra, então que assim seja.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Caitlin desenrola o novo pergaminho com as mãos trêmulas. Seu coração bate acelerado quanto ela percebe que está segurando a segunda metade da carta de seu pai.

Ela rapidamente pega a primeira parte da carta, a desenrola, e a coloca próxima ao pedaço que acaba de encontrar. Ao colocá-las juntas, ela vê que as bordas rasgadas se encaixam perfeitamente, e que aquela é finalmente a carta completa.

Ele lê a carta inteira, desde o começo:

Se estiver lendo isso, você já terá superado inúmeros obstáculos. Isso quer dizer que você escolheu trilhar o caminho menos utilizado, a tomar o caminho mais difícil. Por isso, você já tem minha admiração; você é verdadeiramente filha de seu pai.

Por favor, perdoe todos os enigmas, códigos, cartas e chaves, mas o segredo que guardo é o maior de todos, e deve ser dividido em fragmentos, para impedir que os outros o decodifiquem.

Somente os verdadeiramente dignos – somente você – pode descobrir o segredo que, tenho certeza, eventualmente descobrirá.

Se estiver lendo isso, já está em posse de uma das chaves. Você deve conseguir as últimas três para me encontrar.

A segunda chave é seu objetivo agora. Para encontrá-la, você deve ir até o Campo dos Estudiosos...

E então ela ergue a segunda metade da carta e começa a ler:

... e precisará visitar Notre Dame para encontrar a chave; o punhal lhe mostrará o caminho. E não se esqueça: a ilha é um lugar enorme.

Estaremos juntos em breve.

Amo você.

Seu pai.

Caitlin relê a carta inúmeras vezes, completamente perdida. O punhal mostrará o caminho? Que punhal é esse?

Caitlin analisa o fundo do compartimento secreto, se perguntando se teria por acaso perdido alguma coisa. Ela procura com mais atenção, colocando o braço até mais no fundo e passando a mão pelas paredes e cantos do compartimento. E então ela sente algo. Há alguma coisa presa ao fundo da gaveta.

Ela puxa com força, e tira de dentro um pequeno punhal de prata. Caitlin fica espantada – ela quase o deixou para trás.

Agora ela tem o punhal, e presume que precisará usá-lo, de alguma forma, em Notre Dame, para encontrar a chave.

Mas o que ele queria dizer quando disse que a ilha é um lugar enorme?

Todas as pistas parecem indicar que Notre Dame é seu último destino. Mas por outro lado, há algo na carta dele que a incomoda um pouco. Ela parece, para Caitlin, muito óbvia e direta. Ela sente que há algo oculto na mensagem que ela ainda não havia identificado.

Mas ao menos ela sabe onde tem que ir em seguida.

Assim que ela se levanta para partir, ouve algumas batidas repentinas na porta, seguidas pelo estilhaçamento dos vitrais ao seu redor.

Ela ouve o coro de gritos revoltados, e sabe tratar-se da multidão enfurecida - humanos, em plena revolução. Seu coração se parte ao presenciar a destruição dos antigos vitrais, cujos pedaços caem em volta dela.

Mas esta não é sua guerra, não é sua revolução. Ela tem outra batalha para enfrentar, uma bem mais perigosa.

E ela começa na Catedral de Notre Dame.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Caleb atravessa o céu noturno, determinado a voltar para junto de Caitlin. Ele se sente extremamente culpado. Ele não entende como pôde ser tão estúpido, tão completamente ingênuo. Tão facilmente manipulado.

E pior, ele havia abandonado Caitlin por nada. Ela havia estragado aquele momento especial, o momento exato em que ele estava

prestes a pedi-la em casamento, no auge de seu relacionamento, ao partir em busca de uma ilusão. Em nome da falsa crença de que seu filho ainda estava vivo.

Ele nunca seria capaz de perdoar Sera pelo que ela havia feito. Por estragar sua vida – mais uma vez.

E acima de tudo, ele nunca conseguiria se perdoar por ter sido tão estúpido. Ele deveria ter escutado Caitlin, e ficado exatamente onde estava.

Enquanto voa, Caleb fecha os olhos, e repassa os últimos acontecimentos mais uma vez passa em sua cabeça: ele se vê chegando de volta ao seu castelo, e lembra a sensação de tê-lo encontrado vazio. Nenhum sinal de Caitlin. Ela havia procurado em cada canto do castelo, até finalmente aceitar que ela o tinha abandonado.

Desde então, ele havia vasculhado os céus, procurando Caitlin por toda parte. Agora, ele se vê vasculhando Paris, quarteirão por quarteirão à procura dela.

De repente, ele sente um sinal repentino, como uma corrente elétrica que atravessa seu corpo. É um sinal de Caitlin, da presença dela. Um sinal de que ela está em perigo. Ele pode senti-la em cada poro de seu corpo. Ela está em apuros, disso ele tem certeza, e pode sentir de onde vem o sinal.

Das profundezas da cidade de Paris.

Caleb ajusta sua rota, indo em direção à outra parte de Paris, com uma nova resolução. Ele está determinado a encontrar Caitlin, e a corrigir os erros do passado.

Desta vez, tudo seria diferente. Desta vez, eles realmente começariam tudo de novo, e ficariam realmente juntos até a eternidade. Desta vez - ele sabe - nada os deteria.

E quanto finalmente pudessem ficar a sós, juntos, ele faria a pergunta que deveria ter feito desde o começo.

Ele finalmente perguntaria a Caitlin se ela gostaria de ser sua esposa.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Caitlin voa a curta distância desde Saint-Germain-Des-Pres, sobrevoando o rio Sena, e então a Ile de la Cite. Ela circula a pequena e estreita ilha, tentando absorver tudo. É lá que fica a catedral de Notre Dame, uma construção enorme que se ergue acima de todas as outras construções da ilha. É uma estrutura impressionante, maior que os outros prédios, e a ideia de encontrar o que está procurando lá dentro a assombra.

Ela circula a ilha mais uma vez, tentando se localizar, e percebe que Notre Dame não é a única construção da ilha. Há algumas fileiras de casas medievais, becos sinuosos, ruas de paralelepípedo e outros prédios espalhados por ela. Ela olha para baixo, para ver se há grupos de cidadãos revoltados ali também, como parece haver em todas as partes de Paris. Estranhamente, a praça em frente a catedral de Notre Dame está completamente vazia, o que Caitlin acha muito curioso. Por que as massas estariam revoltadas em todas as partes da cidade, mas não ali, um de seus lugares mais famosos? Quem as estão controlando, exatamente?

Caitlin mergulha para voar mais baixo, enquanto continua observando. O silêncio é assustador – seria uma armadilha?

Caitlin aterrissa na ampla praça diante da igreja, que está absolutamente vazia, e coloca Ruth no chão. A igreja está iluminada por dezenas de tochas, e ela olha a estrutura do lado de fora, impressionada com suas dimensões. A igreja é enorme, com grandes portas de entrada, de madeira entalhada com dezenas de figuras. Ela já havia passado por muitas igrejas durante sua busca: o Duomo em Florença, São Marco em Veneza e dezenas de outras – mas ela ainda não tinha visto uma tão grande quanto essa.

Ela também não consegue deixar de notas que havia começado sua busca ali: isso teria alguma significância? Ela estava finalmente chegando ao fim de um ciclo?

Ela se encaminha até a porta, e tenta abri-la, por via das dúvidas. Para sua surpresa, a porta está aberta.

Ela olha para trás, pressentindo algum tipo de perigo, mas não consegue ver nada. Então ela entra, sem gostar muito da sensação que tem. Tudo está muito quieto. Tudo parece fácil demais.

Caitlin olha para dentro da igreja, e se surpreende com as dimensões dela. Aqui, os bancos se estendem até onde seus olhos conseguem ver, e as fileiras parecem intermináveis. De ambos os lados, enormes colunas cercam as fileiras, erguendo-se até o teto e culminando em uma série de arcos. Entre os arcos há enormes castiçais suspensos.

No final do corredor há um altar imenso, - coroado com dezenas de estátuas. Caitlin se pergunta como alguém podia rezar ali, - o lugar é tão grande que parece ser possível colocar uma cidade inteira ali dentro.

Caitlin coloca a mão no bolso, sentindo a presença do punhal, enquanto tenta decidir por onde deve começar sua busca. Ela pressente mais uma vez um perigo iminente, mas ao se virar, não encontra nada. Ela de repente tem a sensação que não lhe resta muito tempo.

Caitlin fecha os olhos, invocando seu poder interior. Ela deixa que seus sentidos tomem conta dela, para que possam guiá-la. Ela se esforça para permanecer calma, e ficar quieta para sintonizar a possível localização da chave. Ela sabe que há uma chave a ser encontrada, por causa da carta, e sabe que o punhal tem um papel a exercer durante sua busca. Mas além disso, ela não tem a menor ideia por onde começar.

Depois de alguns minutos, seus sentidos começam a tomar conta dela, e Caitlin sente um impulso para investigar os níveis inferiores da igreja.

Ela começa a caminhar para a esquerda, passando por um longo corredor de mármore, e então acessando outro corredor. Ela acompanha uma série de estátuas ao longo da parede até chegar a um pequeno e estreito lance de escada.

Caitlin começa a descer os degraus, e depois de um tempo chega até uma cripta subterrânea ampla e de teto rebaixado. O ambiente ali é ainda mais solene, com apenas algumas velas acesas, e Caitlin pode ver que se trata de uma espécie de mausoléu. Ao longo das paredes, até onde Caitlin consegue ver, há inúmeros sarcófagos. Aquele parece ser o lugar perfeito para um antigo coven vampiro.

Caitlin deixa seus sentidos assumirem o comando, e se deixa guiar por eles. Ela caminha pelo corredor comprido, no ar úmido e mofado, passando diante de vários sarcófagos. Por fim, ela tem a sensação que deve parar em frente a um deles.

Ela o examina, e não vê nada de extraordinário com o sarcófago. Caitlin está prestes a procurar em outro lugar, mas Ruth, sentada diante dele, começa a gemer e não querendo que ela saia dali.

Caitlin o analisa mais uma vez.

Ao examinar os detalhes da tampa, um pequeno desenho de um cavaleiro com as mãos dobradas, a armadura, e o cinto esculpidos

na pedras, ela percebe algo. Há um espaço no cinto, uma fenda na tampa de pedra, grande o suficiente, ela nota, para o encaixe do punhal.

Caitlin segura o pequeno punhal de prata incrustado de joias, e gentilmente o insere na fenda. Ele se encaixa perfeitamente e Caitlin, encorajada, o insere completamente.

Uma camada da pedra de repente se afunda, e um pequeno compartimento surge na palma da estátua. Caitlin fica surpresa: há uma pequena chave de ouro na mão da estátua.

Caitlin a pega na mão, inspecionando-a, feliz por tê-la encontrado. Mas ela também fica um pouco decepcionada; aquela não parece ser a segunda chave. Esta chave não se parece em nada com a outra: ela é dourada e pequena, e não grande e de prata. A chave em suas mãos deve abrir alguma outra coisa.

Caitlin de repente ouve um barulho, de cima, nos andares superiores da igreja. Ela rapidamente guarda a chave no bolso, segura Ruth nos braços e sai da cripta. Ela sobe os degraus correndo, até voltar ao andar térreo de Notre Dame. Ela olha para os lados à procura do perigo, mas não encontra nada, Mas de repente, enquanto ainda observa, as portas da igreja se abrem com violência. Para sua surpresa, a igreja é tomada por uma grupo de parisienses revoltados.

Caitlin imediatamente sente que esse grupo é diferente dos outros. Esses são vampiros e, no centro deles, ela vê uma pessoa que reconhece de seus livros de história: Napoleão. Ela fica surpresa ao perceber que ele é de sua espécie – e que ele está liderando um coven inteiro, centenas de vampiros, e está prestes a atacá-la. Ela está obviamente em menor número.

Aquilo havia sido uma armadilha, ela se dá conta. Eles estavam apenas esperando que ela viesse até ali, para encontrar o que eles

procuravam. E agora que ela está encurralada, eles estão determinados a matá-la. Ela havia caído na armadilha deles.

Quando o grupo ataca, Caitlin pensa rápido. Ela fecha os olhos e se concentra para invocar sua energia primitiva. Sua raiva. Ela se concentra em seus novos poderes, e tem certeza que conseguirá enfrentar um exército. Ela simplesmente sabe.

Assim que as centenas de vampiros a atacam, Caitlin de repente os ataca também. No último instante, - segundos antes de colidir com eles, ela salta no ar, mais alto do que ela julgava ser possível, e se segura em um dos candelabros suspensos, a 20 metros do chão. Ela imediatamente sobe pela corrente, - escalando mais rápido do que jamais havia feito antes, rumo ao teto. De lá, ela pretende abrir caminho por um dos vitrais e escapar pelo telhado.

Quando Caitlin está quase chegando perto, de repente, uma destas janelas se estilhaça.

Ela olha para cima e, diante dela, observando-a enquanto rosna, ela vê uma das criaturas mais horripilantes que já tinha visto em toda sua existência.

Mais seis vitrais são estilhaçados subitamente, e ela vê que há sete daquelas criaturas, no total – enormes vampiros desfigurados. Eles bloqueiam o acesso dela ao telhado.

Caitlin está encurralada pelos dois lados. Ela não tem outra escolha a não ser ficar e lutar.

Ela não espera mais nenhum minuto. Ela segura na corrente do candelabro suspenso, e a arranca do telhado. O enorme candelabro de ferro, com dez metros de diâmetro, despenca diretamente sobre a multidão abaixo, seguido por Caitlin. Ele cai em cima de dezenas dos vampiros de Napoleão, esmagando-os com seu peso.

Caitlin ativa suas asas minutos antes de tocar o chão, flutua no ar e pousa suavemente ao lado. No chão, ela pega o candelabro pela corrente e, com sua força hercúlea, começa a girá-lo acima de sua cabeça. Ela gira o candelabro em círculos cada vez maiores e, à medida que faz isso, dezenas de outros homens de Napoleão são derrubados pela enorme peça de ferro. Ela é uma máquina de destruição, e ninguém consegue se aproximar demais dela.

Mas então ela ouve um grunhido sobrenatural, e vê quando as sete criaturas despencam na direção dela. Ela segura o candelabro e com um último giro, o arremessa na direção de uma delas. É um golpe perfeito que o empurra para trás, desacordado, deixando o contorno de seu corpo na parede atrás dele.

Mas ainda restam seis daquelas criaturas e, antes que Caitlin possa reagir, uma delas se aproxima e começa a chutá-la, lançando-a para o outro lado da igreja. A criatura tem uma força impressionante, maior do que Caitlin esperava. Ela cai contra a parede a dezenas de metros de onde estava.

Caitlin sente ser capaz de enfrentar os homens de Napoleão, mas não consegue sequer imaginar como faria para enfrentar aquelas seis criaturas completamente sozinha.

Mesmo assim, ela fica em pé mais uma vez, pronta para a luta. E bem a tempo. Uma das criaturas já está prestes a acertar a cabeça dela e, quando ela desvia, o punho cerrado dele atravessa a parede.

Caitlin estica o braço, pegando a espada na cintura dele, e então corta sua cabeça. Com a espada em punho, Caitlin encara mais uma das criaturas, que já está partindo para cima dela. Ela desvia a tempo, e então gira o corpo e divide o corpo dele ao meio. Mas isso ainda lhe deixa quatro deles, e ela simplesmente não é rápida o suficiente para encarar os quatro de uma vez. Ela sente um chute forte nas costas, bem nos seus rins, e é arremessada no ar, e bate de cabeça contra a parede.

Ela se levanta, mas agora mal consegue enxergar, e pode sentir que as criaturas estão se aproximando novamente dela, juntamente com dezenas dos vampiros de Napoleão. Ela precisa de algum tempo para recuperar as forças, mas não há tempo a perder. Eles se aproximam rápido, e ela sente que não tem condições de continuar. É um dos poucos momentos em sua vida que Caitlin sente que está tudo perdido, e ela se prepara para encarar seu destino.

Exatamente naquele instante, outro vitral é estilhaçado, e outro vampiro salta na direção dela. Quando ele chega mais perto, Caitlin consegue ver quem é. Seus olhos se abrem de surpresa e choque. É Caleb.

Caleb chega bem a tempo, pega Caitlin nos braços, e voa com ela para outro lugar, instantes antes que uma das criaturas pise com força exatamente no local onde Caitlin estava deitada até então.

Ele a leva para o alto, até um dos camarotes superiores de Notre Dame, e a coloca senta em segurança sobre uma poltrona. Ele então se vira e salta do camarote, encontrando uma das criaturas no meio do caminho. Os dois se agarram e começam a lutar; eventualmente Caleb consegue se recuperar e joga a criatura para o outro lado da igreja, esmagando-o na parede.

Mas então Caleb é subitamente atacado pelas outras três criaturas, que o levam ao chão.

Caitlin decide reagir. Ela sente que sua energia primitiva está recuperada, especialmente ao ver que Caleb está em apuros. Ela salta do camarote e mergulha para salvá-lo, sentindo-se mais forte do que nunca.

Enquanto atravessa o ar, ela vê os três vampiros baterem em Caleb no chão, chutando-o e golpeando-o na parte de trás da cabeça, e seu ódio a transforma. O ódio que ela sente é diferente de tudo que já havia sentido, e toma conta de seus pés, subindo-lhe pelas

pernas, braços e cabeça – e ela se sente viva, com renovada fúria para a batalha.

Ela aumenta a velocidade, mergulhando o mais rápido que consegue em direção a uma das criaturas e, sem diminuir a velocidade, Caitlin parte para cima dele. No último segundo, a criatura asquerosa a encara, e Caitlin lhe dá um soco tão forte, que parte seu pescoço ao meio.

Caitlin então gira o corpo e dá uma cotovelada no rosto de outra criatura, arremessando-o para trás. Antes que o vampiro consiga se por em pé, ela salta e lhe dá um chute no queixo com tamanha força, que ele é lançado no ar até o outro lado da igreja, sendo empalado em uma estaca.

Resta apenas uma daquelas criaturas e, quando ela a ataca, Caitlin fecha os olhos e invoca seu recém-descoberto poder. Usando apenas o poder de sua mente, ela ergue a criatura no ar e a arremessa para fora de um dos vitrais com a velocidade da luz.

Caleb olha para ela impressionado.

Os vampiros de Napoleão também ficam espantados que alguém tivesse conseguido matar aquelas criaturas cruéis. Caitlin olha para eles e ruge, pronta para atacá-los em seguida. Mas assim que ela faz isso, todos lhe dão as costas e fogem. Napoleão vai com eles, sem coragem para enfrentar Caitlin sozinho depois de ter testemunhado tudo aquilo.

Caitlin se abaixa, pegando nas mãos de Caleb, e o ajuda a levantar-se. Ele sorri para ela, e Caitlin sabe que tudo vai acabar bem. .

“Você me salvou,” ele diz, sorrindo. “Não é bem assim que as coisas funcionam.”

Ela também sorri.

“Você também me salvou,” ela diz.

Mas antes que eles possam se recuperar completamente, de repente, eles ouvem outro barulho. Eles viram na direção do barulho e veem, no canto oposto da igreja, vários outros vitrais sendo estilhaçados. Quem seria desta vez?

Kyle, Sergei e Kendra aparecem, voando. Os três se separam no ar, cada um deles com diferentes armas, e começam a voar na direção de Caitlin e Caleb. Ao mesmo tempo, as portas de trás da igreja se abrem, e um novo grupo com centenas de vampiros entram por elas, todos obviamente fiéis a Kyle.

Caitlin não se importa; esse é o confronto pelo qual ela estava esperando. Ela odeia Kyle, Sergei e Kendra com um ódio que ela sente por apenas algumas poucas pessoas. E quando ela vê Caleb orgulhoso ao lado dela, preparando-se para enfrentá-los, ela sabe que ele sente o mesmo.

“Chegou a hora de você pagar pela morte de meu filho!” Caleb grita, ao mergulhar no ar em direção a Kyle.

“E já passou da hora de eu acabar com você para sempre!” responde Kyle.

Os dois vampiros se encontram no ar com violência, e o som de seus corpos em luta ecoam pela igreja enquanto eles lutam entre si, com as presas expostas.

Caitlin não perde tempo. Ela voa direto até Sergei, saboreando a ideia de atacar seu inimigo, a pessoa que – literalmente – a tinha apunhalado pelas costas e rejeitado sua amiga.

“Você irá pagar caro!” Caitlin grita.

Ele rosna.

“Você se esqueceu? Você me transformou!” ele grita de volta. “Se alguém irá pagar, com certeza será você!”

Os dois também se encontram em pleno ar. Sergei tenta acertar o pescoço dela, mas Caitlin prevê seu golpe. Ela desvia no último segundo, e consegue segurar o corpo dele e derrubá-lo, esmagando o corpo dele contra o chão. Ela leva as mãos até o pescoço de Sergei e começa a sufocá-lo, pronta para tirar sua vida pelo que ele tinha feito a ela, pelo que tinha feito com Polly, e por tudo que tinha feito para ajudar Kyle. Ela tem as mãos firmemente em volta do pescoço dele, e vê que está quase vencendo – quanto de repente, sente um chute nas costas que a deixa se mar, forçando-a a soltar Sergei.

Ela rola para o lado e vê Kendra olhando para ela e rosnando. Kendra remove uma pequena adaga de prata e rapidamente ataca Caitlin, tentando perfurar-lhe o coração. Ela é rápida e ardilosa, e Caitlin só consegue escapar no último segundo.

Caitlin vira o corpo e dá uma bofetada no rosto de Kendra com as costas da mão, jogando-a para trás, atordoada.

Mas então Sergei a ataca de novo, dando-lhe socos que a levam ao chão. Ela sabe que poderia acabar com cada um deles individualmente, mas sozinha, os dois juntos eventualmente a vencerão.

Ela procura Caleb e vê que ele ainda está enfrentando Kyle, lutando com ele no chão, e percebe que eles estão se alternando para ver quem vence o confronto. Eles lutam com violência, com chutes, socos, cotoveladas e enforcamentos, - é uma batalha épica.

Atrás deles, Caitlin vê centenas de vampiros correndo na direção deles, e sabe que será impossível vencê-los. É simplesmente impossível derrotar todos eles - mais estes três, ao mesmo tempo. Mais uma vez, ela sente que estão perdendo, e que este será provavelmente seu lugar de descanso.

Repentinamente, mais janelas se estilhaçam.

Mais dois vampiros surgem, voando na direção de Caitlin. Ela tem dificuldade em acreditar no que vê: Sam e Polly, mergulhando até ela – e bem a tempo.

Assim que Kendra se prepara para chutar Caitlin nos rins mais uma vez, Sam mergulha entre eles e derruba Kendra com uma forte cotovelada na garganta. Ela é arremessada para trás, batendo com força contra a parede, e o gesto salva Caitlin no último instante.

E quando Sergei salta e se prepara para esmagar o crânio de Caitlin, Polly mergulha ainda mais rápido e o chuta com força, plantando os dois pés no peito dele e arremessando o vampiro para longe. Sergei cai em cima do altar, quebrando o monumento de mármore em vários pedaços.

Caitlin fica em pé, feliz em revê-los, e muito grata pela ajuda.

“Caleb!” ela grita, e os três partem para a ação.

Eles correm até Caleb, e se alternam chutando Kyle com tanta força, que acabam por conseguir tirá-lo de cima de Caleb. Caleb vira, sobre em cima de Kyle, e o segura pelo pescoço, enforcando-o. Ele tem a impressão de desta vez o pegou de jeito.

Caitlin olha para trás e vê que os grupos vampiros se aproximam deles; ela também vê Kendra e Sergei lentamente começando a se recuperar.

“Caleb!” Caitlin grita. “Solte-o! Não temos tempo! Precisamos ir!”

Mas este é confronto que Caleb esperava há muito tempo. Ele aperta com toda sua força, e vê que as veias do rosto dele começam aumentar de tamanho, à medida que o rosto de Kyle começa a ficar roxo. Caitlin não acha que ele seja capaz de se controlar.

“CALEB!”

Finalmente, com relutância, Caleb o deixa ir. Ele cospe no rosto inconsciente de Kyle.

“Fica para a próxima!” ele cospe.

Caitlin se dirige a Sam e Polly.

“Encontrei uma chave,” Caitlin diz. “Mas ela não deve ser usada aqui. Creio que seja de outro lugar.”

“Vá!” Sam diz. “Encontre o que procura. Leve Caleb. Vá agora! Ficaremos aqui e os distrairemos para você.”

“Não podemos deixar que lutem sozinhos!” Caitlin exclama.

“Você não tem escolha,” Sam diz. “Isso não é sobre o que você quer; estamos em uma missão. VÁ! A missão é mais importante.”

Caitlin sabe que ele tem razão. Esta é sua oportunidade e ela não pode perdê-la; não há um segundo a perder.

“Mas como você dois conseguirão enfrentar todos eles sozinhos?” ela pergunta preocupada.

Sam sorri, e quando faz isso, Caitlin se surpreende ao vê-lo se transformar diante dos olhos dela, com seu poder de transmutação. Dentro de segundos, ele está exatamente igual à Kyle.

“Tenho alguns truques na manga,” ele diz, com a voz de Kyle – é assustador.

Naquele momento, Caitlin acha que eles ficarão bem.

Ela se vira e segura na mão de Caleb, abaixando-se para pegar Ruth, e eles saltam no ar, levantando voo e saindo pelo telhado.

Ela olha para trás uma última vez, e vê Sam, parecido com Kyle, dando ordens aos vampiros dele, e enganando-os – e sabe com certeza que eles conseguirão vencer.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Caitlin e Caleb saem voando pelo telhado da catedral de Notre Dame, e atravessam a noite. Eles sobrevoam juntos a pequena Ile de la Cite. Ao fazerem isso, Caitlin se esforça para tentar descobrir onde devem ir em seguida, e onde pode usar a chave que possui. Ela não consegue deixar de pensar na carta de seu pai, e fica repassando as palavras dele em sua cabeça, sem parar.

Não se esqueça: a ilha é um lugar enorme.

Isso a tinha incomodado desde a primeira vez que tinha lido a carta.
A ilha é um lugar enorme.

A ilha é um lugar enorme.

Haveria algum lugar naquela ilha, ela de repente se pergunta, que pode estar escondendo a última chave? Algum lugar próximo à Notre Dame?

Seus adversários - Kyle, Sergei e Kendra – haviam conseguido invadir seu covão, e tinham descoberto que deveriam procurá-la em Notre Dame. Mas ninguém mais tinha visto a segunda metade daquela carta. E ninguém mais sabia que ela levava a outro lugar. Até uma última pista. Um último destino. Todos acreditam que Notre Dame é o destino final, Caitlin percebe. Mas não é.

“Para onde agora?” Caleb pergunta, voando ao lado dela.

Caitlin de repente mergulha, seguida por Caleb, e examina a ilha mais de perto. Ela é repleta de ruas estreitas e sinuosas com várias casas medievais. Ao voar até uma de suas extremidades, ela vê que a ilha se afunila um pouco, e percebe algo que chama sua atenção.

Há outra igreja ali – não tão grande quanto Notre Dame, mas ainda assim grande, e extraordinariamente bela. Não há nada remotamente parecido com ela na ilha, e ela de repente tem certeza que o que precisa está lá.

A ilha é um lugar enorme.

Caitlin aponta.

“Ali,” ela diz.

Ela mergulha, com Caleb ao lado, e aterrissa diante da igreja.

O edifício é construído em calcário, e ergue-se até o céu, culminando em uma ponta. Sua fachada é ricamente decorada, coberta por gárgulas em todos os lados. Há apenas uma única entrada, uma porta alta e arqueada; assim que Caitlin a localiza, sabe que está no lugar certo.

“Você sabe que igreja é essa?” ela pergunta.

Caleb olhou para ela.

“Sim. Essa é a Santa Capela,” ele diz. “Um lugar muito sagrado para nossa espécie. Ela existe há milhares de anos, mas a maioria das pessoas não sabe de sua existência - conhecem apenas a Notre Dame.”

Caitlin olha para ele

“Sinto que é este o lugar. O que quer que eu tenha que encontrar, sinto que está aqui. Meu pai, ele disse que a ilha é um lugar enorme. Creio que ele queria dizer que a catedral de Notre Dame não é o único lugar na ilha onde procurar. Acho que ele quis dizer que nossa última pista será encontrada ao lado da Notre Dame.”

Eles caminham até a porta, preparados para abri-la, quando de repente ela é aberta, assustando-os.

Diante deles surge uma vampira alta, belíssima, vestindo uma túnica branca com capuz. Ela remove o capuz, revelando lindos olhos azuis e cabelos castanhos compridos. Ela olha nos olhos de Caitlin e sorri.

“Caitlin,” ela diz. “Estamos esperando você. Seja bem vinda.”

Caitlin e Caleb trocam olhares. A mulher abre caminho, e eles entram.

Assim que o fazem, ela fecha a porta e coloca três barras atravessadas contra ela, usando um tipo de metal que Caitlin nunca havia visto antes.

“É titânio,” ela diz. “Indestrutível para vampiros. Ninguém pode nos atacar aqui dentro. Você está em completa segurança agora. Pode finalmente relaxar um pouco.”

Caitlin sente a presença positiva da mulher, sua força de cura, e sabe que ela está dizendo a verdade. Pela primeira vez em mais tempo que ela consegue se lembrar, Caitlin sente seu corpo relaxar. *Em segurança. Finalmente.*

“Ainda assim, não temos muito tempo a perder,” a mulher diz. “Creio que já tenha encontrado a chave?”

Caitlin olha para ela surpresa, e se pergunta como ela poderia saber disso.

A mulher abre ainda mais o sorriso:

“Mas é claro que sei. Somos companheiros de coven de seu pai. Acompanhamos tudo o que você faz.”

Caitlin remove uma pequena chave dourada do bolso, e estica o braço para entregá-la.

A mulher empurra as mãos dela, dizendo:

“Não. Eu não preciso dela, ela é sua para guardar - somente você pode usá-la.”

A mulher então se vira e caminha rapidamente pela longa nave central da igreja.

Caitlin e Caleb começam a acompanhá-la pelo enorme edifício vazio, enquanto ouvem seus passos ecoarem pelo lugar.

Caitlin olha para cima e vê os tetos altos, que terminam em uma ponta; as inúmeras fileiras de janelas com vitrais coloridos a dezenas de metros de altura, e se espanta com a beleza do lugar. Ela tem a sensação de estar olhando através de um caleidoscópio.

Enquanto caminham pela nave, Caitlin se pergunta onde estariam indo, e Caleb se vira para ela.

“Eu sinto muito,” ele diz suavemente, fora do alcance dos ouvidos da mulher. “Por Sera. Por ter abandonado você; por tudo – espero que possa me perdoar.”

É bom ouvir aquelas palavras, e Caitlin é tomada pela emoção. Ela não acha que seria capaz de dizer qualquer coisa naquele momento, então lhe estende mão.

Caleb segura na mão dela, e Caitlin gosta da sensação da pele dele em contato com a sua. Ela se sente bem na presença dele, ao

caminharemos pelo corredor.

“Esta igreja foi construída há milhares de anos,” a mulher diz. “É um lugar muito especial para nossa espécie. Foi construída especificamente para guardar os tesouros mais importantes e valiosos. Aqui, dentre muitos outros tesouros, guardamos fragmentos da Cruz, assim como a verdadeira Coroa de Espinhos.”

A mulher pega outro corredor, e então desce um amplo lance de escada com degraus de mármore. Eles chegam até o nível inferior da igreja, e Caitlin fica sem ar. É o lugar mais bonito que ela já tinha visto, com teto arqueado rebaixado, pintado em azul celeste vibrante, atravessado por arcos dourados. A sala se assemelha a uma sala do tesouro e, sob a luz das tochas, está positivamente brilhante – é espetacular. Caitlin sente como se tivesse entrado no túmulo do Rei Tut.

“Aqui embaixo, guardamos os artefatos mais valiosos. Um baú especial de prata foi criado para guardar todos eles, um baú que precisou de vinte anos para ficar pronto. Dentro deste baú, você encontrará o que procura.”

Ao continuarem andando, a sala se torna mais ampla, e Caitlin se surpreende ao encontrar, parados diante deles, esperando-os, dezenas de vampiros, todos vestidos de branco, e com um capuz branco sobre seus rostos. Cada um deles está segurando um cálice de prata, cheio de um líquido branco.

No centro da sala, um único vampiro os espera em pé, um homem com uma barba branca comprida e penetrantes olhos verdes. Ele olha para Caitlin e Caleb com bondade nos olhos, segurando um cálice para cada um deles.

A mulher sinaliza para que eles se aproximem. Eles se dirigem até o homem, e Caitlin percebe que está começando a tremer. Seu pai também está ali?

“Beba,” ele diz suavemente.

Eles pegam o cálice nas mãos e bebem o líquido branco. Imediatamente, Caitlin se sente recuperada. Ela reconhece o líquido como sendo o sangue branco do coven de seu pai. Ela também fica um pouco tonta.

O homem dá um passo ao lado, e revela atrás dele um enorme baú de prata reluzente.

“Sua chave,” ele diz baixinho.

Caitlin lhe devolve o cálice, dá um passo à frente e, ajoelhando-se, insere a chave na pequena fechadura do baú.

A chave vira com um clique, e ela abre a tampa pesada.

Dentro dela, em meio a pilhas de joias, há um segundo baú, com uma fechadura ainda menor.

Caitlin fica confusa.

“Sinto muito,” Caitlin diz. “Esta é a única chave que possuo.”

O homem balança a cabeça.

“Você também tem outra chave.”

Caitlin tenta se lembrar, mas não faz ideia à que ele se refere. Ele aponta para o pescoço dela.

Ela coloca a mão no pescoço, e de repente se lembra da antiga cruz de prata que usa como pingente. Seria a isso que ele se referia?

Ela remove o colar, e insere a chave na fechadura do segundo baú, e fica surpresa ao ver que ela se encaixa. Ao virar a chave, Caitlin abre o baú.

Ali, dentro do pequeno baú, ela encontra uma grande chave de prata. A chave tem o tamanho exato da chave que ela havia recebido no Vaticano. Ela imediatamente sabe que é essa a segunda chave que precisa para poder chegar até seu pai.

Caitlin não consegue conter sua felicidade. Mas, ao mesmo tempo, sente-se frustrada, pois esperava encontrar as três chaves de uma vez, encontrar seu pai, naquela sala.

Ela pega a chave nas mãos, se levanta e fica em pé ao lado de Caleb, sentindo-se cada vez mais tonta, e voltando a olhar para o homem.

“Há apenas mais duas chaves,” ele diz. “E então você poderá abrir os portões, receber o Escuro, e se encontrar com seu pai. Estamos orgulhosos de você, – e ele também. Mas seu pai a aguarda em outro lugar e em outra época. Sinto-lhe dizer que ele não se encontra aqui. Você está disposta a voltar no tempo mais uma vez? Está disposta a continuar sua jornada?”

Caitlin olha para Caleb, mas ela já sabe qual será sua resposta. Ela está preparada para voltar, e vê nos olhos dele que ele também.

“Então, ajoelhem-se.”

Os dois se ajoelham de mãos dadas.

“Abaixem suas cabeças.”

Eles obedecem, e quando fazem isso, Caitlin sente seu coração batendo. Há tantas perguntas ainda sem resposta. Para onde estavam indo? Eles continuariam juntos? E o que seria de Sam? Polly? Ruth? Ela tem tantas perguntas que gostaria de fazer para Caleb.

Ela sente quando todo o coven se aproxima deles, colocando as mãos sobre sua cabeça.

“Aqui deixamos que repousem,” repete o coro de vampiros. “Caitlin e Caleb, para ressuscitarem em outro dia. Com a graça Divina.”

Ruth se aproxima e se deita ao lado dela, gemendo. Quando as palavras são repetidas pela segunda e então pela Terceira vez, Caitlin sente seu mundo tornando-se mais leve.

No ultimo segundo, antes de tudo desaparecer, ela se vira para Caleb e vê que ela olha para ela. Ela olha dentro dos olhos dele e sabe, simplesmente sabe, que da próxima vez ficarão juntos para sempre.

“Eu te amo,” ela diz.

“E eu amo você,” ele responde.

E estas são as últimas palavras que ela escuta, enquanto seu corpo se torna cada vez mais leve e ela se sente mais tonta, com a sensação de que seu corpo está flutuando em direção ao teto – até que tudo se transforma em escuridão.

Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZESSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZENOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTO E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTO E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

- [CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E OITO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E NOVE](#)